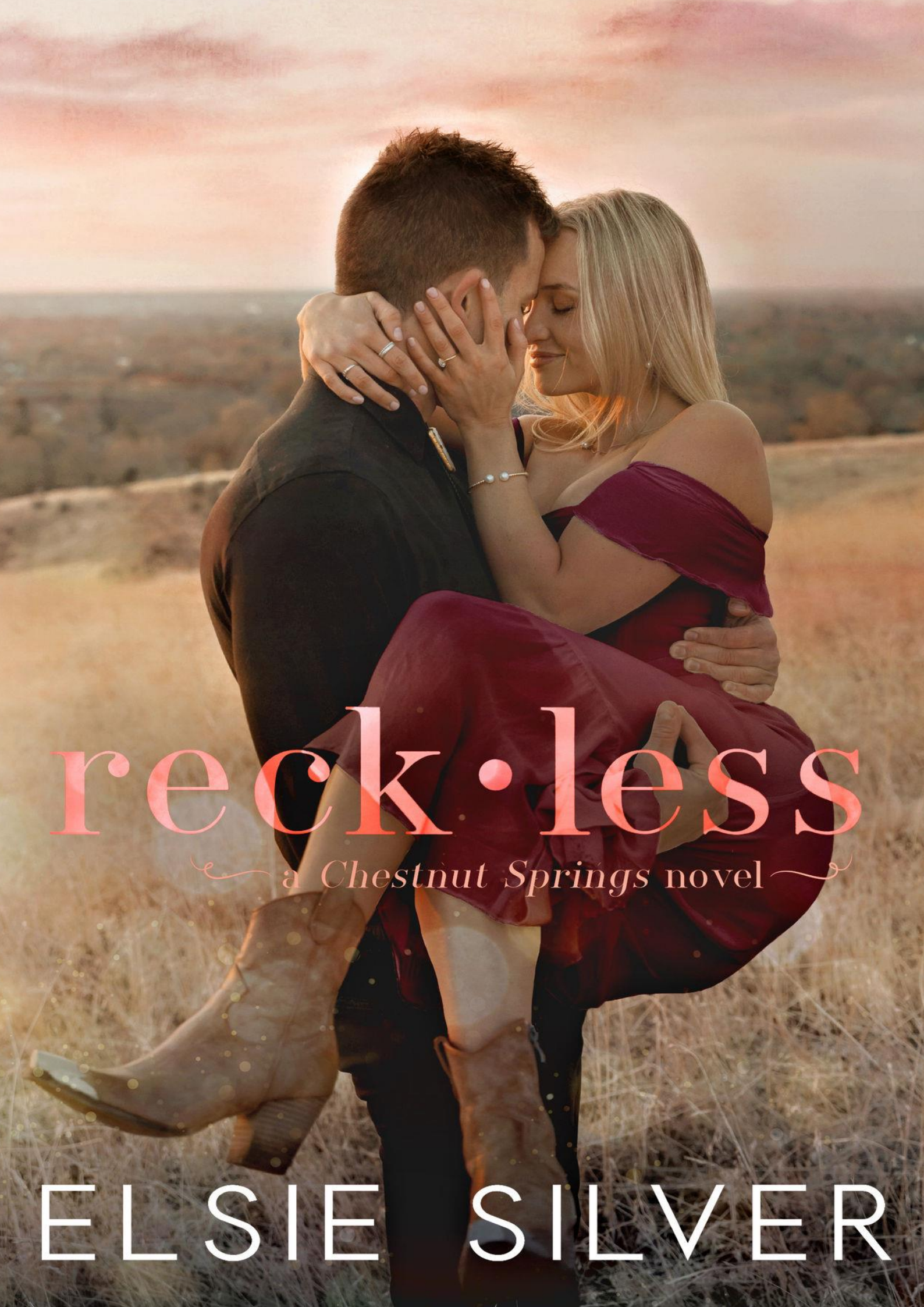

reck·less
a Chestnut Springs novel
ELSIE SILVER

reck·less

ELSIE SILVER

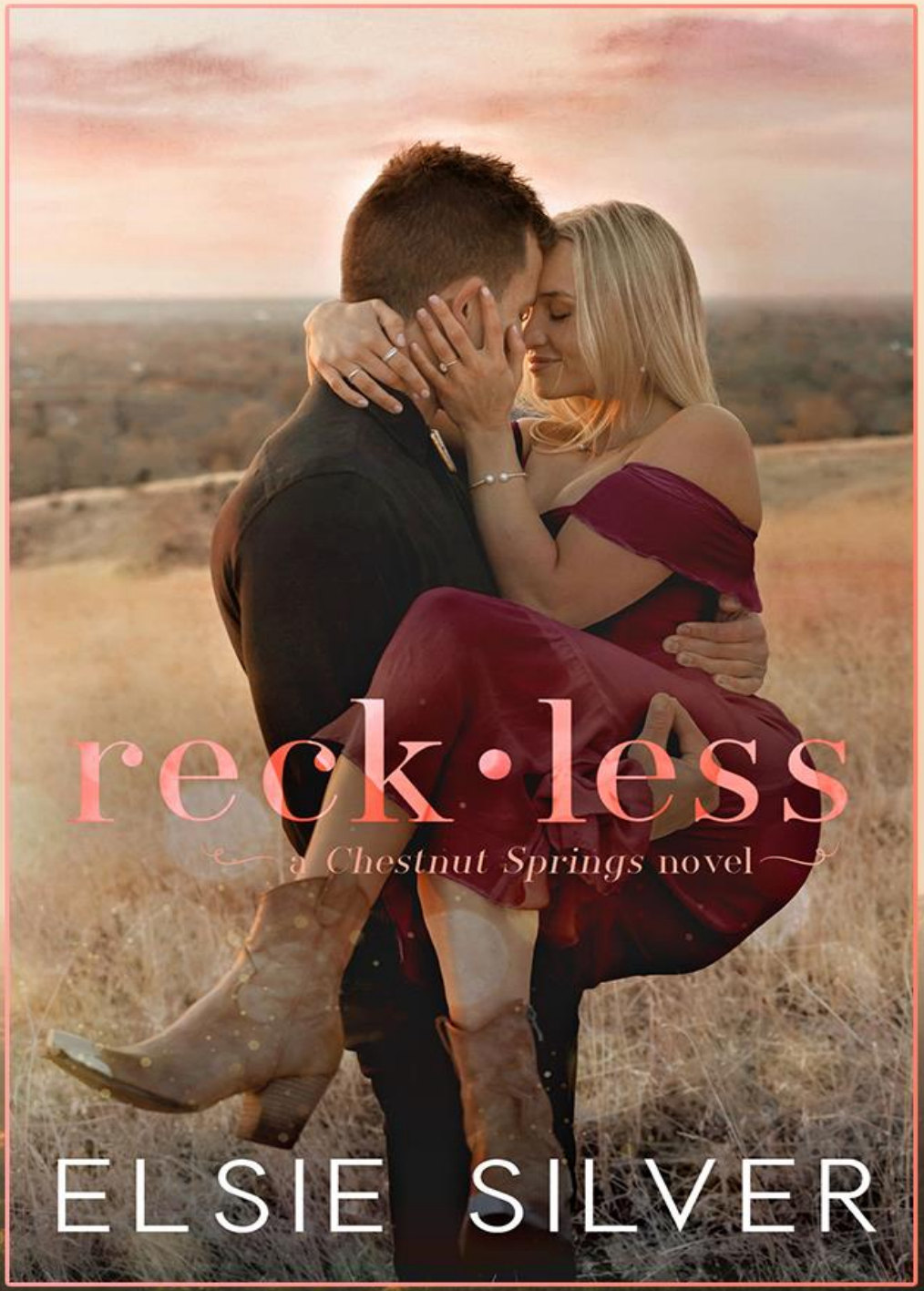
A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Chestnut Springs

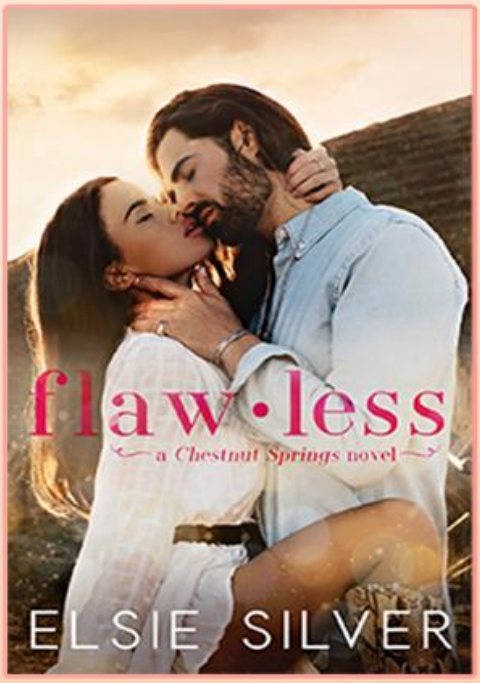
LANÇAMENTO



LIVRO QUATRO

Chestnut Springs

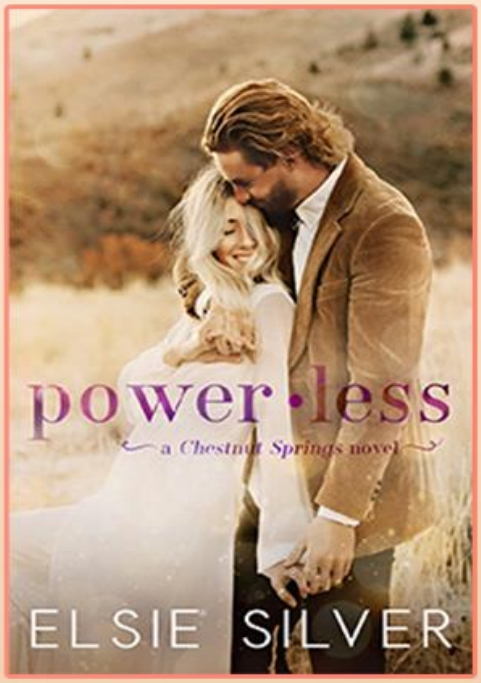
Ordem da Série



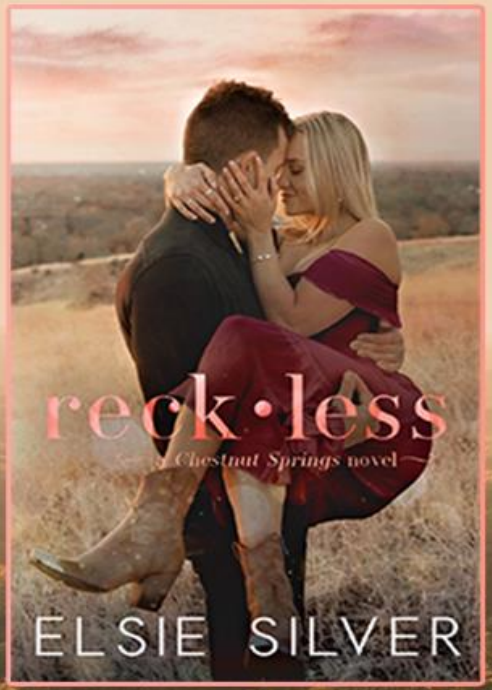
#1



#2



#3



#4



#5

SINOPSE

Theo Silva. Cavaleiro desordeiro, notório mulherengo, problema escaldante embrulhado em um pacote digno de babar.

E ele está olhando para mim como se eu pudesse ser sua próxima refeição.

Estou quase livre do meu casamento tóxico e renunciei completamente aos homens. Então, tudo o que vejo quando olho para Theo é a tentação servida com um monte de desgosto.

O homem é difícil de confiar e ainda mais difícil de resistir.

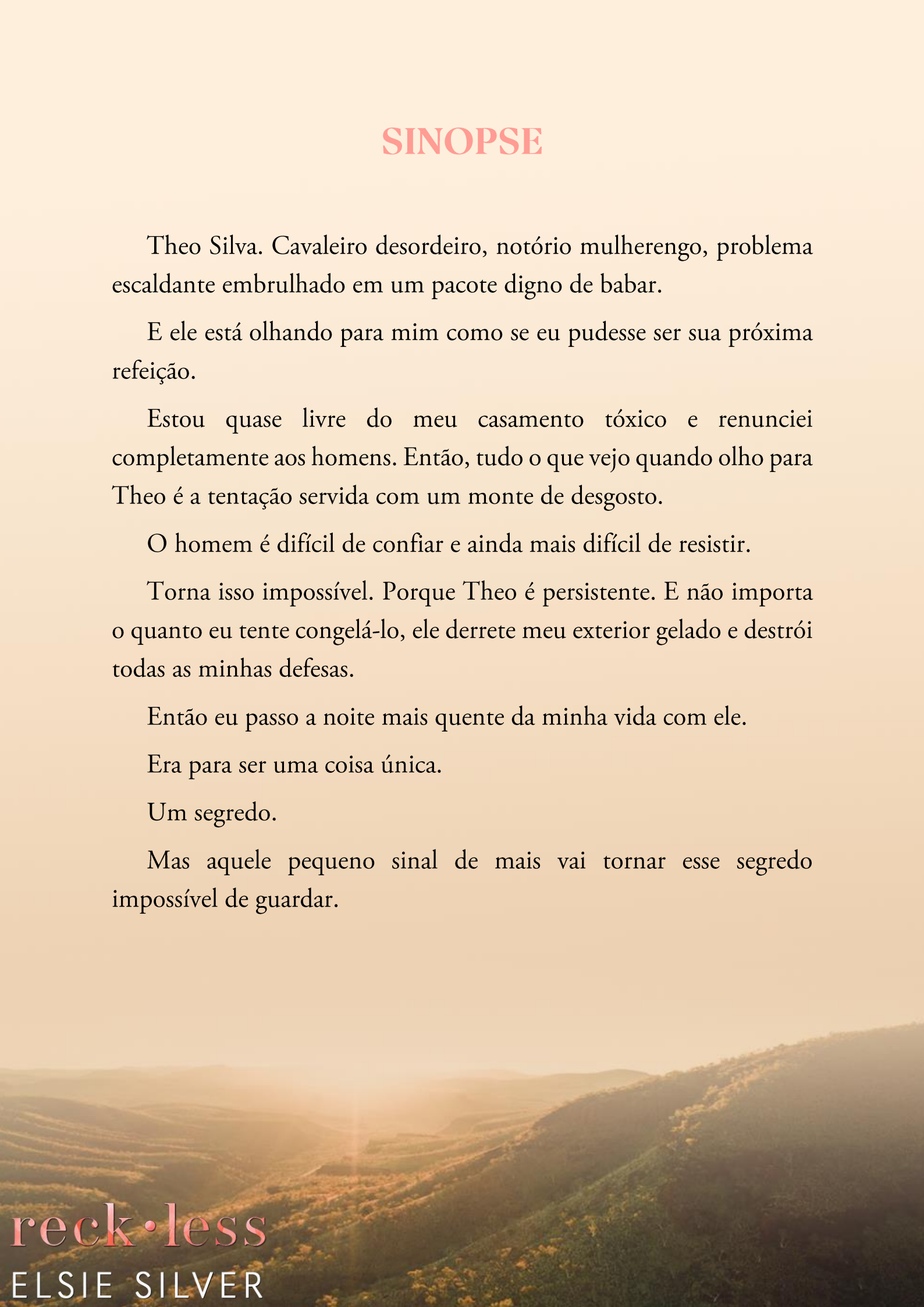
Torna isso impossível. Porque Theo é persistente. E não importa o quanto eu tente congelá-lo, ele derrete meu exterior gelado e destrói todas as minhas defesas.

Então eu passo a noite mais quente da minha vida com ele.

Era para ser uma coisa única.

Um segredo.

Mas aquele pequeno sinal de mais vai tornar esse segredo impossível de guardar.



DEDICATÓRIA

Para todas as mamães cansadas por aí. Eu vejo vocês.

EPÍGRAFE

O fracasso não é cair, mas permanecer no chão.

- Maria Pickford

NOTA AO LEITOR

Este livro contém discussões sobre aborto espontâneo e infertilidade. Espero ter lidado com esses tópicos com o cuidado que merecem.

1

Winter

— Não consigo entender por que você sente a necessidade de ir trabalhar naquele hospitalzinho sujo no interior.

Eu costumava pensar que Rob era um cara legal.

Agora, eu sei melhor.

— Bem, Robert — falo lentamente, usando seu nome completo para irritá-lo enquanto enfio um último suéter em minha mala cheia demais. — Não tenho certeza se você está ciente, mas existem humanos – seres vivos reais – que vivem no país que também precisam de atenção médica.

Não consigo entender por que estou colocando tanto na mala para um único turno. Quando estou em Chestnut Springs, vivo de jaleco no pronto-socorro e de legging no meu quarto de hotel à noite.

— Obrigado por esclarecer, Winter. — Há um tom mordaz em sua voz que pode fazer algumas pessoas recuarem. Mas eu não. Uma parte sombria de mim tem imenso orgulho do fato de saber exatamente como irritar meu marido. Meus lábios se contorcem enquanto luto para conter meu sorriso satisfeito.

— Mas por que aquele hospital? Por que Chestnut Springs? Você está constantemente decolando por aí e nem me diz que está

indo embora. Pensando sobre isso — ele coça o queixo de forma dramática enquanto se inclina contra o batente da porta do meu quarto — você nunca considerou minha opinião sobre se eu gostaria que minha esposa aceitasse esse trabalho. Esta não é uma jogada de carreira inteligente para você.

Toda vez que ele chora como uma criança, eu me pergunto o que há nele que achei atraente.

Não tenho certeza de quando a covinha em seu queixo se tornou repulsiva para mim. Só que é. A maneira como ele separa o cabelo para o lado com uma pequena franja que nem se move quando está ventando costumava fazê-lo parecer suave e arrumado para mim.

Agora parece falso.

Como muito da minha vida com ele tem sido.

Tenho quase certeza de que a única razão pela qual ele usa esse estilo é porque é muito vaidoso para admitir que está ficando careca.

E para mim, nada faz a masculinidade de um homem murchar e morrer como reclamar de uma mulher exercer sua independência profissional. Ele também pode bater o pé e sair furioso como uma criança chauvinista.

Alcanço o zíper e forço-o contra o conteúdo volumoso da minha mala. — É engraçado — eu começo, certificando-me de manter meu tom frio e uniforme. — É quase como... você é a última pessoa que eu consultaria sobre minha vida.

Com um suspiro, finalmente deslizo o zíper no lugar e olho para o pacote rígido, apoiando minhas mãos em meus quadris e deixando um sorriso satisfeito tocar meus lábios.

— O que diabos isso quer dizer, Winter?

A maneira como ele acrescenta meu nome ao final de cada frase parece que está tentando me repreender.

A piada é ele. Eu não vou ser repreendida.

Ele felizmente não sabe o que é preciso para navegar no sistema médico como uma jovem médica. Se deixasse homens tão fracos como Rob me atropelarem regularmente, eu não teria chance.

E esta carreira é a única coisa que já tive que é minha. Então, ele pode ir se foder.

Virando uma mão, eu olho para minhas unhas negligenciadas, tentando parecer entediada com ele. Estou me perguntando se posso encontrar um bom lugar para uma manicure em Chestnut Springs quando respondo: — Não se faça de idiota. Combina tão mal com choramingar.

Não posso deixar de me perguntar por que ainda sou casada. Eu sei por que pensei que estava aguentando. Mas agora? Agora, só preciso me animar e fazer isso. Eu olho de volta para a minha mala, arrumada como se estivesse saindo por um longo tempo, e me pergunto se meu subconsciente sabe algo que eu não sei.

Talvez aquela cadela esteja colocando o pé no chão e me libertando de uma vez por todas.

Eu não sou contra.

— Cuidado com a porra do seu tom comigo.

Meus olhos se estreitam em minhas cutículas enquanto luto para engolir a raiva borbulhando dentro de mim. Lava quente derretida fervendo abaixo da superfície fria, apenas esperando para entrar em erupção por todo o lugar.

Mas mantive isso sob controle por anos. Eu não vou deixar o Dr. Rob Valentine ser o único a me fazer entrar em erupção.

Ele não vale a energia.

Eu mudo meus olhos para ele do outro lado do quarto. Meu quarto, porque quando disse a ele em termos inequívocos que não dormiria mais na mesma cama que ele, ele me encaminhou para o quarto de hóspedes em vez de sair ele mesmo – como o verdadeiro cavalheiro que ele é.

Mesmo que ele seja o culpado.

Ele é a razão de estarmos onde estamos.

E a pior parte é que eu o amei uma vez. Ele era todo meu. Um lugar seguro para eu pousar depois de crescer no que parecia ser uma espécie de guerra fria doméstica.

Baixei a guarda com ele. Eu me apaixonei tão forte.

Ele quebrou meu coração muito pior do que jamais deixarei alguém saber.

Eu não respondo a ele; em vez disso, agarro a alça da minha mala e passo por seu corpo magro, indo em direção à porta da frente de nossa ampla casa de três mil metros.

Eu o ouço seguindo. Sapatos sociais contra o mármore. E claro, ele não se oferece para carregar minha mala.

Um sorriso irônico torce meus lábios, e balanço minha cabeça ao pensar que ele se incomodaria em levantar um dedo para ajudar. A coisa mais difícil para aceitar com a implosão do meu casamento é que eu não esperava. Que eu possa ser inteligente, realizada e estratégica em tudo que faço e ainda assim permitir que esse idiota me pegue de surpresa é apenas... humilhante.

Ser enganada dessa maneira me irrita profundamente.

Eu posso sentir a raiva irradiando dele enquanto ele ferve ao meu lado. E continuo serenamente, calçando meus pés com meias em um par de botas altas de couro e enrolando um longo casaco de lã marrom em volta de mim.

— Sério, Winter? Você nem vai me honrar com uma resposta?

Eu metodicamente amarro o cinto do casaco em volta da minha cintura, decidindo que não tenho nenhum desejo de dignificá-lo.

O problema é que Rob me conhece bem. Estamos juntos há cinco anos, o que significa que ele também sabe como me irritar.

Seus olhos percorrem meu rosto, assumindo uma pequena inclinação viciosa. — Gostava mais de você com o cabelo mais claro. — Seu dedo indicador varre minha cabeça, julgando as mechas mais escuras com um tom mais quente. Ele sempre foi obcecado pelo meu cabelo loiro prateado, dizendo-me o quanto ele adorava. — Essa nova cor não é tão atraente. Parece sujo.

Mas os retoques de raiz, o xampu roxo e o condicionador profundo davam muito trabalho para uma residente exausta, e é por isso que pedi ao meu cabeleireiro que colocasse luzes mais escuras.

Eu pisco algumas vezes, como se eu não pudesse acreditar que ele tem a coragem de agir como se o jeito como pinto meu cabelo fosse um desrespeito pessoal para ele.

Exceto que eu posso. Porque esse ano ele tirou a máscara e me mostrou toda a feiura que tem por baixo.

— É engraçado. Gostava mais de você quando pensava que você não tinha ficado com minha irmãzinha e depois fodido com ela.

Ele zomba. *Escárnio.* — Não foi assim. Ela era obcecada por mim.

Meu nariz enruga, sentindo o cheiro da merda saindo dele. — Um médico muito mais velho salva a vida de sua paciente menor de idade. Usa seu apelo físico e poder sobre ela para fazê-la comer na sua mão. Torna-se um herói para ela. Então, assim que ela faz dezoito anos, começa a transar com ela como se ela fosse algum tipo de segredo sujo. E quando ele conhece sua irmã mais velha e apropriada, ele a deixa cair como uma pedra e se casa com aquela que não lhe custará o emprego por violação de licença médica. Oh! — Meu dedo dispara no ar — Exceto, aqui está o negócio. Ele ainda não desiste da mais nova. Ele a persegue e a assedia, sabotando cada novo relacionamento dela só porque pode. Ou talvez o faça se sentir melhor com a calvície que ele tenta esconder.

Minha raiva emana, mas sou eu quem está perdendo o controle, cedendo a ele.

Seus braços se cruzam e ele me encara. Todo cabelo dourado penteado, olhos azuis brilhantes e boa aparência de boneco Ken. — Você sabe que eu nunca a amei.

Raiva incandescente lança através de mim. Tudo ao nosso redor fica borrado quando meus olhos se concentram no idiota com quem me casei. Eu tento manter minha voz fria. Anos praticando essa fachada me levaram aos momentos mais dolorosos. Eu tenho esse ato gravado.

Mas hoje tenho dificuldade.

— Você acha que nunca amá-la torna as coisas melhores? É da minha irmãzinha que você está falando. Aquela que quase morreu. E você transou com ela por anos. E eu? Acho que você também nunca me amou.

Minhas palavras ecoam no espaçoso foyer enquanto nos encaramos.

— Eu amei.

Eu amei. Essa é a sua proclamação para mim?

Eu rio amargamente. — Quem diabos você está enganando, Robert? Você já se cansou de mentir? De tentar manter suas histórias corretas? O gabarito está pronto. Eu vejo você. Você me fez acreditar que eu tinha algo que nunca tive. Você brincou comigo.

Ele não me corrige. Ele apenas olha. Não deveria doer, mas dói.

— Pelo que você fez comigo? Eu sou indiferente a você. Pelo que você fez com ela? Odeio você. Eu não teria tocado em você com uma vara de um milhão de pés se tivesse percebido o tipo de homem que você realmente é. Engane-me uma vez, nunca mais. Esse é o novo ditado.

Com isso, puxo minha mala e giro nos calcanhares, abrindo a porta com tanta força que bate na parede atrás dela. Eu odeio como estou exaltada. Como me sinto fora de controle. Mas eu mantenho meu queixo erguido, tenciono meus ombros e saio dessa casa com toda a compostura plácida e não afetada que consigo reunir.

— Isso significa que você está me deixando?

Como alguém tão educado pode ser tão estúpido? Eu quase rio. Continuo andando, dando tapinhas no ombro dele como o cachorro que ele é quando passo. — Use aquele diploma de medicina chique e descubra por si mesmo.

— Você nem gosta dela! — ele grita em um tom choroso que arranha meu pescoço como pregos em um quadro-negro. — Você vai correr de volta para ela e implorar por perdão depois da puta que você tem sido com ela todos esses anos? Boa sorte com isso. Estarei aqui quando você voltar rastejando.

Mas eu não dignifico seus golpes com um único olhar para trás. Em vez disso, mostro o dedo do meio para ele por cima do ombro e fico satisfeita em saber que ele está errado.

Que ele não é tão inteligente quanto pensa que é.

E eu também não. Eu me sinto muito pequena e muito estúpida agora.

Porque amo minha irmã.

Eu só tenho uma maneira fodida de mostrar isso.

Espero não morrer agora que estou retomando o controle da minha vida.

Eu quero começar de novo. E, no entanto, estou com medo de fazer isso.

O Hospital Geral de Chestnut Springs fica a apenas uma hora da casa em que moro, então por que parece a viagem mais longa da minha vida?

Comecei a fazer turnos aqui há alguns meses, então poderia dirigir de olhos fechados, mas hoje está nevando tanto que estou com os nós dos dedos brancos no volante.

Eu também ainda estou pensando sobre perder a calma.

Rob começou aquela briga dizendo que não conseguia entender por que eu iria querer trabalhar neste hospital sujo, e eu não estava inclinada a dizer a verdade a ele.

Um, que trabalhar em um hospital onde não sou sua esposa e filha de minha mãe é um alívio. Posso praticar medicina e me orgulhar do meu trabalho sem ter que lidar com todos os sussurros e olhares de pena. Sem essa merda pairando sobre minha cabeça.

Porque todo mundo sabe, mas ninguém fala sobre isso, e essa abordagem da vida está desgastando minha sanidade. Eu sei como todo mundo me vê. Eu não estou alheia a isso. Eles podem não falar, mas ouço alto e claro da mesma forma.

Uma médica que conseguiu sua posição no hospital por meio de conexões familiares e casamento.

Uma mulher inacessível, fria e infeliz.

Uma esposa patética o suficiente para ignorar a traição do marido.

E dois, porque nunca quis tanto ficar perto da minha irmã quanto agora. Quando ela estava doente, eu costumava entrar furtivamente no hospital para checá-la, ler seu prontuário para saber como ela estava, embora eu ainda estivesse apenas na universidade. E agora? Agora, olho para minha irmãzinha e tudo que vejo são os anos que perdi.

Vejo uma mulher que viveu na miséria para me salvar um pouco da minha.

Parece que somos parentes dessa maneira.

Ela está feliz agora, noiva de um homem cujo cabelo é muito comprido, mas que a ama de uma forma que nunca vou experimentar. Mas também estou feliz por ela – Deus sabe que ela merece um pouco de paz. Ela deixou seu diploma de direito e um emprego seguro na empresa de gerenciamento de esportes de nosso pai no espelho retrovisor para administrar uma academia e morar em um pitoresco rancho caipira.

Eu a admiro.

Mas não tenho ideia de como consertar a brecha entre nós. Então, arranjei um emprego de meio período na pequena cidade em que ela mora, esperando encontrá-la e consertar as coisas organicamente.

Eu tenho essa história recorrente na minha cabeça, que surge o tempo todo. Devo estar tentando manifestar isso ou algo assim.

Nela, ela está andando pela calçada, e eu esbarro nela quando saio da adorável cafeteria parisiense na Main Street. Ela parece chocada ao me ver. Eu ofereço a ela um sorriso caloroso, e não é forçado. Então, passo o polegar por cima do ombro e digo: — Ei, você, uh... quer tomar um café? — de uma forma casual e charmosa que a fará sorrir de volta para mim.

Claro, eu teria que passar um tempo em outro lugar que não fosse o hospital ou hotel para que isso acontecesse. Mas continuo me esgueirando entre as duas zonas de segurança, com muito medo e muito envergonhada para encará-la.

— Foda-se — murmuro enquanto fungo e me sento mais ereta, os olhos focados na estrada. — Siri, ligue para Summer Hamilton.

A batida de silêncio pesado que me cumprimenta é carregada com anos de antecipação.

— Ligando para Summer Hamilton — responde a voz robótica. A formalidade é um soco no peito. A maioria das irmãs teria algum apelido fofo programado em seu telefone. Talvez eu a chamasse de Sum se fôssemos amigas. Como está agora, posso também incluir o nome do meio dela na lista de contatos.

O telefone toca. Uma vez. Duas vezes.

E então ela está lá. — Winter? — ela pergunta sem fôlego. Meu nome não é uma acusação em seus lábios. Ele é... esperançoso.

— Oi — eu digo estupidamente. Nenhuma quantidade de educação ou livros médicos poderia me preparar para esta

conversa. Desde que tudo explodiu no hospital naquele dia, repeti essa conversa na minha cabeça um milhão de vezes. Fiquei acordada à noite me preparando.

E não foi o suficiente.

— Oi... você... você está bem?

Eu aceno enquanto a ponta do meu nariz arde. Tenho sido péssima com Summer ao longo dos anos e sua primeira inclinação é perguntar se estou bem.

— Win?

Eu inalo uma respiração profunda. Win. Porra. Esse apelido. Ela simplesmente faz isso tão facilmente. Eu distraidamente me pergunto como meu nome está em seus contatos. Sempre imaginei que fosse 'meia-irmã do mal' ou algo nesse sentido.

Ela é apenas tão legal. Quase me deixa enjoada que alguém possa ser tão legal comigo depois de tudo que passamos, depois de quão fria fui com ela.

Eu não mereço Summer. Mas eu quero. E isso vem com a honestidade.

— Não. Não acho que estou — eu digo, tentando cobrir o engate na minha voz limpando a garganta.

— Ok. — Posso imaginá-la concordando agora, apertando os lábios, a mente girando enquanto tenta resolver esse problema para mim. Isso é apenas quem ela é. Uma consertadora.

Posso ser médica, mas Summer sempre foi uma cuidadora.

— Onde você está? Você precisa que eu vá buscá-la? Você está machucada? — Ela faz uma pausa. — Oh! Você precisa de ajuda jurídica? Não estou mais praticando, mas poderia...

— Posso ver você? — eu deixo escapar. E agora parece que é a sua vez de ficar em silêncio atordoado. — Já estou a caminho de Chestnut Springs. Eu poderia... não sei. — Um suspiro irregular sobe pela minha garganta. — Pagar um café para você? — termino sem jeito, olhando para o relógio digital que mostra que já são 18h.

A voz dela sai pelo telefone um pouco grossa, um pouco suave. — Eu adoraria. Mas poderíamos tomar vinho em vez disso?

Um nó de tensão se desenrola em meu peito, um que eu nem sabia que estava lá até agora. E agora que notei, não posso deixar de sentir que está lá há anos.

— Sim. — Meus dedos pulsam no volante. — Sim. Vinho. Bom.

Eu pareço a porra de uma mulher das cavernas.

— Estamos jantando em família na casa principal esta noite. Haverá um monte de gente. Eu adoraria se você viesse também.

Minha garganta entope estranhamente. Esse tipo de bondade parece estranho depois de viver em uma bolha estéril com Rob e minha mãe por tanto tempo. Essa marca de perdão... não sei como reagir a isso.

Então eu apenas vou na onda. Parece o mínimo que posso fazer.

— Você pode me enviar o endereço?

Na pressa de pegar minha mala e dar o fora da cidade, ignorei meu tanque de gasolina o máximo que pude. Sem dúvida, perigosamente perto de acabar. O que só aumentou minha ansiedade quanto mais me afastei do limite da cidade.

Então, desisto e paro para abastecer em Chestnut Springs antes de pegar a estrada secundária que meu telefone mapeou para o rancho.

Enquanto estou aqui, congelando e desejando ter usado roupas de inverno mais adequadas ao ar livre, deixo toda a preocupação se infiltrar pelas minhas paredes cuidadosamente erguidas.

Preocupação em ver Summer.

Preocupação em me sentar para jantar com um bando de pessoas que sem dúvida pensam que sou uma vadia hedionda.

Preocupação com as estradas cheias de neve. Eu vi muitos traumas de acidentes de carro chegarem ao pronto-socorro ultimamente.

Preocupação com minha carreira e com o que diabos vou fazer – onde vou parar.

Hilariamente – embora um humor sombrio – não sinto nenhuma preocupação com a ideia de deixar Rob para sempre. Eu tenho enrolado isso por um longo tempo. Pensei sobre isso, analisei de todos os ângulos.

Continuei pensando no divórcio como um fracasso. Mas partir esta noite não pareceu um fracasso.

Pareceu alívio. Como se alguém estivesse de pé no meu peito e eu finalmente me recompus o suficiente para empurrá-lo. Meus músculos estão cansados de tanto empurrar e estou com algumas protuberâncias e contusões da luta.

Partindo dolorida, mas posso finalmente respirar através da dor.

Dou um suspiro profundo e pesado e observo minha respiração saindo por entre meus lábios em uma pequena nuvem, mais óbvia sob as luzes de néon que inundam os compartimentos de gás. As pontas dos meus dedos vão de formigantes a totalmente dormentes em questão de segundos, onde estão enroladas em volta do cabo de plástico vermelho. Eu salto no local e olho para cima quando ouço um sino tilintar na porta do posto de gasolina.

O homem que sai pela porta de vidro é todo arrogante e de ombros largos. Cabelos escuros, olhos mais escuros, cílios que deixam a loira que há em mim um pouco irritada. Ele está sorrindo para o bilhete de loteria em sua mão, como se pensasse que fosse ganhar.

Eu poderia dizer a ele que não vai ganhar. Que é um desperdício de dinheiro. Mas tenho a nítida impressão de que este é o tipo de homem que não se importa.

Ele tem botas desamarradas, jeans empilhado em volta do topo. Um par de longas correntes de prata adornam seu peito, desaparecendo sob uma camisa xadrez que está aberta um pouco

demais, um pesado cardigã de tricô jogado descuidadamente por cima.

Ele é sexy mesmo sem tentar. Nem o clima parece incomodá-lo. Aposto que ele sai da cama depois de dormir com as meias de ontem e simplesmente as enfia de volta naquelas botas de couro gastas.

Aposto que as mãos dele são ásperas. Aposto que ele cheira a couro. E depois do homem com quem passei os últimos anos, sou incapaz de desviar os olhos do apelo áspero do homem diante de mim.

Eu o encaro por tanto tempo, tão completamente, que a bomba de gasolina faz um barulho alto e metálico quando bate de volta na minha palma, sinalizando que o tanque está cheio.

O barulho atrai sua atenção para mim, e ele volta toda a força de seu apelo sexual para mim. A mandíbula quadrada polvilhada com a quantidade perfeita de barba por fazer, coroada com lábios que são simplesmente desperdiçados em um homem. A aparência dele? É um absurdo.

Eu abaixo minha cabeça rapidamente, atrapalhando-me com a bomba para prendê-la de volta em seu suporte. Minha língua desliza em meus lábios.

Tenho a nítida sensação de que o sexy lenhador está me observando, mas não olho para cima para ver. Há uma vibração em meu peito e um calor em minhas bochechas, algo que não sentia há muito, muito tempo.

Porque eu era realmente casada e feliz. E agora eu... não sou.

Eu acho.

E este é o primeiro homem que me permito olhar de forma inadequada. Um homem que não se dá ao trabalho de amarrar os sapatos e joga na loteria.

— Ugh — eu gemo para mim mesma enquanto me aproximo da minha porta, de repente muito menos fria do que antes de vê-lo.

Mas quando estou prestes a deslizar para o meu lugar, espio por cima do ombro para o cara.

Aquele parado em sua caminhonete prateada.

Aquele que ainda está me observando com um sorriso malicioso no rosto.

Aquele que passa a mão pelo cabelo perfeitamente despenteado e pisca para mim.

Estou no meu carro e saio para a estrada escura como um tiro, fugindo o mais rápido possível.

Porque a última coisa de que preciso na vida é alguém que me faça sentir como se não houvesse oxigênio suficiente em meus pulmões quando acabei de recuperar o fôlego.

2

Theo

A loira me encarou como se eu fosse algum tipo de alienígena. Eu tive que parar e olhar para trás, porque ela era tão óbvia.

Estava pronto para contar uma piada sobre o quão objetificado eu me sentia pelo jeito que ela estava me olhando. Mas então ela lambeu os lábios uma vez, piscou e disparou. O que é uma pena, porque gostei do jeito que ela olhou para mim. Eu não estava me sentindo objetificado. Se ela tivesse me olhado nos olhos, todas as apostas teriam sido canceladas. Eu poderia ter dado a ela algo para realmente olhar.

Não me tornei montador de touros porque não suporto audiência. O show, a multidão, o reconhecimento – eu prospero nisso. Nasci nisso. Gabriel Silva é indiscutivelmente um dos mais famosos cavaleiros da World Bull Riding Federation de todos os tempos.

E ele não é apenas meu ídolo. Ele é meu pai.

Era? Nunca sei como me referir a ele. Ele ainda parece muito presente para mim, embora tenha morrido há muito tempo.

Quando subo em minha caminhonete, rio para mim mesmo. Eu sei que a loira deslumbrante no elegante Audi passará pela minha cabeça de vez em quando. Porque havia algo incomumente

incrível nessa interação, como se ela fosse uma adolescente pega olhando boquiaberta e ficando envergonhada com isso. Eu me sentiria mal por ela se não me sentisse tão mal por mim mesmo que ela fugiu antes que eu conseguisse o número dela.

Pego a estrada escura indo para Wishing Well Ranch. Já vim aqui tantas vezes ao longo dos anos que sei para onde estou indo, esteja escuro ou não. Meu mentor, Rhett Eaton, mora aqui, e com minha mãe e minha irmã morando a uma província de distância, sua família se tornou um pouco como a minha durante os feriados.

Eu normalmente iria para a casa da mamãe no Natal, mas ela fez um cruzeiro de solteiros com minha irmãzinha para que ambas pudessem conhecer o *Senhor Certo,* acho que assim chamaram.

E embora eu possa ser muito, muito solteiro, não tenho vontade de participar dessa merda com minha família.

Dificilmente.

Há muitas buckle bunnies solteiras no circuito de WBRF para eu passar o tempo – chata como a série interminável de trepadas estúpidas se tornou – que não requer o envolvimento de minha mãe.

Sem mencionar que a coisa toda do barco me assusta.

Colocar-me em cima de um touro raivoso? Estou bem.

Colocar-me num grande barco sem terra à vista? Difícil. Eu vi um episódio da *Oprah* sobre pessoas que desaparecem nesses, e eu sou muito jovem e bonito para morrer.

Em poucos minutos, há lanternas traseiras vermelhas à minha frente e estou me aproximando rapidamente. Muito rapidamente.

— Vamos lá — eu gemo na cabine silenciosa da minha caminhonete enquanto inclino minha cabeça para trás.

Sim, está nevando, mas as estradas estão compactas e sem gelo. Eu finalmente alcanço o carro e percebo o quão lento ele está indo. Trinta quilômetros por hora. Em um lugar que é cinquenta. E isso nem é uma zona escolar.

É quando chego perto o suficiente que percebo que é o show de fumaça no Audi. Eu deveria ter adivinhado. As botas de salto alto e o casaco longo não gritavam uma garota do campo.

E nem a maneira como ela dirige em uma estrada secundária.

A luz de sinalização pisca para a esquerda. O veículo desacelera e depois acelera.

A luz de sinalização pisca à direita e o carro desvia um pouco.

Talvez ela esteja perdida? Ou bêbada? Às vezes, eu me distraio como ela fez olhando para mim quando bebo demais.

Então chego perto o suficiente para ver a luz do celular dela pela janela traseira.

Perfeito. Mensagens de texto e condução. Essa garota vai se matar. Ou a mim.

Talvez, se dividíssemos um quarto de hospital, eu conseguisse o número dela, afinal. Pode valer a pena.

Quando ela pisa no freio, eu me assusto e buzino.

— Sério! — grito, meu batimento cardíaco acelerando. Eu não me importo o quão sexy ela é. Ela é uma péssima motorista.

Ela dispara para a frente, mas diminui a velocidade novamente. Eu recuo, não querendo estar muito perto de alguém tão errático.

Mas caramba, acabo pensando na minha mãe ou na minha irmã perdida na estrada. Eu volto para ela estar perdida em vez de dirigir como uma idiota de propósito. Uma rápida olhada no meu telefone em seu coldre me diz que a recepção foi oficialmente encerrada neste trecho, então ela não pode estar enviando mensagens de texto para ninguém.

Eu ligo meus faróis altos, pensando que posso ajudar se ela encostar.

Eu imediatamente me sinto como um serial killer.

Nenhuma mulher em sã consciência pararia em uma estrada escura para falar com um homem estranho que piscou seus faróis altos para ela.

Então, eu me acomodo, ligo meu Chris Stapleton e deixo meus olhos vagarem pelos campos cobertos de neve. Todos nítidos e branquinhos, refletindo a luz da lua, fazem com que não pareça mais tão escuro. Em pouco tempo, estou me aproximando do desvio para Wishing Well Ranch, o que significa que posso finalmente me despedir de minha terrível motorista sedutora.

Exceto que ela sinaliza. E vira para o rancho.

Minha mente zumbe com o que isso pode significar. Ela definitivamente vai pensar que eu a estou perseguindo. E se nós dois estamos indo para o mesmo lugar, ela é alguém que eu conheço de forma indireta.

Assim que a casa iluminada aparece, seu carro acelera direto para a varanda da frente. Ela pisa no freio e voa para fora do carro, batendo a porta e vindo em minha direção antes mesmo que eu possa sair da minha caminhonete.

Quando consigo sair, ouço: — Você está maluco, porra?

Ok. Ela é louca. E ela não parece nem um pouco bêbada. Ela tem as chaves presas entre os dedos como garras e eu instantaneamente gosto dessa garota.

Sem preâmbulos. Só chega balançando. Ela é pequena e feroz. Eu me sinto como Peter Pan sendo ameaçado por Tinkerbell.

— Calma, Tink. — Eu ofereço a ela um sorriso e levanto minhas mãos em sinal de rendição, não querendo fazê-la se sentir ameaçada.

— Tink? — Sua voz fica ainda mais alta.

Eu aceno com a mão sobre ela. — Sim. Você tem toda essa pequena vibração de Sininho zangada acontecendo. Eu vejo. — Deixo meu olhar traçar seu corpo por apenas um momento, não querendo beirar o olhar malicioso. Mas ei, justo é justo depois do jeito que ela ficou boquiaberta no posto de gasolina.

— Você é maluco, sabia disso? — ela fala novamente. — Você dirige como um idiota atrás de mim por dez minutos sólidos e agora me segue até aqui? Para... para... verificar-me e comparar-me com um duende da Disney? — Seus braços se agitam com raiva e seu rosto delicado se contorce em fúria. Um olhar como esse poderia incinerar um homem no local.

Mas eu não.

Eu não deveria provocá-la. Eu sei que não deveria. Mas me sinto como uma criança apaixonada que zomba da garota que gosta para chamar a atenção dela.

E gosto do jeito que ela dispara de volta.

Eu quero mais.

— Eu acho que na verdade ela é uma fada. E só para constar, dirigir vinte vezes abaixo do limite de velocidade também é perigoso e pode matar alguém. Principalmente eu. De tédio — eu brinco.

Seus olhos se arregalam quase comicamente, um sinal claro de que não consegui aliviar o clima. — Está escuro e com neve! Eu não conheço a área. Pode haver vida selvagem! Dirigir devagar é seguro, desde que um caipira de pau pequeno não esteja montando minha bunda em sua caminhonete, piscando seus faróis altos para mim.

Meus lábios se apertam.

Porra.

Eu realmente gosto dessa garota.

Eu deveria parar. Eu deveria ir embora. Eu deveria canalizar minha maturidade e não flertar com ela enfurecendo-a.

Mas sempre fui um pouco imprudente.

— Ouvi dizer que se você quer ter seu traseiro montado, um pau pequeno é o caminho a percorrer. Então talvez eu seja o seu cara.

Meu pau não é pequeno. Mas fico feliz em fazer sacrifícios para conseguir uma boa piada. Só um cara de pau pequeno perderia essa oportunidade.

Eu não deveria ter dito isso, mas o puro choque que pinta suas belas feições faz tudo valer a pena. Ela está tão nervosa; simplesmente não consigo evitar. Brinque com o fogo e eu estarei lá para jogar gasolina nele para você.

Sua mão dispara entre nós. — Eu sou casada, seu porco de merda. Agora saia. — Sua mão se move com firmeza, apontando para a entrada da garagem.

Casada. Eu apenas dou de ombros. — Casada por enquanto, talvez.

Sou persistente. E essa garota não estava olhando para mim como uma mulher casada. Não uma casada feliz de qualquer maneira.

É a voz de Rhett que chama nossa atenção para a ampla varanda anexa à enorme casa da fazenda. — Sim, não se preocupe, Winter. Com certeza vamos libertá-la daquele marido e enterrá-lo no campo. Vai ser como aquela música do Dixie Chicks. Rob é o novo Earl.

Winter.

Winter, como a irmã de Summer? Porra, essa é uma combinação estúpida de nomes para duas irmãs. Elas deveriam odiar seus pais em vez de uma à outra, se você me perguntar.

Olho para a mulher diante de mim, a cerca de um metro e oitenta de distância. Todos a descreveram como fria e distante. Uma verdadeira rainha do gelo.

Eu ouvi as histórias. O drama. Fizeram-na parecer uma espécie de mente criminosa. Mas tudo o que vejo é um fogo que precisa da minha ajuda para resolver alguma agressividade.

E eu não ficaria bravo em ajudá-la com isso. Nem um pouco. Eu sou filantrópico assim.

Winter esfrega as têmporas como se estivesse com dor de cabeça. Eu considero oferecer a ela uma aspirina da minha caminhonete, ou um orgasmo. Eu ajudo assim também.

— Você tem sorte de fazer minha irmãzinha tão feliz, Eaton — ela diz, soando totalmente exausta.

Rhett cantarola bem-humorado, seus olhos assumindo aquele olhar derretido e drogado que ele fica quando as pessoas mencionam Summer. Mas ele não aborda isso; em vez disso, ele diz: — Mas Theo é apenas um bebê. Você não pode corrompê-lo, Winter.

Reviro os olhos. — Eu não sou um bebê. Tenho vinte e seis anos.

Rhett zomba. — Não, você não tem. Você tem vinte e dois.

Bom Deus. Ele acha que conhece minha idade melhor do que eu?

— Cara. Eu tinha vinte e dois anos quando conheci você no circuito. Eu fiquei mais velho. Você está fazendo a mesma coisa que minha mãe faz com seus animais de estimação. Eles atingem

uma certa idade e então ela diz que eles têm a mesma idade até que um dia eles simplesmente morrem.

Ele ri. — Bem, direi. Você é como aquela loja com vestidos minúsculos. Forever 22.

Eu apoio minhas mãos em meus quadris e suspiro com uma torção divertida em minha boca. — Sim. Com certeza você está ficando velho. Essa loja se chama Forever 21.

Rhett apenas acena para mim. — Tanto faz. Eu só sei sobre os vestidos minúsculos.

— Vocês dois terminaram? Preciso de uma bebida se vou ficar aqui a noite toda — Winter interrompe, claramente irritada com o rumo que nossa conversa tomou. Embora a interrupção de Rhett tenha conseguido acabar com nossa pequena briga.

Tristemente. Eu estava gostando de brigar com ela. Ela pode resistir de uma maneira que nunca encontrei em nenhum dos meus relacionamentos.

Se é assim que você poderia chamá-los.

— Ah, sim, Winter, conheça meu protegido Theo Silva. Theo, conheça a Dra. Winter Hamilton, minha futura cunhada...

— Winter Valentine — ela o interrompe com uma correção rígida.

— Por enquanto — acrescento, piscando para ela. Porque agora que sei quem ela é, não me sinto tão mal por fazer minha peça. Eu sei quem é o marido dela. E já sei que não dou a mínima para esse cara.

Eu já sei que Winter pode fazer melhor.

E sou muito melhor, quer ela perceba ou ainda não.

Ela me dá o olhar mais dramático e caminha em minha direção. Eu estendo minha mão – porque mamãe criou um cavalheiro – mas ela apenas passa, olhando para mim com olhos azuis brilhantes como o fundo de uma chama. Eu viro minha cabeça para segurar seu olhar enquanto ela se aproxima de mim, ombro a ombro.

Ela não pega minha mão, no entanto. Então, eu sigo com isso, passando minha mão pelo meu cabelo com uma piscadela.

A mesma piscadela que dei a ela no posto de gasolina.

Nosso segredinho.

— Chame seu cachorro, Eaton. — Ela continua andando, apenas se dirigindo a Rhett, como se eu nem estivesse aqui.

Mas caramba, adoro um desafio.

Eu me viro com um alto — Woof! — enquanto observo seu pequeno corpo deslizar para a luz brilhante da casa quente e movimentada.

Rhett está rindo. De mim. Não comigo. — Você é um idiota, Theo.

Eu balanço minha cabeça. — Cara. Acho que estou apaixonado pela sua cunhada. Ela é tão fogosa.

Agora é Rhett balançando a cabeça, como se soubesse de algo que eu desconheço. E eu o sigo para dentro da casa, porque quero saber mais.

Quero saber mais sobre Winter Valentine.

Como quando o divórcio está acontecendo.

3

Winter

Rob: Diga oi para Summer por mim.

Entro na casa grande, mais nervosa do que quando saí da cidade algumas horas atrás. A perspectiva de entrar aqui, as estradas de merda, tudo isso empalidece em comparação com o belo homem irritante parado do lado de fora agora.

Eu juro que ainda posso senti-lo olhando para mim, seus olhos vagando pelas minhas costas apreciativamente. Isso me faz ficar um pouco mais alta.

Por mais patético que pareça, é bom ter alguém olhando para mim desse jeito.

Ultimamente, acostumei-me mais a olhares de desdém e de pena. E quando Rob olha para mim de uma forma que eu sei que significa que seu pau está duro, isso só faz minha pele arrepiar.

Isso é diferente. Eu *quero* que Theo me admire, mas também quero chutá-lo na canela.

O som de uma cozinha movimentada me leva pelo corredor até a sala de estar iluminada. Paredes verde-escuro e tábuas largas e escuras tornam o espaço aconchegante sem esforço. As vozes são todas alegres e o riso não é forçado.

Não há mármore, não há cozinha totalmente branca, não há eco quando as pessoas falam.

É estranho.

Faço uma pausa no limiar, atingida pela enormidade do que estou prestes a fazer. É como se fugir de Theo Silva – o motorista maníaco sexy – e sua estrutura óssea perfeita me empurrou até aqui, e agora estou entre a cruz e a espada.

Minha garganta trabalha no ritmo de meus dedos enquanto eles se enrolam e apertam em minhas palmas. Como se a inércia dos pequenos movimentos acabasse entrando na sala, o espetáculo para todos verem.

O primeiro passo para consertar as coisas.

— Tudo bem, Winter? — Uma palma firme pousa no meu ombro e eu olho para o rosto desgrenhado do noivo da minha irmã. Não é que ele não seja bonito, ele é só tão... não polido. Ele é como um cachorro grande, feliz e viril que precisa passar o dia no tosador.

Eu ofereço a ele um aceno hesitante antes de espiar ao virar do corredor.

Eu não estou bem embora. Eu sou uma bagunça do caralho. Mas não vou mostrar. Sinto-me segura quando estou composta. E o segundo par de passos vindo atrás de Rhett pertence a um homem que me faz sentir distintamente descomposta.

— Vai ficar tudo bem. — A mão de Rhett aperta. — Quer que eu dê um empurrão em você como se estivéssemos saltando de paraquedas?

Agora eu lanço a ele um olhar indiferente. — Não, obrigada. Consigo lidar com isso.

Não sei para quem estou dizendo isso. Ele ou eu? Mas de qualquer forma, entro na cozinha com a cabeça erguida e aberta com um som confiante: — Oi, posso ajudar com alguma coisa?

Cabeças se viram, mas os olhos não se arregalam. O burburinho não chega a um impasse. Em vez disso, existem acenos. E sorrisos. E um: — Heyooo, Elsa! — de Willa, que está apoiada em uma cadeira, exibindo uma pequena protuberância na barriga.

Summer corre para mim, com as bochechas rosadas. Seu sorriso tão sincero.

E ela não diz nada. Ela apenas se lança para mim e envolve os braços em volta do meu pescoço, enterrando a cabeça na curva do meu pescoço. Tão abertamente afetuosa.

Eu não estou acostumada com isso. Eu não esperava isso. Então, fico um pouco rígida antes de abraçá-la de volta. Seu corpo suaviza e um pequeno suspiro deixa seus lábios quando faço isso.

— Estou tão feliz que você está aqui — ela sussurra para mim.

E estou feliz que ninguém possa ver meu rosto agora, porque estou amassando-o furiosamente. Fazendo tudo o que posso para não desmoronar no meio da reunião de feriado de outra família.

Isso seria excessivamente dramático. E não sou grande em dramas. Eu apenas abaixo minha cabeça e faço a merda.

A reconciliação com minha irmã precisa ser feita. Então aqui estou.

— Eu também — é tudo o que posso dizer de volta antes que ela se afaste, uma mão no meu ombro enquanto a outra enxuga seus grandes olhos castanhos. Eles têm a mesma forma que os meus, mas uma cor diferente.

Nós duas temos as feições do nosso pai, mas eu puxei a cor da minha mãe.

— Olá, Winter! — Um homem mais velho atravessa a cozinha, limpando as mãos nas calças, o que faz a aberração de limpeza dentro de mim estremecer um pouco. — Sou Harvey Eaton. Pai de Rhett. É um prazer conhecer você.

Ele estende a palma da mão para mim e, por mais que tente, não encontro um único pingo de julgamento em seu rosto. Eu não sei que tipo de merda de *Brady Bunch* está acontecendo nesta propriedade, mas isso me confunde.

— Uh, oi — eu respondo um pouco hesitante enquanto pego sua mão. — Muito obrigada por me permitir invadir seu jantar.

O homem faz um som de *pfft* e acena para mim. — Você não está invadindo uma única coisa. Este é um jantar em família. Você é da família. E assim, se minha matemática estiver certa, você está exatamente onde deveria estar.

Eu juro que meu queixo cai. Quem é esse cara? Cowboy Ned Flanders?

Ele sorri. Tipo... um sorriso legal e normal. Não é um que me faça questionar qual é a intenção real por trás disso. Então ele vai embora. De volta ao que quer que ele estivesse cozinhando, como se me receber aqui fosse normal e nada bizarro ou monumental.

Família? Talvez esse cara de Harvey Eaton já esteja no molho. Porque Summer e eu não nos parecemos como uma família há muito tempo. E eu ainda não conheci nenhuma outra pessoa aqui, exceto por...

— Aqui. — Um cotovelo cutuca meu braço, e sinto o cheiro dele antes mesmo de desistir e olhar para ele. Laranjas, frescas e doces, misturadas com algo picante. Cravo? Gengibre? Ele cheira a vinho quente.

É inebriante. É masculino. Não é brilhante e azedo e não arde minhas narinas.

Meus olhos se movem antes de minha cabeça virar. E posso ver suas mãos, ásperas e calejadas, como imaginei. Grandes e quentes.

Uma taça de vinho em cada uma delas. Um vermelho, um branco.

— Duplo esta noite? — Eu inclino minha cabeça, arqueando uma sobrancelha para ele. — Isso diz muito. Você dirige como se já tivesse bebido.

Um lado de sua boca pecaminosa se ergue, e fico impressionada com a percepção de que Theo Silva sabe como ele é bonito. Ele provavelmente pratica seus ângulos no espelho. — Já temos tanto em comum. Foi exatamente o que pensei quando

fiquei atrás de você durante os dez minutos mais chatos da minha vida.

O sorriso que dou a ele é plano, intencionalmente entediado, enquanto levanto a mão e inspeciono minhas unhas. Se eu pudesse ir à manicure, ficaria com um marrom quente. Eu não me importo se é Natal. Vermelho é muito vistoso. Mas não importa, porque o hospital não permite que pintemos as unhas de qualquer maneira.

— Bem, agora você tem uma visão de como as mulheres se sentem na sua presença.

— É por isso que elas gritam: *Oh, Theo, isso é tão chato!* quando estou dentro delas?

Eu bufo e olho para ele, corando um pouco com o olhar de cumplicidade em seus olhos.

É enervante. Ele é enervante. Então eu ataco. Esperando poder feri-lo o suficiente para fazê-lo me deixar em paz.

— Elas apenas dizem isso para que você termine e pare de se debater em cima delas.

— Você acha? Talvez possamos marcar um horário para que você possa me instruir sobre como me debater menos. Eu amo praticar.

Meus olhos se estreitam em um encarar.

Deixe comigo atrair o único homem no mundo que parece ser incapaz de se ofender. O único homem no mundo que não me deixa em paz quando me sinto pronta para me juntar à Mulher-Maravilha em sua ilha só para mulheres.

— Qual deles? — Ele enfia as duas taças de vinho na minha frente, interrompendo meu devaneio.

— O quê?

— Vermelho ou branco? Você disse que precisava de uma bebida. Eu não tinha certeza de qual você gosta mais, então servi os dois. Eu vou beber o que você não beber.

Estou muda. Eu quero fazer um comentário sobre como eu não estou nem um pouco surpresa que ele vai beber o que puder.

Ele parece ser o tipo. Convencido. Bonito. Pensa muito bem de si mesmo. Não é preciso ser um cientista de foguetes para saber que um homem como ele é popular. Ele cheira a experiência, algo que me falta muito.

Porque eu tinha estrelas em meus olhos sobre Rob – até que eu não tinha.

Eu olho o vinho especulativamente. Isso é considerado beber com um homem?

Rob teria trazido uma garrafa específica de vinho de uma região específica e a resfriado a uma temperatura exata. E então ele daria um copo para mim e sussurraria algum comentário ostensivo em meu ouvido sobre como os anfitriões têm o vinho mais barato para compartilhar.

Estendo a mão para a frente, pegando o vinho branco com hesitação. O vermelho vai manchar meus dentes, e já me sinto constrangida o suficiente por estar aqui.

Estou prestes a agradecer, embora isso me doa, mas as pontas dos meus dedos roçam brevemente nos dele e um choque estático

passa entre nós. Faz meus olhos dispararem. Minha mão se afasta da taça de vinho enquanto a coloco em meu peito.

— Você está ok? — Suas sobrancelhas se unem.

Ok? Eu quase rio. É apenas o ar seco da pradaria. Tudo é estático. Não é como se eu tivesse levado um tiro. Mas ele está genuinamente preocupado, e isso é... enervante.

Uma palavra para a qual continuo voltando esta noite. Palavra do dia. Minha vida agora é *Sesame Street,* e eu sou Oscar the Grouch.

Tenho certeza que Elmo acabou de me trazer meu vinho.

Eu o pego e vou embora, planejando tentar me misturar. Porque, por mais que odeie me misturar, acho que odeio ficar ali olhando para os olhos profundos e escuros de Theo Silva enquanto me deleito ainda mais com seu cheiro cítrico.

— Alguma notícia sobre Beau? — Summer pergunta ao meu lado na enorme mesa de jantar em estilo familiar.

Harvey pigarreia e se senta um pouco mais alto. — Sim, sim. Ele está indo bem, na verdade. Há queimaduras de terceiro grau em seus pés. Eles tiveram que fazer um enxerto de pele e estavam monitorando de perto para caso a infecção voltasse. Mas a atualização de ontem é que eles estão impressionados com a rapidez com que ele está se recuperando.

— Deixe para Beau ser bom *pra* caralho em tudo — Rhett murmura, balançando a cabeça.

Ele recebe um coro de risadas por isso. Eu não conheci esse outro irmão. A essência do que eu entendo é que ele está no exército e algo aconteceu durante sua missão. Ele está agora em um hospital militar.

Queimaduras são um negócio desagradável. Eu já vi minha parte justa na sala de emergência. Não as desejaria ao meu pior inimigo.

Bem, tudo bem. Eu desejaria a Rob. Eu não sou *tão* legal.

— Vamos ter que agendar alguns médicos para ele quando voltar para casa.

Dou de ombros enquanto pego uma cenoura com açúcar mascavo do meu prato e a oferta salta dos meus lábios antes mesmo que eu tenha a chance de impedi-la. — Posso ajudar com isso.

— Sim? — O rosto de Harvey se ilumina do outro lado da mesa, e me pergunto se ser legal é contagioso de alguma forma.

Não foi abordado na escola de medicina. Mas a ciência está sempre evoluindo.

Meus olhos se fixam nos de Theo. Ele está sentado bem na minha frente e estou achando difícil não olhar. A maneira como a vela entre nós pisca contra seu rosto levemente barbeado é perturbadora. E piscar rapidamente como uma criança pega espiando é imaturo.

Mas eu faço isso de qualquer maneira. Como se estivesse voltando à minha adolescência com um garoto popular que senta do outro lado da classe.

Tudo sobre mim esta noite é tão fora do personagem. Opto por não analisar isso com um microscópio.

— Claro. — Eu deixo cair meu olhar de volta para o meu prato. — Não há problema algum. Ficarei feliz em ajudar da maneira que puder.

Summer alcança debaixo da mesa e dá um aperto reconfortante no meu joelho. Eu olho para ela, perguntando-me como duas pessoas criadas na mesma casa podem ter se tornado tão diferentes. Opostos. Inverno e Verão. Nossos nomes não eram apenas um truque estúpido, eles realmente nos representavam de alguma forma.

Mas eu sei a resposta. Nossos pais nunca se separaram, apenas separaram tudo ao seu redor. Uma equipe contra outra.

Eu tenho minha mãe. Summer pegou nosso pai.

Rhett fala agora, falando sobre um jogo de Natal brilhante e como ele e Sloane limparam o gelo para isso. Sloane, a loira delicada sentada ao lado de Harvey, conta uma história sobre uma época semelhante em que ela e Jasper brincaram em outra fazenda.

E ela está falando sobre a estrela da NHL Jasper Gervais. Um dos clientes do meu pai, e o homem que está sentado ao lado dela, olhando para ela como se ela pudesse atirar arco-íris de sua vagina ou algo assim.

Eu nem acho que ele está ouvindo. Ele está apenas olhando para ela como se ela pendurasse a lua. Dói ver sua expressão. Odeio sentir ciúme, mas muito do que vejo aqui esta noite me enche dessa emoção sombria e amarga.

Eu poderia explodir com isso.

Não como se eu invejasse o que os outros têm. É mais que eu desejo tê-lo também.

Isso me faz perceber o que perdi todos esses anos. Isso me faz perceber todas as coisas que não tenho.

As coisas que eu nunca terei.

Durante o resto da noite, observo. Eu me afasto um pouco, sentindo-me uma estranha. Todo mundo está tão contente. E eu estou tão... não contente.

É quase como observar o crescimento de bactérias em uma placa de Petri através de um microscópio. Eu posso ver isso acontecendo. Eu posso entender por que isso está acontecendo. Posso chegar perto o suficiente para tocá-lo. Mas ainda estou apenas olhando pelas lentes. Estudando.

Todos nós nos retiramos para a espaçosa sala de estar em torno de uma lareira crepitante, e estou sentada em uma poltrona extremamente confortável quando Theo se aproxima.

De novo.

Ele é implacável.

Ele está a apenas alguns metros de distância, os olhos se estreitando em mim, toda arrogância confiante e foco singular. Mas Willa chama sua atenção. Seus olhos disparam

momentaneamente para os meus, e dou a ela um pequeno sorriso. Eu gosto de Willa. Ela tem sido uma irmã para Summer de maneiras que eu nunca poderia.

E acho que sempre a amarei por isso.

— Theo, conquistador de mulheres. Como vai a caça hoje em dia?

Seus olhos ficam fixos nos meus por um instante, mais uma determinação focada do que uma indiferença brincalhona. De repente, quero saber o que diabos ele estava prestes a dizer para mim. Eu o tenho evitado a noite toda, e Willa é perspicaz o suficiente para ter notado. Mas o timing dela está errado.

— Willa. Como você está se sentindo? Alguém lhe disse ultimamente que você está brilhando? — Ele evita a pergunta tão facilmente. Tão brincalhão. Mesmo ela não pode deixar de sorrir e revirar os olhos para ele.

Há algo irresistivelmente encantador em Theo. Algo infantil e divertido. Ele ainda não está cansado. Talvez esse seja o apelo de um homem cuja visão da vida parece ser 'copo meio cheio' quando eu sou um tipo de 'copo meio vazio' na maioria dos dias.

É Cade, o irmão mais velho de Eaton, que se levanta e se joga ao lado de Willa, passando um braço possessivo sobre seus ombros. — Deixe para você dar em cima de uma mulher grávida, Theo.

Todos riem, até Theo. Mas vejo como a nuca dele se enrijece, como se a piada tivesse algo que ninguém esperava. Como se ele

estivesse se forçando a manter a cabeça erguida quando não estava com vontade.

Eu sei, porque também faço isso.

— Jesus, cara, ela está carregando seu bebê e morando na sua casa. O que você precisa? Seu nome tatuado na testa dela? Só estou sendo amigável.

Rhett entra agora. — Sim, amigo. Eu vi o quão amigável você pode ser. Eu diria que você é conhecido por ser *amigável.*

Theo sorri e revira os olhos. — Rico vindo de você, Eaton.

— Ei... — As mãos de Rhett se erguem, segurando a cerveja em uma delas. — Eu era Cachinhos Dourados. Todo o mingau estava muito quente ou muito frio. Finalmente encontrei um que era apenas–

Summer o interrompe com um olhar fingido de exasperação no rosto. — Por favor, não termine essa frase. Qualquer analogia que me compare a um cereal mole é apenas... não, Rett. Não.

— Mas o xarope de bordo que gosto de colocar me lembra de–

— Rhett Eaton. — Os olhos da minha irmã se arregalam. — Controle-se.

Seus lábios torcem e sua expressão pinga com sexo. É quase inapropriado, mas com base no comportamento anterior de Rhett, já sei que ele é impulsivo e sem filtro.

Eu pisco para fora das grandes janelas e sobre as terras nevadas.

Ainda está nevando.

— Desculpe. — Theo está de pé sobre mim quando eu olho para cima. Juro que olho para trás para ver se ele acabou de dizer isso para mim. Há uma cabeça de veado com muitos chifres pendurada na parede.

Eu aponto. — Por quê? Você o matou?

Seus lábios se erguem e a pele ao lado de seus olhos se enruga um pouco. — Eu não estava falando com o cervo, Winter.

Outras conversas começaram a fluir e as atenções não estão mais em Theo. Em vez disso, é apenas sua atenção em mim. O que é quase sufocante.

— Sinto muito por ter deixado você desconfortável no caminho até aqui. Não era minha intenção. Tipo... — Sua mão passa pelo cabelo, todo apertado nas laterais e um pouco mais longo em cima. Emprestando a ele uma espécie de qualidade sexual confusa. — De forma alguma.

Concordo com a cabeça, mas cruzo os braços como se eles pudessem me proteger dele. — Ok.

Suas sobrancelhas grossas e escuras aparecem em sua testa. — Sim? Isso é tipo... desculpas aceitas?

— E se não for? — Eu arqueio uma sobrancelha para ele em desafio. E quase não me reconheço.

Estou flertando com ele?

Rob oficialmente me empurrou para o limite. Estou flertando com um homem mais jovem em uma reunião de família, não porque gosto dele, mas apenas porque... isso é bom.

Suas feições ficam quase sombrias. — Isso seria cruel, porque minha autoestima está muito emaranhada em saber se as pessoas gostam de mim. Ser querido é a minha melhor qualidade.

Eu pisco. Quase digo a ele que essa *não é* sua melhor qualidade, mas parece cruel, até para mim.

— Vou ficar com o coração partido se você não gostar de mim — ele acrescenta enquanto se agacha na minha frente. Chegar ao nível dos olhos não faz nada além de aumentar a intimidade dessa conversa.

Reviro os olhos. — Pensei que você queria que eu aceitasse suas desculpas. Agora tenho que gostar de você também?

Ele dá de ombros, um sorriso brincalhão fazendo suas covinhas aparecerem. — Elas são basicamente a mesma coisa.

Eu bufo. *Esse homem.* — Elas não são a mesma coisa.

A ponta de sua língua passa por seu lábio inferior, e meus olhos seguem extasiados. — Concordo em discordar.

Estendo minha mão como se estivéssemos fazendo uma transação comercial, forçando minhas feições em uma máscara legal. A mesma que me serviu tão bem todos esses anos. — Eu aceito suas desculpas — digo, usando a voz mais imparcial que posso reunir. — Mas não gosto de você.

Ele ri, e é profundo e caloroso, todo divertido como se eu fosse apenas um desafio – e não um intimidador. — Posso trabalhar com isso por enquanto — é o que ele responde antes de aceitar o aperto de mão.

E quando nossos dedos se tocam, há um flash de eletricidade novamente.

Mas desta vez não tem nada a ver com o ar seco da pradaria.

4

Theo

Mãe: Você deveria ter vindo neste cruzeiro. O clima é glorioso.

Theo: Você pelo menos entende como é estranho procurar encontros juntos como uma família? Confinados a um barco? Eu me jogaria por cima do corrimão.

Mãe: Parece que se dar bem com a família é uma característica muito importante na hora de escolher um namorado ou namorada. Não que eu saberia. Você nunca me apresenta a ninguém.

Theo: Não tenho nenhuma namorada para apresentar.

Mãe: Eu acho que é mais como se você tivesse muitas.

Não consegui tirar os olhos de Winter a noite toda. Sinto como se estivesse assistindo ao Discovery Channel, estudando a fusão de dois bandos de hienas ou algo assim. A conversa na casa não para, nem as risadas.

Ninguém está tentando deixá-la desconfortável. Eles não precisam. Ela faz tudo sozinha.

Ela observa cada movimento tão de perto e escuta com atenção, revirando cada trecho de conversa em sua cabeça. E toda vez que ela me pega olhando, ela desvia o olhar tão rapidamente que tenho certeza que ela vai ter uma dor no pescoço amanhã.

— Acho que vou voltar.

Eu a vi se preparando para esta declaração. Brincando com os dedos ansiosamente. Inclinando-se um pouco para a frente durante uma pausa na conversa. Seus lábios se abriam, mas a conversa voltava e ela se encolhia visivelmente na cadeira.

Os notáveis contrastes dessa mulher, distante e quase insegura em um momento, fria e cortante no outro. E pensar que ela começou toda ardente e voando fora do controle.

Ela deve estar exausta.

— Você está bem para dirigir? — Summer pergunta, sempre mimando todo mundo.

O olhar de Winter dispara pela janela onde a neve ainda está caindo.

Não.

— Sim. Estou bem.

Meus molares apertam com força. Ela não está bem. Ela não estava duas horas atrás, e ela não se sentiria magicamente confortável dirigindo em estradas com neve e escuras apenas jantando e tomando uma única taça de vinho.

— Posso levar você. Tenho certeza de que podemos pegar seu carro amanhã.

Ela zomba, rolando a rotina de princesa do gelo enquanto balança os ombros e levanta o nariz. — Isso é totalmente desnecessário.

Eu dou a ela o meu melhor olhar, *você está cheia de merda, querida,* de onde estou sentado no sofá de couro em frente a ela.

— Não me dê esse olhar.

— Que olhar? — Deixo meu rosto adequadamente em branco.

Seu dedo balança no ar para mim enquanto todos os olhos na sala se movem entre nós. — Esse que diz que você sabe mais do que eu.

— Nesse caso, eu poderia.

Seus lábios franzidos, tão afetados. — Garanto que não. Eu sou uma médica.

— Oh? Você teve uma aula especial de direção de inverno na escola de medicina?

— Você teve na escola de montaria em touros? — Ela ataca com algum veneno, mas eu só quero rir.

— Não seja ridícula. Os cavaleiros de touros não vão à escola. Temos sorte se aprendermos a amarrar os sapatos e escovar os dentes. — Eu dou a ela um flash dos meus dentes brancos perolados, não me importando que todos estejam nos observando.

— Eu já sei que você não pode amarrar os sapatos. A parte da higiene também não é uma grande surpresa, para ser honesta.

— Lisonjeado por você ter olhado por tempo suficiente para notar que minhas botas não estavam amarradas. E eu ficaria feliz

em provar que você está errada sobre minha higiene, já que você está claramente investindo muito.

Seus olhos se estreitam e eu rio. Por mais que ela tente, ela não consegue me irritar, porque isso é *muito* divertido.

— É verdade. Rhett usa principalmente botas de puxar — Summer intervém com uma risada um pouco estranha, claramente tentando esfriar a tensão.

Eu gostaria que ela não o fizesse. Eu me divirto assistindo ao degelo de Winter.

Todos riem quando Rhett exclama: — Rude!

Winter aproveita a oportunidade para ficar de pé. Ela distribui um abraço desajeitado e tapinhas nas costas para sua irmã, evitando até mesmo virar o corpo em minha direção. Há sussurros trocados entre as duas mulheres, e sinto um pequeno puxão com a visão.

Passei a amar Summer como a uma irmã e sei, pelo que Rhett divulgou, que a distância entre ela e Winter a machuca.

Então, digo a mim mesmo que o que estou prestes a oferecer é para Summer, e não porque há algo inegavelmente intrigante sobre a irmã dela.

— Eu também vou embora.

— Já? — Rhett pergunta.

— Sim, encontro você na academia amanhã? Talvez Summer possa nos fazer chorar?

Rhett e Jasper riem, porque *sabem* do que estou falando por malhar com ela. Summer pode ser pequena e doce, mas coloque-a no modo personal trainer e ela se tornará totalmente má. Acho que nenhum de nós esteve em melhor forma desde que começamos a treinar na Hamilton Athletics.

— Não é minha culpa que vocês são tão frágeis — ela diz, virando-se para sorrir para nós. Sim, acho que ela gosta de nos ver lutando.

— Isso são homens para você — Winter diz asperamente enquanto ela se vira para sair sem outra palavra.

Sua irmã me atinge com um olhar suplicante. — Theo...

Eu levanto a mão para detê-la. — Vou garantir que ela esteja bem.

Winter zomba do corredor, porque é claro que ela tem uma audição sobre-humana ou algo assim. E eu reviro os olhos para Summer.

— Cuidado, essa tem garras — Cade oferece bem quando Willa enfia um cotovelo pontudo em suas costelas.

Eu sorrio. — Tudo bem. Gosto de ter minhas costas cortadas.

— Eu não estou indo com você.

Winter voa pelos degraus da frente para a tempestade, os flocos a cercam como se ela estivesse vivendo dentro de um globo de neve.

— Ok.

— Não quero nem falar com você.

— Bem, então pare — digo a ela com uma risada enquanto chego ao topo da escada.

Sua boca abre e depois fecha. — Você é tão irritante.

— Isso é um diagnóstico médico?

— Eu... — Ela desvia o olhar e juro que vejo seus lábios tremerem. — Meu Deus, você é inacreditável.

Eu a acerto com o meu melhor sorriso conhecedor. — Eu ouço muito isso.

Ela solta uma risada áspera e seca enquanto sua cabeça se inclina para encarar o céu perfeitamente escuro. A neve adorna seus cílios quando ela volta sua atenção para mim. — Você também é confuso. O que você quer de mim?

O tom de sua voz é diferente agora. Sangra exaustão. De onde estou, ela parece pequena e cansada, como se fosse rir ou chorar, mas não tem certeza.

Eu nem quero continuar alfinetando-a. O que quero fazer é dar um abraço nela e dizer que vai ficar tudo bem. Sinto que ela precisa desse conforto.

É o que eu faria por minha mãe ou minha irmã.

Mas dou a ela o que ela pode suportar, que são fatos frios e concretos. — Eu só quero que você volte para casa em segurança.

Ela responde com uma risada que beira um soluço e depois olha de volta para o céu azul-marinho. — Casa.

Eu me inclino contra a grade da varanda e cruzo os braços sobre o peito, observando-a. Dando-lhe espaço, mas também não querendo deixá-la sozinha.

— Estou hospedada no hotel da cidade. O Rosewood Inn.

— Sim? — Perco a cabeça. — Eu também.

O olhar que ela me dá é incrédulo.

— Vamos, Winter. Eu não sou um cão total. Dê-me algum crédito. E se eu dirigir na sua frente e você me seguir? Dessa forma, se houver algum animal selvagem, eu o atingirei primeiro.

Seus olhos reviram, mas seus lábios reiteram: — Seguir?

Eu dou de ombros. — Sim. E quando você chegar na cidade, vai ficar bem. Você pode me ver ir embora e nunca mais me ver.

Agora seus lábios se inclinam para cima, mas é praticado. — Isso tem um certo apelo.

— Você me ver indo embora? Já flagrei você fazendo isso mais cedo. — Eu pisco enquanto desço as escadas e aperto o botão para destravar minha caminhonete.

— Você é incorrigível.

— Oooh! Incorrigível! Grande palavra. Muito *Bridgerton.* Eu poderia interpretar o duque se isso for algo que você goste.

Abro a porta do lado do motorista e faço um gesto para que ela entre, mas ela para no meio do caminho. Finalmente parecendo divertida. — Você conhece *Bridgerton?*

— Sim. Eles até me ensinaram a ler na escola de montaria em touros.

— Você leu *Bridgerton?*

Ela está tão impressionada com minha capacidade de ler que ainda não se mexe, então deixo a porta aberta e sigo para minha caminhonete. Eu rio enquanto me arrasto para o banco do motorista. — Roubei-os da minha mãe para me masturbar na adolescência. — Seu suspiro de resposta me faz rir ainda mais e grito: — Vamos, Tink! Estamos indo para Neverland! — bem quando eu bato minha porta.

Sabendo que agora ela vai me seguir só para me repreender por compará-la com uma fada da Disney novamente.

Eu vou devagar. Mais devagar do que o necessário, mas alivia a pressão no meu peito ver os faróis dela atrás de mim. Ela dirige como se nunca tivesse visto neve antes, e estou preocupado que ela caia na vala. Mas pelo menos estarei aqui para retirá-la e chamar um reboque. Melhor do que me sentar no Wishing Well Ranch pensando que uma mulher que está muito mais apavorada do que ela jamais admitiria está nas estradas sozinha.

A viagem leva o dobro do tempo que deveria, e deixo escapar um suspiro profundo quando chegamos ao primeiro semáforo em

Chestnut Springs. As estradas estavam feias e juro que posso sentir seu alívio a seis metros de distância.

Quando paramos em frente ao Rosewood Inn, pulo e começo a me afastar, como prometi a ela que faria. Acho que já a alfinetei o suficiente por uma noite. No entanto, sinto-me um tanto desapontado com a ideia de nunca mais vê-la.

Uma boa briga é difícil de encontrar.

— Ei, Theo? — ela chama, o queixo enfiado no casaco para evitar a entrada de neve, o cabelo cor de mel quente brilhando sob a luz do poste de luz em arco sobre ela. — Você, uh... — Seus braços se cruzam sobre seu corpo de forma protetora e ela deixa cair meu olhar sem jeito. — Obrigada por isso.

Eu concordo. — Claro. A qualquer momento.

— Sempre que as estradas estiverem ruins, eu posso apenas, o quê? Ligar para você e virá correndo para o resgate?

— Sim. Claro. Se precisar de ajuda, pode me ligar.

Ela parece momentaneamente atordoada. — Por quê?

Eu levanto meus ombros. — Não sei. Por que não?

Seus lábios rolam juntos enquanto ela contempla por vários segundos. — Mas você nem me conhece.

— Não preciso conhecer uma pessoa para ser legal com ela.

A mulher parece genuinamente confusa. — Isso é alguma merda estúpida de karma?

— Não, é totalmente egoísta. Eu tenho essa coisa de que se for um merda com alguém, isso me devora por dentro. Então, se sou

apenas legal, isso me deixa feliz. Ser negativo é cansativo, sabe? E não tenho tempo para tirar uma soneca.

— Esquisito.

Minha cabeça inclina. — Será? Você parece cansada, Winter.

— Eu estou.

— Experimente então.

— Experimentar o quê?

— Fazer algo legal. Experimente. Se você odiar, pode ser má comigo de novo e eu vou deixar.

Seus olhos reviram, mas posso vê-la mordendo o interior de suas bochechas como se estivesse refletindo sobre isso. — Ok — ela finalmente diz em uma expiração profunda. — Theo, posso pagar uma bebida para você para agradecer por me ajudar a voltar para cá com segurança?

— Depende. — Esfrego meu queixo como se estivesse entregando esta oferta com cuidado, embora eu já saiba que vou aceitá-la. Há algo diferente em Winter, e não estou pronto para dizer adeus. Há um empate que não sei explicar.

Com qualquer outra mulher eu provavelmente daria uma olhada e pensaria *muito trabalho,* mas estou ansioso para conhecê-la melhor. Para descobrir o que há por baixo daquele exterior gelado. — Estamos bebendo mais vinho?

Talvez eu apenas me sinta mal por ela e esteja sendo muito legal, no espírito do Natal ou algo assim. Mas me sinto atraído por ela, e não apenas porque ela é linda.

— Não. Eu acho que é mais uma noite do tipo tequila — ela responde, surpreendendo-me enquanto sigo na direção dela, inexplicavelmente puxado para mais perto.

— O que você quiser — falo quando chego perto o suficiente para estender a mão e tocar sua bochecha. Ela vacilaria? Ou se inclinaria para ela? Não tenho chance de descobrir, porque ela se vira em direção ao saguão do hotel.

E desta vez não hesito em tocá-la. Eu pressiono minha mão contra a parte inferior de suas costas enquanto a conduzo pela porta da frente em direção ao bar.

Tequila não é minha amiga.

Mas para essa garota, vou abrir uma exceção.

5

Winter

Marina: Acabei de falar com Rob.

Winter: Ah, que bom. Eu amo que ele optou por expor nossos problemas conjugais para minha mãe.

Marina: Você não pode estar pensando seriamente em deixá-lo.

Winter: Depois do que ele fez? Sim, estou.

Marina: Duvido que você consiga melhor. Eu resistiria.

Winter: Sim, sei que sim. Eu cresci naquela casa.

Marina: Se você o deixar por causa daquela sua meia-irmã, você está apenas deixando ela ganhar.

— Minha mãe é uma cadela enorme e imperdoável. É de onde eu puxei isso. — Descanso o lado do meu rosto na minha mão, o cotovelo apoiado na mesa. — É hereditário. É por isso que a Summer é tão legal. A mãe dela, Sofia, era a melhor. Não me lembro dela muito bem, mas lembro dela ser divertida. Lembro-me

dela sorrindo muito. No fundo, não posso culpar meu pai por transar com a babá.

Theo me observa, fascinado pela história da minha criação. Recorremos a bicar nossas doses de tequila depois de beber duas direto.

— E sabe qual é a pior parte? Quando ela engravidou, minha mãe a despediu. Como se fosse culpa dela sozinha. E eu adorava Sofia. A babá que veio depois era *má.* Como se minha mãe não estivesse apenas punindo meu pai ao contratá-la, mas também me punindo.

A maioria das pessoas me olha com pena quando conto essa história. Mas Theo apenas parece entretido.

— Deus. Eu sabia que Kip era um curinga. Mas isso... ele é um porco. — Ele ri a última palavra, descrença em seu tom.

Meu pai é um importante agente esportivo e, aparentemente, ele representa Theo. Um pequeno boato que eu não sabia até esta noite. Eu sabia que ele era o cara de Rhett, e quando Rhett pendurou seu chapéu de cowboy ou o que quer que você diga quando um cavaleiro de touros se aposenta, ele colocou seu protegido com o homem que o tornou famoso.

— Yup — reforço o *p* antes de inclinar o copo alto para trás e tomar outro gole que queima minha garganta. Um calor confortável e desconhecido florescendo em meu peito.

Não me lembro da última vez que fiquei bêbada de verdade. Rob me dizia que eu não estava *apreciando os sabores* se eu bebia seu vinho além de um certo volume e eu estava muito ocupada me

fodendo profissionalmente para me soltar. Estudando. Pegando turnos extras. Ficando de plantão.

Tentando acompanhar as expectativas da minha mãe em relação a mim.

— Então, Sofia fica grávida de Summer. Kip conta para sua mãe.

— Marina — corrijo, porque ao longo dos anos passei a usar o nome dela. Ou Dra. Hamilton, já que passamos quase todos os dias trabalhando juntas. — O sonho dela é que eu me torne uma cirurgiã plástica talentosa como ela. Se eu tivesse seguido esse caminho, talvez ainda a estivesse chamando de mãe. Mas o caos e a imprevisibilidade do pronto-socorro me fazem sentir em casa.

— Isso tudo é real? É como se você estivesse contando uma novela para mim. Às vezes, minha mãe me conta sobre o enredo de *The Young and the Restless,* e juro que já ouvi isso antes.

Eu zombo, desejando que minha mãe ligasse e falasse comigo sobre algo tão mundano quanto uma novela. O álcool zumbe em minhas veias e apenas continuo, processando em voz alta ao invés de na minha cabeça pela primeira vez.

— Eu a desafiei pela primeira vez na minha vida, depois de anos sendo sua marionete, e ela virou esse lado cruel para mim sem nem pensar duas vezes. — Minha cabeça balança e Theo me encara com aqueles olhos escuros, parecendo um pouco atordoado. Provavelmente difícil de imaginar quando você tem uma mãe que abraça e fala sobre sua série de TV favorita.

— Eu me pergunto se esse lado cruel é tão hereditário quanto o lado bom de Summer, sabe? Como se talvez essa faceta da minha personalidade estivesse apenas esperando para mostrar sua cara feia. Não quero ser como minha mãe, mas me preocupo se já sou.

— Eu acho que o fato de você estar preocupada com isso significa que você não é nada como sua mãe.

Eu tomo outro gole. Ele é doce. Eu não sou *tão* reflexiva embora. Só estou bêbada e de boca aberta.

— É. Eu sou uma bagunça. Marina jamais se permitiria chegar onde estou.

Sua mão desliza pelo pequeno topo alto circular, seus dedos fortes batendo contra meu cotovelo. — Ei, ei. Sentar aqui comigo não é *tão* ruim assim.

Minha cabeça se inclina ainda mais enquanto deixo meu olhar escaneá-lo preguiçosamente, embora um pouco bêbada. — Não. Concordo. Você é muito agradável aos olhos.

Em circunstâncias normais, eu me encolheria por dizer isso em voz alta. Mas nada sobre sentar neste bar de hotel de cidade pequena é normal.

— Uau. — Ele recua um pouco, segurando as duas mãos para cima, uma expressão dramática enfeitando suas feições perfeitas. — Eu disse que você deveria tentar ser legal, não se destacar nisso.

Meus lábios se curvam lentamente. Ele é engraçado.

Parece que não passei muito tempo com muitas pessoas engraçadas na minha vida.

Inteligente. Acadêmica. Realizada.

Engraçada e legal estão no fim da lista de características que procuro nas pessoas com quem me cerco.

— Eu sou uma esnobe? — eu me pergunto em voz alta, o cérebro soluçando por todo o lugar.

— Se você for, eu gosto.

Meus olhos reviram e eu me mexo no banquinho, sentindo como se pudesse escorregar direto para o chão se continuar me apoiando nessa mão.

— Por que você está revirando os olhos? — Ele toma sua dose e sinaliza para o barman pedindo outra. Os lábios do homem franzem em desaprovação, como se ele pensasse que não precisamos de outra rodada. E eu quase rio.

Estou tão cansada da condenação de todos.

— Você não gosta de mim.

— Eu gosto. — A maneira como ele abaixa o queixo é certa. Não abre espaço para debate.

Bebo o resto da minha tequila, uma gota dela derramando e caindo no meu lábio. Por um momento, o mundo para quando os olhos de Theo pousam em minha boca. Naquela gota de álcool dourado. E quando minha língua desliza para limpá-la, para acabar com sua atenção, seu olhar se aquece de uma forma que não é familiar.

Porque os homens não me olham assim.

Não o com quem sou casada.

E definitivamente não como Theo.

O barulho de copos atrás do bar faz com que todos os sons ao nosso redor voltem à vida, como se alguém tivesse pressionado o botão play depois de apertar a pausa.

Uma risada nervosa surge em meus lábios e eu olho para o bar onde o barman de aparência cansada está limpando uma bagunça de copos quebrados.

— Gosto de você, Winter. Como pessoa. — Os olhos de Theo estão tão concentrados em mim. É enervante. — Por que isso deixa você tão desconfortável?

— Você sempre diz o que quer dizer abertamente assim? É estranho *pra* caralho. — Meus olhos se estreitam. — Qual é o seu segredo?

— Eu não tenho um. Sou apenas um cara legal tomando um drink com uma garota simpática.

Mais duas doses de Anejo caem entre nós, mas nenhum de nós olha para cima. Estou ocupada demais encarando o homem peculiar sentado à minha frente.

— Você é um prostituto. Que é mais novo que eu. E você se parece com *isso.* — Aceno um dedo sobre ele.

— E eu ainda gosto de você.

— E sou uma jovem de vinte e oito anos casada e infeliz–

Theo me interrompe revirando os olhos. — Mencione nossa diferença de idade de *dois* anos como se importasse novamente, e vou zombar de você impiedosamente.

Eu lambo meus lábios. — Ótimo. Sou uma *mulher casada e infeliz* com um armário cheio de bagagem. Só estou tentando passar por uma residência que ninguém aprova.

— Eu aprovo — ele responde, sem mostrar ou piscar, apenas dizendo como se fosse um fato.

— Você me aprova. Mas você não gosta de mim. Isso faz muito mais sentido.

Ele sorri agora, tomando um gole da bebida, e meus olhos caem para ver sua garganta trabalhar enquanto ele engole. A pele morena, a barba por fazer escura, a protuberância pronunciada do pomo de Adão.

Quem diria que a cartilagem tireoide de um homem poderia me atrair?

— Não, Winter. Gosto de você. Pare de me dizer que não.

Uma risada irônica torce meus lábios enquanto bebo e inspeciono o charmoso barzinho. Uma espécie de fascínio vitoriano do velho mundo enfeita o espaço. Um ajuste perfeito para o elegante hotel boutique.

— Eu não sou gostável, Theo. As pessoas não *gostam* de mim. Não realmente. — Eu levanto um dedo e dou a ele um olhar de olhos arregalados, sinalizando que agora não é a hora para ele interromper com seu ato de cara legal. — As pessoas me respeitam porque sou inteligente. Ou porque sou realizada. Mas elas não *gostam* de mim.

O homem à minha frente me encara. Eu posso vê-lo revirando minhas palavras em sua cabeça. Ele se inclina para frente e para trás como se ele estivesse considerando tudo o que acabei de dizer.

— Eu acho que gosto de você porque você é um tipo de beleza de parar o coração e cair o queixo.

Meu rosto não revela nada. Ninguém jamais elogiou minha aparência sobre meu cérebro e eu... nem sei o que fazer com isso.

— Você está fodendo comigo? — eu deixo escapar.

— Não. — Ele se inclina para trás em seu banquinho, os bíceps protuberantes de uma forma perturbadora enquanto seus olhos me examinam com apreciação. — Eu definitivamente gosto de você porque você é gostosa. E porque você pronuncia seus palavrões tão claramente. Você sabia que as pessoas que xingam são mais honestas e confiáveis do que as que não xingam?

Minha mandíbula se abre e então eu sinto. É estranho, mas não há como me parar. Eu deixo cair minha cabeça em meus braços cruzados sobre a mesa e começo a rir. A risada machuca minha garganta enquanto tento silenciá-la. Ela vaza dos meus olhos, não importa o quanto eu tente contê-la. Ela sacode meus ombros quando me ultrapassa.

E o profundo barítono da risada de Theo se junta a mim, torcendo com a minha como uma sinfonia.

— Mas também tive muitas concussões. Portanto, meu julgamento pode estar errado — acrescenta ele entre as risadas.

Estou bêbada o suficiente, apenas tonta o suficiente, para rir ainda mais. — Foda-se — eu suspiro, sentando-me e enxugando os olhos.

— Sim, você precisa dar menos disso.

— O quê? — Pego a tequila, precisando lubrificar minha garganta depois do meu ataque de riso.

— Você precisa se importar menos.

Eu ofereço um encolher de ombros exagerado e reviro meus lábios enquanto o álcool corre direto para minha corrente sanguínea.

— É tipo isso. — Theo estica um braço tonificado, agarra meu banquinho e o puxa ao redor da pequena mesa redonda. Ele nos une. Deixando-nos cara a cara, então a parte externa dos meus joelhos pressiona contra a parte interna de suas coxas. Aquele cheiro cítrico picante me envolve. A vontade de me inclinar para frente e acariciar seu pescoço me atinge como uma tonelada de tijolos.

Estamos muito perto.

Mas ele não parece notar. Ele apenas se vira e coloca as mãos espalmadas em suas coxas bem construídas, todos os dez dedos esticados. — Finja que você só tem dez fodas para dar...

— Ah, acho que me lembro desse problema de matemática da segunda série.

Ele ignora minha zombaria e segue em frente. — E quando você fica sem fodas, você está esgotada. Torcida. Esticada muito fina.

Meus olhos reviram. — Bom Deus.

— Mas você está aqui dando a mínima para a sua mãe sobre a carreira que você já sabe que quer, dando a mínima para Summer por causa de um deslize que ela parece não saber que existe, dando pelo menos algumas para o seu marido que faz você miserável.

Ele dirige um olhar aguçado para mim que diz que ele também conhece essa história. Eu me encolho um pouco.

— Acabei de ver você dar uma foda para essa história, como se eu estivesse julgando quando não estou. Então, estamos em... — Nós dois olhamos para suas mãos. — Você tem quatro fodas restantes para dar e então você está esgotada. — Ele está em um rolo agora. — Tenho certeza que você deu uma foda para o barman quando ele tinha toda aquela expressão amarga e crítica no rosto depois que pedimos outra rodada. Quero dizer, vamos lá, Winter. Aquele cara? Ele acabou de deixar cair uma bandeja inteira de copos. Você só tem três agora. Por que você desperdiçou uma com ele?

Eu suspiro. — Esta é a matemática mais estúpida que já encontrei. E eu dando *fodas* para as pessoas... o jeito que você está dizendo isso me faz soar...

Suas sobrancelhas escuras se erguem. — Soar o quê?

— Parece que estou apenas fodendo as pessoas a torto e a direito. — Eu rio. Preciso. — Por favor, não diga nada sobre eu dar uma foda para o meu pai por me abandonar. Eu nunca vou me recuperar.

— Não precisa. Você mesma acabou de admitir.

Ele dobra outro dedo para baixo e, enquanto o observo, percebo que estou espelhando-o. Mãos espalmadas na extensão de pele nua entre minhas meias e a borda do meu vestido, os dedos se curvando toda vez que ele marca uma foda.

Dois fodidos olham para mim, um dos quais ostenta uma simples faixa de ouro. Eu a uso para que o diamante que Rob comprou para mim não rasgue minhas luvas médicas.

Olho para Theo. Ele está me observando com tanto cuidado. Sua pele é tão lisa, tão bronzeada. Suas feições tão escuras. Sua persona tão... *divertida.*

A antítese de tudo na minha vida.

E de repente eu dou a mínima para o que ele pensa de mim também.

Dobro outro dígito sem dizer uma palavra. Ele me observa fazendo isso, mas sua mão quente cobre a minha, um roçar de seus dedos calejados na minha coxa enquanto ele pega meu dedo anelar e o puxa para fora.

— Não me venha com isso, Winter. Eu não preciso disso. Não estou julgando você. E você está a apenas duas fodas de chegar ao fundo do poço.

Fundo do poço. O par insano de palavras envia uma pontada de excitação pelo meu corpo. *Fundo do poço.* Dito com um rosnado leve em sua voz enquanto ele se inclina para mim tão intimamente. Eu cruzo minhas pernas e aperto para aliviar a dor entre elas.

— Deus. — Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, empurrando-o para trás e longe do meu rosto. — Você está me

dizendo que não dá a mínima para o que as pessoas pensam de você?

Ele dá de ombros e inclina a cabeça na minha direção. — Eu tento não.

Ele está tão perto, todo tequila e tangerinas e olhos profundos de chocolate. — Eu vi você esta noite. A maneira como você ficou rígido quando foi chamado de conquistador de mulheres.

Seu olhar salta entre meus olhos, e Deus, eu me sinto vista. Minha pele coça sob a pressão de seu olhar. Ninguém nunca olha para mim tão de perto. Com tanto discernimento.

— Mudar suas listras nem sempre é fácil.

— Acho que o ditado é literalmente que um tigre *não* muda suas listras.

Sua língua pressiona seu lábio inferior enquanto ele balança a cabeça um minuto. — Então vamos chamá-lo de dálmata mudando suas manchas. Eles nascem sem elas, você sabe.

— Então, você não é um prostituto total?

Sua boca se contorce. — Estou superando essa fase. Mas as pessoas veem o que querem. Imagine se eu desse a elas todas as minhas fodas por causa disso quando sei lá no fundo que tipo de homem eu sou?

Homem. Sim. Homem.

Meu cérebro gagueja com isso. Porque Theo é todo homem, todo linhas masculinas, cores escuras rodopiantes, toques suaves – comportamento cavalheiresco.

Ok, ele é charmoso como o inferno.

— Quando não venci no final desta temporada, coloquei como meta redobrar o foco. Crescer um pouco. É por isso que estou aqui, treinando com Rhett e Summer. Mais exercícios, menos... diversão. Todo o trabalho e nenhuma diversão fazem de Theo um menino chato.

Diversão. Cada palavra que esse homem diz tem que soar sexual? Juro que ele nem está tentando, mas suas palavras arranham minha pele como a ponta de seus dentes, como sua barba por fazer. Não há uma única coisa maçante sobre Theo Silva.

Na verdade, ele pode muito bem ser um letreiro em néon gigante, piscando para que eu me afaste. Porque as pessoas me machucaram, minha capacidade de confiança é praticamente nula. E ainda...

— Eu realmente poderia me divertir um pouco. — Meu joelho bate no dele quando me viro para ele, uma ideia florescendo em minha mente.

Uma ideia *muito* ruim.

— Menos fodas e mais diversão. Eu gosto dessa estratégia para você.

A maneira como seus lábios se abrem quando ele diz *foda* faz meu estômago apertar, minhas inibições balançando ao vento. E se eu as largasse e desligasse meu cérebro um pouco? E se eu fizesse algo só para mim? Algo que a sensação fosse boa.

Deus sabe que Rob nunca foi eficaz em me fazer sentir bem. Não do jeito que aparece nos filmes ou soa nos livros. Quando o

coração da mulher dispara e sua pele se arrepia só porque um homem está olhando para ela.

Theo me olha assim. Como se eu pudesse ser sua próxima refeição.

— Talvez o que eu realmente precise seja de mais fodas? — Oof. Isso soou muito mais legal no meu cérebro com tequila do que em voz alta.

— Você só consegue dez para o propósito do exemplo.

Eu mordo meu lábio inferior. — Isso não foi o que eu quis dizer.

Ele deve ver isso em meu rosto, porque ele recua, os lábios carnudos se abrindo enquanto seus olhos ardem. — Você está me propondo?

Eu zombo e pisco para longe. — Não.

Ele não diz nada e quando volto minha atenção para ele, confesso: — Ok, talvez. Apenas por diversão. Eu quero saber como é isso. — Uma imagem de Rob surge na minha cabeça e eu a jogo fora. Ele não é permitido aqui neste momento. Preciso ser eu mesma. Preciso estar livre dele se vou fazer isso. — Acho que não sei o que é ser fodida direito.

Diversão e choque guerreiam em seu rosto. — Você oficialmente bebeu demais.

— Eu não bebi. Você só está usando isso como desculpa. Se você não estiver interessado, apenas seja direto. Eu sou uma médica. Entendo como funciona a biologia da atração. Você não pode forçar. Entendo.

Quando olho de volta, a expressão em seu rosto é primitiva. Ele é lindo, e instantaneamente fico impressionada com a percepção de que sou uma idiota. Esse homem está fora do meu alcance. Ele é bonito demais. Experiente demais.

— Você sabe o quê? Esqueça que eu disse alguma coisa. Tenho toda essa coisa de solteirona tensa acontecendo e não culpo você por–

— Winter. Eu teria fodido você adequadamente na sala dos fundos daquele posto de gasolina se você tivesse me pedido.

Eu congelo com suas palavras.

— Não vou sentar aqui e fingir que não pensei nisso a noite toda. — Seus olhos ficam vidrados e examinam meu corpo de uma forma astuta, como se ele pudesse ver minha pele corar e meus mamilos endurecerem. Suas pernas apertam as minhas. Prendendo-me. — Esse vestido poderia ser tão *facilmente* puxado para cima. Mas... — Sua cabeça se inclina para o copo na mesa ao nosso lado. — Nós consumimos muita tequila. Não quero que se arrependa de nada.

Arrepender? Olho para ele como se fosse um paciente e me pergunto se alguma mulher solteira já se arrependeu de ter transado com Theo Silva. Parece altamente improvável.

E eu quero descobrir.

Pela ciência.

Então tomo o resto da minha dose e tiro uma caneta da minha bolsa. Virando o porta-copo para o lado em branco, escrevo:

Eu, Winter, juro legalmente que não estou bêbada demais para...

Eu olho para ele. — Com o que você está preocupado? Eu não tenho orgasmos, então a ingestão de álcool não importa.

Ele pisca uma vez, lento e metódico, aqueles cílios grossos e escuros enxugando um lampejo de irritação em sua estrutura óssea perfeita. — Consentimento, Tink. Estou preocupado com o consentimento. O resto não é problema. — Sua voz cai para um rosnado baixo. — Você chegaria lá comigo. Eu me certificaria disso.

O calor açoita minhas bochechas, desce pela minha garganta e lava meu peito. Ele é tão confiante. Tequila ou não, falar descaradamente assim é novidade para mim. Então, em vez de discutir com ele, uso a mão trêmula para terminar a frase:

consentir.

Quando eu espreito, nossos olhos se encontram. Estou praticamente ofegante e ele está apenas sentado aqui, vibrando com energia sexual, os dedos cerrados em torno da borda da mesa.

Eu mordo o interior da minha bochecha e deixo cair seu olhar antes de assinar meu nome.

Winter Hamilton.

Meu nome de solteira.

Ele registra isso também, porque quando olho de volta para ele, seu olhar permanece fixo no escrito.

— Eu pensei que era Valentine?

— Não é. Os papéis do divórcio estão guardados no meu carro. No meu caminho para cá, eu os peguei. Eu sou uma pessoa

privada. Não preciso que meu divórcio conturbado seja uma conversa de jantar.

Ele balança a cabeça, procurando meu rosto. Em seguida, a ponta de sua língua espreita por entre os lábios enquanto ele olha para o descanso. — Então este é um... contrato sexual?

— Essencialmente, sim. — Eu me sinto uma idiota, mas também sinto que, pela primeira vez em muito tempo, não me importo. Cada passo que dei para longe daquela casa hoje foi um dominó caindo. Um após o outro. Agora, só falta um, e estou prestes a jogá-lo direto no colo de Theo Silva.

— Bem, esta é a primeira vez. — Os dedos de Theo cobrem onde assinei meu nome e os imagino em meu corpo. *Dentro* do meu corpo.

— Eu acho que... — Coloco a mão na minha garganta, como se isso fosse me forçar a continuar usando minhas palavras quando tudo que consigo pensar agora é ele me tocando e a forte pressão entre minhas pernas. — Isso mantém as coisas muito claras. Para nós.

Ele se inclina para perto, seu comportamento mudando bem diante dos meus olhos. A respiração quente e úmida dança ao longo da concha da minha orelha enquanto sua voz profunda ressoa contra a minha pele. — A clareza contratual nunca me deixou mais duro.

Meu corpo ganha vida, embora eu saiba que ele está me provocando. Eu me forço a engolir e aceno enquanto mudo meus olhos para encontrar os dele.

— Não sei se uma sentença em um descanso de copos se sustentará em um tribunal.

— Uma noite — eu respondo. — Isso é tudo. Não estou equipada para mais nada. Estou muito fodida. Levá-lo ao tribunal envolveria vê-lo novamente, e não pretendo fazer isso.

Sua garganta funciona mais uma vez.

— E nunca contamos a ninguém. Apertamos as mãos e vamos embora, como adultos maduros com um contrato.

— Winter... — Ele não ama essa parte.

Eu empurro o porta-copo para ele, sentindo-me mais exposta do que nunca, bem, possivelmente. Minha voz treme. — Assine ou vou para a cama. Meu ego é muito frágil para isso agora.

Seu olhar se suaviza em mim, o calor naquelas profundezas de chocolate aquecendo meu exterior frio. Observo as veias de sua mão incharem quando ele pega a caneta. Os tendões de seu antebraço ondulam enquanto ele escreve.

Apenas uma noite. Nunca contamos a ninguém. Mas eu provavelmente vou implorar a você por outra rodada, eventualmente.

Theo Silva

Até a caligrafia dele é linda.

Ele parece presunçoso quando desliza o porta-copo de volta sobre a mesa para mim. Levanto o pedaço de papelão e o olho, como se realmente estivesse lendo um contrato. *Outra rodada* – até parece. Mas vou deixá-lo dizer a última palavra.

Estendo o porta-copo e ele o pega, seus dedos quentes envolvendo os meus. Ele leva minha mão à boca e dá um beijo firme no topo dela, causando um arrepio na minha espinha.

Ele sorri, e quero pisar em seu pé. Eu odeio o quão óbvio isso é. Quão anormalmente aconteceu. Como ele é *sábio.*

Mas eu também quero muito isso.

Seguramos uma última dose de tequila e, honestamente, preciso de coragem líquida. Nossos copos tilintam enquanto batemos.

Seus olhos se fixam nos meus com um nível de intensidade que grita para eu ter cuidado. E então ele diz: — Vou arruinar você esta noite.

Nós tomamos a bebida, sem desviar o olhar um do outro. Eu bato meu copo com mais força do que o necessário. É alto, como a espingarda em uma corrida sinalizando que é hora de ir.

Ele inclina a cabeça para mim. Mais uma garantia silenciosa.

Eu concordo.

Ele concorda.

E sem outra palavra, ele entrelaça seus dedos nos meus e me leva para fora da área do bar e para o elevador.

Quando a porta se fecha, aquele último fio de controle entre nós se rompe. É um ping audível no pequeno espaço privado.

Ele me puxa para seu peito, dedos instantaneamente emaranhados em meu cabelo solto.

Tudo o que posso ouvir é o baixo pesado do meu coração bombeando sangue em minhas veias.

Tudo o que posso ver são suas bochechas rosadas e lábios carnudos.

Tudo o que posso sentir é a pressão de seu comprimento duro como pedra contra o meu estômago.

Ele me olha diretamente nos olhos e agarra a parte de trás do meu crânio rudemente com uma mão enquanto a outra puxa meu lábio inferior. — Mal posso esperar para ver como você fica linda quando goza com meu nome em seus lábios.

6

Theo

Rhett: Você e Winter voltaram em segurança? Summer disse que Winter nunca respondeu a ela.

Theo: Sim. Ela estava cansada e mal-humorada. Acho que ela foi para a cama.

Rhett: Sim. Ok. Academia às 11?

Theo: Vejo você lá, velho.



— Theo. Você está um saco de merda esta manhã.

Eu caio de volta no tatame e decido que vou morrer aqui em uma poça de suor. — Summer, você parece doce, mas você é meio irritante.

Do tatame ao meu lado, Rhett se vira e chuta meu tênis. — Fale com ela assim de novo. Atreva-se.

— Rhett, vinte e cinco flexões com salto por agredir um cliente. — Sua noiva sorri presunçosamente para ele de onde está sentada

em um banco. Ou como eu apelidei na minha cabeça, o *Trono da Tortura.*

Rhett zomba como se ela estivesse brincando, mas ela inclina a cabeça para ele e cruza os braços sobre o moletom da Hamilton Athletics.

— Você é malvada. E Theo?

— E ele? — A voz de Summer é toda açucarada e divertida.

— Cara, cala a boca. Apenas deixe-me morrer em paz. — Passando um braço úmido sobre meu rosto, sinto um cheiro forte de álcool. Estou literalmente suando tequila.

— Ele estava claramente fora a noite toda — diz Summer. — Provavelmente fazendo bebês em toda a América do Norte nesse ritmo.

— Por favor. Eu sempre embrulho. — A verdade é que, desde que peguei a estrada no outono passado, não houve ninguém na minha cama. Deixo cada um acreditar no que quiser, mas estou mudando.

Rhett arqueia uma sobrancelha. — Você não está negando ter saído com alguém ontem à noite, está?

Eu gemo de aborrecimento, mas Summer se inclina para frente, os olhos brilhando de interesse. — Quem era?

— Tive uma longa noite romântica com a mão direita. — Eu não beijo e conto. Especialmente no que diz respeito a Winter. Vou levar isso para o túmulo. A menos que ela volte para mais.

— Você acendeu uma vela? — Rhett ri da própria piada.

— Por que você ainda está deitado aí, Eaton? — Summer o ataca. — Eu disse me dê vinte e cinco ou vou fazer você entrar em uma aula de Zumba.

Eu bufo. — Foda-se. Eu pagaria muito dinheiro para ver isso acontecer.

Rhett chuta meu pé de brincadeira de novo enquanto me empurra para ficar de pé.

— Quem foi mesmo, Theo? — Summer não está deixando isso passar.

Sento-me e apoio os cotovelos sobre os joelhos dobrados, olhando-a nos olhos. — Não foi ninguém. E se fosse, eu jamais andaria por aqui falando sobre isso. Você vai ter que conseguir as fofocas de sua cidadezinha em outro lugar.

— Tudo escapa em uma cidade deste tamanho. Você precisa ter cuidado se planeja passar mais tempo aqui, Theo. — Ela assume um tom mais sério comigo agora.

Nunca contamos a ninguém. Eu mesmo o escrevi e nunca trairia a confiança de Winter. Muitas pessoas em sua vida o fizeram e não importa o que somos ou se eu nunca mais a verei – não serei outra pessoa que a decepcionará ou mentirá para ela.

Eu dou de ombros e seguro seu olhar, porque não estou dizendo nada. — Ninguém.

Rhett está pulando ao meu lado, bufando e ofegante. Mas Summer? Summer está apenas olhando para mim. É *quase* como se ela soubesse. Mas como ela poderia? Eu não acho que uma

única pessoa jamais imaginaria que Winter e eu acabaríamos juntos.

Eu sou um montador de touros e ela é médica.

Eu sou fogo e ela é gelo.

Ela quer me esquecer e agora não consigo parar de pensar nela. Seu lado mais suave. O jeito que ela se abriu comigo. A maneira como ela choramingou meu nome quando–

— Vinte e cinco flexões com salto, Silva. — Os lábios de Summer se abrem em um sorriso maligno.

— Você está brincando comigo?

Rhett está muito ofegante até para zombar de mim, mas quando olho para ele, posso ver suas bochechas barbadas esticadas em um sorriso.

— Não. Levante essa bunda.

— Eu pensei que tinha acabado? — reclamo, mas faço o que ela diz, porque prometi a mim mesmo que deixaria meu pai orgulhoso nesta temporada. Ele pode ter morrido montando um touro, mas o fez com alguns campeonatos em seu currículo.

Ele orientou Rhett, e Rhett tem dois.

Eu quero *um.* Eu quero uma fração de sua grandeza. Eu ficaria feliz em ter um pouco do sucesso deles para poder fazer parte desse legado também.

Eu quero ser mais do que a criança selvagem da World Bull Riding Federation e uma postura fantástica.

Então, eu começo minhas flexões.

Summer sorri para mim e balança a cabeça. — Uau. Você realmente não deve querer que ninguém saiba sobre a noite passada.

— Ele está apenas... irritado que ele já... falhou em seu objetivo — Rhett bufa ao meu lado quando eu começo meu primeiro salto no ar. Meus músculos se revoltam contra mim enquanto incito meu corpo a voltar à ação depois do que já foi um treino de duas horas.

— Qual era o seu objetivo, Theo?

Eu ignoro os dois.

Claro, pisei no objetivo que compartilhei com Rhett durante uma de nossas conversas, mas não vou explicar a eles que isso foi diferente de alguma forma. Isso não foi apenas mais uma–

— Algo sobre viver como um monge na próxima temporada para ajudar com seu foco.

Rhett ri enquanto se inclina, e me pego torcendo para que ele caia. A agitação me empurra mais forte. Enquanto continuo, sinto os olhos de Summer em mim.

Avaliando. Ela analisa as coisas muito de perto. Vê demais.

— Você cheira a tequila — diz ela, claramente optando por não se envolver com o noivo.

Assim que me junto a Rhett de volta ao tatame, bufando e desejando que eu estivesse morto, ele se vira e sorri para mim. — Eu sabia que você nunca seria capaz de manter seu pau nas calças.

Embora seja uma piada, suas palavras ferem. Elas também são o empurrãozinho de que preciso para me motivar, porque quero o respeito do meu mentor. Não quero ser o alvo de uma piada ou visto como a criança que nunca cresce. Quero perseguir meus sonhos e provar a mim mesmo que posso fazer as coisas que me proponho.

Eu não quero ser o caso de uma noite que costumava coçar uma coceira. Quero que uma mulher como Winter Hamilton – bonita, inteligente e de língua afiada – olhe para mim e veja um futuro.

7

Winter

Marina: Então você largou o emprego, largou o marido e agora não atende minhas ligações?

Winter: Parece que você descobriu tudo sozinha.

Marina: Ligue-me de volta.

Winter: Quanto mais penso nisso, menos tenho a dizer a você.

Marina: Eu criei você melhor que isso. Mais forte do que isso. Mais focada do que isso.

Winter: Não me lembro de um único abraço.

Marina: O quê?

Winter: Você nunca me abraçou. Nunca me consolou.

Marina: Era para isso que servia a babá.

— Bem, merda. Parece muito bom aqui. — Sloane está com as mãos apoiadas nos quadris estreitos, observando a pequena casa com uma expressão satisfeita no rosto.

Meu aceno parece um feito hercúleo. Nas últimas três semanas, experimentei um turbilhão de emoções e tomei decisões que mudaram minha vida. Por ser muito vadia para conviver com pessoas alegres, passei o Natal sozinha num hotel, sonhando com Theo Silva passando as mãos ásperas por todo o meu corpo e tentando recriar a sensação com as minhas.

Não que eu fosse admitir essa última parte em voz alta.

Mas há algo inesquecível sobre a sensação de seus calos deslizando sobre minha pele. A maneira como ele me tocou como se não conseguisse o suficiente. Suas palmas nunca pararam de me explorar, e me adorar.

Eu limpo minha garganta. — É. Sim. Parece bom.

A mulher loira ao meu lado sorri com orgulho e não posso deixar de sorrir de volta.

Parece infantil, mas de alguma forma Sloane abriu caminho para minha vida nas últimas semanas. Ela é prima de Rhett e diz que acha que me conheceu na hora certa. Ela diz que precisava de alguém como eu em sua vida, mas a coisa é... acho que sou eu quem precisava dela.

Nós duas enfrentamos muitas reviravoltas no pouco tempo que nos conhecemos. A diferença é que a agitação dela a levou a ficar com sua paixão de infância – o jogador de hóquei que a trata como uma deusa – e a minha me levou a dar os papéis do divórcio a Rob, largar meu emprego no hospital da cidade e me mudar para uma casa alugada em Chestnut Springs.

Olhando para Sloane agora, toda sorrisos e cabelo bagunçado, suponho que também me levou a ter uma amiga.

Possivelmente minha única amiga em uma vida cheia de conhecidos e colegas de trabalho. E só isso já faz tudo que passei valer a pena.

— Devemos mudar um pouco a TV? Pode pegar muita luz lá durante o dia.

Eu bufo e me jogo no sofá atrás de mim. — Eu trabalho horas insanas. Duvido que estarei assistindo à TV durante o dia.

— E os dias de folga? — Sloane segue o exemplo, caindo no sofá novo e confortável ao meu lado.

— Sim. Eu acho que sim.

— Ou você vai estar muito ocupada saindo com sua nova vizinha legal? — Ela balança as sobrancelhas para mim, e não posso deixar de rir. Ela e Jasper moram no bangalô ao lado. Na verdade, Jasper é dono de todo o quarteirão, uma fileira de casas deste lado e os negócios do outro que dão para a rua principal. Sloane tem restaurado cuidadosamente cada um de volta à sua glória original para que possam alugá-los.

— Você acha que vai manter os dois empregos agora que se mudou para cá?

Eu dou de ombros e deixo minha cabeça afundar no tecido macio e aveludado atrás de mim. Exceto que não é veludo, é microfibra, porque Rob pode ser rico como cirurgião cardiotorácico, mas ainda sou apenas uma residente.

Sabor aveludado, preço de microfibra. Essa sou eu. Winter *Hamilton.* E eu estou bem com isso.

Vinte e oito anos, quase divorciada. Ex-marido que me odeia, porque a única coisa em que ele é melhor do que consertar corações é bancar a vítima. Mãe que está na minha cara, porque a miséria adora companhia e ela escolheu viver uma vida miserável. Um pai que é tão desajeitado perto de mim como sempre foi – Deus o abençoe. E uma irmã distante que parece menos distante a cada dia.

Esse é o ponto positivo em virar minha vida de cabeça para baixo. Eu realmente joguei tudo na gasolina, larguei o fósforo e disse *foda-se*.

— Eu parei hoje. Ter que trabalhar no mesmo hospital que minha mãe e Rob? Não, obrigada. — Aponto um dedo em minha boca aberta e faço um barulho de engasgo.

E fazer isso me deixa um pouco enjoada. Um pouco tonta.

Sloane ri, toda leve e arejada, enquanto eu respiro fundo, tentando controlar meu estômago embrulhado. — Bom para você.

Eu aceno e ela continua. — Podemos pendurar a decoração amanhã. Vou ajudá-la a desempacotar mais. Podemos recrutar Jasper quando ele voltar de sua viagem. Eu gosto da colocação de todos os móveis embora.

— Isso soa bem — eu sussurro, lambendo meus lábios e deixando meus olhos se fecharem.

— Quer tomar uma bebida? Um lanche? Algo? Caso contrário, vou ficar acordada até tarde trabalhando na outra casa.

— Você precisa de um programa HGTV. — Dou a ela um sorriso amarelo, mas não me mexo. Se ficar parada e pensar no ar frio entrando pelo meu nariz, eu me sinto bem.

— Oh, meu Deus. Eu preciso! Esse é o sonho. — Sua mão bate no meu joelho antes de se sentar, explodindo de energia. — Devemos ir?

Eu faço contas simples na minha cabeça, penso em padrões numéricos, não jogando a comida chinesa de antes em todo o meu novo sofá de microfibra.

— Acho que vou passar. — Minha voz soa ofegante e meu coração troveja contra meu esterno. Parece tão alto que me pergunto se Sloane pode ouvi-lo.

— Você está bem? — Seus dedos pulsam em meu joelho enquanto a preocupação aparece em sua voz.

Vinte e oito menos sete é igual a vinte e um.

Ovulação.

Eu me viro e olho para ela. — Apenas meio apagada agora. Acho que vou descansar. Rastejar para a cama.

Seus olhos carregam tanta preocupação. Sloane é uma das pessoas mais genuínas que já conheci. Ela é doce, mas não doentiamente. De vez em quando ela diz algo inapropriado e então ri para si mesma sobre isso.

Eu gosto disso nela. Ela é identificável.

— Tem certeza?

Dividido por sete é igual a três.

Início do ciclo.

Eu ofereço a ela meu sorriso mais convincente, mas sou uma péssima atriz. Tenho certeza de que o olhar que dou a ela é apenas uma carranca com meus lábios ligeiramente virados para cima.

Ela bufa e se levanta. — Você parece um serial killer quando faz isso. — Ela congela antes de girar de volta para mim com uma risada. — Imagine isso! Eu ajudo essa simpática médica que acho que é uma nova amiga a se mudar para a casa ao lado da minha. Mas acontece que ela é uma serial killer e está apenas planejando meu assassinato. — Ela ri. — *Isso sim* seria uma boa história.

Eu esfrego minhas têmporas. — Parece um livro de Catherine Cowles.

— O quê? — Sua cabeça se contorce.

— Nada. Vou ler na cama.

Três semanas atrás foi o sábado antes do Natal.

— Ok. Mande uma mensagem quando estiver acordada e pronta para terminar este lugar pela manhã. — Sloane se inclina e me dá um beijo leve na bochecha. — E, por favor, não me mate esta noite.

Eu iria rir, mas se abrir a boca vou vomitar no sofá de microfibra. O vendedor me disse que limpa fácil. Eu me pergunto distraidamente *com que facilidade*.

No sábado antes do Natal foi o jantar no Wishing Well Ranch.

Sloane está rindo enquanto ela desliza em seus UGGs e sai.

Ela está feliz e despreocupada, contando piadas sobre assassinos em série.

E eu estou fazendo contas na minha cabeça. A matemática com a qual estou dolorosamente familiarizada, porque passei os últimos dois anos tentando desesperadamente engravidar. Lágrimas, tiras de ovulação positivas, testes de gravidez negativos, consultas de fertilidade.

De todas as vezes que calculei obsessivamente esses números na minha cabeça, minha matemática estava certa uma vez. O teste deu positivo *uma vez.*

Foi a maior alta. Mas terminou em perda, dor e o mais baixo nível.

Agora, minha matemática está certa novamente.

Wishing Well Ranch foi onde conheci Theo Silva.

Winter: Você tem acesso à academia? Você dança lá depois do expediente às vezes, certo?

Sloane: Sim. Às vezes, quando não consigo dormir. Eu uso o estúdio de Zumba.

Winter: Posso fazer você me deixar entrar?

Sloane: Mas são 22h.

Winter: Sim, eu sei. Acabei de sair do trabalho.

Sloane: Posso perguntar por que você precisa entrar na academia da sua irmã depois do expediente?

Winter: Você pode perguntar, mas eu não vou contar.

Sloane: Tem a ver com sua trama de assassinato?

Winter: Sim. Estou fazendo de você minha cúmplice.

Sloane: Novo nível de amizade desbloqueado! Estarei na frente em cinco minutos.

— Você quer que eu entre com você? — Sloane me dá um olhar preocupado enquanto estamos do lado de fora da academia escura.

O ar frio é bom depois da náusea interminável com a qual vivi durante meu turno. O cheiro de antisséptico que normalmente considero reconfortante se voltou contra mim da maneira mais cruel. Até finalmente falar com Marina me deixou mais enjoada do que o normal. Mas dizer a ela para parar de entrar em contato comigo também foi bom. Eu me senti forte. Eu me senti aliviada por saber que nunca sujeitaria outro humano à toxicidade dela.

Hilariamente, assim que parei de me importar com o que ela pensava de mim, parei de me importar com a opinião dela, mas hoje eu poderia ter vomitado em meu telefone com o mero som de sua voz.

— Não, está bem.

— Eu estou indo de qualquer maneira. — Sloane passa apressada por mim, nossos casacos de inverno fofos roçando um no outro e fazendo um barulhinho enquanto ela vai direto para o teclado numérico onde digita um código.

Sloane se vira e me encara com expectativa.

— Você vai fazer algum comentário espertinho sobre eu ter vindo aqui para fazer algo cruel com minha irmã? — pergunto.

Suas sobrancelhas franzem. — Por que eu pensaria isso?

Meus olhos rolam no tempo com meus braços cruzados. — Todo mundo pensa isso.

— Acho que você é muito mais agradável do que imagina. — Eu arqueio uma sobrancelha para a outra mulher, e sua cabeça balança para frente e para trás enquanto ela sorri. — Quando você quer ser.

Eu solto uma risada. — *Agradável quando eu quero ser* pode ser meu slogan.

Sinceramente, é inteligente. Como se ninguém realmente gostasse de mim quando estou no meu pior. Sou agradável quando coloco uma cara sorridente e feliz. Mas e quando eu desmorono? Então, tudo o que recebo são críticas e reprimendas.

— Ok, bem, só preciso de alguns minutos.

— Para quê?

— Para verificar algo no computador.

Os olhos de Sloane ficam comicamente arregalados. — Eu pensei que assassinato era a coisa certa. Mas você está perseguindo alguém?

Eu pressiono meus lábios e tento trancá-los com uma chave antes de jogá-la fora. A verdade é... isso *é* uma espécie de perseguição.

Mas depois de confirmar o que já sabia com um teste de gravidez positivo esta manhã, sei que preciso falar com Theo. Porque nosso segredo de uma noite não é mais tão secreto.

Acho que ainda estou em choque. Depois de anos tentando e falhando, não consigo encontrar em mim para ficar chateada. Chorei no banheiro do hospital enquanto olhava para aquele pequeno sinal de mais rosa.

Chorei lágrimas de felicidade.

Porque não importa o quão não planejado isso seja, não posso deixar de ver isso como uma bênção. *Algo* aparecendo para Winter depois de ser empurrada para baixo tantas vezes.

Algo só para mim.

E isso me deixou com um outro problema para enfrentar. *Entrar em contato.*

Sloane ri, mas se vira, oferecendo-me privacidade enquanto me esgueiro até a recepção e ligo o computador. Minha esperança é encontrar as informações de contato de Theo listadas no banco de dados da academia.

Eu poderia perguntar a Summer, mas isso levaria a perguntas. Se eu entrar em contato com meu pai, que é seu agente, isso

levaria a perguntas *e* conversas estranhas. E também não quero lidar com isso.

Mal conheço Theo, mas sei que preciso contar a ele. Ele merece saber, e ele merece saber antes de qualquer outra pessoa. Ele é imprevisível, mas há algo profundamente carinhoso nele. E não importa qual seja a nossa situação, há uma parte de mim que acha que ele seria um ótimo pai.

E se ele não quiser isso, estou bem com isso também. Mas ele merece uma escolha.

Não consigo pensar em nada pior do que todos ao seu redor sabendo de algo tão pessoal antes mesmo de você ter a chance de processar.

Eu sei tudo sobre a necessidade de tempo para processar.

É por isso que estou com medo de contar a todos essa notícia e depois perder o bebê como da última vez. Ter roupas, brinquedos e planos. Todos prosperando com aquela empolgação, apenas para vê-los despejar condolências que eu nem consegui suportar.

Se vou lamentar uma perda novamente, quero fazê-lo em particular.

Mordendo o lábio, tento navegar no software procurando por... *membros*. Ali! Com um clique rápido, uma lista de nomes preenche a página. Eu navego até a lupa em miniatura no canto e digito *Theo Silva*.

Outra janela aparece com suas informações. Um endereço residencial em Emerald Lake, uma cidade universitária em British Columbia. Um contato de emergência chamado Loretta Silva, que

soa como o nome de uma mulher que iria morar em um rancho e é muito mais adequado para a esposa de um cavaleiro que foi um ícone do circuito. (Obrigada, Google.)

E então eu vejo. O número do celular dele. Pego um bloco de post-it e rabisco o número antes de sair de cada janela do computador, querendo ter certeza de que parece que nunca estive aqui.

Em segundos, estou contornando a mesa na ponta dos pés, como se alguém pudesse ouvir, embora esteja completamente vazio aqui.

— Pronto. Obrigada — eu sussurro para Sloane enquanto me aproximo dela.

Ela se vira agora, tendo sido totalmente respeitosa. A cúmplice perfeita, não agressiva ou intrometida.

— Você limpou o teclado?

Minhas sobrancelhas se juntam. — O quê?

— Você sabe. Para limpar as impressões digitais.

— Você está...

— Cuidando de você? Sim. É para isso que os amigos servem.

Eu bufo, porque *acho* que ela está brincando. — Nenhum crime foi cometido aqui esta noite.

— Tem certeza disso?

Minha boca torce enquanto considero isso. — Não sei. Sou médica, não advogada. Pode ser um crime *leve*.

Ela ri enquanto reinicia o alarme. — Eu gosto disso. Espero que a polícia aprecie sua marca.

Saímos pela porta e é a minha vez de rir. Exceto que meu estômago está se contorcendo por dentro. Não estou preocupada com a polícia, mas a realidade do que estou prestes a contar a um homem que mal conheço me atinge e posso sentir a ansiedade crescendo em meu peito.

Esfrego a palma da mão ali para diminuir. E mesmo enquanto Sloane e eu nos demos boa noite, continuo a empurrar meu esterno.

Não paro até estar sentada no meu sofá de microfibra, olhando para o pedaço de papel amarelo-claro.

O que eu fiz? Como deixei isso acontecer? Usamos preservativos.

E preservativos estouram.

É uma sensação peculiar ter tudo o que você sempre quis, mas não da maneira que imaginou. Eu sou essa garota desde criança. Aquela que carregava uma boneca para todo lugar e a empurrava em um carrinho minúsculo. Eu estava emocionada por ter uma irmãzinha até que minha mãe arruinou tudo para mim.

Eu sempre quis ter um filho meu desde que me lembro. Desesperadamente, com cada fibra do meu ser. Mas nunca em meus sonhos mais loucos imaginei que isso aconteceria assim. Como uma espécie de piada cósmica.

Clomid. Pernas na parede. Infecções da bexiga. Tudo em vão.

É como se meu corpo soubesse que Rob era um merda, mesmo quando meu cérebro não sabia. *Ha. Não. Boa tentativa, querida. Não queremos um filho com este homem.*

E então eu engravidei. Depois disso, descobri prontamente todas as maneiras pelas quais meu marido me traiu.

Eu o perdi.

Então perdi o bebê.

Então eu me perdi.

Só admiti em voz alta uma vez – para a melhor amiga da minha irmãzinha, Willa. Eu confessei a ela que mesmo quão quebrada meu aborto me deixou, havia uma parte vergonhosa de mim que estava aliviada por não estar ligada a Rob Valentine pelo resto da minha vida.

Eu consigo seguir em frente com ele sem amarras. Uma benção e uma maldição. Uma culpa que me come viva. Uma com a qual tenho que aprender a conviver, porque estou *aliviada* por estar livre dele.

Mas isso é diferente. O timing é diferente.

Theo é diferente.

Pego o telefone e disco o número dele, respirando fundo enquanto ele toca.

Mas fica chamando e cai na caixa postal. Seu profundo tom de barítono me dizendo para deixar uma mensagem envia um arrepio na espinha. As coisas que ele me disse naquela noite.

Garota imunda. Apenas implorando por–

— Oi, Theo. Aqui é a Winter. Do... bem, do hotel. Ou o rancho? Do contrato do porta-copo. Rastreei seu número e esperava que pudéssemos conversar, embora tivesse jurado que nunca mais entraria em contato com você. Você pode me ligar de volta quando tiver um momento? Obrigada. Tchau.

Ainda não contei a ele, mas já me sinto aliviada. Vou encarar isso de frente. Vai ficar tudo bem.

Minha mão cai sobre meu estômago ainda plano e suspiro.

Eu vou ser feliz.

— Oi, Theo. É a Winter novamente. Não tive notícias suas e já se passaram alguns dias. Correndo o risco de parecer totalmente maluca, verifiquei o site da WBRF e sei que você está em turnê novamente. Entendo que você está ocupado, mas eu realmente preciso falar com você. Tenho algo muito importante para dizer a você.

— Theo. Oi. Eu espero que você esteja bem. Com base nas pontuações que posso ver listadas online, parece que você está indo muito bem. Eu não estou tentando ser uma buckle bunny

pegajosa ou qualquer merda que você chame. Eu só preciso compartilhar algumas informações com você e gostaria de lhe dizer diretamente.



Winter: Oi, é Winter. É o Theo Silva? Você está recebendo minhas mensagens de voz? Eu já deixei três.

Winter: Você está ciente de que têm visualizações de leitura? Eu sei que você viu minhas mensagens.

Theo: Sim. Recebi suas mensagens de voz. Não estou interessado em falar.

Winter: Ouça, estou tentando não ser uma vadia total com você agora. Mas você pode me ligar? Eu preciso contar uma coisa.

Theo: Então me conte.

Winter: Via texto?

Theo: Yup.

Winter: Tudo bem. Naquela noite no hotel, uma camisinha deve ter estourado. Estou grávida. O bebê é seu. Achei que poderia lhe interessar.

Theo: Obrigado por me deixar saber.

8

Winter

Dezoito meses depois...

Winter: Ela está bem?

Harvey: Sim, meu mundo é o trepa-trepa dela. Ela está subindo e descendo as escadas. Ficando bem rápida na descida agora. Ela até tentou subir no corrimão. Não para de se mexer muito.

Winter: Harvey. Por favor, não diga coisas assim.

Harvey: Se não fosse rude, eu perguntaria se o pai secreto dela é um macaco.

Winter: Você basicamente perguntou isso.

Harvey: Onde está a pergunta?

Winter: Estou voltando.

Harvey: Não. Você não está. Se eu consigo manter Rhett vivo, Vivi será moleza.

Winter: De alguma forma isso não é muito reconfortante. Rhett é louco.

— Isso vai ser divertido, Winter. Você vai ver. — Willa dá um tapinha no meu ombro, e eu lanço-lhe um olhar de soslaio.

— Vivi vai se divertir muito com Harvey. — Summer aperta meu joelho.

— Vocês planejaram essa conversa estimulante? — Meus braços se cruzam e olho para o anel de terra à nossa frente.

Willa dá de ombros com um leve sorriso nos lábios. — Sloane nos disse que você poderia precisar, mas que tínhamos permissão para arrastá-la para fora daquela casa chutando e gritando.

— Fácil para Sloane dizer enquanto ela está em uma viagem com Jasper. Vou falar com ela pelo FaceTime mais tarde e dizer a ela o que penso.

Eu lambo meus lábios e observo o mar de pessoas diante de mim. Summer e Willa não respondem, mas tenho certeza de que reviram os olhos para mim enquanto também observam nosso ambiente.

É o terceiro dia do primeiro rodeio anual de Chestnut Springs e me sinto como um sociólogo vendo tudo acontecer. A cidade atual é pequena e charmosa. Mas o recinto de feiras neste fim de semana?

Eu nem sei que porra é essa.

Wranglers, botas de cowboy, cintos de strass.

Até as crianças estão usando roupinhas de cowboy e cowgirl. É como se eu estivesse em uma daquelas encenações históricas onde todos os idiotas se vestem como cavaleiros e reis.

Exceto aqui, todos os idiotas se vestem de cowboys.

— Há crianças em todos os lugares — anuncio. — Não consigo entender por que não trouxe Vivi comigo. Você dificilmente a notaria no suporte de bebê.

Summer se aproxima, pressionando seu corpo no meu de forma tranquilizadora. Não vou admitir, mas eu gosto. Não. Eu amo isso. Conhecer minha irmã do jeito que sempre quis nos últimos dezoito meses foi um ponto brilhante em minha vida.

— *Você* a notaria — Willa diz. — Ela tem nove meses agora. Você bombeou o suficiente para alimentar um orfanato. Eu vi o freezer, então não tente me dizer o contrário. Ela vai se divertir e você também. Você precisa disso. A primeira vez que deixei Emma também foi difícil, mas eu... Winter, apenas confie em mim. Você vai se sentir um pouco como o seu antigo eu depois desta noite. Você não pode fazer tudo sozinha. Você vai ter que voltar para...

Summer a interrompe com um olhar severo e quase reviro os olhos. Ela acha que eu não sei o que Willa estava prestes a dizer?

Voltar ao trabalho.

Um ano. O hospital em Chestnut Springs me concedeu um ano de licença maternidade e isso está chegando ao fim rapidamente. 21 de setembro é o dia que circulei em vermelho no calendário.

Eu gostaria que alguém tivesse me dito que uma vez que tivesse um bebê, eu não daria a mínima para mais nada. Eles agem como

se eu precisasse desta noite fora, mas não sinto que preciso. Já sinto falta dela, embora tenha passado as últimas semanas dizendo que tudo o que quero é que ninguém me toque por algumas horas.

E não quero me sentir como o meu antigo eu. Meu antigo eu estava com raiva, amargo e sozinho.

Ok, ainda não sou um raio de sol, mas virei uma nova página desde que me mudei para Chestnut Springs.

— Vou pegar algumas bebidas para todas nós — Willa anuncia, batendo em suas coxas vestidas com jeans e tudo que posso fazer é acenar com a cabeça enquanto Garth Brooks berra nos alto-falantes enquanto homens em calças de couro ponderam ao redor.

Eles podem ser idiotas, mas eu teria que ser cega para não apreciar as coisas que esse traje faz pela bunda de um homem. Todo mundo fala sem parar sobre um homem de terno, mas não posso deixar de me perguntar se eles já viram um homem em Wranglers e perneiras.

Terno quem?

Summer bate com o ombro no meu. — Obrigada por ter vindo.

Eu bato nas costas dela. — De nada.

— Rhett e Beau têm trabalhado muito neste evento. Eu sei que eles apreciam sua presença aqui também. — Eu apenas aceno. — Acho que sua sugestão de algo que pode dar um propósito a Beau foi útil. Ele parece mais consigo mesmo o tempo todo. Planejar este rodeio foi divertido para ele.

É verdade. Eu disse isso. Porque já vi isso antes. Um veterano entra em uma nova fase de sua vida e se sente monumentalmente perdido, como se tudo o que era importante sobre ele não fosse mais.

Eu torço meu nariz e desvio o olhar. Por mais que eu lute para deixar Vivienne, há uma pequena parte de mim que pode se identificar. O pronto-socorro era emocionante. Algo novo acontecia todos os dias. Trabalhei duro para chegar lá, para me tornar a melhor médica que poderia ser. E agora voltei todo esse foco para ser a melhor mãe que posso ser.

Tenho saudade.

Sinto falta dessa parte de mim.

— Oh. — Summer ilumina-se e senta-se alto ao meu lado. — Ali estão eles.

— Eles?

— Rhett e Theo.

Theo.

Meu coração chega a uma parada brusca no meu peito e meus membros se transformam em gelo. Ao mesmo tempo, meu estômago cai rápido e duro, como descer direto do ponto mais alto de uma montanha-russa. Exceto que o carrinho sai dos trilhos e bate direto na calçada.

É assim que me sinto agora.

— Theo? — Minha voz não me trai. Ela sai perfeitamente plana. Perfeitamente não afetada.

— Sim. Você sabe... o protegido de Rhett. Acredito que você e ele brigaram aos berros no rancho alguns Natais atrás.

Eu zombo. — Gritar com alguém não é meu modus operandi.

— Não é, mas eu podia ouvir você de dentro.

Minha irmãzinha está me dando seu olhar de sabe-tudo. Aquele que eu vim a conhecer bem ao longo do último ano e meio. Não sei que tipo de karma estava trabalhando a meu favor para fazer Summer deixar todos os anos de tensão para trás tão facilmente. E ainda não encontrei palavras para agradecê-la por isso.

Ela estava lá para mim enquanto eu estava grávida e sozinha.

Ela estava na sala de parto segurando minha mão.

Ela estava em minha casa, enchendo meu freezer com refeições quando cheguei em casa.

Não tenho certeza se a mereço, mas sou egoísta demais para não aproveitar o que ela está me dando.

— Você deve ter ouvido mal. — Eu fungo, olhando para a multidão antes de olhar para minhas unhas. As que ainda não fiz, apesar de jurar que era uma das primeiras coisas que ia fazer quando saísse de licença maternidade.

— Por que ele está aqui? Eu pensei que isso era algum rodeio insignificante, não o circuito chique de montaria em touros que eles fazem.

Summer me dá uma cotovelada. — Você mora nesta cidade insignificante agora, lembra?

Eu moro. E amo isso. A mesma casinha para a qual Sloane me ajudou a mudar.

— De qualquer forma, ele veio fazer uma demonstração. Rhett pensou que se ele trouxesse um grande nome, isso poderia ajudar a atrair um pouco a multidão.

Eu olho em volta e não posso negar que seu plano funcionou. Está lotado. — Pensei que Theo não era tão bom? — minto. Eu verifiquei suas estatísticas.

Summer solta uma risada. — Ele sempre foi bom – um pouco propenso a lesões, talvez. Mas no ano passado ele virou uma esquina. Mudou seu foco. Agora ele é o melhor, seguindo os passos do pai. Ele já está planejando as finais em Las Vegas. Parece que é o ano dele, sabe?

Meus lábios franzem. O que quero dizer é *quão conveniente para ele.* Eu tiro licença maternidade e ele sobe na carreira, porque lavou as mãos de qualquer responsabilidade. Não que eu esperasse que ele fizesse alguma coisa. Mas ainda dói.

Eu não *preciso* dele. Nunca precisei. Mas ele me machucou do mesmo jeito.

Obrigado por me deixar saber.

Às vezes, essa frase me acorda à noite. Eu esperava que, embora fôssemos claramente incompatíveis, ele pudesse querer desempenhar algum papel na criação do filho que fizemos.

Afinal, vi meu pai se apaixonar por uma garotinha nascida de um caso durante toda a minha vida. Houve momentos em que o invejei por isso, mas agora? Agora, posso respeitá-lo pela forma

como lidou com Summer, mesmo que tenha falhado comigo no processo.

— Legal — é o que respondo. E não é algo que eu diria, e é por isso que Summer se vira e me olha com desconfiança.

— O que–

— Summer! — Willa chama do final da fileira de arquibancadas, carregando três bebidas em cada mão. Acho que todos aqueles anos como bartender não foram um desperdício total. — Você sabia que eles têm mimosas na barraca de cerveja?

Minha irmã revira os lábios e olha para baixo. — Eu poderia saber, sim. — Mimosas são coisa dela. Ela costuma oferecer um "Boozy Brunch", como ela e Willa chamam.

— Cara, Rhett pode ser muito romântico às vezes. — Willa desce e empurra os copos de plástico em nossa direção. — Ajude uma garota.

— Por que há seis? — Meu nariz enruga, a mente ainda no idiota bonito demais perto do portão. Eu ajo normalmente? Chuto ele nas bolas? Ignoro-o?

— Não sei, Winter. Você é a médica aqui. Quantas mãos temos entre nós?

Olho para nós, como se precisasse de uma representação visual de quantas mãos existem entre três humanos.

Deus. Theo Silva tem o dom de me fazer perder a cabeça. Quase não acho que devo beber. Talvez haja algo químico entre nós, porque quando eu o espio por baixo dos meus cílios, vejo um flash

de seus dentes brancos e quase *sinto* o estrondo de sua risada quando ele joga a cabeça para trás. Tão despreocupado.

E exibindo seu pomo de Adão. Lembro-me de como ele subia e descia quando caí de joelhos na frente dele. Sua cabeça caiu para trás de maneira semelhante quando eu segurei seu comprimento e–

— Winter, pare de ser tão estraga-prazeres. — Willa coloca as duas bebidas em minhas mãos, as que agora estão úmidas e presas sobre minha calça jeans.

Meus dedos se dobram em torno dos copos de plástico úmidos e olho para as novas botas em meus pés. Bota de cowboy marrom claro com bico de metal enfeitado. Porque, aparentemente, não posso usar sapatos normais neste evento sem me tornar uma espécie de pária.

As botas de pele de cobra da Summer são um toque sutil com sua camiseta WBRF branca. Mas Willa adotou o estilo de vida. As botas. O jeans. O cinto brilhante com sua juba de cabelo acobreado soprado e encaracolado como uma espécie de Barbie de rodeio.

As duas conversam ao meu redor sobre o evento. A escalação de hoje. A última noite do rodeio de três dias e que sucesso tem sido.

Tomo um gole da minha mimosa e me esforço para manter a calma enquanto os acontecimentos passam. Barris, cordas, algo em que crianças pequenas tentam ficar em cima de ovelhas e todo mundo ri quando elas caem. Summer e Willa dão tapinhas nas minhas costas e tentam puxar conversa comigo. Elas acham que

estou preocupada com Vivi, mas tudo que consigo pensar é que o pai dela está bem ali.

Imaginei esse momento na minha cabeça um milhão de vezes. O que eu faria. O que eu diria. Oscilei entre odiá-lo e entender sua escolha.

Mas nunca superei como a reação dele não combina com o homem que pensei ter conhecido naquela noite. Claro, ele era selvagem e despreocupado, mas parecia uma alma velha de alguma forma. Havia uma gentileza nele.

Uma aspereza também.

Engula, Winter. Eu pisco para afastar a memória, não querendo ir para lá.

— Ah, lá vai Theo.

Minha cabeça se levanta e, com certeza, o homem segurando o microfone no meio do ringue está falando sobre Theo. Sobre seu pai, Gabriel, e o legado de sua família. Sobre seus elogios e vitórias.

Mas meus olhos estão presos em Theo, sua bunda parecendo muito boa naquele jeans.

Posso me ressentir dele e ainda gostar de sua bunda. Isso é perfeitamente aceitável.

— Foda-se. Ele é gostoso, não é? — Willa toma um gole de sua bebida de laranja sem olhar para Summer ou para mim. Então ela continua: — O quê? Ainda tenho permissão para olhar as vitrines.

Minha irmã bufa, mas me sinto dura. Oca. Theo sobe na calha, touro empurrando entre os portões de metal. Mas ele não é afetado.

Ele não dá a mínima.

Seu queixo barbudo se inclina para baixo enquanto sua mão enluvada puxa metodicamente uma corda. Eu não tenho ideia do que está acontecendo. Parece que ele está puxando aquela corda, e me fascina como ele pode sair tão tranquilo apesar do caos que o cerca.

— Você está tentando amaldiçoá-lo, Win? — Summer me cutuca e ofereço a ela um sorriso pálido, tentando esconder o quão louca eu devo parecer olhando para o homem que todos pensam que odeio.

Quem eu *odeio.*

— Nah, apenas interessada. Eu nunca vi montarem em touro ao vivo antes.

— Você assiste muito na TV? — Willa racha.

Não, no meu laptop é o que quase respondo, mas isso levantaria algumas sobrancelhas. A verdade é que, quando estava tentando falar com Theo, às vezes eu assistia aos seus rodeios.

— Esse será o dia — respondo, forçando-me a escanear o anel. Mas meus olhos sempre voltam. O capacete na cabeça não esconde o olhar de concentração em seu rosto. A maneira como sua língua sai pelos lábios enquanto ele se agacha sobre o touro.

Com um rápido aceno de cabeça, eles abrem o portão e o touro irrompe na arena, cabeça baixa no chão, cascos traseiros tão altos que quase beijam o sol poente. Meu coração bate alto o suficiente para chacoalhar minhas costelas enquanto a multidão ao nosso redor aplaude.

Por um breve momento, espero que ele caia. Espero que ele não atinja os oito segundos. É mesquinho e baixo, mas há uma amargura em mim sobre o fato de que ele pôde facilmente se afastar de mim. Dela.

Mas também não gosto muito da ideia de o pai da minha filha ser um perdedor. Pelo menos poderei dizer a ela um dia que ele monta um touro excepcionalmente bem. E isso é alguma coisa, mesmo que não compense o fato de ele não fazer parte da vida dela.

Theo empurra seus ombros largos para trás, com a mão erguida no ar. Ele sai perfeitamente no controle, ou tão no controle quanto você pode estar em um animal de mil libras que não quer nada além de levá-lo para a sujeira, suponho.

E leva Theo para a sujeira que ele faz.

Um ombro caído, uma curva brusca e o corpo de Theo se lança em direção ao chão como um dardo no gramado.

Eu suspiro. Mas o mesmo acontece com todos ao nosso redor. E quando o touro se vira para sair e pisa no ombro de Theo no processo, há um coro de *ooohs*, mas eu já me levantei e me movi antes mesmo de ter tempo de fazer barulho.

Passo apressada pelas pessoas sentadas no banco, indo direto para a cerca da arena. A culpa gorgoleja em meu estômago, como se quisesse que isso acontecesse com ele. Que raio de médica sou eu?

Uma amarga.

Ignoro a resposta e passo pela cerca. O palhaço do rodeio puxa o touro para a saída, e me passa pela cabeça que Vivienne não precisa ficar órfã se aquele touro decidir dar a volta.

Mas todo o meu treinamento de emergência entra em ação e sigo em frente de qualquer maneira. Cowboys cercam o corpo de Theo, incluindo Rhett, que parece perturbado.

— Movam-se. — Eu fisicamente empurro um homem para o lado e me insiro no círculo de pessoas ao redor de Theo. Caio de joelhos em sua cabeça, notando seu corpo imóvel. Minhas mãos seguram as laterais de seu capacete, segurando-o no lugar até que os paramédicos cheguem. Eu me inclino sobre ele e vejo seu peito subindo e descendo, mas preciso ouvir sua respiração, preciso de mais provas.

A lufada silenciosa do ar atinge minha bochecha assim que seu cheiro cítrico picante atinge meu nariz.

As pessoas estão muito próximas. Pairando. Empurrando para dentro.

— Afastem-se! — eu lato fortemente.

— Está tudo bem, ela é médica — ouço Rhett dizer atrás de mim. — Todo mundo recue um pouco.

A pressão dos corpos ao nosso redor diminui. Ouço suaves soluços femininos e quase sinto a vibração da ansiedade ao meu redor. Quando olho por cima do ombro, uma garota vestida com roupas de rodeio está com a maquiagem escorrendo pelo rosto.

Ela está chorando.

E todas as possibilidades do que isso significa correm pela minha cabeça. Tenho que me lembrar que eu fui o entretenimento de uma noite. Isso foi o que pedi, e ele provavelmente encontrou alguém que queria mais.

Olho para Theo e sou atingida por uma pontada de desejo. Não por mim, mas por... tudo o que perdemos. Depois de dezoito meses separados, ele é tão bonito quanto eu me lembro. Mais ainda.

E, porra, ele se parece tanto com Vivienne. É quase alarmante. Como ninguém juntou as peças ainda está além de mim. Não é preciso ser um médico para ver que ela é a cara dele.

Sem nem perceber, a ponta do meu dedo anelar alegremente nu começou a acariciar a pele nua de seu pescoço. Bronzeado e quente.

E assim que percebo que estou fazendo isso, não paro.

— Por favor, fique bem — murmuro baixinho.

E então seus olhos se abrem, longos cílios escuros subindo para revelar aqueles olhos de ônix escuro. Eles levam um minuto para se concentrar em mim e, em seguida, um pequeno sorriso confuso toca seus lábios.

— Oi, Tink.

9

Theo

Eu solto uma respiração quando batemos em um buraco. Não é tão ruim quanto a estrada de terra que sai do parque, mas também não é o ideal.

A outra coisa que não é ideal é a loirinha no canto da ambulância. Eu não posso nem me virar para olhar para ela direito com minha cabeça amarrada no quadro assim. Se não doesse rir, poderia rir agora.

Eu sabia que a veria novamente em algum momento, mas não era bem isso que eu imaginava.

Com o canto do olho, eu a observo olhando para uma mão enquanto seu braço oposto envolve sua barriga.

O que me acordou foi sua vozinha sarcástica gritando para todos recuarem e a sensação de seu dedo acariciando meu pescoço. Antes mesmo de abrir os olhos, eu sabia que era ela. Já faz mais de um ano, mas ainda me lembro da sensação de suas mãos em mim. A maneira como ela se parecia sob as minhas, toda úmida e se contorcendo.

Achei que nos divertimos. Tivemos um tempo *muito* bom.

— Por que você está me ignorando? — Apenas a vibração da minha voz no meu peito envia choques de dor pela minha clavícula.

Eu sei que está quebrada, porque está saindo pela pele. Desmaiei pela segunda vez quando estendi a mão e corri meus dedos sobre a borda irregular.

Winter inclina a cabeça e me dá um olhar totalmente indiferente. — Você deve estar brincando comigo.

— Escute, sei que você disse que era segredo, mas somos só nós aqui. Então você pode parar de fingir que não foi o melhor sexo que você já teve. Quantas vezes eu fiz você–

— Theo. Cale a boca — ela retruca, mas não é sua vibração habitual de Tink. Há uma ponta de algo que não consigo identificar.

Dor.

E isso me silencia.

Os minutos cheios de silêncio se estendem entre nós. O zumbido da estrada sob os pneus da ambulância e o leve barulho das gavetas na parte de trás são nossos únicos companheiros.

A ansiedade substitui o desconforto como a principal coisa que estou sentindo. Há um peso desconhecido. Eu não esperava vê-la novamente, e com certeza não esperava a frieza, mesmo dela.

— Quantas concussões você teve, Theo? — Sua voz é sem emoção, mas confiante. Muito médica.

Eu suspiro. — Bastante.

— Quantas é bastante?

— Estamos falando de diagnóstico ou suspeita?

Sua cabeça vira para longe. — Jesus Cristo.

— Da última vez que tive uma, disseram-me para não ter mais.

— Há quanto tempo foi isso?

— Provavelmente três concussões atrás.

Sua cabeça bate contra o único assento em que ela está presa. — Eu não posso nem dizer se você está brincando agora.

— Não estou brincando, apenas tentando aliviar o golpe. Sem trocadilhos.

Eu a vejo balançar a cabeça, mas ela não diz nada. Estou brincando um pouco. Está me impedindo de cair em um poço de desespero ao assistir à temporada mais épica escorrer pelo ralo diante dos meus olhos. Todo o meu trabalho árduo e sacrifício se transformaram em uma nuvem de fumaça, porque fiz um favor a um amigo e me ofereci para fazer uma demonstração em seu rodeio de cidade pequena em um touro *fácil*.

Epicamente estúpido. Assim como muitas das decisões que tomei na minha vida.

— Quando comecei, não achava que usar capacete era tão legal.

— Sim, lesões cerebrais fazem você parecer tão legal — ela zomba, mandíbula estalando com a tensão.

— Você viu o episódio de *Grey's Anatomy* em que McDreamy morre?

A expressão dela é aquela que você usaria com uma criança, cheia de depreciação. Mas é um pouco mais leve de alguma forma.

Eu vou aceitar. Adoro ver essa mulher descongelar.

— Você está me dizendo que assiste a *Grey's Anatomy?*

— Cada episódio de todas as dezoito temporadas.

Ela parece confusa. — Por quê?

Eu dou de ombros e instantaneamente me arrependo. — Minha mãe adora. Quando eu era mais novo e morava com ela, assistíamos juntos toda quinta-feira. Agora, assisto sozinho e depois ligo para ela para que possamos conversar sobre isso. É a única razão pela qual ainda tenho TV a cabo.

— Com que frequência? — Os olhos de Winter estão comicamente arregalados.

— Toda semana. Bem, enquanto a temporada está correndo.

Ela me encara como se eu fosse algum animal exótico em um zoológico. — Isso é...

— Você vai dizer estranho? Não se incomode. Você não vai me convencer. Nunca pensei que fosse tão estranho. Claro, os caras tiraram sarro de mim ao longo do caminho. Mas eu não dou a mínima. Ela é minha mãe. Parece o mínimo que posso fazer por ela.

Winter quase se sacode em seu assento antes de baixar os olhos para o colo. Sua voz é abafada quando ela diz: — Eu não ia dizer estranho.

— Você vai garantir que eles façam uma tomografia computadorizada para que isso não aconteça, certo?

Sua cabeça se levanta. — O quê?

— Lembra? Estávamos conversando sobre o episódio em que Derek morre. Tem certeza de que sou eu que estou com uma concussão?

— Eu não sou Meredith. E você certamente não é um McDreamy.

— Eles se casaram em um post-it.

Suas sobrancelhas franzem. — E?

— E fizemos um contrato sexual em um porta-copo. O que era? Apenas uma noite. Nunca contamos a ninguém...

Eu não preciso perguntar. Eu sei o que tem naquele porta-copo e estou tentando ver se ela também sabe.

A ambulância para, e ela olha para mim, nem mesmo uma contração de seus lábios. Vazia e gelada e completamente indiferente. — Isso não é engraçado, Theo.

— Eu não estava tentando ser engraçado–

— Ok, chegamos — o paramédico anuncia enquanto abre as portas.

Vejo o reflexo de luzes vermelhas piscando refletindo no hospital.

E a silhueta de Winter escapando da ambulância, fugindo de mim o mais rápido possível.

Meus olhos se abrem para observar o quarto de hospital ao meu redor. Luzes difusas. Um bipe constante. Secura na minha boca.

— Você deve gostar de passar o tempo no hospital — Rhett brinca ao meu lado.

Fecho meus olhos mais uma vez para me orientar e finalmente resmungo: — Espero que seu rodeio estúpido tenha sido um grande sucesso, idiota. Onde está meu cachorro? Uma das garotas estava cuidando dele.

O som de Rhett se mexendo em uma cadeira hospitalar de vinil se junta ao coro de bipes. — Não se preocupe, Summer está com ele. Ele pode muito bem ser uma criança, considerando que ela acabou de me enviar uma foto dele em nossa cama com ela. E não é minha culpa que você deixou cair esse ombro interno como um novato. Bem no fundo do poço você vai.

Meus olhos se abrem apenas para que eu possa atirar nele um olhar. — Hilário. A melhor temporada da minha vida está arruinada porque fiz um favor a você e agora está sentado aqui me dizendo o que fiz de errado. Da próxima vez, monte a porra do touro você mesmo. Você é quem todo mundo quer ver de qualquer maneira.

Seus lábios se achatam e seus braços se cruzam. — As pessoas estavam lá para ver você, Theo. Não se engane.

Eu olho para longe, notando que quaisquer drogas que eles me deram após a cirurgia estão fazendo um ótimo trabalho, porque não há dor para falar. — As pessoas estão lá para me ver porque sou filho de Gabriel Silva e seu protegido. Não porque eu tenho minhas próprias conquistas.

Os olhos cor de âmbar de Rhett se estreitam em mim, suas mãos sob o queixo. — Isso não é verdade.

— Não fale besteiras para um mentiroso, Eaton. Diga-me pelo que sou conhecido no WBRF?

Seus lábios se contraem. — Perseguidor de rabos.

Engulo minha frustração e me concentro no teto. Eu odeio isso para mim.

— Theo, você vai quebrar um dente rangendo os molares desse jeito. Todo mundo sabe quem você é porque você está montando uma das temporadas mais impressionantes que alguém já viu. Uma melhor do que seu pai ou eu já fizemos. Isso é certeza.

— Tanto para isso.

— Não seja pessimista. Não combina com você.

— Tenho permissão para ter um momento, Rhett. Eu vi você meditar sobre merda. Lembro-me de como você ficou de mau humor quando se envolveu com Summer como sua babá. Isso é dez vezes pior. Não preciso estar *sempre* de bom humor.

— Você estará de volta nesta temporada. Você está à frente o suficiente para poder descansar. Nós vamos ter certeza de que você–

Uma voz ligeiramente elevada vem do corredor pela porta aberta. — Você não checou a cabeça dele?

Uma mais profunda responde. — Ele estava perfeitamente alerta. Rindo. Brincando. Estou indo para lá agora. Ele já está acordado.

— Você não viu o episódio de *Grey's Anatomy* em que Derek Shepherd morre? Era uma pequena tomografia computadorizada para verificar novamente o cérebro de um homem que teve vários ferimentos na cabeça...

— Winter, relaxe.

Os olhos de Rhett se arregalam para mim. — Se eu não soubesse melhor, diria que Winter Hamilton gosta de você. Ela tem sido um terror por aí, verificando seus gráficos e exigindo atualizações.

Estou prestes a responder a isso, mas um homem corpulento de cabelos grisalhos entra em meu quarto.

Ele para perto da minha cama, os óculos caídos no nariz, enquanto olha para uma prancheta. — Sr. Silva, sou o Dr. Forrester. Bom ver que você está acordado. A cirurgia correu bem...

Winter entra atrás dele, fazendo sua melhor imitação mal-humorada de Tink, e não posso deixar de sorrir. — Como está sua cabeça?

— Winter — o médico mais velho a adverte.

Isso me irrita. Ele se apresenta como *doutor,* mas chama Winter pelo primeiro nome.

— Dra. Hamilton — corrijo, deixando o aço penetrar em minha voz.

O homem olha para mim, a cabeça inclinada para o lado. — Sim? O que tem ela?

— Você continua chamando-a de Winter. Mas ela trabalha aqui, certo? É Dra. Hamilton, não é?

Um silêncio estranho permeia o espaço. Três pares de olhos se fixam nos meus. Rhett está se divertindo. O Dr. Forrester está surpreso. E Winter está confusa.

O homem pigarreia e me oferece um sorriso sem graça. — Certo, bem, sim. A Dra. Hamilton está preocupada com o traumatismo craniano, mas assegurei-lhe que no máximo provavelmente sofreu uma concussão. O capacete é o que salvou você.

— Eu mesmo vou levá-lo para uma tomografia, então.

O outro médico solta um suspiro angustiado e Rhett não consegue conter uma risada.

Tenho que confessar que estou um pouco perdido sobre o porquê de Winter se importar tanto com isso. Eu não estou bravo com isso embora. Se ela quiser brincar de médica, eu serei o paciente.

— Eu acho que a Dra. Hamilton está certa — falo, mirando meus olhos nos dela, embora eu esteja me dirigindo ao outro médico na sala. — Gostaria de fazer uma tomografia, só por segurança. Eu odiaria dar uma de McDreamy. — Seus lábios se achatam e ela desvia o olhar. Tenho certeza de que essa é a versão

dela de segurar uma risada. — Mas primeiro, como foi a cirurgia? Tudo arrumado? Quando posso voltar?

— A cirurgia foi um sucesso. Você tem um novo conjunto de parafusos para ir com a placa ao longo de sua clavícula direita. Você vai precisar fazer fisioterapia, no entanto. Acho que você estará de volta às atividades regulares em cerca de três meses. Você é jovem e em forma. Teremos que ver como esses ossos se recuperam. Pode ser antes. Embora eu não possa recomendar que você volte a montar em um touro.

Winter zomba e revira os olhos, o quadril erguido e o pé batendo no chão polido.

— Algo a acrescentar, *Dra. Hamilton?* — Ele usa as palavras certas desta vez, mas a maneira como as diz é quase pior.

— Sim, realmente. — Seus olhos se estreitam e ela não recua. — O trabalho dele é montar touros. Dizer a ele para não voltar a um não ajuda. Precisamos criar um programa de reabilitação que atenda a ele como atleta.

— Excelente ideia, Dra. Hamilton. Eu amo sua exuberância juvenil. — Ele sorri e guarda sua caneta no topo da prancheta. — Se você é tão apaixonada pelo plano de reabilitação dele, eu a convido a voltar da licença maternidade e assumir o controle.

Licença maternidade?

Winter empalidece, suas bochechas perdendo o rubor raivoso bem diante dos meus olhos. Ela morde o lábio e acena com a cabeça, ignorando meu olhar de uma forma tão antinatural que me faz encará-la ainda mais.

— Talvez eu vá — diz ela friamente. E então ela gira sobre os calcanhares e marcha para fora do quarto.

A decepção revira minhas entranhas, porque carrego uma tocha por ela desde aquela noite. E claramente eu escondi bem, porque Rhett nunca mencionou isso. Ou ela. Mas eu não me importava. Pensei que quando a poeira baixasse para nós dois, eu estaria de volta, irritando-a para me dar mais de uma noite. Talvez me dar uma chance de mais. Como se talvez se eu me recompusesse o suficiente, eu seria digno dessa chance.

Claramente esse navio partiu. Ela queria isso. E eu deveria estar feliz por ela.

Mas depois de tudo que aconteceu hoje, não me sinto nem um pouco feliz.

10

Winter

Um latido estridente me acorda do que deve ser apenas uma hora de sono.

Yap. Yap. Yap.

Eu me pergunto se o juramento que fiz para proteger vidas se estende aos cães, porque depois de dois dias no inferno, estou pronta para matar alguém. Um cão é apenas um alvo fácil.

Você pensaria que depois de anos de residência e sessões de estudo tarde da noite, eu estaria preparada para esta fase da minha vida. Mas isto é o mais exausta que já estive.

Sou um saco de leite ambulante e falante e a única fonte de conforto para o ser humano mais precioso que já vi. Você pensaria que uma noite longe dela seria o que eu precisava, mas em vez disso, o rodeio foi uma merda, e senti tanto a falta dela que doeu.

Yap. Yap. Yap.

Eu jogo um braço sobre meu rosto e gemo, mas eu o interrompo quando me lembro que cedi e mantive Vivienne na cama comigo ontem à noite. Eu sei o que dizem os livros infantis. Eu conheço os métodos. Eu conheço as *regras*.

Mas ninguém lhe diz o quão cansado você estará, quão completamente abatida. Não me importo mais com ela ser

independente. Eu só quero dormir. E se agarrada na dobra do meu braço é como isso acontece – então foda-se todo esse conselho. Eu sou uma médica. Pergunte-me como a exaustão causa estragos em um corpo.

Yap. Yap. Yap.

Eu me viro e espio a pessoinha adormecida ao meu lado. Ela é tão linda que faz meu peito doer. Seu nariz de botão atrevido parece que ela tem um ponto de marca-texto na ponta. Bochechas rechonchudas, cheias e rosadas mesmo durante o sono. Pele perfeita. Por que a pele perfeita é desperdiçada em um bebê? Parece injusto. Eu teria tomado rugas quando bebê para ter essa pele lisa e macia agora.

Mas são os cílios dela que sempre me pegam. Semelhantes aos de seu pai. Grossos, escuros e longos. Quase como uma daquelas bonecas com olhos pesados que abrem e fecham.

Exceto bem menos assustador.

Yap. Yap. Yap.

Seu cabelo preto e liso cai sobre a cabeça quando ela se mexe, e a frustração aumenta em mim. Juro que se algum maldito cachorro a acordar quando ela *finalmente* está dormindo, vou enlouquecer.

Eu deslizo para fora da cama o mais perfeitamente possível, fazendo minha melhor imitação ninja para não mover a cama. Graças a Deus pela espuma de memória. Uma vez que estou segura fora da cama, ligo a máquina de ruído branco na mesa de

cabeceira e faço uma pequena oração para que eu consiga sair deste quarto sem acordá-la.

Este bangalô é cheio de charme. E por charme, quero dizer pisos que rangem. Mas acho que agora tenho principalmente essas tábuas soltas memorizadas. Eu torço e viro, combino passos longos com outros agitados e quando minha mão envolve a maçaneta de cristal, faço outra oração para a porta não ranger.

Sei que as dobradiças precisam de lubrificação ou sei lá o quê, mas sempre me esqueço. Ou me sinto cansada demais para me importar quando tiver tempo para fazer isso.

Esta é a minha nova realidade.

Yap. Yap. Yap.

Mas um cachorro barulhento ao lado *não é* minha nova realidade. Eu me recuso a deixar assim, então tiro meu roupão de algodão da porta do banheiro e o amarro em volta de mim. Com os ombros retos, saio pela porta da frente, mas piso no freio para evitar que a porta de tela bata atrás de mim.

— O que diabos...

Eu paro no meu caminho quando meus olhos pousam na cerca branca que divide minha propriedade da vizinha. Há três homens sem camisa tirando móveis de uma van.

Eu faço um inventário de mim mesma. Pés descalços em tábuas de madeira quentes. O calor já está lambendo onde o cinto do meu roupão está amarrado na minha cintura.

Que horas são?

A sobrecarga do sol significa que deve ser muito mais tarde do que eu pensava.

Yap. Yap. Yap.

— Bom dia, Win! — Minha cabeça se volta para os homens e aperto os olhos, percebendo que é Rhett com o cabelo preso em um coque esquisito. Meu olhar se move para o lado, reconhecendo Beau com seu cabelo cortado rente, e então...

Ele.

Já se passaram sete dias desde a última vez que vi Theo Silva no hospital. Eu não sei quanto tempo ele ficou lá ou se ele já fez a tomografia computadorizada que pedi à minha enfermeira favorita antes de sair. Eu não sei onde ele esteve, e com certeza não sei o que ele está fazendo aqui. Sem camisa e parecendo um maldito pecado.

É irritante que eu tenha que lembrar ao meu cérebro que ele pode ser gostoso, mas também é um merda.

Obrigado por me deixar saber.

Essa é a frase que fará isso.

— Oi, Tink — diz ele com um sorriso. E como ele ousa sorrir para mim assim depois de tudo? De me derrubar, decolar e depois voar de volta para a cidade, olhando para mim como se eu fosse sua próxima refeição?

Foda-se ele.

— Ansioso para ser seu novo vizinho.

Meu queixo cai e eu quase rio. Que porra de piada cruel é essa? Ele está planejando morar ao lado de Vivienne e fingir que ela não é dele?

— Sobre o meu cadáver. — Cruzo meus braços, e seu olhar desce da minha boca para onde meu roupão, sem dúvida, se abre sobre a regata frágil que estou usando por baixo.

— Winter, é quase meio-dia. Você acabou de acordar? — Beau pergunta um pouco zombeteiramente.

Eu me viro, passando os olhos por seu corpo musculoso, depois por Rhett, que é o mais esguio dos dois.

Theo está em algum lugar no meio. Eu sou como Cachinhos Dourados escolhendo um tipo. Muito musculoso, muito cabeludo, e depois há Theo.

Mesmo com um braço tonificado em uma tipoia azul-marinho, ele parece bem. E odeio meu cérebro por praticamente suspirar e dizer *certo.*

Um chihuahua marrom claro com um focinho grisalho corre em círculos idiotas ao redor dos pés calçados com tênis de Theo. Por um momento, sinto que encontrei uma alma gêmea no animal.

— Winter? — A voz de Theo é mais suave, um pouco mais gentil do que as dos outros dois. — Você está bem?

Meus olhos se arregalam para ele. — Bem? — Descrença sangra em minha voz. — Não, Theo. Eu não estou bem. Esse cachorro está latindo sem parar e você não tem permissão para morar perto de mim.

Os outros homens riem e voltam a descarregar a van, mas os lábios perfeitos de Theo se curvam quando sua cabeça se inclina, revelando a incisão ao longo de sua clavícula. — Oh, sim? Acho que vou ter que verificar os estatutos. Encontrar a regra que diz que não posso morar perto de você. Eu devo ter perdido. E Peter? — Ele aponta para o cachorro, cuja testa é muito grande e cuja língua pende para fora da boca. Parece ter catarata, o que explica por que está sobre Theo como se ele tivesse pendurado a lua. — Ele é surdo e está ficando um pouco cego. Ele só está estressado. Ele vai se acomodar assim que mudarmos todas as nossas coisas e nos sentirmos em casa. Ele geralmente não late.

Náusea revira meu estômago enquanto me pergunto o que diabos ele está fazendo aqui.

— Theo — minha voz falha. — Por que você está fazendo isso?

Todos os três homens olham com o tom da minha voz e percebo que este não é o lugar para ter esta conversa.

As sobrancelhas de Theo se unem. — Jasper me ofereceu esta casa. É perto da academia. Vou treinar lá enquanto me recupero, espero voltar ao circuito antes do outono. Não estarei aqui por muito tempo.

A faca em meu estômago torce mais forte.

— Você está brincando comigo agora? — Eu pareço sem fôlego, fraca. Pareço *chocada* e Theo parece desamparado, totalmente confuso com a minha reação.

— Winter, engula isso. Você mal conhece o cara — Beau grita, os músculos protuberantes enquanto ele carrega uma poltrona em direção à porta da frente. — Vocês não precisam ser amigos.

Eu quero pegar uma pedra e jogá-la na cabeça estúpida de GI Joe de Beau. *Amigos.* Deus. Somos muito mais que amigos. E ninguém sabe, exceto nós. Os fragmentos de dignidade que mantive em minhas mãos quando deixei Rob eram tudo que eu tinha e admitir para qualquer um que Theo também não me queria era mais dor do que eu estava preparada para suportar.

Então, eu disse a todos que tive um caso de uma noite e não lembrava quem era o cara.

O problema é que me lembro daquela noite com detalhes vívidos. E isso me assombra.

Balanço a cabeça para Theo, pela primeira vez sentindo que posso realmente odiá-lo. Lágrimas brotam dos meus olhos, que é o meu sinal para dar o fora daqui.

Theo se aproxima da cerca, o rosto marcado pela preocupação. Ele ergue o braço bom como se fosse me impedir. Como se houvesse algo que ele quisesse dizer.

Mas não quero ouvir nada do que ele tem a dizer. E não quero desabar aqui com os caras assistindo.

Então, eu me viro e digo por cima do ombro: — Cale a boca do seu cachorro, Theo. Se isso acordar *meu* bebê, vou castrar você.

Então bato a porta na cara deles em um ataque de frustração.

Então ouço o grito assustado de Vivienne.

Então afundo no chão e choro também.

11

Theo

— Difícil de acreditar que Summer saiu tão legal quando sua irmã saiu assim. — Beau balança a cabeça enquanto desce os degraus da frente com as mãos vazias.

— Winter é legal. — A frase sai com mais força do que o pretendido, mais do que é apropriado para a situação. Mas acho que me senti protetor com aquela mulher desde a primeira noite em que coloquei os olhos nela.

Eu não sabia então o quão desesperadamente ela precisava de alguém para ser. Que ninguém *nunca* tinha sido isso para ela. Que ela está cuidando de si mesma desde antes de precisar.

Beau zomba. — Com esse humor, estou surpreso que ela tenha encontrado alguém disposto a engravidar–

— Beau, cale a boca — Rhett o interrompe. — Ela fez muito por você. Ela é da família. Se vamos falar sobre o humor dela, talvez seja hora de falarmos sobre o seu, hmm?

Os dois irmãos se encaram no jardim da frente da casa que vou alugar nos próximos meses. Meu peito vibra de tensão, em parte porque se esses dois enlouquecerem um com o outro, não vou pular no meio. Sou mais esperto do que isso.

Mas a tensão aumenta em mim da mesma forma que me fixo na *vontade de engravidá-la.* Não sei quantos anos o bebê tem e não sei os detalhes de quanto tempo esse processo leva além do marcador de nove meses, mas de repente tenho vontade de pegar um calendário e verificar.

Beau olha, mas não diz nada. Desde que desapareceu em ação em uma missão no exterior, ele não tem sido o mesmo. Ele está curado fisicamente, mas está diferente. Mais obscuro.

— Eu vou dar um passeio — ele murmura e deixa cair o olhar de seu irmão, ombros caídos enquanto ele passa por nós e sai pelo portão branco.

Rhett apoia as mãos nos quadris e solta um longo suspiro. — Eu odeio quando essa versão dele aparece.

— Sim — é tudo o que respondo porque, bem, não sei mais o que dizer. Embora eu não conheça Beau bem, estou familiarizado o suficiente com a família Eaton para saber que Harvey daria uma boa sacudida nele por desrespeitar Winter.

— Está melhorando, mas de vez em quando eu só gostaria de bater nele. É como se Winter sair de seu caminho para ajudá-lo com o tratamento em casa o irritasse de alguma forma.

— O que ela fez?

— Não sei. Levou-o a alguns médicos para ajudar com as cicatrizes. Certeza que ela disse a ele que ele precisava de terapia, mas de qualquer maneira que Winter dissesse isso a ele, acabou mal. Ele é um paciente terrível, sempre foi. Mas ele também não conta merda para ninguém – isso também não é novidade.

Penso em como me senti, passando de capaz para ferido, e posso ver isso. Observar esses dois descarregando o caminhão enquanto eu movo coisas mais leves com uma mão não me faz exatamente sentir útil.

— Quanto mais o vejo agora, mais percebo que, mesmo quando ele estava em casa, ele não estava. Sua cabeça estava sempre fora em algum lugar. Ele entraria e ficaria todo despreocupado. Mas não posso deixar de me perguntar se isso era uma encenação. Você sabe?

Rhett olha para a calçada, onde a silhueta de Beau agora vira a esquina para a rua principal de Chestnut Springs. Eu tenho uma suspeita de que ele não vai voltar por um tempo.

— Certo, bem... farei tudo o que puder para ajudá-lo com o resto.

Meu amigo dá de ombros e olha para a caminhonete. — Tudo bem. Posso ligar para Summer, ver se ela pode sair da academia para mover as peças pesadas. Vamos fazer todo o resto.

Eu não posso deixar de sorrir. Ele e Summer são tão bons juntos.

— Você acha que ela pode agachar mais do que você?

Rhett abre um sorriso. — Não acho. Eu *sei.*

Com uma risada, pego Peter, porque assim que eu começar a andar, ele vai latir aos meus pés. Há uma lavanderia no porão e ele se instalará lá com uma cama, comida e água. Só espero que as paredes de concreto abafem seus latidos irritados por ter sido deixado para trás.

Eu acaricio o topo de sua cabecinha borbulhante. — Fique quieto, ok? Não podemos ter todos ao lado chorando, certo? Não é cavalheiresco.

Ele treme em resposta. Como um chihuahua faz. Ou foi o que aprendi quando o levei às pressas ao veterinário por tremer o tempo todo.

Então estou de volta com todos os meus pertences mundanos na traseira daquela caminhonete. Não é muito, porque nunca me firmei em lugar nenhum. Nos últimos quatro anos, passei a maior parte do meu tempo na estrada. Passo alguns dias aqui e ali com minha mãe na casa dela em Emerald Lake, mas na maioria das vezes, fico no pequeno apartamento que alugo na cidade. É praticamente um armário de armazenamento e não muito bem equipado, mas é tudo que eu precisava.

E a ideia de morar lá por alguns meses enquanto me recupero parecia deprimente. Então aqui estou, sendo engolido pela família Eaton. Eu nem sei mais quem sugeriu esse arranjo de vida. Summer? Porque eu poderia me reabilitar na academia dela? Harvey? Que disse que não devo ficar sozinho? Sloane? Que disse que ela conhecia a casa perfeita?

Quem quer que fosse, eu não estava triste com isso.

Mas eu não sabia que Winter moraria na casa ao lado.

Uma vez que colocamos as quatro cadeiras ao redor da mesa quadrada na sala de jantar, finalmente desmorono e pergunto: — Então, qual é o problema com Winter?

Rhett passa a mão na testa. — O que você quer dizer?

— Não sei. Ela está morando aqui agora. Ela tem um bebê? Ela–

Ele solta uma risada. — Não a perturbe como você fez naquela noite no jantar de Natal. Ela já tem o suficiente em seu prato sem que você corra na direção dela transando no ar como aquele seu cachorrinho.

Meu nariz enruga. — Peter não transa no ar.

— Por que seu cachorro tem um nome humano? Tudo soa muito mais estranho quando imagino um contador ou algo assim transando. Além disso, Summer me enviou um vídeo dele transando com meu travesseiro enquanto cuidávamos dele.

— Mas isso não é transar no ar. É ele transando com seu travesseiro. Não o julgue.

Rhett solta uma gargalhada. — Você sabia que cachorro fica com tesão aleatoriamente às vezes? Como se ele estivesse sentado lá e lançasse seu foguete vermelho.

— Você estaria no mesmo barco se não pudesse usar calças.

— Deixe para você pegar o cachorro mais excitado do mundo.

Eu rio. — Ele não está com tesão. Isto são tesões de estresse.

— O que diabos é um tesão de estresse?

Esfregando a mão sobre o meu queixo, tento me controlar e não cair na gargalhada. Peter merece minha defesa agora. — Ele fica nervoso, excitado ou superestimulado às vezes e acontece.

Os ombros de Rhett tremem silenciosamente enquanto ele cruza os braços e se encosta na parede. — Theo, tudo o que você

fez foi descrever as diferentes emoções que alguém sente quando fica com tesão normal.

— É diferente. — Eu desvio o olhar, mordendo o interior da minha bochecha para manter meu sorriso em segredo. — Pare de implicar com o Peter.

— Você até deu a ele o nome de um pênis.

— O quê? Seu nome completo é Peter Pan.

— Peter é... — Ele acena para mim. — Quer saber, não importa. A moral da história é: mantenha seus tesões de estresse longe de Winter.

— Por quê?

— Porque ela já está cheia o suficiente com Vivi. Ela não precisa que você dê mais trabalho para ela.

— Ela tem ajuda?

— Essa é sua maneira de perguntar se ela é solteira?

— Jesus, Rhett. Dê-me um pouco de crédito.

— Certo. — Ele sorri. — Eu continuo esquecendo que você é um monge agora. Mas não, ela não tem. Ela está sozinha. E aquela mulher é uma ilha, então se você descobrir uma maneira de ajudá-la que não seja com seu pau, eu sou totalmente a favor. Cortar a grama ou algo assim, certo?

Eu não posso evitar. Balanço minhas sobrancelhas para Rhett.

— Bom Deus. — Seus olhos reviram.

— O quê? Você acabou de me entregar uma oportunidade. Só um perdedor não aceitaria essa piada e fugiria.

Sua cabeça está balançando, mas ele é todo sorrisos. Eu sei que ele se sente culpado pela minha lesão e ele está aqui bancando o mentor de esteroides apenas para compensar isso.

— Então... quem é o pai? — eu pressiono mais.

Os olhos de Rhett se estreitam. — Por quê?

— Só quero saber no que estou me metendo quando aparar a grama dela. Como se eu vir um cara à espreita, devo me preocupar?

Rhett zomba. — Não sei, cara. Como eu disse, ela é uma ilha. Essa menina tem nove meses e ninguém tem a menor ideia de quem é o pai. Ela não contou a ninguém. Diz que estava bêbada e não se lembra.

E assim, todas as minhas piadas se transformam em pedra e pesam em meu estômago.

Eu realmente preciso olhar um calendário.

Consegui manter um sorriso no rosto perto de Rhett enquanto ele e Summer terminavam de me ajudar na mudança. Mas até eles perceberam que era forçado.

Quando Rhett me perguntou se eu estava dolorido, falei: — Sim. — Mas não era minha clavícula quebrada ou corpo machucado. Era o nó apertando meu estômago.

Eu não saio deste lugar no meu sofá desde que eles saíram. A primeira coisa que fiz foi abrir o calendário no meu telefone. Peter está encolhido bem no meio do meu colo, onde ele gosta de estar, roncando como se pesasse muito mais do que cinco quilos.

Não seja muito duro com ela. Ela está tão cansada. Ela está apenas fazendo o seu melhor. Ela precisa de todo o apoio que conseguir, quer queira ou não.

A avaliação de Summer sobre a situação de sua irmã não me fez sentir melhor. Na verdade, isso me deixou um pouco doente.

Porque eu tenho um pressentimento. Um instinto.

E não quero estar certo. Porque se eu estiver?

Deus. Se eu estiver, realmente fodi tudo.

Um trovão lá fora me assusta, mas Peter continua roncando, apenas surdo o suficiente para não perceber. Felizmente inconsciente.

Foda-se.

É isso que eu tenho sido?

Eu levanto o cachorrinho do meu colo e o espremo no canto do sofá, cobrindo-o com um cobertor felpudo para que apenas sua cabecinha e o olhar sujo que ele está me dando espiem de volta. A ponta de sua língua é empurrada para fora entre a enorme lacuna em seus dentes onde tive que remover os podres, e cabelos grisalhos pontilham seu focinho.

— Eu volto já. Não me olhe assim.

Ele faz um pequeno grunhido e fecha os olhos como despedida. E então estou levantando pés de chumbo no chão, em partes iguais temendo ir para a porta ao lado e me sentindo puxado de uma forma que não posso lutar ou resistir.

Eu preciso ir lá. Eu preciso saber.

Depois de enfiar os pés em um par de chinelos, abro a porta e saio para o aguaceiro. O trovão rola à distância e, alguns segundos depois, o céu se ilumina. No verão, fica claro até tarde nas pradarias, mas as nuvens de tempestade lançam um brilho sombrio e sinistro sobre a rua arborizada. Minha camiseta e meu jeans ficam encharcados em segundos enquanto desço a calçada curta e estreita, saindo pelo portão da frente. Eu me viro e faço o caminho inverso até a casa branca ao lado da minha casa azul. A fileira de quatro casas tem a mesma construção, mas a atenção de Sloane aos detalhes quando ela as renovou torna cada casa única.

Eu subo os degraus da frente, olhos em meus pés, a sensação de pavor em meu peito se expandindo até que parece um trabalho duro até para respirar. Minha mão se levanta e um dedo se estende para tocar a campainha, mas hesito quando penso em como Winter parecia exausta hoje. Ela parecia irada com o barulho mais cedo, então considero se tocar a campainha é minha melhor opção.

A verdade é que não sei o que fazer.

Então, sento-me no degrau mais alto dela, coloco minha cabeça em minhas mãos e espero.

12

Winter

Winter: Por que Theo Silva está se mudando para a casa ao lado? Quem aprovou isso? Você ou Jasper?

Sloane: Isso é um problema? Eu nem pensei que você se importaria. Vocês se meteram naquela briga, o quê? Há um ano e meio?

Winter: Esquece.

Sloane: Oh, merda.

Meu telefone vibra quando o movimento na porta da frente aciona o sistema de alarme. Eu deslizo a tela aberta e puxo o feed de vídeo.

E lá está Theo, sentado na minha varanda com a cabeça entre as mãos. Não está usando a tipoia que ainda deveria estar.

Estou dividida. A diaba amarga em um ombro quer deixá-lo lá fora se encharcando, mas o curioso anjo zelador no ombro oposto quer ter certeza de que ele está bem.

Porque nunca o vi parecer abatido. Mesmo no hospital, ele estava contando piadas e voando em minha defesa como se eu precisasse disso dele.

Desço o corredor em direção ao quarto de Vivi e a espio. Ela está deitada de costas, os braços abertos, com os dedos minúsculos cerrados em punhos frouxos.

Eu quero dormir assim de novo. Em vez disso, sinto que estou em constante estado de alerta onde, mesmo quando estou exausta, acho difícil relaxar o suficiente para realmente dormir profundamente.

Após o clique suave de sua porta fechando, espero com a respiração suspensa para ver se acordei o monstro da dentição.

Um. Dois. Três.

Eu pressiono meu ouvido em sua porta e quando não ouço nenhum sinal de movimento, um suspiro profundo sai do meu peito. *Alívio.*

Até me lembrar de quem está sentado na minha varanda. Mas me aproximo da porta da frente com um nível frio de desapego que aprendi na faculdade de medicina. Um que eu poli em um brilho perfeito trabalhando na sala de emergência.

Um que dominei quando criança, para ser honesta.

Minha mão envolve a maçaneta e, com um puxão agressivo, abro a porta da frente e olho para o segundo par de olhos castanhos mais bonitos que já vi.

É impossível não ficar boquiaberta por pelo menos um momento. O cabelo molhado de Theo abraça sua testa e gotas de

água se agarram aos dois picos de seu lábio superior. Chuva colou sua camiseta branca no corpo da maneira mais obscena.

— Por que você não está usando sua tipoia?

Assim que meu cérebro decide começar, mesmo enquanto olho para baixo em seus olhos torturados. Ele se desdobra e, quando se aproxima, sou forçada a erguer o queixo para manter seu olhar fixo.

— Winter, preciso que você me diga a verdade.

Posso sentir meu coração batendo na garganta e levanto a mão para acalmar a dor. — Ok.

— O bebê é meu?

Meu rosto fica frouxo. *O bebê é meu?* Ele está brincando comigo? O estrondo do trovão me atinge como um tapa. — Isso não é engraçado, Theo.

— Não estou tentando ser engraçado, Winter.

— Já conversamos sobre isso, então não sei o que você está querendo.

— Conversamos sobre isso? — Seu rosto se contrai e seus braços se abrem em ambos os lados dele.

Eu vou dar isso a ele. Ele parece estar genuinamente confuso. — Sim. Acredito que a última mensagem de texto que recebi de você foi — minhas mãos gesticulam ao lado da minha cabeça entre aspas no ar — *obrigado por me deixar saber.*

Enquanto eu viver, acho que não vou esquecer a expressão no rosto de Theo agora. Acabei de ver um coração se partir bem na

minha frente. E eu me lembro como é. Estou familiarizada com a sensação de tudo o que você achava que sabia desmoronando ao seu redor.

A expressão em seu rosto é assombrada e minha mão sobe da minha garganta para cobrir minha boca. — Oh, Deus — eu sussurro. — Você realmente não sabia.

Eu me sinto fora de mim. Acima de nós, observando. Como se eu estivesse assistindo a duas pessoas interagindo em um filme ou programa de TV.

Isso não pode ser real.

Uma risada incrédula escapa dele. — Não. Você não pode estar falando sério.

Eu encaro de volta, sem saber o que dizer.

Ele anda e solta outra risada. Desta vez, parece um pouco desequilibrado. — Você só pode estar brincando. — Mais rápido do que o raio cruza o céu, ele vira as costas para mim e desce os degraus correndo. — Como foi... — Ele passa a mão pelo cabelo e olha ao redor do jardim encharcado. — Por que... — Aqueles olhos geralmente felizes nadam com devastação quando ele volta seu olhar para mim. — Quando você...

— Duas semanas ou mais depois. Tentei entrar em contato com você tantas vezes. Eu não sei...

Seu antebraço se flexiona enquanto ele passa a mão na boca. — Não. — Ele ri, mas beira um soluço. — Você está me dizendo que tenho uma filha e perdi tudo? A gravidez? O nascimento? Tudo?

Parece-me que estou vendo um homem se desenrolar bem diante dos meus olhos. Um homem bonito e *chocado*. Passei os últimos dezoito meses presumindo o pior sobre Theo, e aqui está ele, desmoronando, como se a chuva estivesse desintegrando a argila que o mantém unido.

Minha boca se abre, mas não sei o que dizer a ele. Quero dizer, sim, ele perdeu todas essas coisas. E eu não sei por que, mas com base na maneira como ele voltou a andar de um lado para o outro e puxar o cabelo, devo presumir que ele não fez isso de propósito.

— Winter. Não fode comigo. Você está falando sério?

Ele parece completamente desamparado. Encharcado e sujo, ele sobe os degraus. Posso ouvir sua respiração agora, não apenas ofegante, mas uma espécie de som agudo a cada expiração. Um punho bate contra seu peito.

— Winter. — Agora meu nome é ele implorando por mim.

Ele está em pânico. Verdadeiramente em pânico.

— Theo. — Minhas mãos disparam e seguro suas bochechas, forçando-o a parar. Eu agarro seu crânio, sua barba áspera em minhas palmas, seu pescoço úmido macio sob meus dedos. — Pare. Diga-me três coisas que você pode ouvir.

Seu corpo se agita enquanto ele olha para mim. Os momentos passam.

— Chuva.

Eu concordo.

— Trovão.

Eu lambo meus lábios.

— Seu dedo esfregando a parte de trás da minha cabeça.

Eu engulo e pressiono minha mão oposta em seu peito. Seu coração troveja sob a palma da minha mão. — Ok. Agora três coisas que você pode ver.

Seus olhos passam por mim, e não solto sua cabeça. — Sua casa branca. O carrinho dobrado na porta da frente. — Sua voz falha.

Eu massageio sua nuca, tentando trazê-lo de volta.

— Você.

Meus lábios pressionam, meu olhar saltando entre seus olhos. Ele parece mais calmo agora. — Sim. Bom. — Meu aperto amolece, minhas mãos deslizando para seus ombros com o som suave da chuva caindo ao fundo.

Eu o observo de perto.

Suas mãos pendem frouxamente ao lado do corpo, mas é o tremor em sua voz quando ele diz: — Posso vê-la? — que tem meus olhos cheios de lágrimas.

Eu não sei o que diabos está acontecendo agora, mas sei que o homem na minha porta merece ver sua filha. Concordo com a cabeça e me viro para abrir a porta, permitindo que ele entre em nossa casa. Sua presença é grande e envolvente quando ele entra.

Eu aponto para a sapateira, tentando ignorar a pressão de seu corpo atrás de mim. Mesmo em um momento como este, o ar entre nós vibra. Isso me faz querer me inclinar para trás e ter seus braços em volta de mim.

Seria tão bom ser abraçada por alguém.

Em vez disso, corro na frente, andando silenciosamente pelo corredor para pegar uma toalha para ele. Quando volto e dou a ele, arrisco dar uma olhada em seu rosto esculpido. Sua pele normalmente bronzeada agora é uma combinação perfeita para o pano felpudo branco em suas mãos.

Eu tento não olhar enquanto ele se seca, optando por olhar com raiva para os meus dedos em vez disso. Ainda sem manicure.

Uma risada triste borbulha na minha garganta.

— O quê? — Theo se concentra em enxugar o cabelo molhado agora, os bíceps protuberantes e flexionados enquanto ele estende a mão por cima da cabeça.

— Eu apenas... nada. É bobagem.

— Não, diga.

Quando o suspiro me deixa, todo o meu corpo cede em seu rastro. Calor floresce em minhas bochechas enquanto olho para minhas mãos estendidas. — Parece ridículo, mas há muito tempo venho dizendo a mim mesma que vou começar a fazer manicure. Eu não sei por quê. Eu só quero. Não posso ter minhas unhas pintadas no hospital e o trabalho é muito difícil para minhas mãos de qualquer maneira. Continuo querendo fazer isso enquanto estou fora do trabalho, mas eu apenas... não fiz.

Quando espreito, Theo está olhando para mim com uma intensidade que acho que nunca vi nenhum homem dirigir para mim em minha vida. O que acho que faz sentido. Ele está arrasado e eu estou aqui falando sobre querer fazer manicure.

Eu o acerto com um sorriso aguado. — Basta jogar a toalha aí. Ignore a bagunça. — Estremeço um pouco quando olho para a cozinha e a sala de estar. Poderia ser pior, mas há pratos inacabados na pia, pastilhas de café no balcão e brinquedos por todo o chão da sala. É tudo prova de que estou apenas fazendo o que precisa ser feito para passar por essa fase de dentição esquecida por Deus. — Têm sido alguns dias difíceis.

Ele não diz nada e eu não arrisco um olhar em sua direção antes de conduzi-lo pelo corredor em direção ao quarto de Vivienne. Sei que a intrusão pode acordá-la, mas este parece ser um daqueles momentos em que não importa. Se o trovão ainda não o fez, talvez estejamos livres.

Com um clique suave, abro a porta do berçário. É um quarto lindo e aconchegante que veio junto com muito apoio de todos aqui em Chestnut Springs. Sloane me ajudou a pintá-lo no rosa mais suave, com branco brilhante nas molduras da coroa. Cortinas de renda cobrem as cortinas opacas atrás delas. O berço é do meu pai – ele mandou pelo correio. A cadeira de balanço é de Harvey, uma herança de família que tenho certeza de que não mereço. Ele mesmo a trouxe e a colocou no canto. Willa trouxe todas as coisas úteis, um suporte para fraldas, um aquecedor de lenços umedecidos, um monte de babadores. E Summer ainda não parou de comprar suas roupas.

A maneira como todos se reuniram ao meu redor ainda é quase mais do que posso pensar confortavelmente.

Atravesso o quarto e abro as persianas, permitindo que a suave luz cinza do lado de fora ilumine o berçário. Theo está parado na porta, imóvel.

Eu espio Vivi, ainda na mesma posição feliz da última vez que a verifiquei. Então, com uma respiração profunda e centrada, atravesso o quarto e envolvo minha mão na de Theo. Sua palma está úmida e pegajosa enquanto eu o conduzo até a beirada do berço branco.

E então ficamos aqui. Duas pessoas que mal se conhecem.

Olhando para a nossa filha. Ele pela primeira vez. E eu pela milionésima.

Depois de apenas algumas batidas, ele muda os dedos para que eles se unam aos meus. Sua mão aperta, e parece que ele está apertando meu coração. Quando eu olho para ele, seus olhos estão arregalados e sem piscar.

— Winter. — Meu nome é uma respiração em seus lábios neste momento. Ele se abaixa e passa o nó de um dedo sobre uma de suas bochechas cheias. Seus pequenos lábios fazem um movimento de sucção, e ela vira a cabeça em seu toque.

— Oh, Deus. O que... — Sua mão livre cobre sua boca. — Onde é o banheiro?

— Do outro lado do corredor. — Eu mal pronuncio as palavras antes que ele se vá.

Eu o sigo e o ouço arfando enquanto me aproximo da porta. Ele a deixou entreaberta, e posso ver uma lasca dele curvado sobre o

vaso sanitário, as mãos nos cabelos, parecendo totalmente derrotado.

Eu me afasto para dar a ele um pouco de privacidade. E então deslizo pela parede ao lado da porta do banheiro e coloco minha cabeça entre as mãos antes de me entregar à minha própria sensação de náusea.

Algo deu errado no caminho. Não tenho certeza do que ou onde. Tudo o que sei é que o homem no meu banheiro nunca teria me enviado aquela mensagem.

13

Theo

Eu perdi tanto.

É a frase que fica passando pela minha cabeça. Aquela que martela meu coração até doer. Aquela que me faz arfar como se pudesse expulsar o pensamento do meu corpo.

Minha cabeça se levanta quando ouço uma batida suave contra a porta. — Theo? Eu, eh... Trouxe um enxaguante bucal. Posso entrar?

Eu dou descarga, levanto-me e abro a porta o resto do caminho. Na pressa, não deu tempo de fechá-la e trancá-la. Minha visão ficou embaçada nas bordas e meu estômago revirou quando a percepção de que tenho uma filha me deixou de joelhos.

Uma garotinha.

E eu perdi *tanta coisa.*

Observo Winter, realmente a observo, vendo-a sob uma luz diferente agora. Cabelo preso em um coque bagunçado. Rosto sem maquiagem com olheiras sob os olhos fixos nos meus e grandes como pires. Ela parece cansada, mas mais saudável do que da última vez que a vi. Há um brilho sobre ela, como se ela passasse o tempo fora.

Eu deixo meus olhos percorrerem seu corpo, mas volto para seu rosto quando chego em seu peito. Sua regata larga não esconde nada e ela não está usando sutiã. Olhar boquiaberto para o contorno de seus mamilos através do fino tecido cinza não é o que o momento exige, então me concentro em seus olhos azul-gelo, cheios de perguntas.

Mas ela não pergunta.

Ela estende um copo de plástico branco, meio cheio com um líquido que combina com seus olhos. — Aqui.

Quando pego o copo, nossos dedos se tocam. Por um minuto, descanso a ponta do meu dedo indicador sobre a ponta do dela. Eu deslizo até a próxima junta, sentindo como se estivesse tocando o limite de todas as maneiras que preciso para pedir desculpas. Eu nem sei por onde começar.

— Obrigado. — Eu tomo o líquido de menta, então coloco minhas mãos sobre a pia e olho para o ralo enquanto tento entender todas as maneiras que minha vida mudou hoje.

Uma filha.

Outra onda de náusea me atinge, então eu cuspo, enxáguo e me sento no chão com as costas apoiadas na banheira, a bunda largada em um tapete de banho rosa de pelúcia.

— Quer vir se sentar na sala de estar? — A voz de Winter é suave, calma. Já ouvi pessoas a chamarem de gelada, mas vejo uma mulher forte. Uma que admiro ainda mais agora.

— Acho que devo ficar perto do banheiro. — Eu olho para o pato rosa espumoso cobrindo a torneira e o sabonete orgânico para bebês com pequenos blocos ABC no rótulo frontal.

Seus lábios apertam juntos enquanto ela me olha. — Escute, está limpo aqui, mas tipo... não *tão* limpo.

— Para ser franco, a limpeza do seu banheiro é a última coisa que me importa agora.

Seus cílios tremulam no mesmo ritmo do jeito nervoso com que ela balança a cabeça. — Sim. Ok.

Para minha surpresa, ela coloca o enxaguante bucal em uma prateleira e vem em minha direção, sentando-se no tapete do banheiro bem ao meu lado.

Seu short de jérsei macio cai sobre suas coxas quando ela levanta os joelhos e pressiona sua perna nua contra a minha. — Tudo bem?

Concordo com a cabeça, os olhos ainda fixos em sua coxa lisa e bronzeada, seu fêmur muito mais curto que o meu. Lembro-me de como foi segurar aquela coxa, como ela envolveu ambas em volta da minha cintura e me puxou para perto.

As luzes redondas acima da pia zumbem e os únicos outros sons no banheiro são o respingo suave da chuva contra as janelas e nossa respiração.

— Qual o nome dela? — Uma risada aquosa segue a minha pergunta. — Por favor, diga que você não a chamou de Autumn.

Winter bufa e sua cabeça cai. — Porra. Eu nunca. — Então ela vira o rosto para o meu, a tristeza gravada em seu lindo rosto. —

O nome dela é Vivienne Hamilton. Mas todos nós a chamamos de Vivi.

Todos nós.

Essas duas palavras me atingem como uma tonelada de tijolos. *Todos nós.* Todos aqui a conhecem. E a viram crescer. Estiveram lá quando ela nasceu.

E eu não fazia ideia.

— Ela tem um nome do meio?

— Não.

Concordo. Quem se importa com um nome do meio? Deus, eu sou um idiota.

— Que dia é o aniversário dela?

— Vinte e dois de setembro. Teria sido estúpido chamá-la de Autumn com uma data de nascimento como essa.

Eu rio, mas é estrangulado. — Como foi o parto?

Ela pisca para mim. — Parto?

— Sim. Seu nascimento. Como foi?

— Foi... foi... — Ela faz uma pausa. — Desculpe, eu não esperava que você me fizesse essa pergunta.

— Quero saber tudo, Winter. Cada pequeno detalhe.

— Ok. — Seu rosto se contrai um pouco. — Bem, nem *todos* os pequenos detalhes.

— Minha mãe é parteira. Você não pode me chocar depois de anos a ouvindo contar histórias de nascimento.

Minha mãe. Outra pedra cai no meu estômago. Isso vai estripar ela. Ela ficará animada, mas com o coração partido ao mesmo tempo. Eu sei, porque é assim que estou me sentindo agora.

— Sinceramente, foi incrível. Poderoso. E exaustivo. Mas tão gratificante. Ela estava saudável e eu também.

Eu engulo as palavras *eu deveria estar lá* sobre o nó na minha garganta.

— Theo? — Seu joelho cutuca o meu. — Se eu não estava falando com você, com quem eu estava falando? Peguei seu número na lista de membros da Hamilton Athletics.

— Provavelmente foi Geoff da Hamilton Elite.

— Espere. — Ela levanta uma mão. — Do trabalho do meu pai?

Concordo com a cabeça, olhando para minhas mãos, pressionando as almofadas calejadas. — Reconcentrei-me depois daquele Natal e cortei todo o barulho. Todas as mídias sociais, todas as... — Eu inclino minha cabeça para trás e gemo enquanto olho para o teto.

— Mulheres? — Winter não oferece inflexão em sua voz.

— Sim. Um novo telefone parecia ser a maneira mais fácil de desconectar. Eu entreguei aquele para que Geoff pudesse gerenciar minhas contas de mídia social. Eu disse a ele para me avisar se alguma coisa importante acontecesse.

— Hum. — Ela acena com a cabeça, longa e lentamente, quase balançando o corpo com o peso disso.

— Você ainda tem as mensagens?

— Não as mensagens de voz. — Ela funga enquanto tira o telefone do bolso. Depois de alguns toques, ela o entrega para mim. *Theo Silva* é o contato no topo, e eu confiro o número. Sei que ela me vê fazendo isso, porque a sinto tensa. Mas preciso ter certeza de que ela contatou a pessoa certa.

O número está certo, e parte de mim gostaria que não fosse assim, para que eu pudesse ficar com raiva dela por não se esforçar mais para entrar em contato comigo. Eu quero alguém além de mim para culpar por essa bagunça colossal.

Mas quando leio as mensagens no chat, todos esses sentimentos evaporam, e em seu lugar surge um pavor opressivo. Pesar. Uma torção doentia no meu estômago. Porque nenhuma mulher em sã consciência continuaria tentando me rastrear depois de receber mensagens como essas.

Não estou interessado em falar.

Obrigado por me deixar saber.

Vou matar Geoff com minhas próprias mãos. Ele pode ser a única pessoa no mundo que consideraria essas mensagens 'não importantes'.

A ansiedade se desenrola em meu peito. Estou dominado pelo instinto de pegar essa porcaria confusa e desembaraçá-la. Fazer as coisas tão bem quanto eu puder.

Quando olho de volta para Winter, ela está enrolada em si mesma, seu olhar fixo nas unhas novamente.

— Winter. Olhe para mim.

Sua língua sai para dar um golpe nervoso em seus lábios, mas ela não vira o olhar para mim.

Estendo a mão, ignorando a mordida afiada em minha clavícula, e guio seu queixo suavemente com meus dedos. Quando ela finalmente me dá os olhos, deixo meu olhar segui-los, querendo saber se tenho toda a sua atenção.

— Se eu soubesse, estaria aqui a cada passo do caminho. Apoiando você no que fosse preciso. E Winter?

— Sim? — Pela primeira vez esta noite, sua voz soa fraca.

Eu pego uma lágrima perdida que desliza sobre a maçã de sua bochecha e a enxugo, reprimindo a raiva em meu peito sobre como tudo isso aconteceu. — Agora que estou aqui? Estou aqui. Ok? Sem expectativas, mas quero que me deixe ajudá-la. Quero conhecê-la se estiver tudo bem para você.

Ela acena com a cabeça e mais lágrimas caem. Levanto minha outra mão e tento pegá-las todas, mas falho. Elas vêm muito rápido, então puxo a cabeça dela contra o meu peito e opto por deixá-la molhar minha camisa já úmida.

Parece o mínimo que posso fazer por essa mulher depois de como a decepcionei completamente.

Eu não durmo. Embora tenhamos mudado todos os meus móveis para esta casa nova, ela não parece minha. Eu me deito de

costas, olhando para o teto. Tenho Peter preso na minha axila, roncando baixinho de um lado, e arrependimento do outro lado com uma mão na minha garganta.

Winter sempre me atraiu para ela de uma forma inexplicável, e saber que ela está a poucos passos de distância com *nossa* filha? Isso mudou algo em mim.

Eu não queria ser perturbador ou ultrapassar meus limites, mas queria me sentar no chão daquele berçário e olhar para Vivienne a noite inteira.

Saber que você quer ter filhos um dia é muito diferente de enfrentar um que já existe. Eu não sei como envolver meus sentimentos em torno disso.

Mas eu sei quem vai.

Estremecendo enquanto me mexo na cama, tiro meu telefone da mesa de cabeceira e ligo para minha mãe.

— O que está errado? — É como ela atende o telefone. Seus instintos são selvagens.

— Por que algo teria que estar errado para eu ligar para você? Você é minha mãe.

— Certo, mas conheço você. No momento, são seis horas da manhã de um domingo onde você está, o que significa que são cinco aqui.

— Merda. Desculpe, mãe.

— Tudo bem. Eu estava me preparando para fazer yoga restauradora. Posso resolver seus problemas enquanto preparo um chá verde.

Eu bufo. Acho que ninguém pode resolver esse problema no tempo que leva para fazer uma caneca de chá.

— Por que você não dorme até tarde? É final de semana.

Ela zomba de mim, e ouço um armário fechando do outro lado da linha. — Vou contar isso para a próxima mãe que entrar em trabalho de parto no fim de semana. *Desculpe, boneca. Você vai ter que esperar até segunda-feira.*

Eu rio, porque me lembro de ter que cuidar da minha irmã em horários estranhos de vez em quando, quando minha mãe tinha que sair correndo para dar à luz. Ou quando éramos mais jovens, acordando para que ela pudesse nos deixar na casa de uma amiga.

Ela fez o melhor que pôde após a morte de nosso pai. Uma mãe solteira de dois filhos não era um trabalho fácil. Porém, quando ela conseguiu um emprego como professora de obstetrícia na faculdade, as coisas desaceleraram um pouco.

— Justo.

Peter solta um ronco alto ao meu lado, nem um pouco incomodado com o telefonema.

— Oh, esse é o pequeno Peter?

Deixe que Rhett arruine o nome do meu cachorro. *Pequeno Peter* soa distintamente como um pênis. Mas não vou contar à minha mãe que–

— Deus. Toda vez que digo o nome desse cachorro, penso em um pau.

Eu solto uma gargalhada e a maneira como ela sacode meu corpo é o suficiente para acordar o *pequeno Peter.* Ele me dá um

olhar de reprovação, como se eu fosse o pior travesseiro do mundo, e volto a acariciá-lo. Quando o peguei na rua no México, pensei que ele pensaria que eu era seu herói, mas a atitude neste cão é intransponível.

— É verdade. Espero que você não tenha dado a ele o nome do seu–

— Mãe. — Fecho os olhos e esfrego os dedos nas sobrancelhas.

— Certo. Estamos saindo dos trilhos. — O ruído surdo da água fervendo ao fundo é filtrado pelo receptor. — Diga o que está errado.

Eu suspiro. — Não sei se *errado* é a palavra que eu usaria.

— Pare de rodeios, Theo.

— Eu tenho uma filha. — Sinto como se tivesse gritado as palavras. De alguma forma, dizê-las em voz alta é muito diferente de ouvi-las ou apenas repeti-las na minha cabeça.

A linha está silenciosa.

— Só descobri ontem à noite.

Eu espero algumas batidas. Ainda em silêncio. Viro o telefone para verificar a tela e me certifico de que ainda estou conectado.

— Mãe?

— Ah, Theo. — Ela quase suspira, como se eu a esgotasse. E tenho certeza de que em algum nível faço. Escolher seguir a carreira que matou meu pai pode ser uma das coisas mais exaustivas que já fiz para minha mãe, mas ela ainda me apoia. Ela

sempre apoiou. Estou esperando que eu não a tenha pressionado muito longe com este pequeno anúncio.

— Você está bem?

A respiração pesada que eu estava segurando me deixa em um estado de choque. — Estou... sim. Acho que estou apenas em estado de choque.

— Como isso aconteceu?

— Bem, mãe, quando duas pessoas–

— Theodore Silva. Não transforme isso em uma piada para lidar com seus sentimentos. Fale comigo.

Eu a ouço derramando água em um copo, levando as coisas com calma, como sempre faz conosco, os filhos. O universo a abençoou com duas mãos cheias. Julia é tão ruim quanto eu.

— O que você quer saber?

— Tudo! Qual a idade dela? Qual o nome dela? Ela se parece comigo? Quando eu posso conhecê-la? E como diabos isso aconteceu?

Ninguém além de Loretta Silva aceitaria isso tão facilmente. — E você estava no *meu* pé por cobrir com piadas.

Ela suspira e posso imaginá-la passando a mão sobre si mesma como se estivesse espantando uma mosca, como se estivéssemos na mesma sala.

Então, conto a ela tudo o que sei, ouvindo o pequeno suspiro feliz que ela dá quando falo sobre Vivienne. Não perco o som

estrangulado que fica preso em sua garganta quando explico como tudo se perdeu na tradução.

— Eu poderia matar aquele idiota do Geoff — ela murmura.

— Não, ele é meu para matar.

— Theo! Você não pode ameaçar merda assim. Você é pai agora.

Porra. Eu sou um pai agora.

— Ok, então preciso me recompor antes de cruzar essa ponte. E dizer ao pai de Winter, já que ele é o chefe de Geoff, e isso é tudo uma grande confusão.

— Então, a mãe é a cunhada do Rhett?

— Bem, o casamento não é até o mês que vem. Lembra? Você está convidada.

— Não fique assim, Theo. Você sabe o que estou perguntando.

Meus dentes roçam meu lábio inferior enquanto olho para o teto branco estilo pipoca. Como não coloquei persianas, a luz da manhã encheu o quarto e o tom azul dá ao espaço uma vibração serena e fresca que me lembra Winter.

— Sim. É ela.

— Huh. *Aquela* garota, hein? Bem, mal posso esperar para conhecê-la.

— Vivienne?

— Não. Bem, sim. Mas Winter também.

Eu sorrio para o teto. — Sim, acho que você vai gostar dela.

— Como ela está? Eu nunca fui uma mãe solteira com um bebê. Mas lembro do seu pai indo para a estrada e me deixando sozinha em casa com vocês dois. Eu praticamente jogava você para ele e saía pela porta assim que ele voltava, só para ter alguns minutos sozinha.

— Eu acho que ela está bem. Feliz, mas sobrecarregada, se isso faz sentido?

— Isso faz todo o sentido. Se eu escrevesse um dicionário, essa poderia ser a definição que colocaria sobre a maternidade.

Eu rio, mais leve já por ter conversado com minha mãe.

— Theo, querido, a pergunta que qualquer bom pai faria a si mesmo agora é: o que você vai fazer para que ela se sinta menos sobrecarregada?

14

Winter

Sloane: Devo expulsá-lo? Eu o chutaria para fora por você.

Winter: Tudo bem.

Sloane: Devo voltar das férias e bater nele?

Winter: Eu pagaria um bom dinheiro para ver você bater em alguém.

Sloane: Isso é um sim ou um não?

Winter: Só não conte a ninguém. É a história dele para contar.

Sloane: Que história? Eu nem sei do que você está falando.

Sloane: LMAO[1]. Viu o que eu fiz?

Winter: Jasper fodeu todas as células cerebrais de sua cabeça com seu pau enorme?

Sloane: Você me ama.

Winter: Eu amo.

[1] LMAO, abreviação para *laughing my ass off*, que pode ser traduzido como *rindo pra caramba*.

Theo Silva está parado na minha varanda às 10h em ponto. Posso vê-lo na tela do meu telefone, deslocando desajeitadamente o peso nos pés, com um copo de papel em cada mão.

Eu estive pronta para isso. Para ele. Ontem, tive a sensação de que ele não partiria para o pôr do sol depois de descobrir sobre Vivi. E passei a noite inteira acordada pensando nisso.

Ele deve me odiar no fundo. Como ele não poderia? Mas quero que ele tenha um relacionamento com sua filha. Não quero que ela viva com a tensão carregada em torno da qual cresci. Eu sou uma mulher adulta. Uma *médica.* Eu sei que não sou calorosa e aconchegante, mas sou madura.

Meio.

Eu tenho meus momentos, e este precisa ser um deles. Por Vivi. Não vou me preocupar com Theo gostando de mim, e vou ignorar o quão dolorosamente atraente ele é e reduzi-lo a um excelente espécime.

Vivienne vai me agradecer por esses genes um dia.

Puxando a bainha inferior, olho para a minha camiseta vintage Rainbow Brite. Eu a combinei com jeans baggy boyfriend, porque nenhum dos meus jeans de antes se encaixa tão bem.

Algo em que tento não pensar muito.

Pelo menos meus seios estão ótimos.

Não que isso importe. Porque Theo é meu... copai. Somos como parceiros de negócios. Sim. Eu gosto de como isso soa. Arrumado e não ameaçador. Como se fôssemos uma equipe, mas podemos seguir caminhos separados no final do dia.

Com um aceno seguro, coloco meu telefone no bolso e abro a porta.

— Dra. Hamilton, você estava esperando por mim? — Ele pisca, e toda aquela compostura evapora como se quase nem tivesse existido. Estou mergulhando de volta àquela noite no posto de gasolina. Suas botas desabotoadas e sorriso arrogante.

Eu olhando como uma idiota total.

A adrenalina que senti quando ele levantou meu vestido sobre minhas coxas como se estivesse desembrulhando um presente. Seus dedos enganchando dentro da minha calcinha sem hesitar.

Eu limpo minha garganta. — Parecia mais que você estava esperando por mim pelo que pude ver na câmera.

Ele olha para cima, os olhos se movendo até pousar no pequeno quadrado com uma lente no canto. — Bom. Fico feliz que você tenha um sistema de segurança. Eu ia me oferecer para colocar um.

Eu mordo meu lábio e pisco para longe. Por que ele é tão... *legal?*

É enervante. As pessoas nunca são tão legais, a menos que queiram algo de você. Não é normal.

— Por que você simplesmente não bate ou toca a campainha?

Ele dá de ombros. — Eu não quero acordá-la novamente.

— Posso dar meu número.

— Eu já tenho.

— Como você já tem isso?

Ele pigarreia e diz: — Coloquei no meu telefone naquela noite.

Eu pisco. — Naquela noite?

— *Naquela* noite. — A palavra goteja com insinuações. Não há dúvida de que noite ele está falando.

— Você pegou meu número sem pedir?

O topo de suas orelhas está tingido de rosa, e ele tem o bom senso de parecer um pouco contrariado. — Achei que um dia precisaria disso.

Não sei o que fazer com sua revelação e, sinceramente, não me sinto preparada para lidar com isso. Eu opto por seguir em frente, deixando qualquer merda complicada que seja no espelho retrovisor. — Então... você só ia esperar aqui fora até eu, o quê? Checar meu e-mail?

Um estrondo profundo rola em seu peito e ele sorri. Porra, seu sorriso é ofuscante. — Não sei, Winter. Eu não tinha um grande plano. Peguei um café para você e decidi descobrir a partir daí.

Ele estende a mão para mim, vapor saindo pelo buraco na tampa. — Comprei na cidade. Achei que você poderia precisar de um tanto quanto eu. — Os cantos de seus olhos apertam, e reconheço como ele parece cansado. Sua pele dourada tem manchas azuis sob seus olhos escuros, e a barba por fazer em sua mandíbula cresceu um pouco mais do que sua habitual barba por fazer. — É só um americano. — Ele aponta o copo para mim novamente.

Eu o pego, percebendo que estou olhando para ele, perguntando-me por que ele está *me* trazendo café.

— Eu não sabia do que você gostava.

Olho para a tampa, quase chorando pelo fato de ele estar *aqui*. Embora eu tenha jogado uma bomba nele ontem à noite, ele está me trazendo café.

— Além de tequila e estilo cachorrinho... porra. — Ele passa a mão pelo cabelo perfeitamente despenteado. — Desculpe. Você pode dizer algo para que eu pare de fazer piadas estranhas para preencher o silêncio?

Eu espreito para ele através de olhos fechados. — Por que você está sendo tão legal comigo?

Sua testa franze e seu rosto mostra uma confusão genuína. Parece-me incomum como ele usa o coração na manga, a maneira como cada emoção e pensamento quase se imprime em seu rosto.

— Winter, acho que já passamos por isso antes. Você continua procurando algum motivo oculto em mim, e não há nenhum. Posso entrar? Eu quero ver... — Ele faz uma pausa e pigarreia, como se ainda fosse difícil dizer isso em voz alta. — Vivi. Eu gostaria de passar algum tempo com ela e conversar um pouco mais com você.

Com um aceno de cabeça, eu me afasto e o conduzo para dentro.

Para uma reunião normal.

Uma reunião de negócios.

Assistir ao Theo segurar Vivienne pela primeira vez mexe muito comigo. Primeiro, dá uma vontade de vomitar da mesma forma que ele fez na noite passada. Há algo profundamente avassalador em ver os olhos dele fixos nos dela enquanto a mãozinha dela envolve o dedo dele. — Oi, garotinha — ele murmura. — É tão bom conhecê-la.

O doce barulho que ela faz de volta para ele, como se ela fosse um caso perdido para este homem, dá vontade de chorar. E eu *nunca* choro. Não é apenas minha coisa. É inútil, e sempre me sinto cansada e desolada depois – não melhor.

Mas quando posso vê-*lo* ficando emocionado só de olhar para ela, segurando-a em seus braços tão naturalmente, isso me atinge de uma forma que nunca, jamais imaginei. Ele se levanta e pula suavemente, caminhando em direção à grande janela saliente que dá para a rua da frente.

Ele os vira em direção ao seu quintal. — É onde eu moro. Ao lado. Então, se sua mãe disser que está tudo bem, eu poderia visitá-la de vez em quando.

Sento-me em um banquinho na ilha da cozinha e tento me lembrar da última vez em que me sentei e tomei um café ainda quente. Não quente do micro-ondas, mas verdadeiramente fresco. Eu sinto que estou neste ciclo constante de não ter nada específico para fazer o dia todo, mas o dia passa tão rápido.

Cozinhar, limpar, dormir, entreter, aconchegar, amamentar, socializar. Parece que deve ser fácil. Trabalho no caos para viver, mas isto é muito mais difícil.

É por isso que não posso, de jeito nenhum, explicar a maneira como meu corpo reage à visão diante de mim. Theo já era gostoso *pra* caralho, e Theo segurando um bebê é ainda mais gostoso. Se ele sair em público com Vivienne, vai receber mais bocetas jogadas nele do que já recebe.

E de alguma forma *isso* me deixa com um ciúme irracional.

— Olha como você é linda. — O sol ilumina os rostos de Theo e Vivienne com o mesmo tom quente e dourado. — Você se parece com sua mãe.

Vivienne olha para ele e ri, mãos pequenas alcançando a barba por fazer em suas bochechas, gritando quando raspa contra suas palmas.

— Porra — murmuro, piscando mais rápido do que as asas de um beija-flor enquanto tento queimar minha língua no café apenas para me dar algo menos piegas e desequilibrado para chorar.

Já vi Rhett segurá-la um milhão de vezes, e nunca foi assim. Não, isso é tudo Theo.

— Você dormiu bem? — ele pergunta enquanto se vira para mim.

Vivienne ri e continua passando as mãos no rosto dele. E ah, não posso nem culpá-la.

— Sim — eu minto. — Você?

— Não especialmente. — Seu rosto se transforma em uma expressão mais solene quando ele olha para ela novamente. — Então, o que levou você a escolher Vivienne?

Eu engulo um gole quente de café. Sim, mais café. *Por que estou tão emocionada?* Preciso parar essa merda antes de voltar ao trabalho em alguns meses. Se eu chorar enquanto dou más notícias às pessoas, é melhor desistir.

— Hum... — Eu olho ao redor da sala, sentindo que poderia ser mais forte se não tivesse que olhar para eles. — Significa *viva* e, bem... ela me fez sentir viva novamente. Ela sobreviveu quando meu último bebê não. E parecia um bom nome adulto, sabe? Como se ela pudesse ser primeira-ministra com um nome como esse.

Theo cantarola alegremente e sorri para Vivienne. — Primeira-ministra? Que bom para você, garota. Mal posso esperar para contar às pessoas que minha filha é a primeira-ministra.

Respire, Winter.

Eu rio para cobrir a emoção que brota no fundo da minha garganta. Como ele ousa ser assim... *ele.* — Claro, nunca pensei que me sentir viva também fosse tão cansativo. Ou que eu não desejaria nada mais do que ninguém me tocar, mesmo que apenas por uma hora. Ou que nunca mais tomaria banho sozinha. — Uma risada estridente salta de meus lábios, uma triste tentativa de disfarçar a emoção em minha voz.

Os olhos escuros de Theo olham para mim. — Vá tomar banho, Winter.

— O quê?

— Tome esse café e vá tomar um banho. Feche a porta. Coloque uma música. Assista a um pouco de pornografia. Vá ter um momento para você–

Eu solto uma risada. — Você não acabou de me dizer isso. Diante de uma mente jovem e impressionável, nada menos.

O sorriso que ele me dá é puro conhecimento. Ele sabe o que faz comigo, tenho certeza. A maneira como seus olhos examinam meu corpo é a prova. Acho que não sou a única que se lembra vividamente *daquela* noite.

— Tink, por favor. Posso não conhecê-la muito bem, mas tenho uma suspeita de que a primeira palavra da futura primeira-ministra pode ser *porra.*

Eu mordo meu lábio para esconder o sorriso. A maternidade solo me transformou em um caminhoneiro do caralho. Eu não posso nem negar.

— Vá. Eu cuido dela. Nós vamos ficar aqui e esperar por você.

Eu olho para ele.

— *Até terminar.*

Idiota. Eu o encaro com mais força, mas a parte desesperadamente tocada de mim grita: *Faça isso! Tome o banho!*

— Você sabe o quê? Sim, estou indo. Não tomo banho sozinha há nove meses.

— Bom. Divirta-se.

— Se ela chorar...

— Nós ficaremos bem. Todos os meus primos mais velhos têm um milhão de bebês. Eu costumava ser babá.

— Acabei de alimentá-la, então ela deve ficar bem.

Ele sorri, todo caloroso e pegajoso.

— Olha. Não a deixei sozinha com ninguém, exceto Harvey e a mãe de Sloane, Cordelia.

— Nem mesmo seus pais?

Eu olho para longe. — Não. Isso é complicado.

— Escute, se você não estiver confortável, eu posso ir embora. Não quero entrar aqui e exigir um tempo que você não está disposta a dar. Isso deve ser estranho para você.

Para mim. Essa é a gota d'água. As lágrimas crescem de uma forma que é impossível parar.

Durante toda a minha vida, nenhuma pessoa priorizou como as coisas poderiam parecer *para mim.* E aqui está esse homem que mal conheço, priorizando-me.

Eu forço um sorriso aguado. — Não consigo pensar em uma única pessoa melhor para cuidar dela agora.

Ele acena com a cabeça, os olhos me examinando um pouco de perto demais.

Eu aceno de volta e vou para o banheiro para chorar no meu banho.

E talvez assistir a um pornô.

15

Winter

Winter: Ele está aqui. Ele sabe.

Sloane: Como ele reagiu? É por isso que fizemos uma invasão? Para obter o seu número?

Winter: Sim. Exceto que outra pessoa tinha seu telefone apenas para gerenciar as mídias sociais e nunca disse a ele.

Sloane: Merda. Você está bem?

Winter: Estou tomando um banho quente. Bebendo um café quente. Estou em choque. Mas também no céu.

Sloane: Você merece.

Winter: Eu?

Sloane: Sim. Banhos quentes e um papai gostoso. Você merece o mundo.

Winter: Ele realmente é gostoso.

Sloane: Mais gostoso com um bebê, aposto.

Winter: Você não tem ideia.

Quando ando pelo corredor, espero o caos. Lágrimas e frustração. Um pedido desesperado de ajuda porque ele está fora de seu alcance. Fiquei na banheira com meus fones de ouvido com cancelamento de ruído até a água esfriar, e ainda parecia luxuosa.

Então a merda deve estar desmoronando.

Mas não.

Theo está deitado no sofá, o braço bom pendurado atrás da cabeça, o que faz com que seu bíceps fique proeminente de uma forma muito perturbadora. Vivi está esparramada sobre o peito dele, parecendo um coala que está subindo em uma árvore grande demais para ela alcançar. Seus lábios vermelhos em forma de coração estão um pouco abertos, e o braço dele que deveria estar em uma tipoia está dobrado ao lado dele, uma palma larga aberta sobre as costas dela.

Há algum tipo de corrida de carros passando na TV, mas Theo está olhando para Vivi.

Algo sobre o momento parece profundamente especial. Ele perdeu muitos momentos, muitos primeiros. E esta é sua primeira soneca com ele.

Eu puxo meu telefone do bolso de trás da minha calça jeans e tiro uma foto. A luz quente dá um efeito vintage empoeirado. Eles parecem tão pacíficos.

— Oi — eu sussurro enquanto caminho até eles.

Theo olha para mim, mas olha duas vezes.

— O quê?

— Você apenas... — Seus lábios apertam juntos. — Você está lin– diferente.

Eu quase sorrio. *Lindiferente.*

— Bem, coloquei um pouco de maquiagem. Como ela está?

Ele olha de volta para ela. — Perfeita.

Eu me sinto estranha pairando, então me sento na mesa de centro ao lado deles e seguro meu telefone na frente de Theo para mostrar a ele a foto. — Se você me der seu número, mando para você.

Seu polegar desliza pelas costas de Vivi em um arco suave. — Gostaria disso. Eu sinto...

Olho para o meu telefone. — Eu sei. Você deve me odiar. E tudo bem. Acho que no fundo não culpo você. Talvez eu devesse ter enlouquecido e contado a todos. Sido mais rancorosa, sabe? Eu tentei me importar menos e o tiro saiu pela culatra de forma espetacular.

— Winter, não odeio você. — Sua voz é suave, mas segura, embora ainda não consiga olhar para ele. — Você fez muito. Você fez mais do que o suficiente.

— Você tem que dizer isso, porque sou a mãe da sua filha.

— Eu...

Levanto uma mão. — Eu sei que você não teria se inscrito para a paternidade. Mas eu... *realmente* queria isso. Não como aconteceu, talvez. Quero dizer, quão clichê é um preservativo estourado? Mas um bebê? Theo — minha voz falha — eu realmente queria um bebê. Eu não estou arrependida.

— O que faz você pensar que eu não quero isso?

Deixo meus olhos percorrerem o belo homem no meu sofá, com nossa filhinha deitada sobre seu coração. — Não neste momento da sua vida. E não comigo. Você nunca vai me convencer do contrário.

Suas feições endurecem, um brilho de aço em seus olhos. — O que faz você pensar que eu não iria querer isso com você?

Eu zombo, enxugando uma lágrima perdida novamente.

Foda-se minha vida e todo esse choro.

— Desculpe, eu nunca choro.

Um sorriso toca seus lábios. — Sim, posso ver isso.

— Cale a boca. — Deslizo de novo, virando-me para olhar pela janela da frente.

— Sinto que perdi muitas estreias, Winter. Isso é o que eu ia dizer. Sinto-me um intruso, mas não quero. Eu gostaria de ter estado aqui para vê-la crescer. Ver você crescer. Estar no parto.

Eu fungo. — Willa fez um vídeo muito gráfico. Eu posso mostrar a você algum dia.

— Eu adoraria isso.

— Não é sexy. — Eu olho de soslaio para ele e ele franze a testa. — Vai arruinar todas as lembranças esplêndidas da minha vagina que você possa ter.

— Não. Isso é impossível. Essas memórias são o motivo pelo qual meu antebraço direito é maior que o esquerdo.

Reviro os olhos e seguro minha risada. — Você é impossível de deter.

Ele sorri. — Sim.

— Estou feliz por ter você por perto, Theo. Eu nunca, jamais manteria você longe dela. Depois de como eu cresci, só quero que ela seja cercada por muito amor. Sabe?

— Claro. Estamos na mesma página. — Sua voz, suas palavras são como um abraço firme. Elas instantaneamente me fazem sentir melhor.

Vivi se mexe, chamando nossa atenção, e por alguns instantes nós dois apenas... olhamos o bebê.

— Teremos que contar às pessoas em breve.

— Sim — diz ele em uma voz áspera. — Eu já contei para minha mãe. Espero que esteja tudo bem.

— O que ela disse? — O pânico se infiltra. Deus, o que essa mulher deve pensar de mim?

— Que eu tenho um pouco para colocar em dia. E que ela mal pode esperar para conhecer você.

— Vivi, você quer dizer? Sim, isso vai ser legal.

Ele olha para mim. — Não, Winter. Você. Ela mal pode esperar para conhecer *você.* — Ele está falando sério de novo, e quero me contorcer sob a intensidade de seu olhar.

— Isso deve ser interessante. — Eu rio. — Espero que ela não esteja muito desapontada.

Mas Theo não segue o exemplo. Em vez disso, ele franze a testa para mim. — Eu poderia enterrar quem quer que tenha feito você acreditar que você é tão desagradável quanto parece pensar.

Eu me levanto e limpo a frente do meu jeans, alisando rugas invisíveis. — Sim, bem, eu tive anos para me deliciar com esse sentimento, então não acho que enterrar alguém vá ajudar.

— Vamos ver — ele resmunga, a vibração em seu peito o suficiente para fazer os olhos de Vivi se abrirem.

— Boa soneca, Vivi? — pergunto, minha voz trocando para uma mais suave.

Ela boceja, o corpo tenso enquanto se estica como um gato feliz em um raio de sol. Theo tem um jeito de fazer uma garota se sentir assim quando ele volta sua atenção para ela.

Eu sei. Eu lembro.

Sua cabeça se inclina e ela olha para Theo.

— Oi, garotinha.

Essa coisa de *garotinha* em sua voz profunda será minha ruína. Eu só sei disso.

Ela sorri, quase timidamente, e estende a mão para mim. E para seu crédito, Theo não hesita. Ele a entrega, e eu suspiro quando a seguro contra meu peito.

O intervalo foi bom, mas o alívio de tê-la de volta em meus braços é inexplicável.

Theo se senta, e nossos joelhos batem um no outro enquanto ele se move, ajeitando a camisa.

— Você ainda deve usar a tipoia.

Seus olhos reviram alegremente antes de pousar de volta em nós. — Eu sei, mas é uma droga. Prefiro segurar a Vivi. Mande essa foto para mim, ok?

— Ok. Anote seu número antes de ir.

— Oh, sim. Vou apenas enviar a você uma mensagem primeiro.

Ele fica de pé, o que coloca sua virilha bem na altura do meu rosto. Minhas bochechas esquentam, porque sei o que tem do outro lado do zíper. E eu *sei* o que ele pode fazer com isso.

Liguei pornografia no banheiro, mas sinceramente, nada se compara àquela noite. É a fantasia para a qual volto sempre.

— Por que você pegou meu número? — Espio para ele enquanto Vivi agarra o decote da minha camisa da maneira menos sutil possível.

Theo sorri para mim. — Eu disse que voltaria para outra rodada, e quis dizer isso.

Um pensamento me atinge e rouba todo o ar dos meus pulmões. É irracional. E é ciumento. E sou insegura o suficiente para deixar escapar. — Oh, meu Deus. Você tem outros filhos com outras mulheres? Você fica muito na estrada. Você já é tão bom com ela. Você poderia ter mães de bebês em todo o lugar.

Seus grandes olhos castanhos se arregalam, e então ele solta uma risada incrédula antes de inclinar meu rosto para o dele. Exatamente como ele fez no elevador naquela noite. Ele se abaixa e sussurra contra minha pele: — Não, Winter. Você é minha única mamãe de bebê.

E então ele sai pela porta, como se fosse uma coisa perfeitamente normal de se dizer.

Eu preciso limpar minha cabeça. Então, levo Vivi para passear em seu carrinho. Chegamos ao parque e eu a empurro em um balanço. Assim que ela se cansa, caminhamos pela rua principal.

Estou tão distraída que acabo passando direto pela Hamilton Athletics, onde posso ou não dar uma espiada pelas janelas da frente para Theo malhando. Ele está usando sua tipoia, mas isso não o faz parecer inepto. É mais como se ele pudesse fazer exercícios de equilíbrio e membros inferiores com uma mão amarrada nas costas.

Cada linha em seus braços brilha com a transpiração. Seu corpo é firme, forte – uma máquina.

Quem sabia que os cavaleiros de touros tinham que estar tão *em forma.*

Mas eu *não* estou boquiaberta. Estou apenas clareando a cabeça depois do choque dos últimos dias, e é por isso que fico da mesma cor que um morango quando ele me pega parada no meio da calçada na Rosewood Street.

Tomando um café e olhando para ele como uma idiota com morte cerebral.

Dou um breve balanço à minha cabeça e me viro para continuar andando. Vou fingir que aquele pequeno momento não aconteceu. É apenas o cérebro do bebê. Eu me distraio o tempo todo agora.

Não tem nada a ver com Theo Silva.

E definitivamente nada a ver com *aquela noite.*

E agora, estou irracionalmente irritada com ele. Porque, quando dou uma última espiada por cima do ombro para ver se consegui me safar, ele ainda está ali parado, sorrindo para mim.

Ele *pisca* para mim.

A absoluta ousadia deste homem de voltar valsando para a minha vida e piscar para mim. Como se nenhum tempo tivesse passado entre agora e quando nos vimos pela última vez. Como se não fosse loucura flertar comigo abertamente, como se eu fosse algo mais para ele.

Volto para casa furiosa, perturbada por sua confiança. Abalada por sua presença. Irritada por ele não ser apenas uma ótima transa, mas um flerte desavergonhado e persistente.

Sem limites.

A visão de uma mulher parada na porta da frente dele com uma sacola de presente na mão me faz parar. Observo-a tocar a campainha e verificar os dentes em busca de batom no reflexo da janela da frente.

Figuras.

Enquanto espera, ela mexe a bolsa entre as mãos, parecendo um pouco nervosa em seu jeans pintado. Uma das mãos enfia uma

mecha solta de cabelo castanho claro perfeitamente solto atrás de uma orelha.

Ela bate e espera novamente. Quando ele não responde, ela tenta espiar pela janela da frente, ainda olhando em volta como se ele pudesse estar se escondendo dela.

O cachorro dele nem late.

Então ela se vira e olha para a rua da frente. Eu nem me destaco para ela, mas ela o faz para mim. Ela é a garota do rodeio. Aquela com lágrimas escorrendo pelo rosto, que estava prestes a desmoronar quando viu Theo no chão.

Ela é linda. Muito bonita. Ela está em forma e não parece exausta ou caótica como eu. Theo e eu ainda não cobrimos esse terreno, mas faz sentido que ele tenha alguém.

Quero dizer, porra, olhe para ele. Claro que sim.

Só que ele piscou para mim. E ele continua sorrindo para mim como se estivesse repetindo quando ele lambeu a tequila da minha–

— Você sabe se Theo Silva mora aqui? — ela me chama.

— Sim — eu respondo com um sorriso fino. Apesar de todo o trabalho duro que fiz para me tornar uma pessoa mais gentil e menos crítica, dou uma olhada nessa garota e a odeio.

— Ele está em casa?

— Não parece estar. — Tento fazer minha voz soar animada enquanto destranco o portão branco na frente da minha casa. É uma pergunta idiota embora.

Obviamente, ele não está em casa. Ou não quer vê-la. Essas são suas duas opções, mas ela está perguntando a uma estranha.

Perguntas estúpidas recebem respostas estúpidas.

— Winter, espere! — Theo chama, descendo a calçada na mesma direção que acabei de fazer. Quando ele passa da cerca viva que o estava escondendo da garota gostosa em seu degrau da frente, ela se ilumina.

— Theo! Oi! — Ela desce correndo os degraus da frente e em direção à rua da frente.

Theo para, piscando. — Cindy. Ei.

Ela cora e sorri para ele, lançando-me um rápido olhar antes de ir direto para ele e envolvê-lo em um abraço.

Um abraço bem confortável.

A mão dela descansa em sua bochecha quando ela se afasta. — Como você está se sentindo? Desculpe não ter ido ao hospital novamente para uma visita. Fiquei presa no trabalho na cidade.

Ele sai do alcance dela e a mão dela cai entre eles. — Estou me sentindo muito bem. E não há problema. Foi bom rever uma velha amiga.

Ela estremece visivelmente e, tudo bem, agora me sinto mal por ela. Não parece que *um velho amigo* é o que ela estava procurando.

— Bem... — Ela se endireita, iluminando seu tom ainda mais. — Não consegui falar com você no número que tenho. Mas Rhett me disse que você ficaria aqui por um tempo, então pensei... — Ela dá de ombros, os lábios formando uma pequena curva, preenchendo as maçãs do rosto. — Podemos botar o papo em dia?

— Ela segura a bolsa. — Eu trouxe um presente de boas-vindas para você!

Da bolsa, ela tira uma garrafa de tequila de aparência cara e um conjunto de copos ornamentados. — Poderíamos festejar como costumávamos fazer.

Theo ri educadamente, observando o presente e a mulher diante dele.

E mais uma vez, estou olhando para Theo.

Só que, desta vez, não estou envergonhada. Eu sinto que quero quebrar alguma coisa.

De preferência aqueles copos de shot. Porque tequila é a *nossa* coisa.

Eu me viro, deixando o portão fechar com um estrondo alto e petulante enquanto me dirijo para a porta da frente.

Vivi está dormindo, o que significa que eu seria uma idiota em movê-la. Normalmente, eu pegaria um livro, sentaria ao sol na varanda e absorveria a paz e o silêncio. Mas o gostoso Theo está aqui com sua amiga de foda gostosa e eu prefiro beber um copo de tachinhas do que vê-los interagir.

Estou prestes a estender a mão e me arriscar a mover Vivi quando ouço o estrondo da voz de Theo. — Isso é muito gentil da sua parte, Cindy. Obrigado. Mas estou em um novo lugar agora. Festejar como eu costumava não está nos planos.

Ele é gentil, mas direto.

Curvada atrás da sombra do carrinho, faço uma pausa e escuto.

Ela ri, mas conheço essa risada. Eu a uso para disfarçar a decepção. — Justo. Já se passaram alguns anos desde que deixei o circuito. Jantar em vez disso?

Eu cerro meus molares, preparada para ele dizer sim. Por que ele não diria sim?

Sua mão passa pelo cabelo e ele se afasta. — Você sabe, eu estou no meio de algo. Algo sobre o qual tenho um bom pressentimento. Então é um não.

Meu estômago fica quente, como se estivesse derretendo em si mesmo.

Sua risada em resposta é mais estridente desta vez, seu tom não tão doce. — Oh, foi mal. Não sabia que você estava com alguém.

Seus olhos cortam os meus, prendendo-me. *De novo.* — Eu não estou. Ainda.

16

Theo

Theo: Pego você às 4.

Winter: Para quê?

Theo: Jantar no rancho. Podemos ir juntos.

Winter: Você não acha isso meio óbvio?

Theo: Nós vamos lá contar para todo mundo que eu sou o pai dela. Acho que as coisas vão ficar óbvias rapidamente.

Winter: Tudo bem.

Theo: O que está vestindo?

Winter: Não sei. Provavelmente um vestido de verão ou algo assim. Por quê? Você está planejando escolher uma roupa que combine como se estivéssemos indo para o baile?

Theo: Não. Quero dizer, o que você está vestindo AGORA? ;)

Winter: Sério?

Theo: Mande fotos.

Theo: Ok. Está bem. Vou continuar a usar minha imaginação.

— É irritante como você é bom em todas as coisas de pai.

Vivi balbucia no banco de trás enquanto bate em um livro de tecido que faz barulhos altos de enrugamento. Estamos indo para o rancho para deixar o gato fora do saco. Ou melhor, deixar o pai fora do saco.

— De pai? — Eu arqueio uma sobrancelha para Winter do lado do motorista da minha caminhonete. Ela parece uma boneca Barbie zangada, os braços dobrados sobre as costelas, o que não faz nada além de empurrar seus seios para cima. Já estou distraído com eles, então isso não está ajudando.

— Sim. Como agora. Montando a cadeirinha? Simples. Alimentando-a? Sem problemas. Trocando fralda? Imediatamente mais rápido do que eu. Dando banho nela? Como se você tivesse feito isso um milhão de vezes. Colocando-a em uma cadeirinha? Nem um único palavrão enquanto você luta com um cinto. É *irritante.*

— Puxa, Winter. Eu não sabia que estávamos competindo. Você tem um troféu especial para mim? — Não me preocupo em esconder o humor na minha voz. Na semana passada, fui à casa dela todas as manhãs com café quente na mão. Apesar do quanto essa coisa toda fodeu com a minha cabeça, mantenho um sorriso no rosto e dou o meu melhor para aprender tudo.

Eu olho para ela, esperando por qualquer farpa que ela vai disparar a seguir. Ela está inquieta para cobrir seu nervosismo. Mas tudo o que vejo é como o vestido azul-marinho com uma pequena estampa floral desliza sobre sua pele, abrindo a fenda da saia, dando-me uma espiada na coxa lisa.

Meu olhar se fixa ali, lembrando-me da sensação de sua pele sob minhas mãos. Pergunto-me distraidamente se ela pensa naquela noite. Ela *deve.* Fiz um bom trabalho naquela noite. Eu sei que sim.

— Cindy parece legal.

Ah. Aí está. Ela está estressada. E é assim que ela lida, voltando à versão de rainha do gelo de si mesma.

— Ela é — digo inexpressivo enquanto saio de sua garagem.

É hora de ir ao Wishing Well Ranch para um jantar em família.

A ponta de seu nariz mexe quando ela desvia o olhar. — Você deveria ter saído com ela.

Meus lábios se contraem. — É mesmo?

— Sim. Vocês dois formam um lindo casal. Ela é linda.

— Eu não tinha notado.

Ela zomba de mim. Ruidosamente. — Não seja ridículo. Você provavelmente já dormiu com ela, o que significa que percebeu.

— Sim, anos atrás. Ela costumava ficar no circuito e viajar conosco.

Quando olho para cima, a pele de Winter está toda rosada e manchada. Ela parece pronta para explodir uma junta.

— Não me diga coisas assim — é sua resposta silenciosa.

— Por quê? Eu não vou mentir para você sobre isso. Não tenho nada a esconder. Presumi que você soubesse que não tirou minha virgindade naquela noite.

Ela bufa e olha pela janela, roendo as unhas.

— Por que isso incomoda você, Winter?

— Porque você não pode ter mulheres entrando e saindo de sua casa à toa se você vai ter a Vivi por perto!

— Bem, elas não estão exatamente vindo assim.

— É melhor elas não. Você é um pai agora. Tenha seus casos de uma noite em outro lugar.

— Como o Rosewood Inn? — eu solto, ainda incapaz de me impedir de incendiá-la. Ainda gostando de vê-la ir de calma e não afetada para *isso.*

— Rude.

— Parece que me lembro de você gostando de como fui rude com você uma vez.

Sua cabeça estala em minha direção, os olhos queimando. — Pare. Há uma criança no veículo.

Eu murmuro pensativamente, fingindo que estou refletindo sobre o ponto dela quando não estou. — Então isso é sobre a Vivi?

Ela acena com a cabeça, soltando um suspiro pesado enquanto faz isso. — Obviamente. Sobre quem mais seria?

— Você quer dizer sobre *o que* mais seria?

Seus lábios carnudos se afinam e o silêncio desce entre nós até que ela encontre outra coisa para cutucar. — E você mora ao lado. Você não precisava dirigir até nós para nos pegar.

É uma luta não rir. Eu não deveria achar esse lado dela cativante, mas acho. — Achei que trocar a cadeirinha no meu veículo seria mais fácil assim.

Ela bufa uma respiração rápida, os ombros subindo e descendo enquanto ela faz isso. — Você é irritantemente cavalheiro.

— Uau. Parece que a única constante que me preocupa é que sou irritante e rude.

Quando eu espio, seu rosto suaviza. O verniz frio escorrega e sua postura firme relaxa um pouco. — Desculpe. Estou enlouquecendo.

— Eu sei. — Sorrio quando passamos pelo posto de gasolina onde a vi pela primeira vez.

— Estou sendo uma vadia.

— Não, você não está. Você está apenas usando as habilidades de enfrentamento que possui.

— Isso é alguma merda de Tony Robbins? Porque eu odeio aquele cara. Só um homem poderia ser tão idiota e ainda ganhar milhões de dólares vendendo os conselhos mais elementares.

Eu solto uma risada. — Ele realmente é um babaca, não é?

Seus lábios se contraem e ela olha pela janela para se proteger. — Sim.

— Ok. Não sou nenhum Tony Robbins, mas você sabe como eu lido com um surto?

Seus olhos azuis se arregalam quando ela se vira na minha direção, o cotovelo apoiado no console central como se eu pudesse lhe dar uma resposta profundamente útil. Ela está zombando de mim, mas tudo bem.

Apoio meu cotovelo próximo ao dela, deliciando-me com o fato de que ela não se afasta.

Porra. Eu quero tanto tocá-la. Mais do que apenas este casto toque de cotovelo ou qualquer merda que eu esteja fazendo agora.

Eu quero agarrar o cabelo dela. Curva-la. Espalhá-la...

Eu balanço minha cabeça para limpá-la. Meu pau está engrossando no meu jeans, e não é a hora nem o lugar.

Limpando a garganta, sigo em frente. — Quando estou surtando, tento ser o mais útil possível. Fico ocupado. Eu limpo. Eu organizo. Eu fico ótimo em trocar fraldas.

Ela cai para trás em seu assento. — Porra. Desculpe. Eu realmente sou–

— Winter, não termine essa frase. Em vez disso, prometa-me que quando conhecer minha mãe, dirá a ela que sou irritantemente cavalheiresco. Isso a deixará orgulhosa.

Ela bufa. — Ótimo. Eu vou.

— Eu não acho que posso segurá-la por muito mais tempo. Ela está louca para conhecer Vivi. As fotos não estão dando certo — admito enquanto entramos no rancho.

A cabeça de Winter se inclina em minha direção e suas sobrancelhas franzem. — Por que você a está segurando?

Seu corpo sacoleja quando eu paro perto da casa principal. Todas as rochas do rio e toras manchadas com telhado de zinco e deck envolvente espaçoso.

— Não sei. Apenas tentando dar a você e a mim um segundo para descobrir as coisas.

— Você e eu. — Ela balança a cabeça, seguida por uma zombaria.

Mas isso não pode ser, então pulo para fora e dou a volta na caminhonete. Com base na maneira como ela está vasculhando a bolsa no colo, devo presumir que ela espera que eu vá atrás de Vivi. Mas abro a porta dela e me aproximo o suficiente para que meus joelhos batam contra a borda da caminhonete.

— O que você está fazendo? — Seu tom sangra alarme quando ela se sacode e me encara.

— O que há de tão engraçado sobre você e eu?

Suas mãos se movem em descrença. — Sério?

— Sério.

— Isso... isso... você... você não precisa se sentir obrigado a fazer disso uma coisa quando não é. Você pode querê-la em sua vida sem fingir que me quer também. Não se sinta obrigado a agir como se estivesse atraído por mim só porque sou a mãe dela. — Seus olhos são tão brilhantes, seu queixo teimoso erguido tão alto, seus lábios tão beijáveis. — Não quando você tem garotas como Cindy.

Eu a interrompo, inclinando-me para liberar seu cinto de segurança e virando-a para mim como naquela noite no bar. Nossos olhos colidem, perguntas girando em suas profundezas azuis.

Com uma mão apoiada acima de mim no teto da caminhonete, eu me inclino, meus lábios pairando sobre os dela enquanto sussurro: — Essa é uma avaliação fascinante, Winter. Mas não estou fingindo porra nenhuma. Porque por um ano e meio tudo que eu tive que fazer foi *lembrar* de você e de mim naquela noite para ficar preso andando o dia todo assim.

Eu cruzo uma linha.

Minha mão dispara e eu agarro seu pulso, puxando sua mão para baixo para deslizá-la sobre meu pau duro como pedra.

Ela não se afasta. A única coisa que se move nela são suas íris, traçando meu rosto, sua expressão cuidadosamente em branco.

Mas então seus dedos flexionam sobre meu pau.

Ela solta o ar e lambe os lábios enquanto eu gemo e abaixo a cabeça. A lasca de espaço entre nós crepita quando um dedo se move, correndo sobre o jeans que nos divide. Seu toque é dolorosamente, deliberadamente lento.

— Ah, que bom! Vocês estão aqui! — A voz animada de Summer e os passos descendo as escadas me fazem cambalear para longe de Winter. Nós dois ofegantes, olhando um para o outro.

— Tão feliz que vocês pegaram carona! — Summer dá um tapinha no meu ombro. — Você é um cavalheiro, Theo. Abrindo a porta assim!

Summer está alheia.

Mas acho que Winter não está mais.

17

Winter

Summer: Todo mundo está pronto para jantar na casa principal esta noite?

Sloane: Sim! Acabamos de voltar.

Willa: Vou levar as mimosas. Cade está cozinhando.

Winter: Sim.

Summer: Ouvi dizer que você está vindo com Theo?

Willa: Eu gosto muito mais dele do que do Doutor Idiota.

Winter: Não estamos juntos.

Willa: Mas se vocês estivessem, você estaria evoluindo.

Summer: Acima.

Willa: Bem BEM acima.

Sloane: Deixem-na em paz, pessoal.

— Como está a fisioterapia? — Rhett pergunta enquanto uma pausa na conversa em torno da mesa surge.

— Boa, na verdade. Tenho autorização para largar a tipoia. Não que eu esteja usando de qualquer maneira — Theo responde com uma risada.

Theo, que se recusou a sentar em qualquer lugar que não fosse ao lado de Vivi. Não que eu possa culpá-lo, mas ainda assim. Eu não estou alheia aos olhares rápidos que as pessoas estão atirando nele. Atirando em *nós*.

— Então, quando sua mãe vem? Summer e eu deveríamos convidá-la para jantar. Ela não viu a casa nova. Pensando bem, faz um bom tempo que não a vejo. — Rhett se recosta na cadeira, olhando para Theo.

Tudo parece muito óbvio, especialmente com Theo piscando para mim toda vez que pigarreio nervosamente. É como se eu estivesse prestes a dizer alguma coisa e depois ser levada pela maré da conversa.

— Claro. Ela adoraria isso. Acho que ela vai vir um pouco mais cedo. Ficar na minha casa.

Todos continuam comendo a massa de camarão com limão que Cade preparou. Uma tigela cheia de melancia e salada de hortelã fica no meio da mesa. É a refeição de verão perfeita e todos estão aqui para participar.

Willa, cujos olhos astutos saltam entre mim e Theo. Cade, que está cuidando de sua filha Emma e de seu filho Luke, que mal levantou a cabeça para enfiar o macarrão na boca como se seus pais não o alimentassem há dias.

Sloane e Jasper, que poderiam muito bem estar comendo com ela em seu colo por estarem sentados tão perto.

E Beau, que está fazendo o possível para roubar a coroa de idiota de mim, está do lado oposto de Harvey na cabeceira da mesa, girando uma garrafa de cerveja e descascando o rótulo. Sem dizer uma palavra.

Até a mãe de Sloane, Cordelia, está aqui. *Ainda.* Ela se mudou para um lugar seguro para ficar depois de deixar seu marido idiota há mais de um ano e apenas... não saiu.

E a maneira como ela diz: — Harvey, você também precisa de salada. Você não pode se manter saudável apenas comendo carne e carboidratos — enquanto enxuga os lábios e desvia o olhar é adorável.

Harvey revira os olhos e estende a mão, servindo-se de algumas colheradas da fruta.

O fato de todo mundo ficar olhando para Theo e para mim com desconfiança enquanto ignoram deliberadamente o que está acontecendo entre Harvey e Cordelia me deixa maluca.

— Isso é bom. Eu gostaria de conhecê-la também. — A voz grave de Harvey interrompe enquanto ele olha para a fruta em seu prato como se fosse sua inimiga. E então ele deixa escapar algo que não deveria me surpreender, mas faz. — Eu acho que ela vai querer gastar um pouco mais de tempo para conhecer sua nova neta.

A mesa fica em silêncio, exceto pelo barulho de Summer deixando cair o garfo no prato.

Parece que o tempo se estende, acentuado pela batida do meu coração em meus ouvidos. Eu estava planejando dizer algo, mas ainda não tinha encontrado o momento. Eu ainda estava reunindo minha coragem, tentando construí-la, não apenas deixar escapar sem nenhum tato.

— O quê? — Harvey diz com a boca cheia de melancia. — Já faz algumas horas. Vamos todos continuar sentados aqui fingindo que Theo não é o pai da Vivi? Quero dizer, *olhem para eles.*

Meus lábios se contraem e minhas bochechas esquentam.

Maldito Harvey.

Theo me salva. Como sempre. — Bem, Winter e eu passamos muito tempo conversando sobre como trazer isso à tona, mas eu deveria ter deixado isso para você, Harv.

Sloane está sentada bem na minha frente, com a mão no peito, fingindo estar chocada. Que seja abençoada.

— Obrigada — eu murmuro para ela.

Ela balança a cabeça e acena para mim.

— Espere. — O doce Jasper parece genuinamente confuso. Devo a Sloane uma garrafa de cerveja Buddyz Best por manter esse segredo tão íntimo para ela. — A única coisa que me lembro de vocês dois é aquela briga divertida que tiveram na entrada da garagem.

— Sim! — Os olhos de Willa se iluminam quando ela aponta o dedo na direção de Jasper, sua voz cheia de energia. — Aquela foi boa! — E com base em quão memorável aquela altercação parece para todos os outros, devo ter feito papel de idiota.

Harvey dá uma bufada zombeteira. — Vamos. Vocês crianças não sabem de nada? Vocês já viram um gato lutar com uma fêmea?

O corpo de Willa está tenso com o riso mal contido, enquanto Cade geme e esfrega a barba com a mão.

— Eles começam a se arranhar e gritar um com o outro–

— Pai, por favor, pare. — Cade apoia seus antebraços contra a borda da mesa, olhando para seu lugar.

— E então, antes que você perceba... — Harvey continua, implacável.

— *Pai.* — Agora até Rhett está tentando fazê-lo parar.

— Antes que você perceba o quê, Harv? — É Jasper quem dá ao homem mais velho o empurrão final de que ele precisa, ignorando o leve tapa que Sloane acerta em seu peito.

Harvey dá de ombros com naturalidade. — Antes que você perceba, eles estão se reproduzindo. Gatinhos por toda parte. Aquele ditado sobre gatos no cio não surgiu do nada.

Um coro de gemidos ressoa ao redor da mesa.

— Senhor, ajude-me — murmura Beau. Mas por mais miserável que esteja, nem mesmo ele consegue manter os lábios baixos com as travessuras de seu pai.

Quando olho para Theo do outro lado da cadeira alta de Vivi que nos separa, ele está com as palmas das mãos pressionadas nas órbitas dos olhos, o corpo tremendo com uma risada silenciosa.

— Sério, Theo? — eu assobio para ele, tentando soar ameaçadora, mas uma risada desliza em minha voz.

— Desculpe. Só preciso de um minuto depois disso. — Ele olha para mim, enxugando as lágrimas de seus olhos, grossos cílios escuros agrupados enquanto ele balança a cabeça em descrença.

Eu empurro meus ombros para trás e encontro os olhos castanhos brilhantes de Harvey no final da mesa. — Obrigada por essa explicação, Harvey. Quando Vivienne ficar mais velha e perguntar como nos conhecemos, com certeza vou deixá-la com você.

— Não — Cade se intromete. — Não dê nenhuma ideia a ele. Mentes jovens e impressionáveis não precisam da versão Harvey Eaton dos pássaros e das abelhas.

— Acho que quando o vovô me contou sobre os pássaros e as abelhas, ele usou coelhos — acrescenta Luke inocentemente.

— Sim. — Harvey ri. — Existe um ditado sobre coelhos também, sabia?

Eu o vejo se assustar um pouco quando seus olhos disparam para Cordelia, que claramente o chutou por baixo da mesa.

— Mas... — Seus olhos avaliam o grande grupo de pessoas olhando para ele em vários estados de diversão. — Essa não é uma conversa apropriada para o jantar.

Luke, de sete anos de idade, zomba antes de dizer: — Sim, papai vai enlouquecer se você disser *foder como coelhos* na minha frente de novo. — Seus olhos se arregalam como pires, e ele tapa

a boca com a mãozinha como se pudesse enfiar as palavras de volta.

A cadeira de Cade range quando ele se levanta. — Lucas Eaton, lá fora. Agora.

Luke baixa os olhos e lança a Willa um sorrisinho brincalhão por baixo da franja de seu novo penteado mais comprido.

— Você também, Harvey.

Willa se inclina sobre a mesa e sussurra: — Merda, Harv, você deixou o papai louco agora.

Os lábios de Harvey se apertam para esconder um sorriso enquanto ele se levanta e sai para receber uma *conversa* de seu filho.

— Eu ouvi isso, Red — Cade grita enquanto ele sai pela porta dos fundos sem outro olhar.

Willa se abana e puxa Emma de sua cadeira alta para seus braços. — Bem, este foi um jantar de família interessante, para dizer o mínimo.

— Não me diga — Rhett responde, olhando fixamente para Theo, como se não pudesse acreditar no que aconteceu esta noite. — Quando você descobriu sobre isso?

— Cerca de uma semana atrás — responde Theo.

Rhett volta sua atenção para mim. — Você não contou a ele? Ou qualquer um? Você sabia todo esse tempo e não disse nada?

Há descrença em sua voz, mas também acusação. Claro, ele pensaria o pior de mim. Posso estar sentada à mesa com esta

família, mas não sou um deles. Não importa o que eu faça, eles sempre vão me olhar com uma pitada de desconfiança.

Theo estala os dedos sobre a mesa, chamando a atenção de seu mentor de volta para si mesmo. Ele passou de divertido para absolutamente assassino. — Cuidado com a porra do seu tom quando você está falando com a mãe da minha filha.

A mandíbula de Rhett estala e seus braços se cruzam. Ele parece *chocado* com o tom afiado de Theo.

Sloane corta a tensão. — Você não nos deve uma explicação. Se vocês estão felizes, eu estou feliz. Vivi tem muito amor, e ela é a garota mais sortuda do mundo com pais maravilhosos em sua vida agora.

Eu me acomodo no meu lugar enquanto Sloane me dá um breve aceno do outro lado da mesa.

Como uma reação física ao pico de tensão na mesa, gemidos baixos começam ao meu lado, os olhos de Vivi de repente se enchem de lágrimas.

Antes que eu possa reagir, Theo estende a mão para ela. — Ei, ei, ei, garotinha. Está tudo bem — ele sussurra enquanto a coloca de lado contra seu peito largo.

E é um tiro no meu âmago.

Ele não tem nada que parecer tão bom e *ser* tão bom. Pulando de me defender para consolá-la.

Eu não mereço isso, e há uma parte de mim que ainda sente como se eu o sobrecarregasse com algo que ele pode não querer.

Há também uma pequena parte de mim que se sente mais atraída por ele a cada momento que passo em sua companhia. Eu senti isso naquela noite, um nível de conforto que nunca conheci. E agora esse sentimento aumenta a cada segundo que estou perto dele.

Toda vez que o vejo com a Vivi.

Toda vez que ele aparece na minha porta com um café.

Toda vez que ele pisca e passa os olhos sobre o meu corpo como se estivesse repetindo aquela noite em sua mente.

Mas sentada aqui, observando-o cercado por amigos e familiares, consolando nossa filha como o homem doce que ele é – eu me sinto uma estranha.

Como se eu não pertencesse. Vou ficar ligada a ele pelo resto da minha vida, então há uma boa chance de ser forçada a vê-lo sair com outras mulheres. Casar com outra mulher. Ter filhos com outra mulher. E a Vivi também fará parte dessa família.

E eu ainda serei a estranha. Porque deixar o pau dele duro não é o suficiente para fazer um relacionamento durar.

— Então, como está tudo isso... indo? — Summer pergunta com cuidado.

A bola de ansiedade em meu peito quando fico cara a cara com a realidade do meu futuro e esse ciúme estranho e consumidor me impede de falar.

— Ótimo. Ainda estamos descobrindo as coisas. — Theo olha na minha direção, a palma da mão larga esfregando as costas de

sua filha enquanto ela se aninha na curva de seu pescoço. Como se ela apenas *soubesse* que ele é dela de alguma forma.

Dela de uma forma que ele nunca vai ser meu.

— Morar um ao lado do outro é útil, na verdade — acrescenta ele de forma bem-humorada, seguido de uma piscadela.

Uma piscadela que grita perigo para o meu coração, assim como aconteceu na primeira vez que ele olhou na minha direção.

— Sim — falo, brincando com o guardanapo no meu colo. — É perfeito. É como se fôssemos parceiros de negócios. Você sabe? — Summer acena com a cabeça lentamente, seus olhos nublados com confusão. — Como se tivéssemos o mesmo objetivo, mas ainda podemos manter as coisas separadas. Quase profissional — digo isso para expor as coisas, uma bela cerca de arame ao meu redor para manter meu coração maltratado e desconfiado a salvo de danos. A salvo de um homem como Theo, por quem seria muito fácil me apaixonar.

Theo fica tenso ao meu lado. Eu sei instantaneamente que acertei um golpe que o machucou.

Quando olho para cima, posso dizer que ele está evitando olhar para mim. Posso dizer que o sorriso orgulhoso em seu rosto bonito se desvaneceu. Os cantos de seus olhos estão apertados, e ele aconchega Vivi mais perto de si, como se eu pudesse levá-la embora.

E por mais que sentisse a necessidade de traçar essa linha na areia para me proteger...

Eu me arrependo de ter dito isso.

18

Theo

Mãe: Você está dizendo a todos hoje à noite?

Theo: A grande revelação.

Julia: Estou um pouco surpresa, é a primeira vez que isso acontece.

Theo: Jules, você não tem dever de casa para fazer ou algo assim?

Julia: Eu sinto que você poderia ser aquele cara que tem filhos surgindo a torto e a direito se fizer um daqueles testes de DNA ancestral.

Theo: Não tenho culpa de ser tão fértil que nenhuma barreira pode me parar.

Júlia: Nojento. Você é meu irmão. Essa é a linha.

Mãe: Jogue jogos estúpidos, ganhe prêmios estúpidos.

O sol está se pondo no amplo deck traseiro da casa da fazenda quando Rhett chama minha atenção. Ele inclina a cabeça em

direção à casa, gesticulando silenciosamente para que eu o siga para dentro.

Olho para Winter do outro lado da mesa. Ela está sentada com as costas retas, bem ao lado de um grande aquecedor de pé com Sloane no lado oposto dela. Willa e Summer conversam entre elas sobre algo.

Como se ela pudesse sentir meus olhos sobre ela, Winter vira a cabeça no passo de um caracol, como se ela estivesse resistindo a uma força que a está dominando. Nossos olhos se encontram.

Vivi está dormindo em meus braços, mas a atenção de Winter está em mim. Eu não consigo identificar o olhar em seu rosto, e faço o meu melhor para manter minhas feições casualmente em branco. Tento colocar um sorriso no rosto e não mostrar a um grupo animado de pessoas felizes que ser referido como um parceiro de negócios me faz querer virar a porra da mesa.

Eu me levanto ao mesmo tempo que Rhett e murmuro para Winter: — Entrando por um minuto.

Ela acena com a cabeça em resposta, os braços gesticulando em uma oferta para levar Vivi.

Eu balanço minha cabeça. Sem chance de desistir de um único momento com essa garotinha dormindo em meus braços.

Depois de seguir Rhett para dentro, apoio-me na ilha da cozinha enquanto ele se inclina contra o encosto do grande sofá de couro que dá para a sala de estar. É como se estivéssemos brincando de ser casuais quando sabemos que essa conversa é tudo menos isso.

Ele tem um osso para escolher.

E, francamente, eu também. Winter pode me chamar de parceiro dela o quanto quiser, mas ninguém vai acusá-la das coisas que Rhett fez antes. Eu não vou permitir isso.

— Como você está? — Seus braços se cruzam e ele olha entre o rosto adormecido de Vivi e o meu.

— Tudo bem — eu mordo de volta.

— Isso deve ter sido uma grande surpresa.

— Sem merda.

— Como você está se sentindo sobre isso?

Eu dou um único e rígido encolher de ombros. — Bem.

— Não, sério, Theo. Você não pode ter desejado isso. Obviamente, Vivi é incrível, mas não foi para isso que você se inscreveu, e nós dois sabemos disso. Eu não me joguei na frente de um touro para você jogar tudo fora.

— Rhett, vou parar você aí mesmo. Você é meu amigo há muito tempo. Meu mentor por mais tempo ainda. Meu pai amava você, e eu amo também. Mas então me ajude, se você continuar falando sobre esta situação atual como se fosse um fardo, será difícil manter sua amizade.

Ele se encolhe, seus olhos se arregalando. — Uau. Tudo bem. É que Winter é meio que...

— O quê? — eu o interrompo. — Forte? Inteligente? Uma fodida mãe fantástica? Porque se você estava pensando em palavras sobre ela que não são nada positivas, então você encontrou a linha.

Rhett ri. — Eu nunca vi esse seu lado.

— Qual lado? — murmuro, olhando para o rosto sereno de Vivi, estudando a maneira como sua franja escura de cílios se espalha delicadamente sobre suas bochechas rosadas.

— Esse... esse... — Ele acena com a mão para cima e para baixo no meu corpo quando eu olho para ele. — Esse seu lado papai urso. Mas sabe que isso não significa que você tenha que gostar de Winter. Ela é uma mulher complicada. Quer dizer, ela é da família, mas nem sempre é fácil–

— Sempre gostei de Winter. Gostei dela quando você me contou histórias sobre ela antes de conhecê-la. Gostei dela na primeira vez que coloquei os olhos nela no posto de gasolina de merda na esquina da Rosewood com a Main. Gostei dela quando ela gritou que eu devia ter um pau pequeno. — O rosto de Rhett é uma mistura de confusão e descrença. — E gosto especialmente dela agora. Não estou triste com a Vivi. A única coisa que me deixa triste é não estar aqui para Winter mais cedo. Mas essa é a minha cruz para carregar. Então, se você está procurando uma pessoa para se solidarizar com o quão horrível ela é, você precisa encontrar outra pessoa.

Com isso, afasto-me do balcão, abro a porta dos fundos e aceno com a mão para a única mulher que já capturou minha atenção. Minha nova *parceira de negócios.*

Eu interrompo o zumbido baixo da conversa, cansado de estar perto de todos. — Tink, vamos para casa.

Ela pisca algumas vezes, depois diz alguns agradecimentos educados e pede licença. Quando ela chega até mim e Vivienne, ela agarra meu bíceps e me deixa levá-la para fora da casa.



Nós dirigimos para casa em um silêncio tenso. Digo a mim mesmo que é porque Vivi está dormindo no banco de trás. Mas isso é mentira.

Eu sei. E tenho a sensação de que Winter também sabe disso.

— Foi melhor do que eu esperava — ela diz, sua voz um pouco brilhante demais para sua personalidade.

— O que você estava esperando? — Minhas mãos apertam o volante, minha voz baixa e calma.

A escuridão se instala ao nosso redor, e o zumbido monótono dos pneus na estrada secundária preenche o vazio dela não respondendo. Tento manter os olhos na estrada, mas ela fica quieta por tanto tempo que não consigo deixar de olhar para ela. Sua postura é reta, mas suas mãos estão se contorcendo no colo, revelando sua aflição interior.

— Eu não esperava que você me defendesse.

Balanço a cabeça, um pouco irritado por ela pensar que eu não faria isso.

— Eu sempre vou defender você, Winter.

Minha declaração deve chocá-la, a julgar pela forma como sua cabeça se vira em minha direção. Depois de algumas batidas, ela limpa a garganta e relaxa em seu assento.

— Não estou surpresa com a opinião de Rhett, porque é basicamente o que eu esperava. Não posso culpá-lo por me pintar como a vilã. Eu posso entender por que ele me veria dessa maneira.

— Por quê?

— Porque meu relacionamento com Summer é novo. E ele guarda rancor melhor do que ela, eu acho.

— Ele é um idiota.

— Não. — Ela suspira pesadamente e seu olhar se desvia para fora da janela. — Fui brutal com Summer quase toda a minha vida.

— Por quê? Ela fez alguma coisa com você?

Winter bufa, como se nós dois soubéssemos que não é típico de Summer fazer algo maldoso. — Parece estúpido quando digo isso em voz alta.

— Eu digo muitas coisas estúpidas.

Ela se concentra em mim agora. — Bem, isso é verdade. Acho que você latiu para mim uma vez.

Meus lábios se contorcem, mas apenas balanço a cabeça. — Continue.

— Acho que descobri desde muito jovem que, se eu espelhasse a maneira como Marina tratava Summer – e meu pai – ela meio que... os deixava sozinhos? Como se ela sentisse que eu estava no time *dela,* ela se importaria menos com o que eles faziam porque

poderia voltar toda a sua atenção para mim. Em me preparar para ser a versão minicirurgiã perfeita dela. Eu nivelei o campo de jogo para ela. Ao me afastar deles, ela sentiu que venceu e, por sua vez, não aterrorizou minha irmãzinha.

— Você contou isso a Summer?

O corpo de Winter arfa sob um suspiro pesado. — Não. Nós apenas começamos de novo. Discutir isso só vai machucá-la. E não quero machucá-la mais do que já fiz.

— Você deveria dizer a ela.

— Por quê?

— Isso faria você se sentir melhor.

— E ela pior. Ela vai sentir que precisa me consertar. É assim que ela é.

— Você não precisa de conserto, Winter. — Eu engulo a dor na minha garganta. Isso parece demais para uma criança processar, muito menos suportar. — Mas e você?

Ela acena para mim. — Vou sobreviver.

— E quanto à criança que você já foi?

Sua língua corre pelos lábios, encobrindo qualquer ansiedade que ela sinta agora. — Eu estava bem. Eles me alimentaram e me deram água e me vestiram com roupas de grife, eu fiz qualquer atividade extracurricular que quisesse. — Ela dá de ombros. — Não faltou nada.

— Mas e o amor?

Ela se vira para olhar por cima do ombro para Vivi, sua voz assumindo uma qualidade mais grossa quando ela diz: — O que tem?

— Você tinha?

Observo sua garganta trabalhar enquanto sua atenção se fixa em nossa filha adormecida. — Não. Acho que nunca tive isso até ela.

Sem pensar, pressiono a palma da mão no peito, desejando que a dor passe. Eu queria que minha mãe estivesse aqui. Ela saberia o que fazer ou dizer.

— É engraçado — Winter continua, como se estivesse em transe. — Fiz juramento como médica. É meu trabalho salvar a vida das pessoas. E, de alguma forma, isso não parece pesado ou opressivo. É mais um desafio que posso enfrentar. Mas com ela? Deus. É consumidor. Às vezes, fico tão consumida em amá-la que nem consigo dormir. Eu usaria um estranho inocente como escudo para ela se houvesse um tiroteio. Eu jogaria outros nas chamas para tirá-la de um prédio em chamas. Eu nadaria em água fervente por ela. Eu nem piscaria, Theo.

— Então, você a ama? Isso é normal. Quero dizer, suas descrições são um pouco... obscuras. Mas estou junto — digo, quando estaciono em sua garagem.

— Está? — Ela vira seus olhos azuis cristalinos para mim. Eles brilham na cabine escura da caminhonete, refletindo cada partícula de luz ao nosso redor. — Eu nunca amei ninguém assim antes. E ninguém me amou como Vivi. Parece tão estranho.

Jesus Cristo. Essa mulher.

Eu coço para tocá-la, para acalmá-la. Então estendo a mão e seguro sua cabeça, passando meus dedos por seu cabelo como fiz no elevador. Eu me inclino sobre o console e ela segura meu olhar. — Sim, Winter. — Suas íris caem para os meus lábios. — Isso é normal. E você não deve se contentar com nada menos.

Sua respiração sopra em minha bochecha quando ela suspira. Eu poderia facilmente fechar meus dedos em seu cabelo e beijá-la. Dar a ela um gostinho de não se conformar. Mas ela se afasta antes que eu possa, uma mão subindo para dar um aperto platônico no meu antebraço.

Eu não posso dizer se isso é uma atração unilateral, às vezes. Não sei dizer se passo todos os dias no chuveiro me masturbando enquanto penso em uma mulher que não pensa em mim. Winter é quase impossível de se obter uma leitura estável.

E esta noite não é diferente.

Ela me dá um sorriso sem graça antes de nos separarmos, sem outra palavra trocada entre nós. Eu a observo carregando a cadeirinha de Vivi para dentro da casa escura antes de sair e dirigir até a casa ao lado.

Quando entro, parece que estou entrando na casa errada.

19

Theo

Winter: Obrigado por esta noite.

Theo: Eu não fiz nada de especial.

Winter: Você fez.

Theo: Quer que eu vá e faça algo realmente especial que fará você me agradecer profusamente?

Winter: Você está sempre com tesão?

Theo: Eu ia dizer limpar sua casa. Tire sua mente da sarjeta, Dra. Hamilton.



— Vá para fora, Peter.

Se olhar pudesse matar, eu estaria morto agora. Peter olha para mim com as costas arredondadas e uma pata dianteira levantada enquanto seu pequeno corpo treme. Algumas pessoas podem pensar que ele está com frio, mas eu sei melhor. Essa é a sua raiva de homem pequeno.

— Eu sei. Como ouso fazer você sair do sofá e ir fazer xixi?

Ele treme novamente.

— Sou oficialmente a pior pessoa do mundo.

As orelhas do cachorro se achatam e seus olhos geralmente esbugalhados se estreitam.

Eu suspiro, cansado depois de uma das noites mais estranhas da minha vida, e me abaixo para pegá-lo. — Vamos, idiota. Não vou permitir que você me acorde no meio da noite.

Saímos pela porta dos fundos e Peter emite grunhidos indiferentes. Eu o coloco na grama e me sento no degrau da varanda dos fundos. Ele se vira e me lança uma carranca de desaprovação por cima do ombro.

— É isso que eu ganho por resgatar você? Eu nem gosto de cachorros pequenos. Você é uma exceção.

Ele caminha cautelosamente pela grama como se sua mera existência fosse uma afronta pessoal às suas perninhas sensíveis. Decido cortar a grama mais curta amanhã. Vou cuidar do gramado de Winter também.

É quando eu ouço.

Os gritos de raiva de Vivi filtram-se na noite da porta ao lado. Essas casas mais antigas têm muito caráter, mas insonorização terrível.

Estou indeciso sobre o que fazer. Eu odeio que Winter faça tudo sozinha.

Não acredito que disse algo sobre não querer que meu cachorro me acordasse à noite, quando Winter faz *isso* há meses.

Sozinha.

Peter funga e gira como se fosse fazer xixi. Por alguma razão, ele decide que o pedaço de grama no canto é lixo e indigno de seu presente. Então, ele volta a cheirar para encontrar o local *perfeito.*

Vivi geme, e quanto mais ouço seus gritos, mais agitado me sinto. Eu me levanto e observo Peter olhar ao redor como se estivesse procurando o local ideal para construir a casa dos seus sonhos, não para mijar.

— Vamos lá, Peter. Você morava na rua. Você não é tão chique. Escolha um lugar. — Estalo meus dedos antes de girá-los em um movimento agitado de 'vamos lá'. Porque não posso simplesmente me sentar aqui, ou rastejar para a cama para uma noite inteira de sono, sabendo que elas estão lutando a alguns metros de distância.

Então, quando Peter finalmente se alivia, atravesso o gramado e o pego no meio de um coro de resmungos mais agitados. Sigo na calçada estreita entre as casas, passo por cima da cerca baixa de estacas e atravesso o gramado vizinho até a porta da frente. Com base no choro vindo de dentro, não vou acordar ninguém, então bato três vezes. Forte.

Demora um pouco, mas a porta se abre. Winter ainda está de vestido e lavou o rosto, mas só de um lado.

— Desculpe. Vou tentar mantê-lo baixo.

Eu a encaro. Ela não tem ideia de como pedir ajuda.

E então isso me atinge. Ela não teve ninguém para pedir.

— Achei que poderia simplesmente transferi-la da cadeirinha para o berço. — Um suspiro que também pode passar por um soluço escapa dela enquanto as lágrimas brotam de seus olhos. — Mas aquela maldita dobradiça rangente que continuo querendo consertar a acordou e agora ela está *chateada.* Tentei balançá-la e ela não quer mamar. E não aguento ouvi-la chorar, mas também não quero dormir maquiada ou sem escovar os dentes. Então eu só preciso de um minuto e vou mantê-la...

Eu coloco a mão em seu ombro e a levo de volta para casa, fechando a porta atrás de mim. Então eu estendo Peter para ela. — Aqui. Pegue meu cachorro e vá para a cama.

Ela o leva, embora olhe para seu corpo magro como se ele pudesse estar doente. Eu quase sorrio quando a realização me atinge. Peter e Winter têm muito em comum. Espinhosos por fora, um pouco quebrados por dentro e precisando desesperadamente de alguém para segurá-los.

— Não preciso da sua ajuda, Theo.

Esta é a parte em que ela ataca, mas eu esperava isso dela. Ela é ferozmente independente.

Eu dou a ela um sorriso suave enquanto ela e meu cachorro olham para mim. — Sei que não, Winter. Mas eu quero ajudar de qualquer maneira. Deixe-me ajudar esta noite, ok?

Seus olhos ficam redondos como pires. Ela está tão acostumada com as pessoas indo embora quando ela fica mal-humorada que eu a confundo quando não recuo.

Então, pressiono a mão em suas costas e a conduzo pelo corredor.

— Devo deixar seu cachorro dormir na minha cama?

— Sim.

— Mas ele...

— Será bom para você. Ele gosta de se aconchegar e dorme como um morto. Vá terminar de tirar a maquiagem e escovar os dentes.

Com um leve empurrão, mando Winter para o banheiro e então me viro e entro no quarto de Vivi, seus gemidos raivosos enchendo o ar.

— Garotinha, qual é a comoção? — Eu arrulho quando seus braços minúsculos se estendem para mim. — Você não pode estar festejando tão tarde. Sua pobre mãe precisa descansar um pouco.

Eu a levanto em meus braços, sua bochecha molhada se aninha em meu pescoço. Pequenos punhos agarram minha camisa e... ela apenas chora mais forte.

— Ok, você está realmente brava. Entendo. Parece que todo mundo está esta noite, então você não está sendo original.

Saltando-a, vou até a cozinha e pego tudo que preciso para aquecer um pouco de leite do freezer para ela. — Sabe quando eu fico mal-humorado? Quando estou com fome. Então você conseguiu isso de mim. Vamos tentar isso de novo.

Ela se engasga em busca de ar, o corpo arfando sob o peso de tentar recuperar o fôlego. — Minha mãe chama isso de fome. Com fome e com raiva juntos. Minha irmã também fica assim.

Provavelmente por isso que ela está sempre tirando sarro de mim. Ela está com fome. Tenho certeza de que é uma característica de Silva.

Quando sua mamadeira está pronta, os gritos de Vivi diminuíram e sigo pelo corredor em direção ao quarto dela. Pretendo me sentar na cadeira de balanço com minha filha e observá-la cair no sono.

Minha cabeça se levanta quando ouço o rangido das dobradiças da porta. Winter está parada na entrada de seu quarto, do outro lado do corredor de Vivi, parecendo cansada e com os olhos arregalados ao mesmo tempo. Como se ela não soubesse o que fazer ou dizer quando alguém aparece para ajudá-la.

Ela mordisca o lábio enquanto me aproximo, e meu olhar cai para traçar sua fina camisola de algodão. Eu me pergunto se ela está usando alguma coisa por baixo. Imagens passam pela minha mente de mim levantando-a e tomando-a.

— Vá para a cama, Winter.

— Tem certeza? O que você vai fazer?

Coloco Vivi em seu berço e a mamadeira quente em suas mãos antes de me virar para encarar a mulher que ocupa todo o espaço em meu cérebro desde o primeiro momento em que coloquei os olhos nela – provavelmente desde antes disso.

Sempre que Rhett mencionava o que havia acontecido entre ela e Summer, eu não conseguia deixar de pensar que não estávamos entendendo toda a história. Que as pessoas não são cruéis sem um bom motivo. Que duas irmãs não deveriam estar tão em

desacordo. Que os pais não deveriam foder com os filhos tanto quanto ele descreveu. Minha infância não foi perfeita, mas nunca duvidei do quanto meus pais me amavam.

É verdade que não conhecia Winter, mesmo assim me perguntava sobre ela.

— Vou cuidar da nossa filha para que você possa descansar o que precisa.

— Tudo bem. Não preciso da sua ajuda...

Minha mão dispara, envolvendo a dela bruscamente enquanto a levo de volta para o quarto. É como o meu, com sancas e madeira polida, mas o dela tem um toque feminino. Ela tem uma linda estrutura de cama de latão em estilo antigo. É delicado e polido, provavelmente frio ao toque, assim como ela.

Mas se você segurar o metal por tempo suficiente, ele vai esquentar. Assumir a temperatura de seus arredores.

Winter só precisa de um pouco de calor para se aquecer.

Peter já se enrolou nos lençóis brancos imaculados, aprovando o quarto extravagante.

— Vá para a cama, Winter. Ou eu mesmo a colocarei lá.

Seu corpo está perto o suficiente do meu para que, quando ela se vira para mim, as pontas de seus mamilos rocem em meu peito.

— Que parte de eu não preciso da sua ajuda não está registrando? — Seus ombros giram para trás, mas isso apenas pressiona seus seios ainda mais em meu peito.

Vivi está feliz com uma mamadeira em seu berço, e Winter tem suas garras do jeito que eu gosto.

Dois podem jogar este jogo.

Os tempos estão mudando.

— Tudo isso, Winter. — Eu corro minha mão pela lateral de seu corpo, a palma moldando seu quadril. Sem bainha de calcinha. Eu gemo quando ela respira fundo, ambos os nossos queixos caindo para olhar para a minha mão espalmada sobre ela possessivamente. Tão pequena sob a palma da minha mão.

Memórias filtram de mim virando-a e levantando seus quadris do jeito que eu queria. Sua bunda arqueada para trás em minha direção, as pernas abertas em oferta, enquanto eu estendia a mão sob seu corpo para dedilhar em seu clitóris. Ela choramingou meu nome e gozou no meu pau, embora ela jurasse que nunca poderia.

Eu coloco minha boca em seu ouvido, sem perder o jeito que ela estremece. — Você vai aceitar minha ajuda. E você vai gostar. Você pode até me agradecer por isso. — Mordo o lóbulo de sua orelha e abaixo minha voz para acrescentar: — Como você fez da última vez que lhe dei uma mão.

Com alguns passos suaves, sigo em frente, empurrando-a em direção à cama até que a parte de trás de suas pernas nuas encoste na borda. Com um leve empurrão em seu quadril, seu corpo cansado se dobra e ela se senta no colchão comigo elevando-se acima dela.

Eu suavemente agarro sua mandíbula enquanto me inclino para ficar cara a cara com ela. Suas íris azuis pálidas correm pelo

meu rosto como se ela estivesse tentando adivinhar o que eu poderia fazer a seguir.

Não há resistência nela agora, apenas curiosidade. Possivelmente até algumas das mesmas lembranças pelas quais tenho estado obcecado, com base na maneira como seus mamilos duros pressionam contra sua camisola.

— Somos uma equipe, Winter.

Sua respiração se espalha sobre meus lábios úmidos em rajadas curtas e ásperas enquanto ela olha para mim. — Uma equipe.

Eu concordo. — Sim. Uma equipe. Então, às vezes, teremos que trabalhar juntos. Você não pode lutar comigo o tempo todo.

A coluna de sua garganta funciona enquanto ela engole, e eu me afasto, precisando de algum espaço. Precisando ficar longe dela antes que eu foda essa lasca de confiança que trabalhei para ganhar com ela.

— Sim. — Sua voz é um sussurro instável. — Somos como parceiros de negócios.

Parceiros de negócios.

Esse termo ainda me faz querer quebrar alguma coisa.

Nós não somos isso.

Meu aperto está de volta em seu queixo, um pouco mais firme desta vez, enquanto inclino seu rosto para o meu. — Winter — eu resmungo. — Tenho patrocinadores. E agentes. Médicos e treinadores. Essas são as relações comerciais. Você e eu somos muitas coisas, mas *parceiros de negócios* não é uma delas.

Ela lambe os lábios – lambe a porra dos lábios – olhar saltando entre meus olhos enquanto suas mãos agarram a borda do colchão.

— Por que não? Nós poderíamos ser.

Essa mulher nunca desiste. É irritante *pra* caralho, e eu amo isso nela.

— Porque as coisas que eu sonho em fazer com você são terrivelmente pouco profissionais.

Jogo toda a minha contenção pela maldita janela e tomo sua boca.

Estou duro e inflexível, uma mão em seu queixo enquanto a outra desliza em seu cabelo. E ela não perde o ritmo. Sua boca se abre e ela dá as boas-vindas ao beijo. Suas mãos agarram minha camisa e ela se aproxima.

Como um metal precioso, ela aquece.

Lábios macios e gemidos famintos me levam de volta à nossa noite em um elevador mal iluminado. Para um corredor onde a empurrei contra a parede.

Eu deslizo minha língua em sua boca, aprofundando o beijo. Ela me puxa para mais perto, sobre ela. Até que ela está deitada no colchão e estou me esforçando para não cair direto na cama com a mulher que parece não compreender o quão tentadora ela é.

Seus beijos são selvagens e frenéticos, afiados em desespero. Suas unhas cravam em minhas costas enquanto mordo seu lábio

inferior. Meu pau aperta na frente da minha calça jeans, mas me forço a me conter.

Uma de suas pernas envolve meus quadris, puxando-me para perto. Alinhando-nos.

Eu me esfrego nela, sabendo que não deveria.

Sabendo que esse jeans é facilmente descartado.

Sabendo quanto tempo faz.

Sabendo que ela vai se arrepender disso pela manhã. Ou pior, jogar contra mim e pensar que a ataquei em um momento de fraqueza quando ela não tinha certeza.

Eu quero que ela tenha tanta certeza quanto eu.

Recuo e, por vários segundos, nós nos encaramos. Assim como há dezoito meses, acho que percebemos que há um fervor entre nós que nenhum de nós pode explicar ou resistir.

Um puxão. Uma conexão. Uma *saudade.*

Ou talvez seja só eu. Afinal, ela acabou de me anunciar como o pai de sua filha e também seu parceiro de negócios para nosso grupo mais próximo de amigos e familiares.

— Desculpe. Eu... você precisa descansar.

Quando me afasto, suas mãos apertam momentaneamente, como se ela pudesse me dar um sinal de que eu não deveria ir embora. Que ela me quer tanto quanto eu a quero.

Mas nada vem.

Quando me levanto e olho para ela, ela está deliciosamente desgrenhada. Lábios inchados, olhos caóticos... e sua camisola

levantada, expondo-a para mim. Sua boceta exposta, parecendo tão rosada, molhada e convidativa.

Costumo sonhar acordado em passar longas e preguiçosas horas com a cabeça entre essas coxas.

Desviar o olhar é quase impossível, mas continuar olhando para ela sem responder parece uma invasão.

Eu esfrego a mão sobre minha barba por fazer e me forço a desviar o olhar, buscando o controle em qualquer canto que eu possa encontrar. Então, com um gemido de dor, estendo a mão para frente e gentilmente abaixo o algodão leve para cobri-la enquanto seus olhos permanecem fixos nos meus.

Um rubor profundo rasteja por sua garganta e sobre seu peito, mas ela não faz nenhum movimento para me impedir. Seu peito sobe e desce pesadamente enquanto ela me observa com olhos azuis vibrantes e bochechas rosadas.

— Boa noite, Winter — sussurro, agarrando-me ao fio de controle que não parece forte o suficiente para me arrastar para longe dela.

Essa máscara calma desliza de volta sobre suas feições delicadas enquanto ela responde com: — Boa noite, Theo.

Há uma mordida em suas palavras. Ela empunha meu nome como um chicote, e eu sinto a ferroada dele.

— Durma. — Minha voz sai áspera e insegura. — E não saia da cama até que esteja claro.

Peter espia um olho aberto para mim em dispensa antes de eu ir embora, forçando minhas juntas a me levarem para o corredor.

E quando vou fechar a porta atrás de mim, as dobradiças rangem e os gritos de Vivi voltam à vida.

Estou feliz por assumir esta noite. Quero passar um tempo de qualidade com Vivi.

É por isso que estou aqui.

Mas porra. Eu também não posso continuar fingindo.

Também quero passar um tempo de qualidade com Winter.

20

Winter

Summer: Você está bem depois da noite passada? Lamento que tenha ficado estranho.

Winter: Eu tenho um talento especial para tornar as coisas estranhas. Rhett também.

Summer: Você não tem. Acho que Rhett estava sendo protetor à sua maneira.

Winter: Uau. Sorte minha. O irmão mais velho machista que eu nunca quis.

Summer: Lol. Você está presa com ele embora. E Theo, aparentemente. Aquilo foi... novidade.

Winter: Sim. Desculpe.

Summer: Não precisa. Você gosta dele?

Winter: Ele é bom. Exceto que tive um sonho no qual ele se casou com uma buckle bunny realmente chata e gostosa com uma voz pornô aguda. Eu tinha que passar todos os feriados com ela para poder estar também com a Vivi.

Winter: E eles gostavam de PDA. Como sentar no colo e dar uns amassos.

Summer: Você faz parecer que ele teve uma lap dance no jantar de Natal.

Winter: Foi assim! Brutal. Isso me acordou e estou irracionalmente irritada com ele agora por trazer uma pessoa fictícia para um jantar fictício no futuro.

Summer: Então o sonho deixou você com ciúme?

Winter: Não. Não estou com ciúme. Foi apenas um sonho.

Summer: Só há uma maneira de garantir que uma buckle bunny gostosa e aguda não domine todos seus feriados.

Winter: Como?

Summer: Case-se com Theo.

Winter: Ha. Esse será o dia.

A luz cinza entra no quarto quando eu abro meus olhos. Não sei dizer que horas são e há uma parte de mim que não se importa. Não está escuro tecnicamente, então fiz o que Theo pediu.

Irritante Theo, e sua irritante esposa pesadelo.

Afasto a memória, recusando-me a deixar que o sonho com Theo estrague minha primeira noite inteira de sono em quem sabe quanto tempo. Pela primeira vez na memória recente, não acordei cansada. Com um sorriso, eu me estico levemente e minhas pernas nuas pressionam contra... pelagem. Levo um momento para

perceber que Peter, o cachorro, enfiou-se entre meus tornozelos, debaixo das cobertas.

E eu nem estou brava com isso.

Nunca tivemos animais de estimação. Marina não era fã, e acho que Kip não queria morrer naquele morro. Agora estou me perguntando se eu teria gostado de um animal de estimação. Um gato? Um hamster? Levanto o edredom e espio Peter.

Sua cabeça se ergue lentamente, mas ele não a vira para olhar para mim. Apenas seus olhos se movem em minha direção, como se eu o tivesse irritado.

Uma pequena risada me escapa quando as orelhas do cachorro se achatam contra sua cabeça boba.

Eu gosto dele. Tenho certeza de que já dei às pessoas esse olhar antes. Peter é identificável, e decido ignorar o fato de que ele está espalhando seus pelinhos de chihuahua por toda a minha cama limpa.

Quando deixo cair a coberta e me jogo de novo, sua cabeça abaixa junto, satisfeito por não estar mais perturbando sua paz. Ele está feliz em usar minhas pernas para se aquecer, mas não muito grato por isso.

O que me faz pensar em Theo. De novo.

A noite passada me levou a uma série de emoções. De um sentimento inesperado de parentesco no jantar até o desespero.

Porque as coisas que sonho fazer com você são terrivelmente pouco profissionais.

Com essa frase, ele explodiu todas as paredes em que trabalhei na montagem. E quando ele se afastou? Olhou para o meu corpo e depois parou?

Eu estava vulnerável por um instante, e ele me estripou sem nem mesmo tentar. Como se não gostasse do que viu. Consequentemente, a esposa do pesadelo.

Eu odeio ser tão autoconsciente. Mas a verdade é que meu corpo mudou desde Vivi. Sim, dei origem a um ser humano. É incrível. *Blá, blá, blá.*

Mas é difícil evitar o pensamento de que desperdicei meus melhores anos com Rob Valentine. Eu trabalhei fora. Eu corri. Certifiquei-me de que poderia tirar um centavo da minha bunda. Passei horas no salão. Tudo para que eu pudesse sustentar a fachada de sermos um casal de contos de fadas que todos veriam com inveja.

Eu parecia o meu melhor e sentia o meu pior.

Não posso culpar Theo por dar uma longa olhada em mim e se afastar lentamente. Talvez não fossem as mudanças no meu corpo, mas a verdade de quem eu *sou.* Um pouco mesquinha. Um pouco amarga. Muito fechada.

Onde está o apelo?

Eu bufo e rolo para me sentar. Theo está aqui por sua filha, que é tudo que eu queria para ela desde o início. Então preciso reunir meu juízo sobre mim e colocar uma cara feliz.

Ontem à noite, quando ela chorou, ouvi o estrondo profundo de sua voz enquanto ele falava com ela. Ouvi o chão ranger enquanto ele a embalava.

Fiquei acordada, pensando que deveria marchar até lá e pegá-la de volta. Não selá-lo com ela quando ela estiver cansada e com dentição, provavelmente me querendo. Mas meu corpo falhou comigo. Eu estava tão cansada que não conseguia me mexer.

E meu orgulho não me deixou encará-lo depois que ele me beijou e pediu desculpas como se fosse um erro. Então, adormeci ao som de seus gritos suaves e das palavras pacientes de Theo.

A pequena protuberância entre meus pés se move em direção ao topo das cobertas, e aqueles olhos esbugalhados saltam. Ele sacode o lençol, as orelhas batendo enquanto faz isso. Ele se senta e me encara.

— Não faça xixi na minha cama.

Ele apenas pisca.

— Eu deveria levar você para sair?

Outra piscada.

— Eu fui para a faculdade de medicina, mas eles não me ensinaram a falar como cachorro.

Olhar vazio.

— Está com fome?

Peter se levanta, seu rabo balançando como limpadores de para-brisa em um dia chuvoso enquanto seus olhos enormes se arregalam ainda mais.

— Eu pensei que você fosse surdo — eu digo enquanto esfrego meus olhos e me esforço para ficar de pé.

Eu coloco meu roupão, e quando me viro, ele ainda está parado na beira da minha cama parecendo expectante.

Meu olhar cai para o chão antes de voltar para o pequeno cachorro bege. — Eu acho que isso parece uma verdadeira queda mortal para você, hein?

Com alguns passos de volta, eu o pego e sigo para o corredor enquanto murmuro: — Não acredito que estou falando com a porra de um cachorro.

Depois de colocar Peter no degrau de trás para que ele possa fazer seus negócios, entro em casa, esperando encontrar Theo caído no sofá depois de sua primeira noite de pai solo. O homem deve ter um ponto de ruptura. Ele sendo tão natural na paternidade simplesmente não me desce.

Mas ele não está no sofá ou na cadeira. Minha frequência cardíaca dispara instantaneamente, meu cérebro entra em pânico. Eu mal conheço o homem e deixei meu bebê com ele? Não falamos sobre custódia. E se ele for apenas...

Minha mão achata no meu peito enquanto me forço a respirar. Então meus olhos se fixam em seus sapatos na porta da frente e meu corpo relaxa um pouco.

Talvez eles já estejam acordados? É o que digo a mim mesma enquanto caminho em direção ao berçário, obrigando-me a dar passos calmos e uniformes. Entrar em pânico nunca é a resposta.

Nunca me sinto melhor ou penso com mais clareza quando entro em pânico.

Empurro tudo para baixo, envolvo a maçaneta com a mão e espio o quarto enquanto digo a mim mesma que está tudo bem.

E está. Exceto pelo fato de que não consigo respirar de novo.

Porque parece que Theo, de fato, atingiu seu ponto de ruptura como pai. Mas, é claro, tinha que ser o ponto de ruptura mais precioso, de torcer o coração e de explodir os ovários do mundo.

Deus. Eu odeio Theo Silva.

Entro no quarto para olhar mais de perto e não consigo deixar de sorrir.

Theo está dormindo *dentro* do berço. Sua estrutura musculosa se curva ao redor da garotinha enfiada firmemente na curva de seu braço com uma expressão pacífica e satisfeita em seu rosto.

E quem poderia culpá-la? Ela conhece o pai há algumas semanas e o tem em volta de seu dedo mindinho. Ele arriscou tudo para testar os limites de peso do berço dela e parece estupidamente delicioso fazendo isso.

Eu gostaria de não sentir uma atração tão poderosa por Theo, mas ele torna isso muito, muito difícil. Todo aquele cabelo escuro despenteado, os cílios escuros se espalhando em uma franja espessa – assim como os de Vivi – e a palma da mão larga aberta protetoramente sobre suas costas.

E ele é tão *bom.* Até a medula. Passei tempo suficiente com homens de merda para reconhecer o calibre do homem diante de mim.

Alguma esposa de pesadelo terá muita sorte em amarrá-lo um dia. Meu trabalho significa que estou treinada para deixar as pessoas irem, mas tenho uma suspeita de que deixar Theo ir vai doer mais do que deveria.

Meus olhos ardem com a visão e pisco rapidamente. Eu *realmente* preciso parar de chorar.

Mas isso?

Isso desperta a mãe em mim, então tiro meu telefone do bolso e dou alguns passos mais perto para documentar esse momento.

Para Theo. Ele vai querer esta foto.

E para a Vivi. Imagino que ela também vai querer isso um dia.

Tiro a foto e saio. Enquanto olho para a imagem, esfrego meu peito, sentindo como se tivesse azia só de olhar para eles.

Mas entendo o funcionamento interno do corpo, então eu deveria saber melhor.

Isso não é azia. Sou apenas eu descongelando pelo homem deitado no berço da minha filha.

21

Winter

— O que você está fazendo? — As sobrancelhas escuras de minha irmã franzem.

— Não tenho coleira.

Peter dá outra mordida no muffin de mirtilo dos meus dedos.

— Mas por que você tem o cachorro parado na *minha* recepção?

— Ele é tão pequeno. Não quero que ele seja pisado. E não tenho uma tigela. Não vou fazê-lo comer do chão. Isso é nojento. Isso é uma academia. — Eu aceno com a mão em direção à parte principal do centro de fitness de Summer. — Existem caras nojentos e suados em todos os lugares.

— Certo. Mas isso é um cachorro. Aposto que ele comeu merda literal em sua vida. Por que ele está pegando um muffin de mirtilo?

Meus lábios se curvam enquanto observo Peter comer delicadamente um mirtilo cozido. — Por favor, não estrague esta nova amizade canina para mim, Sum. Eu o deixei dormir na minha cama ontem à noite.

— Theo?

Paro. — O quê? Não. O cachorro.

— Oh. Sim, eu dormi com Peter também.

Não posso deixar de bufar. — Que marca para nós.

Os olhos de Summer se arregalam, e eu gostaria de poder retirar a piada. — Foi uma piada — deixo escapar, repreendendo-me internamente, porque vim aqui para trabalhar mais para consertar minha amizade com ela e, em vez disso, inadvertidamente a insultei. — Juro que foi uma piada. Deus. Porra. — Esfrego a mão no rosto. — Desculpe. Eu ainda sou tão estranha perto de você.

Minha mão está sobre meus olhos quando ouço uma pequena risada. — Sinto que ser capaz de fazer piadas grosseiras sobre Rob é como subir de nível, para ser honesta.

Espio Summer por entre meus dedos. — Sim?

Seus lábios apertam enquanto ela acena com a cabeça. — Sim.

Endireito meus ombros, encorajada por sua suavidade. Às vezes, ainda não consigo acreditar que ela não me odeia.

Com esse pensamento na cabeça, deixo escapar o que vim aqui dizer esta manhã. — Eu sempre amei você e quero que saiba disso. Mesmo quando não parece. Sei que você me disse que não precisa que eu me explique, mas *eu* preciso me explicar.

Minha declaração fora do campo esquerdo a pega desprevenida, então tomo um gole do meu café para dar a minha irmã um momento.

— Claro. Você quer ir — ela olha ao redor da academia pública — a algum lugar mais privado?

Ainda é cedo, então está quieto, exceto pelo barulho de placas de metal sobre as batidas baixas que tocam nos alto-falantes. Um

cara que parece estar fazendo seus melhores grunhidos de imitação de Drax enquanto levanta pesos pesados. Ele é ridículo.

— Não. Aqui é bom. Se formos a algum lugar mais privado, vou chorar.

A testa de Summer franze. — Mas você nunca chora.

— Pfft. Aparentemente, é a minha nova coisa. Deve ser alguma condição médica que desconheço.

Ainda estou olhando para o homem cujos bíceps devem ser do tamanho da minha cabeça. Suas veias saltam e seu belo rosto está todo vermelho enquanto ele luta com o peso.

Theo é muito mais gostoso.

Eu limpo minha garganta e me viro para minha irmã, preparada para entregar esta atualização do meu jeito sou-uma-médica-com-más-notícias. — Lembro-me vagamente de quando você nasceu. Eu tinha três anos e me lembro de me sentir empolgada. Eu queria que você fosse uma menina para podermos brincar juntas. Especialmente com a minha casa de bonecas. Eu amava aquela casa de bonecas.

Os olhos de Summer brilham e ela cruza os braços sobre o tronco, atraindo meu olhar para a cicatriz que desce pelo peito.

— Mas nunca foi exatamente como eu queria que fosse. Marina me manteve longe de você antes que eu pudesse entender o porquê, e então Kip estava sempre ocupado cuidando de você sozinho, então ele realmente não tinha tempo para mim. Parecia que ele escolheu você em vez de mim às vezes, mas acho que sei melhor agora. — Aceno com a mão, não querendo falar de nosso

pai agora. — Uma vez, ele teve que correr para o escritório enquanto você estava dormindo. Só que você acordou e chorou. E Deus... — Passo a mão no cabelo, frustrada comigo mesma, porque isso não é o que planejei. — Eu devia ter quatro anos naquela época, mas não aguentava ouvir você chorar. E Marina planejava apenas deixar você lá. Ela disse que você estava segura em seu berço, mas eu...

Eu olho para fora da janela, fazendo uma nota mental para pesquisar choro sem nenhuma boa razão. Se não estivesse vivendo uma vida celibatária, eu me preocuparia em estar grávida de novo. — Você não parecia segura. Você parecia *perturbada.* Então, quando ela atendeu uma ligação e me deixou sozinha, entrei no seu quarto. Eu não sabia o que fazer, então rastejei para o seu berço e segurei você. Você ainda chorou, mas senti que estava lá para você do mesmo jeito.

Summer está chorando de novo agora, bem na frente de sua academia. Lágrimas grossas e silenciosas deslizam por suas bochechas enquanto ela olha nos meus olhos, ouvindo atentamente. Ela não desvia o olhar, não importa o quanto dói.

Respiro fundo e sigo em frente. — Quando Pa– Kip chegou em casa, ele nos encontrou assim, e isso se transformou em uma grande briga entre ele e Marina. — Eu fungo, virando-me para dar mais muffin a Peter. — Não me lembro de todos os detalhes. Só que Marina tirou minha casa de bonecas como punição e ela nunca mais voltou, porque — ergo meus dedos entre aspas no ar — eu a fiz parecer mal.

— Winter, você não precisa voltar e reviver isso. Tudo bem. — Summer se aproxima e coloca a mão no meu bíceps, apertando suavemente.

— Não, eu tenho. Porque naquele dia, aprendi que ficar perto de você não terminaria bem para mim. E que, quando você tivesse idade suficiente, também não terminaria bem para você. Quero dizer, acho que não *sabia* a lição na época, mas aprendi mesmo assim. Aprendi que ambas poderíamos voar sob o radar dessa maneira. Que Marina prestava menos atenção em você quando eu a fazia ser bonita. — Não posso deixar de revirar os olhos. — Acho que sempre protegi você do meu jeito. Fiquei confortável em meu papel de meia-irmã malvada, e simplesmente não parecia valer a pena mudar.

Summer assente, a ponta do nariz rosada de tanto chorar. — Você não é má. Eu gostaria que você parasse de pensar em si mesma dessa maneira. — Sua voz falha e minha garganta fica mais grossa, olhos estúpidos ardendo conforme eles se enchem.

— Ah, porra. Venha cá, Sum. — Eu jogo o resto do muffin na frente de Peter e envolvo meus braços em volta da minha irmãzinha. — Sinto muito. Não sei como vou retribuir por estar aqui para mim e para a Vivi. Não sei se mereço todo o apoio, mas aceitei mesmo assim. E você não me importunou nem fez perguntas.

— Não é assim que a família funciona, Winter — ela sussurra em lágrimas em meu ouvido. — Além disso, Willa me disse que pegou você entrando sorrateiramente no meu quarto de hospital

durante aqueles anos enquanto eu dormia para ler meu prontuário e me checar.

Eu fungo. — Willa tem uma boca grande *pra* caralho. Mas sim, eu fazia isso o tempo todo. — Então me afasto e olho minha irmã bem nos olhos. — Eu amo você, Sum.

Mais lágrimas escorrem pelas maçãs de seu rosto, e olho para o teto como se pudesse usar a gravidade a meu favor e empurrar as minhas de volta.

— Eu também amo você, Win. Você realmente deveria verificar essa coisa de chorar.

Uma risada sai do meu peito e espreme as lágrimas dos meus olhos. — Foda-se minha vida. Estou tão mole agora. O que aconteceu comigo?

Summer ri, e outra risada se junta a ela. Uma que eu conheço bem. Quando olho para trás, Sloane aparece usando legging e sapatilhas de balé. Não sabia que ela estava aqui, mas deveria saber. Ela e Jasper podem morar em sua nova casa no rancho, mas ela ainda vem dançar no estúdio dos fundos. Mesmo quando ela está por perto, ela e Jasper estão constantemente saindo em pequenas férias e viagens. Sinto que quase não a vejo ultimamente.

— Você está feliz. — Ela sorri. — É o Theo? Ele faz você feliz?

Summer sorri, ainda me segurando. — Só não pergunte a ela sobre o Theo do sonho. Ele é o pior.

— Estou derretendo. — Limpo minhas bochechas. — Eu sou como Frosty, o boneco de neve.

Summer encosta a cabeça no meu ombro. — Obrigada pela visita.

A porta bate e Willa entra, sua juba flamejante brilhando ao sol da manhã. — Por que diabos todo mundo está chorando? As segundas-feiras não são *tão* ruins.

— Sloane não está chorando. — Mas quando me viro para minha amiga, percebo que há, de fato, uma lágrima rolando em seu rosto. — Jesus. Acho que minha doença é infecciosa. — Eu continuo a passar o dedo no meu rosto. — Todas parem.

— Sim, sério. — Willa olha entre nós três. — Você deveria fazer homens adultos chorarem nesta academia, não ter algum choro estranho da *Irmandade Yaya* na porta da frente. E por que tem um cachorro na recepção?

Deixe para Willa aliviar o clima sem tentar.

— Esse é o cachorro de Theo, Peter.

Ela se aproxima da mesa e coça Peter atrás das orelhas. Ele lambe os lábios, barriguinha toda redonda e cheia quando se senta. — Como Peter North? Legal.

— Willa. Por favor. Não. — Summer esfrega o rosto.

— O quê? Só pelo jeito que ele está sentado, posso ver que para o tamanho de seu corpo ele tem grande–

— Atitude — eu a corto e solto uma risada aguada. — Ele tem uma grande atitude.

Minha irmã olha para mim, ainda pressionada perto. — Obrigada.

— Willa, o que você está fazendo aqui? — Sloane pergunta, tentando redirecionar a conversa.

— Cade me disse para tirar a manhã para mim. Então aqui estou, pronta para malhar.

— Malhar? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— Sim — diz Summer. — Willa decidiu que quer que eu a treine.

Willa gesticula com o queixo em minha direção. — Winter, você deveria se juntar a nós. Summer é cruel. Estou pronta para ela me machucar e sair com uma bolha na bunda matadora.

Sorrio educadamente, mas ainda não sei se estou pronta para adicionar essa dinâmica a Summer e a mim. Não tenho certeza se é o que precisamos.

Ela deve concordar, porque minha irmã diz: — Eu poderia arranjar um treinador diferente para você. Pode ser bom para você. Vou olhar a Vivi e dar um tempo a você. Se fizer isso no final do dia, posso colocá-la na cama.

Alívio toma conta de mim, porque é atraente. Talvez eu pudesse arranjar tempo.

— Isso pode ser bom. Eu poderia pedir a Theo para cuidar de Vivi também — eu digo, afastando-me de Summer para dar a ela um olhar agradecido. Ela é intuitiva. Ela sabe.

— Onde *está* Vivi? — Sloane pergunta, e eu suspiro, soando um pouco como uma adolescente apaixonada.

— Ela está com Theo. Trocamos a noite. Na verdade... — Pego meu telefone e o levanto para que possam ver a foto de Theo e Vivi em seu berço.

Há uma inspiração comunitária antes de um refrão retumbante de *aww*.

— Sim, você definitivamente deveria transar com ele de novo — diz Willa.

Summer pega minha mão livre, apertando com força e olhando para mim, embora eu não olhe de volta.

Ver Theo no berço esta manhã me trouxe de volta? Sim.

Minha conversa com ele ontem à noite me fez querer falar com ela? Sim.

Theo e Vivi me fazem querer ser uma pessoa melhor? Também, sim.

Passo na Le Pamplemousse, minha cafeteria favorita em Chestnut Springs, e pego um café para Theo. Depois de dias a fio levando-me café com um sorriso no rosto, devo retribuir o favor.

Mas quando eu ando até nossos bangalôs iguais, uma onda de borboletas irrompe em meu estômago. Ontem à noite nos beijamos. Eu o puxei para baixo em mim. Ele deu uma olhada e foi embora.

Isso é bom. Perfeitamente normal. Repito frases positivas. Eu manifesto essa merda.

— Theo é um homem maduro. Isto é bom. Nós ficaremos bem. Era apenas uma boceta. Ele já viu muitas bocetas.

A última parte não me faz sentir melhor, então mordo minha bochecha para me calar. Peter treme debaixo do meu braço como se pensasse que eu sou um monte de merda.

— Cala a boca, Peter — murmuro enquanto abro o portão para o meu jardim da frente. Daqui, posso ouvir música vindo da casa. Quanto mais me aproximo, mais a canção toma forma. "Mystify" do INXS soa de dentro, e tenho certeza de que posso ouvir a voz profunda de Theo cantando junto.

Com um aceno de cabeça, coloco Peter no chão e destranco a porta da frente. Eu entro e paro no meio do caminho.

Theo está com as mesmas roupas que usava ontem à noite. Uma Vivi sorridente está presa ao peito dele no suporte de bebê com estampa floral que comprei.

Ele está cantando para nossa filha. E dançando. E *limpando.*

Uma mão esfrega a parte de trás de sua cabeça como se ela fosse uma espécie de bola de cristal, enquanto a outra limpa os armários brancos na cozinha estilo chalé.

A casa cheira a lisol de limão. Ele abriu as janelas, deixando a brisa da manhã de verão entrar. Saí para tomar um café enquanto lia o jornal e depois visitei minha irmã e amigas. Uma parte de mim se sente culpada por não estar aqui ajudando.

Vivi olha para ele como se ele fosse o homem mais impressionante do mundo. E, porra, ela pode estar certa.

Mas eu? Estou apenas de queixo caído.

Congelada.

Mas Peter não está.

Ele trota direto para a cozinha e late aos pés de Theo, surpreendendo-o quando ele canta outro “Mistifyyyyyy”.

Theo se vira para nos observar enquanto tira o telefone do bolso de trás para diminuir o volume. — Jesus, Peter. Avise o cara.

— O que você está fazendo? — Minha voz está cheia de descrença enquanto olho ao redor da minha casa limpa e brilhante.

Theo revira os olhos para mim. — Limpando.

— Por quê?

Ele sorri, dá uma piscadela e abençoa o lado da minha bunda com um tapa brincalhão. — Eu simplesmente senti vontade. Esse café é para mim, Tink?

Eu olho para o copo na minha mão. — Sim. Achei que você precisaria depois de ontem à noite. — Estou perfeitamente ciente da maneira como seus olhos descaradamente percorrem meu corpo, descendo e subindo.

Minhas bochechas esquentam enquanto eu me pergunto se ele está pensando em como não me pareço com a última vez que ele me viu nua. Afasto esses pensamentos, porque nada disso

importa. Nós somos apenas... não parceiros de negócios, aparentemente.

Companheiros de equipe? Copais?

Copais poderia funcionar.

— Aqui. — Eu empurro o café para ele. De perto, ele é ainda mais gostoso. Sua barba por fazer cresceu um pouco mais do que a sombra perfeitamente cuidada que ele costuma usar, mas combina com ele. Mesmo com um pouco de escuridão sob seus olhos... ele é apenas mais robusto de alguma forma. Mais masculino.

É chato eu parecer um lixo quando estou cansada e ele ficar *assim.*

O fato de ele ter nossa filha amarrada ao peito aumenta o apelo em um milhão. Mas não importa nem um pouco a aparência de Theo. Eu poderia vê-lo carregando Vivi, cantando uma música, limpando minha maldita casa, e não notaria sua fisicalidade.

Eu apenas veria um homem tão profundamente confiável que teria vontade de arrancar minhas roupas e chupar seu pau em agradecimento. É uma brecha biológica, eu juro. Porque, juro pela minha vida, não posso guardar rancor de Theo quando ele não fez nada além de se prontificar para mim, não importa o quanto eu rosnasse para ele.

Quando ele pega o café, tento me afastar, mas a mão dele é muito grande. Com certeza. Seus dedos envolvem os meus e ele gentilmente me guia para mais perto deles.

— Vivi, olha que fofa sua mãe, trazendo-me um café.

Eu olho para ela e uma onda repentina de desejo me atinge. Eu não estive longe dela durante a noite antes. E, de repente, não quero nada mais do que puxá-la para fora do suporte e acariciar seu pescoço onde ainda há vestígios de cheiro de bebê.

Eu deixo cair minha testa contra a dela. — Bom dia, doce bebê — falo enquanto pressiono um beijo em sua bochecha macia e rechonchuda.

Quando olho para cima, Theo aponta para uma pilha familiar de envelopes. — Aquilo é do seu ex? Eu não estava bisbilhotando. Acabei de encontrá-los debaixo de uma pilha de revistas.

Eu engulo, decidindo como dizer isso. Por alguma razão, não quero que Theo e Rob se cruzem. Rob não é bem-vindo aqui, sujando esta pequena bolha feliz.

Olhando em volta da minha casa, não posso deixar de sentir que Theo já entrou em uma bagunça colossal. Não preciso aumentar esse fardo com o drama do meu ex.

— Sim. Não se preocupe com isso. Ele continua enviando contas de coisas como nosso casamento ou casa, como se eu devesse algo a ele quando não devo. — Deslizo a mão entre nós como se isso não me incomodasse. Mas incomoda. Rob fez a mesma coisa com Summer. Ele nunca poderia deixá-la ir. O desinteresse dela tornou-se uma espécie de desdém para ele, e agora estou recebendo o mesmo tratamento.

O homem não me dá paz, embora eu especificamente não tenha levado *nada* em nosso divórcio para me livrar dele. Mas ainda não era o suficiente.

— Mas não há código postal neles. Ele está deixando-os aqui? É por isso que você está com as câmeras ligadas?

É, mas não porque acho que ele faria algo violento. Só porque se eu o vir na porta, não quero atender.

— Mama.

Essa palavra muda instantaneamente de assunto.

Eu congelo e olho para minha filha, e então olho para Theo. — Ela acabou de dizer...

— Mama? — Theo arqueia uma sobrancelha para mim e desliza a palma da mão no centro das minhas costas, parando quando atinge a cintura da minha calça de ioga. Depois ele... deixa ali. Sua palma grande e quente na parte inferior das minhas costas. Claro, firme e solidário.

— Essa é a primeira palavra dela. — Eu a encaro maravilhada.

— Claro que é. O que mais poderia ser? E ela está dizendo isso a manhã inteira. — Ele volta seu olhar para Vivi. — Não é mesmo, garotinha? Tem falado sobre sua mãe sem parar. E quem poderia culpá-la? Olha para ela. — Ambos viram seus grandes olhos castanhos para mim e, de repente, percebo o quão perto estamos. Minha mão em Vivi. A mão de Vivi em Theo. A mão de Theo em mim.

Conectados.

Estaremos sempre conectados.

— Ela é linda, não é? — Theo continua, alegremente inconsciente da turbulência que esse momento desperta em mim.

— Assim como você. Imagine como ela vai ficar linda quando voltar de fazer as unhas.

— O quê? — Minhas sobrancelhas franzem e minha cabeça vira para Theo.

Ele tira a mão das minhas costas para verificar o relógio. — Sim. Reservei uma manicure para você às dez.

— Mas você esteve com Vivi a noite toda. A manhã toda.

Ele encolhe os ombros, um sorriso gentil estendendo-se sobre suas feições muito bonitas. — Não preciso de um troféu especial para ser pai. Eu amo isso, Winter. Não se preocupe. Vá curtir sua manicure enquanto você ainda pode fazer uma.

Sua mão volta para minhas costas enquanto ele me empurra em direção à porta. — Mas eu...

— Sem desculpas. Você vai. Estarei aqui. Eu cuido disso.

Eu me viro e dou a ele um olhar severo, um dedo para cima. — Estarei de volta antes do almoço.

Ele ri e *pisca.* — Não, você não vai. Marquei sua massagem logo após a manicure. Sloane vai encontrá-la lá e para o almoço. Até logo, mamãe.

Ele se inclina para frente, contornando minha mão para dar um beijo leve e *amigável* bem ao lado da minha boca. Eu sou empurrada para fora da porta antes mesmo que possa falar. A música aumenta antes mesmo de sair do degrau da frente.

No salão, minhas unhas finalmente tiveram seu dia. Eu seleciono um tom bonito de rosa e Sloane escolhe um roxo brilhante. Depois das massagens, enchemos a cara no nosso cantinho preferido da cidade, conversamos e rimos até as bochechas doerem. É realmente o dia perfeito para garotas.

Eu me sinto mais eu mesma do que em meses. Sinto-me mais relaxada do que em anos.

E quando volto naquela tarde – toda mimada, descansada e sã – entro em uma casa imaculada. Uma menina feliz brinca com blocos de madeira no tapete. Theo os constrói e ela os derruba, rindo histericamente enquanto ele se parece ofendido por ela ter feito isso com ele. No fogão, um aroma delicioso exala de uma panela grande. Theo chama de *strogonoff brasileiro* e diz que é algo que seu pai costumava fazer para sua mãe.

E quando vou para a cama naquela noite, as dobradiças da minha porta não rangem.

22

Theo

Winter: Vou malhar hoje à noite. Summer se ofereceu para cuidar de Vivi, mas se você não estiver trabalhando, pode ficar com ela.

Theo: Infelizmente, estou trabalhando esta noite. Fecho a academia. Você está malhando sozinha? Eu poderia ajudar você.

Winter: Não, você não precisa fazer isso. Summer me reservou uma sessão com outro treinador. Max, eu acho?

Theo: Você poderia ter me pedido.

Winter: Não quero malhar com você.

Theo: É porque você vai usar calça justa que sabe que vai me dar tesão?

Winter: Este trabalho deve ser difícil para você com suas ereções incontroláveis.

Theo: A academia é boa. Viver ao seu lado que é o problema.

— Não. — Os braços de Winter se cruzam sob seus seios, sustentando-os da maneira mais atraente.

Passei as últimas vinte e quatro horas pensando em suas novas unhas cor-de-rosa e como elas ficariam bem enroladas em meu pau. E agora ela tem que criar uma prateleira sob os peitos e colocá-los em exibição perfeita para mim.

Vou ter que limpar profundamente minha própria casa para manter meus hormônios sob controle. Minha mãe costumava me incomodar e dizer que o virginiano em mim enfatizaria a limpeza. Eu ria dela, mas quanto mais velho fico, mais me pergunto se ela estava no caminho certo.

Limpeza com tesão é coisa de Virgem? Porque é onde estou agora. Eu poderia limpar toda essa porra de academia e isso não me saciaria.

— Sim — respondo inexpressivamente para Winter enquanto Summer se mexe desajeitadamente no local, Vivi balbuciando alegremente em seus braços.

— Eu tinha minha sessão marcada com um tal de Max.

Eu gemo e reviro os olhos. Sem chance de isso estar acontecendo.

Summer me lança um olhar, e dou a ela meus melhores olhos de cachorrinho. — De alguma forma, o cronograma mudou. Vai ficar tudo bem. Theo conhece essas coisas por dentro e por fora.

— Eu não estou pagando para ele malhar comigo. Ele nem é certificado.

Eu sufoco uma risada. Tink está *brava.* — Eu sou. Fiz o curso durante o meu período entre temporadas. Mas você não precisa pagar. Farei isso de graça.

Os olhos de Summer voam entre nós. Diversão e nervosismo guerreiam em seu rosto enquanto ela pula no local, claramente sem saber o que fazer consigo mesma. — Theo insistiu que fosse ele...

— Summer — eu a interrompo. — Você pode ir. Vou falar com Winter.

— Não diga a ela o que fazer. Esta é a academia *dela.* Eu sou a irmã *dela.* E este deveria ser o *meu* tempo livre.

— Ok! Falando nisso, Vivi e eu temos um encontro com a banheira e seus patinhos de borracha. — O tom de Summer é brilhante demais, o sorriso forçado demais.

Winter se volta contra ela. — Você está do lado dele?

A cabeça de Summer se inclina e seus olhos percorrem o rosto de Winter. — Não, Win. Estou do *seu* lado. Isso será bom para você. Vá se cuidar. Eu cuido da sua garota.

Ela olha para nós dois quando diz *sua garota* e faz uma demonstração de acenar para Winter e para mim antes de se virar e sair da academia.

— Eu não quero malhar com você — Winter anuncia sem olhar para mim.

— Algo mais que você prefere fazer em vez disso?

Os olhos de Winter reviram como se eu a esgotasse, mas seu tom não tem malícia quando ela diz: — Odeio você.

Uma risada ressoa no fundo da minha garganta e um sorriso conhecedor toca meus lábios. Ela não me odiava quando me puxava para baixo em cima dela. — Você não percebeu que isso não me detém em nada?

Ela zomba, virando-se para escanear a academia. Várias máquinas e pesos espalham-se pelo espaço em uma espécie de caos organizado, mas em uma cidade deste tamanho, é tranquila a essa hora da noite. As aulas em grupo foram filtradas e apenas alguns retardatários permanecem.

— Eu poderia levá-la para tequila novamente.

Seus ombros enrijecem. — Sim. Isso acabou tão bem da última vez.

Eu me aproximo dela, admirando a coluna elegante de seu pescoço. Ela sempre mantém a cabeça tão erguida. Admiro isso nela. Sem vergonha, como se as opiniões das pessoas ao seu redor não importassem para ela – embora eu saiba que importam. Ela é *forte.*

— Acho que acabou muito bem. — Eu arrasto um dedo até o entalhe que passa pelo centro de suas costas, logo acima de sua espinha. Ela estremece, mas não faz nenhum movimento para se afastar. Eu me inclino para frente e sussurro em seu ouvido: — Ainda penso em pressionar você contra aquela janela. A maneira como tremeu quando eu–

— Isso não foi o que eu quis dizer. — Ela engole, os olhos cheios de orgulho. Vejo a ponta de sua língua saindo sobre seus lábios.

— Você quis dizer Vivi? Porque pensei que nada seria mais sexy do que aquela noite. Até que vi você com ela.

Um pequeno gemido escapa de seus lábios e ela se afasta. — Sim, claro. Até você decidir que quer me trocar e ficar com uma buckle bunny com uma voz pornô e dar a Vivi uma nova madrasta.

— O quê? — Minhas sobrancelhas franzem quando ela finalmente se vira para mim, olhando ao redor para ver se alguém está nos observando.

Ela bufa. — Eu tive um sonho sobre isso. Ela era gostosa. Quero dizer, bom para você. Isso só me fez perceber que as coisas podem ficar complicadas. Vou ter que compartilhar a manhã de Natal...

— Comigo e minha esposa pornô? — Eu rolo meus lábios para abafar uma risada.

— Sim! — Suas mãos disparam, aborrecimento saindo dela em ondas.

— Você pode me dar uma demonstração dessa voz pornô?

Winter muda sua expressão facial, piscando tão rápido que parece que algo está preso em seu olho. — Oh, Theo, não há cadeiras sobrando. Posso esfregar minha bunda no seu colo no Natal? — ela zomba, e eu não me preocupo mais em segurar o riso.

— Foi isso que ela disse?

— Basicamente. Antes de se esfregar em você.

— Parece um ótimo presente de Natal.

Seus lábios se contraem. Essa conversa é ridícula, e ela sabe disso. — Você é o pior, porra.

— É você que está com raiva de mim por algo que fiz em um sonho.

— Eu não estou brava com você. — Seus braços se cruzam. — Estou brava com o futuro.

— Não fique. Eu prometo a você que não é isso que o futuro reserva.

— Ok, estou com raiva de você por arruinar minha sessão de treinamento com alguém que não dá em cima de mim constantemente. Por que você fez isso?

Balanço a cabeça enquanto passo por ela, passando pela catraca e indo para o espaço da academia. É melhor ser honesto com ela, para que ela não fique confusa sobre o que eu quero. — Porque eu sou o único que vai colocar as mãos em você com essa maldita calça apertada, Tink.

Winter está deitada em um banco em frente a um longo conjunto de espelhos. Prateleiras de halteres se alinham na parte inferior da parede à sua frente. Ela está com os joelhos dobrados, os tênis apoiados no final do assento de couro cinza e as palmas das mãos cobrindo a testa enquanto ela olha para o teto.

Eu me preocuparia por ter pegado muito pesado com ela, mas mantivemos as coisas leves. Mostrei a ela as máquinas que ela pode usar em seu tempo livre para voltar às coisas lentamente. Foi no chão que tudo deu errado.

Eu a coloquei em pose de prancha, coloquei um controle deslizante sob cada pé e fiz com que ela usasse seu núcleo para arrastar os pés em direção a si mesma, levantando-os em forma de V. Então ela andava com as mãos de volta e começava de novo.

No início, ela parecia instável e teve dificuldade com o exercício. Mas ela não era uma desistente, e eu a apoiei onde pude. Uma mão em seu quadril. Uma em suas costas nuas, onde sua regata tinha subido.

Foi por isso que entrei no sistema do computador e mudei a sessão dela para ser comigo. Nem uma porra de chance de me sentar em casa enquanto um bombado com esteroides passa as mãos nela sob o pretexto de ajudá-la a se exercitar.

Quando puxei o tecido de volta para cobri-la, ela estalou. Num piscar de olhos, ela caiu de joelhos e rolou para ficar de pé.

— Sim. Meu centro é péssimo depois da gravidez. Não há necessidade de esfregá-lo. Terminei agora. Eu vou me alongar.

E com isso, ela partiu sem olhar para trás. Se ela tivesse se dado ao trabalho de olhar, teria me visto olhando para sua bunda.

Resolvi não pressioná-la e comecei a arrumar a academia para fechar. Guardando os pesos que as pessoas deixaram por toda parte. Limpando os pontos de contato. Despedindo-me dos clientes enquanto eles saem pela porta.

E apesar de tudo, Winter ficou deitada no banco de peso, sem se mover. E definitivamente não é alongamento.

Decido esperá-la e deixá-la ter o momento que ela precisar. Enquanto deslizo para trás da recepção e abaixo o volume da música, o último cara aqui sai do vestiário. Sua cabeça vira na direção de Winter e ele hesita antes de caminhar até onde ela ainda está deitada.

Ele levanta a bolsa em seu ombro musculoso e inclina a cabeça sobre ela. Eu não gosto do jeito que ele está olhando para ela. E odeio o jeito que ele diz: — Oi — com aquele sorriso idiota e tímido, como se ele não tivesse olhado para ela a noite toda.

— Você está bem?

— Não — Winter responde, fazendo meu estômago revirar.

Ele se agacha ao lado da cabeça dela como se ela o convidasse para conversar mais um pouco. — Eu vi você aqui ontem.

Meus pés se movem antes que eu perceba o que estou fazendo. Tudo o que sei é que não quero que ele se eleve sobre ela enquanto ela está deitada assim. Eu não quero seus olhos em seu corpo. Não hoje, não ontem. Eu o quero *fora.*

— Pensei que algum dia poderíamos–

Winter nem vira a cabeça para olhar para o cara. — Maldição, eu gostaria de ter sua confiança. Minha vida seria tão diferente.

Eu paro bruscamente a vários metros de distância de onde suas costas maciças se estendem contra sua regata.

— Perdoe-me?

— Acabei de dizer que não estou bem, então você me convidou para sair? Se não quisesse tão desesperadamente que você me deixasse em paz, eu perguntaria que salto de lógica o levou à conclusão de que esse era o caminho a seguir.

Ele se esforça para se levantar, as orelhas um pouco rosadas, como se ela o envergonhasse. — Eu... apenas pensei...

— Ei, amigo. Estamos fechados. Hora de sair. — Talvez ele mereça uma chance de se defender. Winter pode ser dura, mas também fico irracionalmente feliz em vê-lo falhar.

Ele não consegue lidar com as garras dela.

Não como eu posso.

Suas sobrancelhas grossas se juntam sobre sua testa pronunciada. — Eu acho que pode haver algo errado com ela. — Ele aponta para Winter, que ainda não se mexeu e, para seu crédito, parece preocupado.

— Sim. — Meus lábios se contorcem enquanto olho além dele para Winter, que me encara por concordar com ele. — Eu sei que tem. É disso que gosto nela.

Seus olhos se arregalam quando a compreensão floresce em seu rosto. — Desculpe, cara. Até amanhã.

Eu dou a ele um aceno de cabeça e coloco minhas mãos em meus quadris, olhos fixos em Winter. Ela está intencionalmente evitando meu olhar agora. Eu posso dizer pelo conjunto tenso de sua mandíbula e a veia latejando em seu pescoço.

Quando a porta se fecha, Winter se encolhe, e observo um leve rubor rosado cobrir suas maçãs do rosto salientes.

— Winter. Olhe para mim.

— Não, obrigada. — Sua mandíbula estala. Tão teimosa. Isso me lembra de fazer Vivi se acalmar na outra noite. Deve ter herdado isso da mãe.

— Devo desligar as luzes e deixar você aqui?

— Bem, você entendeu bem a parte de me deixar sozinha. Por que parar agora?

Com apenas alguns passos, estou atrás dela, agachado na cabeceira do banco, uma mão gentilmente segurando sua garganta enquanto olho para seu rosto. — É quase como se você tivesse esquecido que gosto quando você sibila para mim, Winter.

Seus grandes olhos azuis se fixam nos meus.

— Diga-me o que você está fazendo.

— Deitada aqui — ela dispara as palavras entre os lábios como projéteis.

— Por quê? — Minha mão aperta, os dedos segurando seu queixo para inclinar a cabeça para trás e fazê-la olhar para mim.

— Gravidade.

— Gravidade?

— Porque se eu me sentar direito, as lágrimas vão cair. E eu não choro. — Percebo então, o brilho em seus olhos, a maneira como eles se enchem enquanto observo. Meu peito aperta com a visão. Seu rosto é uma janela para todos os seus sentimentos. — Não estou no meu melhor agora, Theo. Estou de mau humor.

Estou com raiva, e isso nem faz sentido. Você deveria me deixar em paz.

— Sabe o que eu acho, Winter? — Meu polegar acaricia seu ponto de pulsação.

— Não, mas aposto que você vai me contar de qualquer maneira.

— Acho que as pessoas acham que você está de mau humor quando está apenas sobrecarregada. Acho que você precisava ficar aqui deitada por alguns minutos sem ninguém *precisar* de você. Acho que você está superestimulada e até o melhor de nós precisa de algum tempo para se recompor.

Ela acena com a cabeça, os lábios se apertando juntos, e uma lágrima solitária escorre por sua bochecha, meu polegar a limpa quase instantaneamente.

— Eu não...

— Eu sei. — Aceno solenemente. — Tenho certeza de que é um vazamento no teto.

Ela bufa agora, balançando a cabeça enquanto suas mãos cobrem o rosto. — Por que você é tão legal comigo?

— Já falamos sobre isso. É porque eu gosto de você.

— Isso foi há um ano e meio. — Suas mãos caem no meu braço, mas não para me afastar. Elas descansam lá.

— Bem, você é difícil de esquecer. E o fato é que gosto ainda mais de você agora.

— É por isso que você continua colocando minhas roupas de volta em mim?

Eu congelo. — O quê?

— Na outra noite você deu uma olhada em mim e puxou minha camisola de volta para baixo. Hoje você me cobriu de novo. Parece que você não gosta do que vê.

Com um grunhido, eu a empurro para sentar, passo uma perna por cima do banco e monto no assento atrás dela. Um braço ao redor de suas costelas a puxa de volta para mim e vejo sua expressão chocada no reflexo do espelho.

— Não gosto do que vejo? — Suas costas estão pressionadas contra meu peito, a pulsação vibrando por seu corpo. — Winter, você não tem ideia do que eu vejo. Não tem ideia do quanto estou tentando não ser outra pessoa que precisa de algo de você. Estou priorizando o que a vida nos deu nas últimas semanas. Estou tentando dar a *você* o que precisa. Mas se você acha que não gosto do que vejo, então não sou eu quem precisa examinar a cabeça. — Eu deslizo seu rabo de cavalo para o lado de seu pescoço e dou um beijo no topo de seu ombro esguio. — Porque seu bem-estar rapidamente se tornou minha prioridade número um.

— Por quê? — Sua respiração irregular ecoa na academia silenciosa.

— Porque adoro você *pra* caralho. Você não tem prestado atenção?

Ela estremece e observo os pelos finos de sua nuca se arrepiarem quando respiro contra sua pele.

— Por quê?

— Por que adoro você *pra* caralho?

— Sim. E se você disser que é porque meu corpo fez milagres crescendo e dando à luz um bebê ou algo assim, juro que vou me levantar e sair daqui.

Eu sorrio para nossa imagem no espelho, ela toda feroz e corada, mas também relaxando de costas para mim. Um pequeno sinal de confiança de uma mulher que não confia facilmente.

Um que não vou desperdiçar.

Eu arrasto um dedo até o lado de seu pescoço fino. — Essa linha aqui. Você se comporta como a realeza. Tem algo nessa curva, esses cabelinhos. — Belisco os cabelos e dou um puxão suave, provocando um suspiro nela. — Às vezes, quando está ensolarado pela manhã, a luz que entra pela janela da sala capta todos esses pequenos esvoaçantes que acabam parecendo uma auréola.

Ela me encara no espelho.

— Posso continuar tocando em você? — Esfrego minha barba contra seu ombro antes de dar um beijo na protuberância onde sua clavícula se prende.

Ela balança a cabeça enquanto engole. Sua resposta: — Sim — é um sussurro.

— Gosto da sua clavícula. — Minha mão esquerda segura seu quadril enquanto a direita mergulha sob seu braço e sobre seu peito para que eu possa traçar a linha de ossos emoldurando-o. — A minha sempre parecerá um pouco torta agora. Mas se esse é o

preço que tive que pagar para chamar sua atenção... eu mesmo quebraria a outra.

— Esquisito. Mas tudo bem.

Minha mão dispara para cima e pressiono meu dedo indicador em sua boca de veludo enquanto gentilmente seguro sua mandíbula. — Eu amo seus lábios. Essa maldita boca esperta. Eu gosto do veneno que vomita. Eu gosto especialmente do jeito que parecia enrolada no meu pau.

Ela geme.

— Você gostou disso também, não é? — Seu corpo tensiona e aperto sua coxa antes de passar as pontas dos meus dedos sobre a costura interna de sua legging. — Eu sei que você gostou.

— Eu...

Cubro sua boca com minha mão livre. — Não se preocupe em discutir comigo. Isso me deixa duro, e não estou acima de virar você para foder aqui e agora. — Esfrego na parte inferior de suas costas, meu pau já esticado na frente do meu short.

Observo seus olhos mudarem no espelho. Em vez de lágrimas, eles se enchem de calor. *Saudade.*

Com uma mão ainda sobre sua boca, deslizo a outra por baixo da blusa solta que ela está usando. Ela não faz nenhum esforço para escapar do meu aperto. Seu sutiã esportivo é apertado, mas não me impede.

— Eu amo seus seios. — Apalpo um e depois o outro antes de beliscar um mamilo. — Seus mamilos ficam duros tão facilmente. Eles são tão sensíveis. — Eu me mexo de novo, e seus olhos se

fecham. — Sei que aquele desperdício de espaço com o qual você se casou não soube fazer você gozar. Mas eu sim. E aposto que posso fazer isso brincando com eles apenas.

Sua cabeça inclina para trás em meu ombro, suas costas arqueando enquanto ela pressiona seu seio em minha mão. É como se eu pudesse senti-la voltando à vida. *Para mim.*

Eu libero seu mamilo e deslizo minha mão por seu estômago, sob sua legging. Vou direto para seu centro, passando meu dedo por sua carne encharcada antes de enfiá-lo. Ela aperta meu dedo e tenta gritar, mas o som é abafado pela palma da minha mão.

— E isto. — Trabalho dentro e fora dela algumas vezes. — Você. Eu amo como você parece empalada no meu pau. Abra seus olhos. Olhe no espelho.

Eu adiciono um segundo dedo e mergulho em seu calor úmido, observando seus cílios se abrirem para encontrar meu olhar. — Olhe para nós. Como eu poderia não adorar isso? Amo a cara que você faz quando se desmorona por mim. Ainda sou o único homem que conseguiu foder você direito, Winter?

Sua cabeça se move em um movimento de aceno raso, suas pernas se abrindo mais para me conceder um acesso mais profundo.

— Aposto que poderia fazer você gozar em meus dedos apenas descrevendo como você é linda para mim agora. Como você é perfeita *pra* caralho. — Esfrego minha barba contra a concha de sua orelha e abaixo minha voz. — Mas seria uma pena quando você tem uma boceta tão bonita para eu comer, não acha?

Ela arqueja, seu peito arfando e rosado. E assim como antes, seu exterior gelado derrete e deixa *esta* mulher. Esta mulher confiante e incrível, que ocupa meu cérebro e meu corpo há mais de um ano.

Tiro minha mão de sua boca e nos encaramos no espelho por vários instantes. Meus olhos são quase pretos, enquanto os dela parecem quase mais claros. Mais brilhantes. Mais vibrantes.

— Você não tem q...

— Você ainda não está ouvindo. — Eu me levanto e dou a volta no banco, ajoelhando-me em frente com um sorriso conhecedor. Winter parece confusa enquanto olha ao redor. — Gosto de tudo que vejo. Eu quero *você*.

Sua garganta funciona, e ela deixa cair meu olhar. Eu sei que há uma voz cruel dentro dela, enchendo sua cabeça com merdas que não são verdadeiras. — E se alguém entrar?

— Desde que seja eu com a cabeça entre suas pernas, não me importo com quem assista.

Sua boca se abre em choque. — Eu não sei que tipo de merda estranha você faz no circuito, mas–

— Que tipo de *merda estranha?* — Arqueio uma sobrancelha para ela. — A única *merda estranha* que tenho feito é me abster de tocar em qualquer pessoa. E você sentada aqui com essas malditas roupas apertadas — eu alcanço o cós de sua calça e puxo — dando-me esses olhos torturados de foda-me está destruindo meu autocontrole. Como se você estivesse me implorando para estar dentro de você.

Sua legging e calcinha atingem o ponto em que ela vai precisar levantar os quadris para que eu as puxe para baixo. Mas a bunda de Winter permanece plantada no banco, as mãos apoiadas atrás dela. — O que você quer dizer com abster-se de tocar em alguém?

O gato está fora do saco, eu acho. Posso muito bem esclarecer.

— Quero dizer, limpei meu ato.

— Por quê?

Eu bufo e seguro seu olhar, querendo que ela realmente ouça isso. — Porque eu queria ser o tipo de cara que poderia ficar com você por mais de uma noite.

Seu olhar salta ao redor do meu rosto. — Você quer dizer alguém *como* eu?

— Não, Winter. Quero dizer *você.* É por isso que desisti do meu telefone antigo. É por isso que tenho o seu número no meu novo. Pretendia ligar para você. Você precisava de tempo para se reconstruir e eu precisava de tempo para me transformar em alguém que merece você. Eu estava ganhando tempo, sendo paciente.

Sua respiração fica mais rápida, mais forte – mais agitada – enquanto ela me olha. É como se eu pudesse ver as peças do quebra-cabeça se encaixando, ver sua mente zumbindo. É por isso que alcanço seus quadris e a puxo para mim, segurando o cós de sua calça enquanto puxo. Suas mãos caem em meus ombros quando eu olho para ela e sorrio, puxando rudemente a calça elástica que agora é nada mais do que um tecido frágil atrapalhando meu caminho.

— Cansei de ser paciente, Tink. Estou indo para o que eu quero. Agora mesmo.

23

Winter

Muitas vezes pensei naquela noite com Theo. Ok, fiquei obcecada com isso. E tinha certeza de que imaginei o quanto ele gostou de transar comigo. No começo, eu me senti culpada.

— Está tudo bem, não precisa — eu disse, enquanto agarrava seu cabelo, tentando puxá-lo de volta.

Ele riu, um estrondo profundo que senti contra o meu núcleo. Com os olhos brilhando, ele olhou para mim por entre as minhas pernas. — Sei que não preciso, Tink. Mas eu realmente, realmente quero.

Nunca me senti tão nua quanto com seus olhos fixos na parte mais íntima de mim.

Eu não estive com muitos homens. Eu estava muito ocupada com a faculdade e depois com o trabalho.

E eu definitivamente não estive com nenhum homem que comeu minha boceta com um sorriso. Foi o que ele fez.

Tive meu primeiro orgasmo naquela noite, com a barba por fazer de Theo Silva arranhando minhas coxas. Eu deveria estar triste por ter demorado vinte e oito anos para ter esse momento e, no entanto, não estava.

Havia algo de poético nisso. Inesquecível. E agora, sou levada de volta para aquele ponto exato enquanto Theo arranca minha legging do meu corpo como se não pudesse esperar mais um segundo.

— Acabei de malhar — resmungo antes de me repreender internamente por tentar sabotar este momento em que sei como é bom. O quanto eu quero isso.

A risada profunda e divertida de Theo é o que recebo em troca. Ele abre minhas pernas e olha para mim. As brilhantes luzes halógenas não me deixam nenhum lugar para me esconder. — Você mal começou a suar. O que significa que não trabalhei duro o suficiente. Mas eu vou agora.

As pontas de seus dedos percorrem o interior das minhas coxas, deixando um rastro de arrepios.

— Alguém poderia entrar — falo novamente.

Eu me odeio. Por que não posso simplesmente me calar e aproveitar as coisas boas?

Ele acena com a cabeça enquanto se inclina para frente e arrasta a língua sobre o comprimento da minha boceta. Um profundo e satisfeito *mmm* surge em seus lábios. — Espero que sim, Winter. Espero que tenhamos toda a porra de uma audiência para ver o quanto vou fazer você gozar.

Meu coração bate tão rápido que juro que posso sentir meu esterno vibrando. Por que isso soa tão bem? Por que esse homem é tão selvagem de tantas maneiras? E então tão doce? Eu não consigo acompanhar isso.

Não há nada educado ou clínico na maneira como ele levanta minhas pernas e apoia um pé em cada um de seus ombros. — A única maneira de não comer esta boceta é se você me disser para parar, Winter.

Eu o encaro. Pulso vibrando. Peito arfando. Lábios separados.

E não digo nada.

Eu concordo.

E assim como todos aqueles meses atrás, ele sorri contra o meu núcleo e então se agarra como se precisasse mais de mim do que do ar que respira.

Não há golpes de língua hesitantes, sem contenção. Ele me devora, e as bordas da minha visão ficam embaçadas. Minhas mãos alcançam acima da minha cabeça, agarrando o banco para me segurar.

Theo não sofre de tal preocupação. Suas mãos percorrem todo o meu corpo. Acariciando. Apertando. Ele não se segura comigo. Não me trata como se eu pudesse quebrar, ou como se eu precisasse quebrar.

Ele me trata como se eu fosse perfeita. Irresistível. *Digna.*

Com uma mão apertada em torno da minha coxa trêmula, ele traz a outra para o meu centro e guia dois dedos em mim com uma lentidão dolorosa. Sua língua faz golpes sem pressa em meu clitóris, como se ele não tivesse outro lugar para estar. Como se sua mente não estivesse em um milhão de outros lugares.

Estou antecipando o alongamento lento, a plenitude que me deixa louca. Os beijos pacientes que ele pressiona nas minhas coxas, no meu estômago.

— Porra, Theo.

— Qual a sensação, Winter?

Eu respondo com um zumbido choroso enquanto cavo meus dedos no assento pegajoso. Estou me agarrando à vida, como se estivesse à beira de algo que me apavora. Meu cérebro está muito cheio, meu coração muito confuso. Toda essa sensação me confunde. Isso me separa até que eu seja apenas uma poça para Theo brincar.

Seus dedos se arrastam e posso sentir minha umidade quando ele a espalha sobre meus lábios. — Não está bom o suficiente? — ele murmura. — Acho que preciso melhorar meu jogo.

Minhas costas arqueiam e grito quando ele empurra de volta com um terceiro dedo, ou um quarto. Eu nem sei, e não vou olhar. Tudo o que sei é que parece muito.

— Como você se sente agora?

— Bem *pra* caralho. — As palavras saem correndo dos meus lábios. — Não pare.

Eu ouço seu rosnado satisfeito, mas mantenho meus olhos fixos nas vigas do teto e nas luzes industriais penduradas. Fazer contato visual com ele agora pode me deixar em combustão.

— Como eu poderia parar quando estou amando sua aparência com meus dedos enfiados dentro de você?

O calor queima minhas bochechas e meus quadris se movem em direção a ele. Involuntariamente. Ou pelo menos é o que digo a mim mesma.

Meu cérebro saiu do prédio. É só o meu corpo agora. E meu corpo quer Theo Silva. Eu desisto e solto o banco, estendendo a mão para ele. Meus dedos se enredam em seu cabelo grosso.

E assim como antes, meu corpo se ilumina para ele. Eu me movo em sua boca, e ele encontra minhas estocadas com igual fervor.

Ele me espeta com a língua e me fode com os dedos, dá uma mordida estranha na minha carne hipersensível sempre que chego perto de tombar. Meu corpo voa quando ele dá um puxão longo e firme em meu clitóris enquanto enfia os dedos em mim com força.

— Theo. — Eu puxo seu cabelo. — Theo, vou gozar.

Ele se afasta por um instante, e finalmente encontro seus olhos escuros e selvagens, cheios de luxúria. — Não. Você não goza, lembra?

Ele parece tão *presunçoso.*

— Continue. — Ignoro seu golpe, choramingando e tentando puxar seu rosto para baixo. Agindo tão desesperada quanto me sinto.

— Admita. — Seus dedos se movem novamente.

Minha cabeça abaixa de volta no banco. — Admitir o-o quê? — gaguejo quando ele enrosca os dedos dentro de mim e atinge um ponto que me faz ver estrelas.

— Que você só goza para mim. E que você ama isso. Todos aqueles rosnados. Todo aquele olhar afiado não afetado. Todas aquelas carrancas. Todos eles desaparecem quando você tem meu rosto entre suas pernas. Posso foder você feliz, não posso, Winter?

— Odeio você. — Eu o encaro, mas não há malícia. Como pode haver quando ele está certo?

Seus dedos empurram e torcem e meu corpo se curva em direção a ele como o pequeno atrevido enganoso que é.

— Admita. Então vou deixar você gozar. Diga-me o que preciso ouvir.

O que ele precisa ouvir? Estou ofegante, corpo tenso. Estou tão nervosa que posso explodir.

Então admito, tanto para ele quanto para mim.

— Theo, eu só gozo para você e–

Ele não me deixa terminar antes de voltar a me devorar e, em segundos, eu explodo. Assim como previ.

Uma onda quente percorre meu corpo e eu me entrego a ela. Debatendo-me no calor. Saboreando a sensação de um homem que gosta de me fazer gozar, gosta de me ver desmoronar por ele.

Ele não me empurra muito longe. Ele não se afasta tão cedo. Ele é tão bom nisso.

Tão bom para mim.

Eu não apenas gozo. Eu me desfaço. Sinto que poderia quebrar para sempre, uma e outra vez, sob as mãos de adoração de Theo Silva.

O que é uma perspectiva assustadora, porque já quebrei antes.

E ninguém nunca me ajudou a juntar os cacos.



Eu esperava mais depois que ele caiu em cima de mim. Mas ele pega minha calça e a passa cuidadosamente sobre meus tornozelos como se estivesse vestindo uma criança. Eu o observo, mãos hábeis, antebraços com veias – um que provavelmente ainda deveria estar na tipoia – e um olhar de concentração satisfeita em seu rosto.

— Você não quer que eu... — Paro, girando meu pulso para explicar minha linha de pensamento e percebendo que me sinto um pouco tímida. Um pouco sem palavras. Um pouco fora do meu elemento.

O que ele fez? As coisas que ele disse? Elas não deveriam ter parecido tão importantes, mas elas pareceram. E isso me aterrorizou. Ele não é mais apenas um caso gostoso de uma noite. Ele é o pai da nossa garotinha. Estarei ligada a ele pelo resto da minha vida, querendo ou não.

Se ele me quer ou não.

Isso pode ser tudo. Ou pode ser o maior desastre da minha vida.

Então, quando ele sorri, passa os olhos sobre mim enquanto arrumo meu rabo de cavalo fodido e diz: — Nah. Eu estou bem — minha mente enlouquece.

Ele agarra meu queixo e pressiona um beijo forte na minha boca antes de se virar para terminar de fechar a academia. Provo a mim mesma, mas tudo em que consigo me concentrar são aquelas três palavras que ecoam na minha cabeça.

Eu estou bem.

Tipo, isso também o satisfez?

Ou tipo *Ew, não, obrigado?*

Ele passou incontáveis minutos divulgando todas as coisas que gosta em mim. Parece improvável que ele não queira fazer mais. E, no entanto, é onde meu cérebro é treinado para ir.

Meu pai escolheu outra pessoa.

Meu marido escolheu outra pessoa. Ele escolheu minha irmã.

E não me ressinto dela por isso. Eu me ressinto de mim, porque o que há em mim que é tão profundamente desagradável? Sinto que estou em uma missão constante para descobrir isso. Não estou ofendida com isso. Só preciso saber o que é para que eu possa corrigi-lo.

— Pronta? — A voz de Theo me assusta. Minha cabeça se vira para ele de onde estou sentada no banco, perdida em pensamentos. Seus olhos lambem para cima e para baixo sobre mim e meu corpo traidor estremece em resposta.

Eu ofereço um aceno de cabeça, o que faz a covinha irritante aparecer na bochecha de Theo. Ele está reprimindo o sorriso, mas ainda pisca.

Meu estômago revira. Toda vez que ele faz isso, eu me lembro dele colocando gasolina na noite em que o conheci. Ele era gostoso na época, mas com mais alguns anos, ele mudou novamente. Aos vinte e oito anos, ele é mais homem do que menino. Seus ombros parecem mais largos. Ele é mais anguloso, mais esculpido, mais... pesado. E ele tem maturidade, um lado sábio que acho reconfortante. Ele é brincalhão, mas não volúvel. Divertido, mas confiável.

Se eu tive que foder um estranho e engravidar, escolhi um bom. Se nada mais, Vivienne terá um ótimo pai em sua vida.

— Eu matei algumas células cerebrais, Dra. Hamilton?

Percebo que estou parada na academia agora escura, olhando para Theo como se fosse meu modo padrão.

Theo pega minha mão e eu o seguro. Meu corpo se move em direção a ele sem que eu sequer pense nisso. Sem nem admitir que quero.

Sua palma quente é calejada, prova dos anos passados pendurados em uma corda de touro todo fim de semana e levantando pesos durante a semana. Seu polegar roça o topo da minha mão enquanto ele liga o sistema de alarme e me leva para a noite quente de verão.

Com apenas o barulho de nossos pés no cascalho solto na pista de trás, finalmente digo o que estive pensando. — Sinto que estou em dívida com você.

— Dívida do quê? — Sua voz é suave e aveludada esta noite, e roça minha pele. Isso me acalma.

— Sexo, ou alguma coisa.

— Ou alguma coisa? Agora essa parte me interessou. O que é o *ou alguma coisa*? — ele conta a piada, sem perceber como minha mente pode pegá-la, girá-la e transformá-la em algo que ele nunca quis que fosse. Como se ele não fosse querer o sexo.

— Engraçado. — Olho para baixo em nossas mãos enquanto ele abre seus dedos e os enfia nos meus.

— Ei. — Seu tom é menos brincalhão agora, e não consigo encontrar seus olhos. — Não abaixe a cabeça assim. Pare de pensar o que quer que esteja pensando, porque garanto que está errado.

Ele para, puxando-me para encará-lo, e levanta meu queixo com os nós dos dedos dobrados. — Winter.

Olhos e cabelos escuros, pele dourada; a escuridão da noite lhe dá uma vantagem.

Eu lambo meus lábios. — Theo.

— Sim, Tink?

— Eu não entendo o que está acontecendo aqui. As coisas que você diz. As coisas que você faz. Tudo o que aconteceu. Não faz sentido. Não consigo entender.

Ele inclina a cabeça, como se estivesse tentando me entender de uma perspectiva diferente. — O que está acontecendo é que a Miss Independente conheceu o cara que a trata como uma princesa e ela está enlouquecendo.

Reviro os olhos. — Isso é ridículo.

— Você só acha que me deve alguma coisa porque passou muito tempo namorando idiotas que são terríveis fodas. Basta sentar e desfrutar do passeio. Pare de pensar demais nisso. Além disso, meu rosto é o passeio. — Seus lábios se contraem e imito o movimento.

— Você é insano. — Eu me afasto, tentando esconder minha risada. Mas não solto sua mão enquanto contornamos o final do quarteirão, voltando para nossas respectivas casas.

— Mas é um rosto bonito, não é? Se você tivesse que montar um?

O riso borbulha em mim. Ele enche meu peito e obstrui minha garganta. Explode de mim como uma canção que não consigo resistir a cantar. Soa estranho para mim, leve e musical.

Deus. Estou dando *risadinhas?*

Seus dedos pulsam nos meus, e então ele me puxa e me beija. Sua boca se inclina sobre a minha e ele engole minha risada como se quisesse guardá-la para si.

Ele a criou, então suponho que seja justo que eu devolva a ele. Nossos dedos permanecem ligados e sua mão oposta pousa sobre minha mandíbula com um leve tremor.

Lábios macios. Cabelo macio. Suspiros suaves. Não é um beijo longo, mas é de partir o coração. Natural, como se não pudesse evitar.

E não pela primeira vez esta noite, eu me sinto *desejada.*

Quando ele se afasta, mantenho meus olhos fechados por um momento, deixando esse sentimento me aquecer. Porque é passageiro e quero me lembrar disso.

Meus olhos ainda estão fechados quando ele se inclina e diz: — Da próxima vez, você monta no meu rosto. Você vai pedir por isso. Implorar por isso. Até mesmo trabalhar para isso. Você vai me dizer *exatamente* o que você quer, e eu vou dar a você. Mas isso não está acontecendo novamente até aquele momento. Até você saber o que quer. Porque eu quero você, Winter. E não apenas por uma noite.

Com isso, ele prende minha respiração e me puxa junto com ele pela rua tranquila e arborizada. Meu cérebro vai de enlouquecer com Theo para enlouquecer com a mulher sentada no degrau da frente dele.

Eu sei que não deveria.

Ele diz que faço parte do plano dele. Mas estou com medo de acreditar.

24

Theo

Theo: Preciso pedir um favor.

Summer: Claro!

Theo: Mas você não pode fazer perguntas.

Summer: Suspeito. Mas tudo bem.

Theo: Preciso deletar algumas imagens da câmera de segurança da academia. Você pode me mostrar como?

Summer: Uhhhh. Ok. Posso fazer isso por você?

Theo: Não.

Summer: Foi cometido um crime?

Theo: Não.

Summer: Eu ainda quero saber?

Theo: Eu disse sem perguntas e até agora você fez três.

Winter vai de suave e vertiginosa a toda travada. Quando olho para baixo, vejo sua mandíbula tensa e olhos estreitos. Eu sigo seu

olhar para uma mulher sentada no meu degrau da frente, rolando em seu telefone.

Uma mulher que eu conheceria em qualquer lugar.

— Mãe? O que você está fazendo aqui?

Winter se sobressalta, puxando sua mão da minha como se fôssemos dois adolescentes pegos fazendo algo que não deveríamos, ao invés de dois adultos que compartilham uma criança.

Eu poderia deixar sua rejeição doer, mas não o faço. Ela não está acostumada a receber calorosamente pessoas que só conhecem histórias sobre ela.

Com base no que aconteceu esta noite, ela não está acostumada com as pessoas simplesmente gostando dela pela mulher que ela é. Isso me faz querer queimar o mundo ao nosso redor para corrigir os erros que as pessoas colocaram aos pés dela ao longo dos anos.

Em vez de incêndio criminoso, estou me contentando em mostrar a ela como isso pode ser bom. Mostrar a ela o que ela merece.

— Vim visitar você. Disse que viria mais cedo.

— Certo, mas você não disse hoje. Ou me deu qualquer dia específico. — Chegar sem avisar não está fora do normal para minha mãe. Se a programação dela mudar, ela aparecerá aleatoriamente em um evento meu, gritando mais alto do que qualquer outra pessoa nas arquibancadas.

— Eu me reservo o direito de ser arrogante. Você é meu único menino.

— Você faz isso com Julia?

— Não. Mas sua vida não é tão interessante. Ela nem me conta sobre quem conheceu no cruzeiro. Mas sei que sim, porque a peguei entrando e saindo furtivamente à noite. — Minha mãe pisca para mim, as bochechas formando círculos completos com seu sorriso de boca fechada.

— É assim que eu me livro de você, então? Não lhe contando nada? — Estou brincando, e nós dois sabemos disso. É por isso que ela ri e olha ao redor.

— No começo, fiquei chateada por não conseguir encontrar uma chave reserva em algum lugar óbvio. Você sabe, debaixo do seu capacho como uma pessoa normal. Mas então decidi que criei você de maneira mais inteligente do que pensava, porque procurei uma chave em todos os lugares e não consegui encontrar uma.

Dou um sorriso tímido para minha mãe enquanto coloco a mão nas costas de Winter para guiá-la pelo portão da frente e pela calçada.

— Bem, mãe, a verdade é que não tenho uma chave reserva escondida em lugar nenhum.

Sua cabeça inclina para trás contra o lado da casa, o cabelo preto como tinta caindo atrás dela. — Sim. Eu criei você estúpido.

— Pode ser hereditário. — Aproximo-me da minha mãe com um sorriso e pego sua mão na minha, puxando-a para ficar de pé.

— Essa boca esperta. — Ela agarra meu queixo e aperta meu rosto com força suficiente para fazer meus lábios franzirem, então vira a cabeça para se dirigir a Winter. — Ele também dá a você esse tipo de atitude? Ele sempre foi selvagem e indisciplinado, mas é difícil culpar esse coração de ouro.

Winter não diz nada enquanto minha mãe me puxa para um abraço. — Meu doce, doce menino. Senti sua falta.

— É isso que todos os insultos significam? Que você sentiu minha falta?

Por cima do meu ombro, ela se dirige a Winter novamente. — Ele é carente também. Requer muito carinho no cabelo. Acho que disse a ele que ele era bonito demais quando criança.

Um bufo suave soa atrás de mim. — Ele acabou de me dizer que rosto bonito ele tem.

— Ok, uau. — Eu me afasto da minha mãe e dou um passo para trás para dar a ela e a Winter uma visão clara uma da outra. — Eu nem apresentei vocês e já estão zombando de mim.

— Você deve ser Winter. Já ouvi falar tanto de você. — Minha mãe dá um passo à frente, sorrindo com rugas ao redor dos olhos – a única indicação de sua idade. Ela diz que sorri tanto que não há como contorná-las, então ela as está abraçando. — Eu já gosto de você.

Winter pisca com o comentário incrivelmente oportuno da minha mãe. — Igualmente. Prazer em conhecê-la.

Ela estende a mão para cumprimentá-la, mas minha mãe a dispensa. — Não somos parceiras de negócios e eu sou uma abraçadora.

Mamãe envolve uma Winter de aparência atordoada, cujos braços pendem inertes ao lado do corpo. Não consigo evitar que meus lábios se contraiam. *Parceiros de negócios.* Essa maldita frase vai assombrá-la.

Como sempre, os olhos de Winter encontram os meus. Eu alargo o meu como se dissesse *não seja uma idiota com minha mãe, abrace-a de volta!*

Eu ganho um revirar de olhos, mas ela tem um pequeno sorriso no rosto quando levanta os braços e abraça minha mãe de volta. A visão me atinge no peito. Isso me faz pensar em quantos abraços Winter ganhou ao longo dos anos – quando criança. Mesmo nos dias em que minha mãe achava que eu era idiota, ela me abraçava.

Winter mal menciona sua mãe. Eu sei que o relacionamento é complicado. Com o pai dela também. E como um raio na grama, imediatamente, irracionalmente odeio os dois.

Minha mãe está aqui semanas depois de descobrir sobre Vivi, e ela mora a uma província de distância. Os pais de Winter moram a pouco mais de uma hora de distância e não vi nem um fio de cabelo deles.

Eu estava tão obcecado em pular para todo esse cenário que não dei um passo para trás para ver a imagem completa além de Winter, Vivi e eu.

Eu não gosto do que vejo. Isso me faz sentir protetor de uma nova maneira. Minhas palmas coçam com o desejo de fazer isso melhor para ela. Para fazer alguém pagar pela forma como a tratou.

A cabeça de Winter se inclina quando ela se afasta da minha mãe, como se ela pudesse ver a luta interna acontecendo em meu rosto.

— Bem, Theo me disse que você era uma mãe inteligente e incrível.

As mãos da minha mãe permanecem nos ombros de Winter enquanto ela dá um passo para trás para avaliá-la. — Mas ele não mencionou *o quão* completamente ele se superou com você.

— Jesus. Mãe, pare. — Esfrego o queixo e balanço a cabeça. Isso é tão importante para ela. Ela vive para me zoar.

— Eu estava bêbada — diz Winter. A única revelação de que ela está brincando é o brilho nos olhos. — Ele parecia melhor com meus óculos de tequila.

Eu solto uma risada. Se isso significa vê-la tão confortável com minha mãe, não me importo de ser arrastado. Eu vi o jeito que ela me fode com os olhos sem uma única gota de tequila em seu sistema.

Eu sei que ela me quer. Só estou esperando-a parar de surtar e perceber isso.

— Você não estava tão bêbada que não escreveu um contrato em um porta-copo.

Dois podem jogar este jogo, Tink.

Um sorriso malicioso se espalha em seus lábios carnudos. Por um instante, sonho com eles se separando enquanto me encaixo dentro dela. Toda vez que ela os move, mesmo para rosnar para mim, tudo que consigo pensar é foder ela.

— Prove. — Seus braços se cruzam.

Minha mãe dá um passo para trás, a cabeça girando entre nós enquanto jogamos para frente e para trás.

Ela parece satisfeita.

Eu dou de ombros. — Tudo bem, eu vou. Mãe, vamos instalar você aqui. Você pode encontrar Vivi pela manhã. — Subo as escadas, destranco a porta da frente e coloco a mala dela na entrada. Porque eu conheço minha mãe, e ela não hesitaria em ir até lá agora para colocar os olhos em sua neta. Estou estabelecendo limites antes que ela pense que tem rédea solta.

— Winter, estou tão animada para conhecê-la melhor. Se precisar de alguma coisa, é só pedir. Fico feliz em ajudar. Eu mesma fiz esse show duas vezes e, embora o produto final possa não ser perfeito, poderia ser pior. Eu considero isso uma vitória.

Os grandes olhos azuis de Winter ficam focados em minha mãe. Se eu não a conhecesse melhor, diria que há um lampejo de confusão aí. — É um prazer conhecê-la também, Loretta. Embora eu tenha que discordar. Seu produto final é muito bom. — Seus olhos deslizam para os meus. — Desagradavelmente cavalheiresco em minha experiência.

Minha mãe cantarola e lança um olhar apreciativo para Winter. — Boa noite, crianças — ela diz enquanto se vira e desaparece dentro de casa.

Aponto para Winter. — Você. Espere.

— Eu não sou o Peter. — Ela me dá uma expressão sarcástica de sua sobrancelha.

Eu rio. — Na verdade, você é. Nenhum de vocês me escuta e ambos me olham feio. — Juro que ouço uma pequena risada dela quando me viro e entro na casa. Depois de direcionar minha mãe para o quarto de hóspedes, pego minha bolsa de ombro e enfio a mão no pequeno bolso com zíper. Meus dedos roçam o papelão macio e volto para a entrada.

Quando chego à varanda da frente, Winter está parada na base da escada, olhando para as unhas. Essa cor de algodão doce dá a ela algo para admirar quando ela faz esse movimento, pelo menos. É a assinatura dela. *Estou fingindo estar entediada.*

É um mecanismo de defesa para quando ela se sente vulnerável. E se aprendi alguma coisa sobre Winter nas últimas semanas, é que ela *odeia* se sentir vulnerável. Portanto, tornou-se o prêmio máximo para mim.

Eu não quero mudar quem ela é. Eu quero ganhar esse lado dela.

— Sua mãe parece legal. — Ela não olha para cima.

— Ela parece? — eu provoco. — Sinto que ficar perto de vocês duas será como me inscrever para ser arrasado.

Seu corpo se agita com uma risada e ela sorri para as unhas.

— Você está pensando em como suas unhas cor-de-rosa ficarão bem em volta do meu pau? Porque é nisso que fico pensando quando as vejo.

Agora seus olhos disparam para os meus. — Sério?

— Sim. Você só precisa de um batom combinando para que eu possa imaginar como seus lábios vão ficar–

Ela corre para frente, pressionando um dedo em meus lábios para me impedir. Seus olhos se fixam ali, queimando ligeiramente. Winter não iniciou nenhum contato físico entre nós, e me pergunto se ela está percebendo isso agora.

Que ela estendeu a mão para mim tão facilmente.

Seu dedo se move, mas não se afasta. Em vez disso, o resto deles se juntam para acariciar suavemente minha barba por fazer. Ela nunca encontra meu olhar, apenas observa seus dedos passarem por mim. A concha da minha orelha. A linha do meu maxilar. Sobre o meu pomo de Adão.

Há uma reverência na forma como ela me toca, e não tenho vergonha de admitir que gosto disso. Os pelos dos meus braços se arrepiam. Meu coração dispara contra minhas costelas, tentando alcançá-la.

Ela tem o efeito mais confuso e consumidor sobre mim.

Seus olhos caem para a frente do meu short. O material elástico não faz nada para esconder a forma como meu pau incha quando ela me toca.

— Você pensa em mim quando se masturba?

Vindo dela, a pergunta me pega de surpresa. Ela raramente é tão direta, geralmente optando por uma entrega mais discreta.

Eu pego a mão dela, puxando seus dedos para longe de onde eles brincam com o V na frente da minha camiseta. Pressionando um beijo no centro da palma da mão, admito: — Penso em você o tempo todo. — Sua respiração fica mais pesada quando minha língua corre sobre sua pele. Eu me afasto e a olho nos olhos. — Mas *especialmente* quando eu me masturbo.

Ela ri em resposta, mas é ofegante.

Levanto minha mão oposta e pressiono o porta-copo de tantos meses atrás em sua palma.

Quando ela vê isso, seu corpo enrijece. — Isso é...

Eu dou a ela um sorriso casual enquanto me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Eu disse que voltaria para implorar por outra dose.

Então beijo sua bochecha, fazendo aquela coisa de língua que ela tanto gosta. Ela se vira e se aninha em mim.

Então, eu a abraço.

Seus braços se dobram na frente do peito enquanto eu a pressiono contra mim, o descanso com nosso contrato esmagado entre nós.

E eu apenas a seguro.

Uma mulher que precisa tanto ser abraçada. E eu sou o sortudo que consegue fazer isso.

Ela encaixa o rosto bem no entalhe na base da minha garganta e dá um beijo suave ali.

— Boa noite, Theo.

Ela não diz mais nada e, por mais que eu queira entrar em sua cabeça e resolver todos os pensamentos que correm desenfreados ali, fico feliz com um abraço e um boa noite.

— Boa noite, Winter.

Seus lábios se curvam quando ela se vira, evitando meu olhar. Como se nossa interação a deixasse tímida. Como se fôssemos dois adolescentes tontos dizendo boa noite depois de um primeiro encontro.

Ser amada é desconfortável para ela. Deus, eu quero mudar isso, mas será ela quem vai me dizer quando for a hora certa. Tenho na cabeça que, depois de passar a vida se comportando de uma maneira que agrada a todos ao seu redor, ela pode precisar de um minuto para descobrir o que combina *com ela.*

Ela se afasta e resisto à vontade de segui-la. Seus pés calçados com tênis caminham silenciosamente pela minha calçada, pela calçada da frente e sobem por sua própria calçada. Subo na varanda para que ela não possa me ver olhando.

Seus olhos ficam na ponta dos pés enquanto ela se aproxima de sua casa. Mas ela não entra.

Ela se senta no degrau da frente e levanta o porta-copo, olhando para ele. Seus dedos traçam sobre ele, assim como eles arrastaram sobre meu rosto momentos atrás.

Suas feições são suaves e ela parece mais jovem neste momento. Seus olhos não estão apertados, seus lábios não estão em um beicinho. É assim que ela fica quando está com Vivi.

Feliz.

Depois de alguns minutos, ela se levanta e entra em sua casa. A luz quente se derrama na varanda por um momento, e os murmúrios inaudíveis dela e de Summer conversando se infiltram na noite. Pela janela da frente, vejo-as se abraçarem.

Três abraços em uma noite. Nada mal.

Entro em minha casa com um sorriso bobo no rosto. Minha mãe pega de onde está sentada no sofá com um episódio de *Grey's Anatomy* na tela e pronto para começar.

— Você sabe que está apaixonado por aquela garota, não sabe?

Eu me jogo ao lado dela e passo um braço sobre seu ombro, pronto para me perder no melhor drama médico enquanto estou sentado ao lado de uma das minhas mulheres favoritas no mundo.

— Sim, mãe. Eu sei.

25

Winter

Theo: E se eu ficasse aqui como minha base?

Winter: Em Chestnut Springs?

Theo: Sim.

Winter: Na sua casa?

Theo: Posso armar uma barraca no seu quintal se você preferir. Convido você para uma fogueira e tequila. ;)

Winter: Não é o ideal. Alguém de merda pode se mudar para a casa ao lado. Eu poderia acabar com um vizinho ainda pior do que você.

Theo: E quem sabe se ele cortaria sua grama para você do jeito que eu faço. Fingir cuidar do jardim seria chato e sem sentido sem mim para assistir.

Winter: Eu não assisto você.

Theo: Você só faz jardinagem quando estou cortando a grama.

Winter: Como você sabe?

Theo: Porque eu estou assistindo você de volta.

Um guincho alto perfura meus ouvidos quando Peter desliza pelo chão de madeira como se fosse Tom Cruise em *Risky Business*. Vivi tem um braço assustadoramente forte sobre ele. De seu lugar no chão, ela chora sobre o frango de borracha, chicoteando-o pela sala enquanto Peter o persegue.

Quando ele volta correndo e deixa cair o brinquedo barulhento aos pés dela, ela bate as mãos gordinhas e ri. A língua de Peter pende para fora do lado da boca onde ele removeu os dentes. Ele está tão animado que seus olhos parecem prestes a rolar para fora de sua cabeça.

— Ele é realmente horrível se você olhar para ele por muito tempo — murmura Loretta, antes de tomar um gole de café. — Theo o encontrou na rua durante as férias no México. Deu-lhe um pouco de carne de taco e o resto é história. Recusou-se a deixar o país sem ele. Remarcou o voo e tudo.

Eu bufo. O homem tem uma queda por vadios.

Da minha posição sentada no chão da sala, observo Theo atravessar a sala de um jeito que deveria ser ilegal. Ele está vestindo jeans claros e uma camiseta branca enquanto carrega um prato de biscoitos de aveia. Aqueles que ele assou frescos – porque é claro que ele fez.

Sua roupa não poderia ser mais simples, mas não consigo tirar os olhos dele. Sou levada de volta aos dias em que ele aparecia para cortar minha grama, sem camisa. Enquanto ele me provoca com seus músculos, eu finjo jardinar e rastejar para cima dele por trás dos meus óculos escuros.

Já faz uma semana desde que ele me deitou no banco da academia e fez uma refeição de mim. Eu malhei sozinha desde a nossa escapada, mas ele sempre aparece no final quando estou me alongando.

Ele se agacha ao meu lado e sussurra: — Com licença, senhora. Você higienizou aquele banco ali? — E aponta para *o banco.*

Eu franzo a testa.

Ele pisca.

E nos separamos.

Entramos em um ritmo, embora não tenhamos nos expandido naquela noite. Há muita coisa acontecendo. A mãe dele está aqui. Ele está trabalhando na academia enquanto se recupera. Estou correndo para o casamento da minha irmãzinha, onde não sou uma madrinha. Eu sou a porra de uma dama de honra.

Um papel que continuo tentando dar a Willa, mas aquela cadela só ri de mim.

Então, Theo e eu continuamos a circular um ao outro. Desenvolvemos uma espécie de parentesco. Meu lugar, o lugar dele. Nós vamos entre eles, e Vivi também. O mesmo acontece com a mãe dele, que decidiu ser a pessoa mais calorosa e prestativa que já conheci. Theo definitivamente herdou sua marca infalível de bondade – o sorriso fácil e os toques gentis – dela.

Então, por que eu me contenho?

É porque ele me disse que não houve mais ninguém desde aquela noite. É aquele maldito porta-copo enfiado na minha mesa

de cabeceira. Às vezes, eu o puxo para fora apenas para olhar para ele.

É a prova física de que ele gostava de mim mesmo assim. Prova de que ele não é um merda, como todos os outros homens da minha vida. Que ele pensou em mim desde aquela noite. Que Vivi e eu não somos o fardo em sua vida que pareço pensar que somos.

Quem imaginaria que um porta-copo manchado de merda com nossas duas assinaturas rabiscadas poderia derrubar meus limites cuidadosamente curados tão completamente?

Não tenho mais certeza de como agir perto dele.

Eu o quero quase obsessivamente. As coisas estão tão boas entre nós agora, mas estou com medo de tudo explodir na minha cara. Eu tenho sido o peão entre dois pais que se odeiam, e submeter minha filha às mesmas complicações me mantém acordada à noite.

Independentemente disso, não consigo evitar que meus olhos se desviem para ele. Meu corpo de se aproximar dele. Minha mão se arrastando entre minhas pernas na banheira enquanto penso nele. Meus sentimentos por ele se tornaram mais do que luxúria.

Vivi joga o frango novamente e Peter corre pelo chão como um canhão geriátrico, evitando por pouco a parede – e os pés de Theo. Ao pegar o brinquedo, ele faz sua melhor imitação de um leão matando uma gazela. Olhos selvagens, cabeça chicoteando de um lado para o outro. Vivi grita de alegria, porque este é o novo jogo favorito dela e de Peter.

— Peter, controle-se e traga isso de volta. — Uso minha voz de vai-à-merda de pronto-socorro, chamando a atenção de Peter por um momento. Com uma carranca para mim, ele relutantemente traz o brinquedo de volta e o cospe na frente de Vivi.

— Esse cachorro não é surdo, Theo. Ele simplesmente não ouve você — falo enquanto Theo coloca o prato de biscoitos na mesa de café na minha frente com um aperto suave no meu ombro.

— Como você sabe? — ele responde enquanto leva um biscoito para sua mãe, que está relaxando na poltrona.

— Porque ele me escuta. E eu sou médica. — Ele pega um biscoito e entrega para mim, antes de pegar um para si e se sentar no sofá logo atrás de mim. Posso sentir um de seus pés descalços contra o lado da minha bunda.

Eu coro.

Ele está sentado tão perto, e sua mãe está bem ali. Além disso, ele me comeu e nem conversamos sobre isso.

Eu me sinto como uma adolescente do caralho perto dele.

— Mas você é veterinária? — ele diz atrás de mim enquanto mastiga.

— Não, mas...

— Ok. Vou confiar em um veterinário nisso então.

— Algum veterinário confirmou que ele é surdo?

— Não.

— Então, sua única prova é que ele não escuta você?

— Exatamente. Assim como você.

— O que isso deveria significar?

Seu joelho cutuca de brincadeira nas minhas costas enquanto Vivi se vira e rasteja em direção a sua avó com grandes olhos castanhos brilhantes.

Os olhos de seu pai.

— Que eu preciso levar vocês dois ao veterinário.

É Loretta quem bufa desta vez enquanto estende a mão para Vivi, sorrindo amplamente enquanto a puxa para se aconchegar. — Talvez simplesmente não tenha nada de interessante para dizer e é por isso que ele não escuta você. Você já pensou nisso, Theo Dale Silva?

Minha cabeça se vira para enfrentar Theo e eu murmuro: — Dale?

Ele tem um nome tão sexy e então... *Dale?*

Ele se aproxima novamente, mas desta vez, ele alcança sob o meu cabelo e dá um aperto firme na minha nuca que faz todo o meu corpo se contrair. Sua cabeça cai ao lado da minha, sua barba raspa contra a concha da minha orelha enquanto ele sussurra: — Pare de ser tão má comigo. Fico duro quando você é tagarela. Faz pensar em todas as maneiras divertidas que eu poderia colocar essa boca para trabalhar. E não preciso de tesão agora.

Minhas bochechas queimam novamente quando ele me solta e se recosta no sofá como se nada tivesse acontecido entre nós.

Talvez eu devesse me afastar dele depois daquela guerra de enrolar os pés, mas meu corpo o segue. Eu me inclino contra suas pernas e me deleito com seu calor e robustez.

Ele e sua mãe começam a falar sobre *Grey's Anatomy,* e mesmo que eu pudesse participar, meu cérebro está preso em como é bom me apoiar em alguém. Confiar em alguém.

E eu percebo isso então.

Theo Dale Silva invadiu meu coração e nunca tive chance de mantê-lo fora.



— Posso entrar? — Loretta pergunta depois de uma batida suave na porta aberta do meu quarto.

— Claro. — Eu brinco com a proteção da parte de trás do meu brinco, cabeça inclinada na frente do espelho enquanto a observo entrar no quarto, Vivi embalada em seus braços. — Muito obrigada por cuidar dela enquanto eu me preparava. Você é uma salva-vidas.

— Você é a dama de honra hoje. Você precisa de um tempo para se preparar. Eu sou apenas uma simples convidada. Além disso, passar tempo com minha neta não é um trabalho.

Concordo com a cabeça, sem saber o que dizer, já que meus pais não fazem nenhuma tentativa de passar tempo com ela. Ou comigo, aliás. E meu estômago está torcido em nós hoje. Vendo pessoas. Não escondendo mais a paternidade de Vivi.

Falando em meus pais, ainda não contei a eles sobre Theo.

— Seus pais vêm muito? — Ela se senta na beira da cama, posicionada para o que posso dizer que vai ser uma inquisição gentil. Eu não posso culpá-la. Eu faria o mesmo se meu filho estivesse nessa complicada confusão com alguém.

Com um suspiro pesado, eu me viro para a mulher mais velha. Cabelo escuro brilhante para combinar com olhos escuros sedosos. Não há dúvida de onde Vivi herdou essa aparência e, por mais que isso me incomode às vezes, fico aliviada por ela não ter puxado a minha mãe.

— Não. Quando anunciei minha gravidez, a merda atingiu o ventilador. — As sobrancelhas de Loretta se levantam em questão, e não posso deixar de rir. — Minha vida é uma novela.

— Adoro uma boa novela — ela responde com um sorriso maroto.

Sem querer amassar o vestido de seda rosa, encosto o bumbum no peitoril da janela de frente para a cama e me preparo para explicar algumas coisas. — O que Theo disse a você?

— Bem, quando perguntei a ele, ele disse que não era sua história para contar. Ele disse que ainda não sabia muita coisa, mas não queria forçá-la a divulgar. Eu não compartilho de sua contenção.

Ela sorri e eu sorrio de volta. Juro que qualquer outra pessoa se intrometendo em meus negócios me deixaria irritada, mas algo em Loretta a torna simplesmente... inerentemente não irritante.

— A versão curta é que vinte e seis anos atrás, meu pai engravidou nossa babá. Ela deixou a bebê com ele e isso deu início

à nova Guerra Fria em nossa casa. Então, ele passou todo o tempo protegendo minha irmã de minha mãe amarga. Não me pergunte por que eles não se separaram, porque porr– não sei, desculpe. Em vez disso, eles ficaram juntos e deixaram todos ao seu redor infelizes. Então, cresci afastada do meu pai e da minha irmã, porque fui designada para a minha mãe quando eles escolheram seus times.

— Oof — é tudo o que Loretta diz.

— Sim, oof. Mas sou uma sobrevivente, então mantive minha cabeça baixa, estudei e fui para a faculdade de medicina como minha mãe sempre quis que eu fizesse. No hospital, conheci um médico, o médico que tratou minha irmã adolescente quando ela teve alguns problemas de saúde. Eu o achava bonito e realizado e não conseguia acreditar que ele estava interessado em *mim.* Depois de anos sem ter coisas para mim, parecia que ele era meu. Minha mãe gostava que eu estivesse com um médico chique, porque isso a fazia parecer bem. Como se eu estivesse me saindo melhor do que minha irmã, que era eternamente solteira e *apenas* foi para a faculdade de direito.

— Ah. — Loretta acena com a cabeça, olhando para Vivi, que está cochilando ao som de nossas vozes depois de qualquer brincadeira rigorosa que sua avó acabou de fazer. — A faculdade de direito é para onde vão todos os fracassados.

Eu aponto um dedo para ela como se dissesse: *Sim, você entendeu,* então continuo.

— Exceto que o Dr. Sonho era um Dr. Idiota. Um predador assustador que cuidou da minha irmã adolescente e ficou com ela

assim que ela se tornou maior. Mas meu relacionamento com ela era tão tenso que ela nunca me contou, mesmo quando me casei com ele, porque não queria causar mais rebuliço em nossa já turbulenta família. Ela não queria me machucar.

— Sim, nós definitivamente não queremos comparar esse cara ao McDreamy.

Meu Deus, Theo e sua mãe com as coisas do McDreamy.

Com uma risada, continuo, sentindo-me orgulhosa de poder encontrar humor nisso tudo agora. — Então, Rhett descobriu por Summer, e um dia no hospital, o Dr. Idiota foi um pouco longe demais ao falar mal deles, então Rhett explodiu e derramou o feijão na frente de toda a minha família e de uma boa parte dos meus colegas. Quer dizer, não todos eles, mas os que estavam lá jogaram um jogo de telefone sobre isso. Então isso foi uma droga.

— Isso definitivamente é uma merda. Isso soa um pouco como um enredo que pertence a *Grey's Anatomy.*

— Certo? Eu também estava grávida quando isso aconteceu. Depois de tanto tentar. Consultas de ovulação. Drogas de fertilidade. Tenho certeza de que estava mantendo sozinha os testes de gravidez da First Response no mercado. Então, você pode dizer que isso me destruiu. Aquele cantinho que eu estava abrindo para mim desmoronou de forma espetacular naquele dia.

Loretta está congelada agora.

Eu posso dizer que não é onde ela esperava que nossa conversa fosse. Mas ela é fácil de conversar, sem julgamento e solidária ao mesmo tempo. Eu posso totalmente imaginar tê-la no quarto

comigo durante o parto. Nunca a vi trabalhar, mas já sei que ela deve ser uma parteira incrível.

Eu estudo minhas unhas, um rosa perolado mais claro desta vez para combinar com meu vestido de dama de honra. — Então abortei, e foi aí que comecei a considerar minhas opções. A maneira como ninguém apareceu para mim depois daquele show de merda foi um alerta. Sem aquele bebê, eu não tinha *nada.* Eu tinha um marido que se importava mais comigo contando ao conselho médico sobre sua má conduta do que com meu bem-estar. Uma mãe que se importava mais com a ótica de toda a situação do que como eu estava. E um pai que apenas me encarou sem jeito, covarde demais para dizer qualquer coisa para mim.

— Ah, Winter. — Seus olhos lacrimejam, mas eu me recuso a seguir o exemplo. Dizer isso em voz alta é catártico. E isso não me deixa nem um pouco triste. É libertador. Talvez eu finalmente tenha superado o trauma. Sinto vontade de cutucar a ferida com mais força para descobrir se ela está realmente curada.

— A *única* pessoa que se importava comigo *e* como *eu* estava era minha irmãzinha. Aquela que passei literalmente décadas da minha vida tratando como merda. Ela nunca parou de me enviar mensagens, nunca parou de tentar, e eu me senti tão, *tão* indigna. E de alguma forma essa foi a gota d'água. Eu queria queimar tudo. Minha vida, meu trabalho, minha casa, meu casamento. As duas únicas coisas que queria deixar de pé eram Summer e eu. Então, foi o que fiz. Exceto que eu tive um caso de uma noite com seu filho, e aparentemente os preservativos realmente são apenas 98%

eficazes. Então aqui estou. Ou acho que devo dizer... aqui estamos *nós*.

Eu me endireito e sorrio. Porque essa história finalmente não me deixa fraca ou triste. Sinto-me mais forte por ter contado em voz alta. Sinto-me orgulhosa de quão longe cheguei.

— Acho que a versão dele dos eventos incluía um comentário inapropriado sobre ser muito fértil para qualquer barreira.

Uma risada irrompe de mim. — Isso soa absolutamente como o modo como Theo veria isso.

— Obrigada por compartilhar essa história comigo, Winter. Entendo por que você encantou meu filho.

Eu dou a ela um sorriso irônico. — Essa história não é encantadora.

— Não, mas você é. Sua capacidade de reflexão mostra um tipo de maturidade e força que nem todos os adultos possuem.

Aceno para ela e desvio o olhar, ainda não confortável com esse nível de elogio. Embora eu não possa deixar de pensar em meus pais, em Rob. Reflexivo não é a palavra que eu usaria para eles.

— Eu trouxe isso para você. Embalei e sabia que queria dar a você. Eu só não tinha certeza de quando seria a hora certa. Acho que hoje é perfeito.

Olho para sua mão estendida enquanto seus dedos se abrem em um punho. Um fino cordão de delicadas pérolas disformes com um fecho dourado repousa em sua palma.

— Isto foi da minha mãe. Ela passou para mim. São pérolas do rio. Por isso são todas um pouco assimétricas e as cores um pouco

diferentes. Eu vi você nesse vestido e pensei que seria o toque perfeito.

Eu estendo a mão e passo a ponta dos meus dedos sobre as bordas irregulares. Brancos suaves, cremes e rosa pálido refletem sobre as contas acetinadas e suaves. É lindo, mas não tenho certeza se me sinto bem tirando isso dela.

— E a sua filha? Certamente, você prefere mantê-lo em família.

A cabeça de Loretta se inclina enquanto ela me avalia. — Winter, boneca. Você *é* da família. O que quer que aconteça entre você e Theo? Essa garotinha aqui — ela passa um dedo sobre a ponte do nariz de Vivi — é um presente. Ela é parte de todos nós. Tanto quanto eu estou preocupada, você e Vivi são um acordo de dois por um. Vejo sua conexão, quanto de si você deu a ela, e eu apenas... isso me lembra de mim mesma naqueles primeiros dias.

Não choro há semanas. Com todas as pessoas reunidas ao meu redor, todo o apoio sem esforço, as lágrimas não brotam mais do nada. A vontade de subir em Theo como uma árvore substituiu a vontade de chorar.

Isso é o que me mantém acordada à noite, em vez de meus erros na vida.

Se sua mãe não estivesse morando com ele, eu teria invadido sua casa no meio da noite e implorado para ele me foder.

— Eu acho...

Loretta não me deixa terminar. — Acho que você deveria passar para Vivi em um momento igualmente importante de sua vida.

Meus olhos lacrimejam, e tento piscar para tirar a umidade. — Talvez eu tenha falado muito cedo — digo enquanto finalmente pego o colar. É curto e vai caber como uma gargantilha. É delicado, mas também sexy e único. — Eu amo isso. Embora não tenha certeza se isso pode ser considerado um momento importante na minha vida.

Ela sorri para mim, gentil e sábia, como se soubesse de algo que eu desconheço. — Eu estava pensando em trazer Vivi para casa e colocá-la na cama quando for a hora certa. Deixar vocês, crianças, se divertirem esta noite. Você poderia relaxar um pouco. Talvez isso seja importante para você agora.

— Eu poderia. — Ainda estou passando os dedos pelas pérolas. — Eu não sou boa em relaxar embora.

Ela solta uma risada. — Passe mais tempo com Theo e ele lhe mostrará como.

— É isso que me preocupa — sussurro, confessando uma das ansiedades que tenho em relação a Theo Silva. — Ele apenas... tenho dificuldade em confiar em alguém. — Eu bufo e olho para ela. — Eu sou como um daddy issue ambulante e falante. E por mais que tente não deixar minha cabeça voltar para aquele lugar... volta.

Loretta acena com a cabeça, sua boca se curvando em um sorriso. — Como a pessoa que o conhece há mais tempo nesta vida, vou contar o que sei sobre Theo.

— Ok.

— Theo ama facilmente. Essa é apenas a natureza dele. Mas ele não costuma amar *muito*. Ele mantém essa parte de si mesmo, aquela que também viu a perda, bem trancada onde não pode se machucar. Mas você, garota? Ele ama muito você.

Eu pisco, tentando absorver o que ela acabou de me dizer.

— Ok? — Ela fica de pé.

— Ok — eu respondo novamente.

É quando ela está quase na porta com uma Vivi adormecida em seus braços que ela se vira para mim com uma risada suave. — Acabei de lembrar que ele me ligou na manhã depois que vocês dois ficaram juntos. E sabe o que ele me disse?

Eu balanço minha cabeça. É tudo o que consigo.

— Ele disse: Mãe, eu a conheci. E eu disse: Quem? — Os lábios de Loretta se curvam para cima, seus olhos assumindo um olhar distante. — Ele disse: A mulher com quem vou me casar um dia.

Estou congelada no lugar. Como ele poderia saber disso? Pensar nisso? Por que um caso de uma noite comigo seria mais impactante do que um caso de uma noite com uma das bilhões de mulheres aleatórias com quem tenho certeza que ele dormiu ao longo dos anos?

— Eu perguntei a ele se ela sabia sobre isso e ele riu e disse: ainda não.

26

Theo

Theo: Essa porra de vestido deveria ser ilegal.

Winter: É por isso que você está olhando para mim do outro lado da sala? É um casamento. Pareça feliz.

Theo: Estou despindo você com meus olhos.

Winter: Brega.

Theo: Tudo bem. Estou tentando decidir se devo rasgar essas tiras finas ou mesmo me incomodar em tirar o vestido.

Winter: Quem disse que você vai tirar meu vestido?

Theo: Você ainda não disse, mas vai.

Winter: Rude.

Theo: Rude sou eu dizendo que se você quisesse um colar de pérolas, eu poderia ter dado um a você.

Winter: Muito rude.

Theo: Vou parar de ser rude quando parar de fazer você ficar com essa linda cor rosa.

Todas as pessoas no celeiro de estilo vintage estão de olho em Summer enquanto ela e Rhett trocam votos na frente do corredor.

Exceto eu.

Eu tenho os meus em Winter. E não posso tirá-los.

Em parte por causa de seu vestido de seda justo, sustentado por alças tão delicadas. Tudo sobre a roupa delicada é que é tão facilmente levantada ou rasgada. E então ela está usando este lindo colar de pérolas estilo gargantilha, e não posso deixar de me perguntar se ela fez isso para testar meu controle *e* minha maturidade. Mal posso esperar para sussurrar algo sujo em seu ouvido sobre colares de pérolas e vê-la se contorcer.

Mas, acima de tudo, meus olhos estão fixos nela, porque toda vez que seu olhar encontra o meu, sua pele fica rosa, e ela age como se tivesse encontrado algo interessante nas fileiras de pessoas que assistem à cerimônia. Seus lábios se apertam, seus cílios tremulam e seu olhar volta para mim.

Eu não deveria fodê-la com os olhos tão descaradamente na frente do casamento de sua irmã, mas tenho feito isso desde que nos encontramos na sala dos fundos. Eu não poderia ser mais clichê, o padrinho babando pela dama de honra em um casamento. Especialmente porque sou apenas o padrinho porque Rhett não quis escolher um de seus irmãos em vez do outro.

Antes que eu perceba, o juiz de paz anuncia que eles podem se beijar e todos os presentes comemoram. Quando ouço um assobio alto, eu me viro e vejo Kip, o pai de Winter e Summer. Eu deveria achar cativante que ele esteja aqui apoiando fervorosamente sua

filha, mas vi a dor que brilhou no rosto de Winter quando ele trouxe Summer até nós.

Olhando para Winter, encontro seus olhos em mim. Desta vez, lanço uma piscadela para ela. Suas bochechas queimam e seus lábios se franzem enquanto ela desvia o olhar, tentando esconder seu sorriso.

O resto do dia passa em um borrão do mesmo. Olhares roubados. Fotografias posadas. Uma mão em suas costas, um pouco baixa demais. Discursos familiares. Meu pé pressionando contra o dela sob a mesa principal. A primeira dança. Eu limpando a cobertura de bolo do lábio dela.

A tensão é tão forte entre nós que eu poderia cortá-la com uma faca de manteiga.

É quando a dança começa que minha pequena e atrevida bolha estoura e tenho meu primeiro encontro com um sentimento que não conheço bem.

Ciúme.

Beau Eaton agarra Winter para uma dança de dois passos e tudo que posso ver é a mão dele na parte inferior das costas dela. Seus dedos envolvem onde os meus deveriam estar. E eu odeio isso.

À medida que a música muda para uma dança lenta e ele não a solta, minha agitação aumenta. Eu mudo meu peso no local. Seus olhos procuram por mim, e quando ela me encontra, ela sorri. Encosto-me no bar, garrafa de cerveja na mão, queimando lasers em um cara que geralmente gosto por ousar dançar com a mulher

por quem estou apaixonado enquanto espero que ela decida se gostaria de se apaixonar por mim também.

É quando sinto um cotovelo contra mim que percebo que Harvey Eaton se moveu para o meu lado. — Vou contar o que eu disse a Rhett alguns anos atrás, quando Beau estava atacando Summer bem na frente dele.

Eu bufo. — Corajoso.

Harvey ri e toma um gole de sua cerveja, observando-os também. — Não importa muito com quem ela está dançando quando seus olhos estão em você.

— Sim. — Esfrego minha barba por fazer, esperando aliviar um pouco da tensão em meu maxilar.

— Além disso, não é o que parece. Eu disse a Beau para parar de ser um idiota mal-humorado e pedir desculpas a Winter. Vê como eles são estranhos? Como dois adolescentes virgens em sua primeira dança. Armando os ombros um do outro. Não como vocês dois gatos selvagens à espreita para procriação.

— Desculpe, à espreita para procriação?

— Pesquisei no Google depois que vocês zombaram da minha analogia. Mas eu estava certo. Você é o macho e ela é a fêmea. Vocês estavam explodindo como os americanos no dia 4 de julho e depois fazendo isso como se fosse a época de acasalamento.

— Esta é verdadeiramente a analogia que nunca termina.

— Eu não estou errado. Nossos vizinhos do sul adoram comemorar sua independência estourando os dedos com fogos de artifício excessivos. Existem estatísticas.

— No Google, presumo?

Ele zomba. — Sim.

— Você é um tesouro nacional, Harvey Eaton. — Eu rio e tomo um gole da minha bebida, os olhos ainda grudados na pista de dança. Agora que ele mencionou isso... há uma qualidade de chumbo na maneira como eles se movem. — O que ele fez com ela?

Harvey balança a cabeça, seu humor diminuindo agora. — Bah. Agiu como um idiota mal-humorado quando ela tentou ajudá-lo. Tenho certeza de que ela não foi calorosa e confusa sobre isso. Mas ainda assim. Este é o novo normal para Beau, infelizmente.

Tem sido um caminho difícil para Beau. Não o conheço bem, mas sei que não é o mesmo. Não depois de passar dias a fio se escondendo em território inimigo com um refém que libertou. Um jornalista canadense que estava desaparecido desde sempre. Estava estampado em todos os noticiários da noite. O herói que atravessou o fogo e conscientemente perdeu seu transporte para salvar um canadense.

A única pessoa que não parece impressionada com Beau é, bem, Beau.

Harvey pigarreia. — Mas ele está melhorando, sabe? Leva tempo para se ajustar à vida civil. Ah... — Harvey aponta para a pista de dança com sua cerveja. — Lá vai ele. Ainda é um bom menino de coração.

E, com certeza, entre as duas músicas, ele se afasta de Winter, baixa os olhos e seus lábios se movem. Não consigo entender o que ele está dizendo, mas Winter assente, parecendo mais a

profissional médica que é do que a mulher que fica tirando sarro do meu nome do meio.

Eles apertam as mãos e se separam. Winter se vira e caminha em minha direção, aquela seda rosa deslizando contra a curva externa de seus quadris. Beau cruza para o lado oposto da pista de dança e se encosta no bar onde uma linda morena está servindo bebidas. Ela mal olha para ele, mas lhe entrega um refrigerante antes mesmo que ele diga uma palavra.

— E você olharia para isso. A fêmea voltando para seu macho. Deve ser a época de acasalamento. — Harvey gargalha para si mesmo enquanto se move para a multidão, presumivelmente para fazer piadas que cruzam a linha do apropriado para outra pessoa.

Estou sorrindo como um idiota quando Winter finalmente chega até mim.

— Oi. — Ela sorri de volta, instantaneamente corada novamente.

— Oi. Bebida? — Eu inclino minha cabeça em direção ao bar.

— Claro. Champanhe.

Winter se senta ao meu lado enquanto eu me viro e peço um champanhe para ela. Com a bebida dela na mão, nós dois nos levantamos e olhamos para a multidão. O sol está se pondo lá fora, mas por dentro parece que as coisas estão apenas mudando. A recepção está sendo realizada em outro anexo na mesma fazenda, este preparado para eventos com uma grande pista de dança, mesas de estilo familiar em um dos lados, dois bares e uma cabine

de DJ. Basicamente, tudo o que você precisa em uma propriedade para hospedar um casamento no campo.

— Sobre o que você e Harvey estavam conversando? — Olho para Winter, os lábios na borda da taça enquanto ela coloca o champanhe na boca. O batom rosa beija a borda quando sua boca se afasta.

— A ronda da procriação.

Suas sobrancelhas se unem. — O quê?

— Você não quer saber. Sobre o que você e Beau estavam conversando?

Seu nariz enruga um pouco, e posso dizer que ela está pesando suas palavras. — Basicamente, ele me encurralou em um jantar de família há algum tempo, pedindo-me para escrever um roteiro para ele. Eu disse não. Ele explodiu, e eu disse a ele para tomar cuidado com o tom. Agora ele me trata como se eu fosse o Grinch que roubou suas pílulas para dormir. Acho que depois de vários meses se acalmando, ele decidiu se desculpar. Embora eu tenha certeza que o pai dele disse a ele pa–

— Acho que pode ser um bom momento para levar essa garota para casa. — Minha mãe se aproxima, empurrando um carrinho com uma Vivi desmaiada. — Ela festejou muito para uma criança de dez meses. Eu disse a Winter que iria trabalhar como avó para que vocês pudessem ficar fora. Vou assistir às reprises de *Grey's* em sua casa até você voltar.

Dez meses? Deus. Ela tinha nove meses quando a conheci. Parece impossível que um mês tenha se passado. Há uma parte de

mim que quer dizer não e levá-la para casa eu mesmo. Eu quero vê-la adormecer e estar lá quando ela acordar.

Mas Winter aproveita a oportunidade. — Obrigada, Loretta. Isso seria adorável. — Ela se inclina para o carrinho e dá um beijo na bochecha de Vivi. E eu decido, foda-se, estou fazendo o mesmo. Então, coloco minha cerveja no bar e com uma mão nas costas de Winter, eu me inclino no carrinho e dou um beijo de boa noite na bochecha macia e gorducha da minha filha.

Quando me endireito, sou imediatamente confrontado com o olhar de Kip em mim do lado oposto da pista de dança. Seus olhos escuros perfuram-me enquanto se estreitam.

Eu o encaro, minha mão ainda firmemente pressionada nas costas de sua filha esquecida. Eu passo meu polegar sobre o tecido rosa sedoso. Este vestido parece muito com algum tipo de camisola sexy. Realmente deveria ser ilegal.

— Tchau, mãe — é o meu reconhecimento ausente de sua partida.

Tenho certeza que o olhar fixo é óbvio, mas não dou a mínima. Kip pode ser o pai dela, ele pode até ser um cara legal o suficiente, mas ele machucou Winter e não fez nada por ela.

O que o coloca na coluna dos idiotas, no que me diz respeito.

— Uau. Este champanhe é ótimo. — Winter se aproxima de mim, virando seu corpo em direção ao meu enquanto segura o copo para avaliá-lo. — Como não muito efervescente, sabe?

Tenho certeza de que ela sabe quem estou observando, mas me pergunto se ela entende como estou me sentindo territorial. — Que bom. Você está bem?

Ela balança a cabeça, os dentes superiores afundando em seu lábio inferior. Finalmente, ela me olha por mais alguns segundos pela primeira vez hoje. — Sim. — Seus dentes voltam a trabalhar em seu lábio, como se ela estivesse tentando reprimir as palavras que queria dizer.

Eu passo um dedo sobre seu lábio e isso envia uma onda de luxúria para minha virilha. — Se você quer ser mordida, posso ajudar com isso.

Seus olhos se arregalam e ela rapidamente disfarça tomando um gole de champanhe.

Então vêm as perguntas.

— Por que você guardou aquele porta-copo? Meu número de telefone?

— Porque eu sabia que estava voltando. Você estava uma bagunça, respeitosamente, e eu estava fora de controle. Nós dois precisávamos de tempo.

Uma risada fina sai de seus lábios. — Eu ainda estou uma bagunça agora.

Abro meus dedos em suas costas, arrastando-os sobre a costura superior de sua calcinha enquanto olho para a pista de dança lotada. — Talvez eu não me importe. Talvez eu queira ser uma bagunça com você para sempre.

Seu corpo estremece e eu sorrio antes de tomar um gole da minha cerveja. Parece que vários minutos passam antes que ela diga outra palavra.

E não são as palavras que eu quero.

— Verdadeiramente, este champanhe é soberbo. Como não muito doce. Não muito seco. Vou ter que perguntar o nome a Summer para conseguir uma garrafa.

— Vou comprar caixas disso se você parar de evitar a conversa em questão.

Ela suspira e segue meu olhar até a pista de dança onde Rhett está girando Summer. Seu vestido cheio se arrasta atrás dela, lançado quase tão largo quanto o sorriso em seu rosto. Jasper tem Sloane pressionada contra ele como se qualquer pessoa em sua vizinhança pudesse tentar removê-la de seu aperto. E Willa está dançando com Luke, fazendo os movimentos mais insanos até os dois rirem descontroladamente.

— Eu não sei como reagir quando você fala assim, Theo — Winter diz com uma voz suave. — Como... o que foi então? Amor à primeira vista? Eu apenas... isso me deixa desconfortável. Isso é coisa de filme, não da vida real.

— Quando você viu Vivi pela primeira vez, você sabia que a amava? Você precisou de tempo e espaço para aceitar a ideia? Ou você deu uma olhada nela e simplesmente *soube?*

Um suspiro profundo levanta seus ombros. — Eu simplesmente soube.

Eu a puxo para mais perto, sentindo seu estômago pressionar contra meu quadril, seu seio contra minhas costelas, enquanto baixo minha voz e espalho meus dedos sobre sua bunda. — Quando vi você... não sei. Não quero chamar isso de amor à primeira vista. Talvez *necessidade* à primeira vista? *Querer* à primeira vista? Uma conexão. Soube que nunca me cansaria de seus olhos vagando pelo meu corpo com aquele olhar selvagem de boca aberta em seu rosto.

— Você realmente deveria experimentar este champanhe. Acho que você gostaria.

— Winter, sério com o champanhe de novo?

Seu corpo se derrete contra o meu, mesmo que suas palavras permaneçam em conflito. — Eu apenas... isso é loucura. Isso não faz sentido.

Uma risada ressoa em meu peito. — Eu monto touros para viver, então não é a primeira vez que sou chamado de louco. Acho que sou louco o suficiente para querer meus oito segundos na frígida irmã rainha do gelo também.

Winter enrijece por vários instantes e depois se afasta com uma violência que se choca com a tranquilidade que tínhamos momentos atrás.

— Você está brincando comigo? — ela sussurra bem quando seus olhos escurecem e ficam vidrados.

— Winter...

Foi uma piada.

Uma ruim.

— Você é a *única* pessoa na minha vida que nunca se referiu a mim dessa maneira. Desculpe, você *era* a única pessoa. — Sua boca se abre e posso ver como a machuquei; está escrito em seu rosto.

Ela se transforma de furiosa em inconsolável bem diante dos meus olhos. Uma mão trêmula coloca a taça de champanhe no tampo do bar, e seus lábios trêmulos tentam formar um sorriso educado. Sua voz sai aguada quando ela diz: — Obrigada pela bebida.

Então ela está praticamente correndo de salto alto pelo chão de madeira, a saia no punho para evitar que ela se enrole nas pernas. Estou muito atordoado para me mover por alguns segundos.

Estávamos apenas conversando, rindo. Indo em uma boa direção. E ela vai fugir de mim agora? Depois de tudo?

Nah. Hoje não, Tink.

Eu vou atrás dela.

Agitado.

Frustrado.

E de saco cheio de Winter Hamilton fugindo de mim.

27

Theo

Sinto o peso dos olhares das pessoas enquanto praticamente persigo Winter pela sala. Meus passos longos e assertivos ganham terreno atrás de seus passos curtos e agitados.

Ela vira em um corredor estreito com painéis de madeira. Está mais quieto aqui, mesmo com meu batimento cardíaco em meus ouvidos e seus saltos batendo no chão.

No final do corredor, ela vai para a esquerda e puxa a maçaneta da porta, olhos selvagens encontrando os meus por cima do ombro. — Theo. Vá embora. Quero ficar sozinha. — Uma lágrima escorre pelo rosto dela.

Eu sei que ela odeia chorar. Odeia ter grandes sentimentos e grandes conversas. Odeia se sentir fraca ou fora de controle.

Mas...

— Isso é muito ruim, porque hoje, não dou a mínima para o que você quer — rosno enquanto abro mais a porta para acomodar minha largura. — Entre. — Eu a empurro suavemente para o banheiro, minha mão entre suas omoplatas enquanto entramos no grande espaço com um armário e pia de mármore.

— Eu não quero você aqui! — ela sussurra, enxugando o rosto furiosamente enquanto se afasta de mim para encarar o espelho

que vai até o teto. — Odiaria que o fodido feliz e adorável Theo Silva tivesse seu lendário pau congelado pela *rainha do gelo.*

— Winter, isso foi uma *piada.* — Eu tranco a porta enquanto ela olha para nós no espelho. Bochechas coradas, olhos arregalados, uma mão no peito arfante. — Foi uma piada idiota do caralho.

— Não foi engraçado.

— Não me diga! — Meus braços voam e minha voz cresce. — Cometi um erro. Um pequeno erro depois de tudo e você me trata como se eu fosse apenas mais um idiota e vai embora!

— Não foi um erro! É uma maneira de pensar sobre mim e Summer que *todo mundo* faz! Sempre serei a cadela fria e sem coração, porque Summer consegue ser doce e agradável. E, claro, você me vê da mesma maneira que todos os outros. Por que não veria?

Suas palavras me atordoam. O calor em minhas bochechas desce pela minha garganta, um espelho perfeito para as lágrimas rolando por suas bochechas. Ambos os sinais de nossa frustração.

— Quer saber, Winter? — Minha voz é baixa, mas vibra com uma fúria desconhecida. — Estou cansado *pra* caralho. Estou cansado de você não ver o que eu vejo. Cansado de você falar merda sobre si mesma. Estou cansado de você não perceber o que está bem aqui — minha palma pousa pesadamente no meu peito — bem na sua frente. O que mais eu tenho que fazer para você confiar em mim? Para você me dar o benefício da dúvida apenas uma vez!

Ela não vacila com a minha explosão. Lágrimas silenciosas estragam sua maquiagem enquanto escorrem livremente por seu rosto.

Mas ela não diz nada. Então continuo. Aproximando-me o suficiente para trilhar meus dedos sobre a linha de sua mandíbula.

— Eu não sou seu pai. Eu não sou seu ex. Estou aqui fazendo o meu melhor por você. E parece que quanto mais dou a você, menos recebo de volta. Por quê?

Sua mandíbula treme quando ela abre, como se ela estivesse prestes a responder. Mas então ela desliga. Fecha-a com força e desvia o olhar.

Eu solto um suspiro frustrado, tirando minha mão de sua bochecha enquanto me viro para sair. Mas a perda do meu toque a faz girar nos calcanhares para me encarar.

— Porque quero você! — ela grita, me parando no meio do caminho. — E eu quero isso! — Sua mão gesticula freneticamente entre nós. — Quero nós! E isso me apavora! Porque e se não der certo e Vivi ficar com pais que se odeiam? Eu sei como isso é e *é uma merda.* Nós gostamos um do outro agora. Finalmente estou feliz. Parece seguro aqui. Não consigo lidar com outra pessoa que me odeia.

As lágrimas continuam fluindo e ela não faz nenhum movimento para detê-las. Ela apenas olha para mim depois daquela explosão brutalmente honesta e crua. Ela ainda mantém o queixo erguido, desafiadoramente, não importa o quão vulnerável ela esteja.

— Isso é tudo que você tinha que dizer.

Ela pisca, mas por outro lado não reage.

Mas não aguento mais ficar longe dela. Não suporto essa distância entre nós. Só preciso de dois longos passos para me erguer sobre ela. Um passo para empurrá-la contra a porta fechada. E alguns centímetros para eu esmagar meus lábios contra os dela.

Ela não perde o ritmo, arqueando-se para mim e envolvendo os braços em volta do meu pescoço, gemendo em minha boca.

Agarrando-se a mim.

— Eu prometo que nunca poderia odiar você — murmuro contra sua boca, a mão roçando sua mandíbula.

Seus olhos piscam para os meus. — Não faça promessas que não pode cumprir.

Nós nos beijamos novamente. Freneticamente. Como se ela ainda estivesse tentando avançar nessa conversa. Com as mãos vagando, ela agarra as lapelas do meu paletó, dando um puxão forte.

— Eu prometo que nunca vou odiar você. — Arrasto meus lábios sobre sua bochecha, meus dentes de volta ao longo de sua mandíbula.

— Você não pode saber disso — ela sussurra, uma ingestão aguda de ar sibilando entre seus lábios enquanto eu a giro e nos coloco na direção do espelho. Forçando-a a olhar para nós.

Minhas mãos trilham sobre a seda, traçando cada curva, os polegares desviando para aquela pequena depressão abaixo de seus quadris. — Eu posso. Estarei muito ocupado amando você.

Tudo o que ela faz é respirar e nos observar. Observar minhas mãos deslizando por toda parte, ocupando todo o terreno que estive desesperado para cobrir por tanto tempo.

Então suas mãos cobrem as minhas, movendo-se enquanto eu me movo. Com os olhos agora cheios de admiração, ela segue extasiada a trilha que meu toque deixa em seu corpo. Quadris. Estômago. Peitos. Parte interna das coxas.

Estou duro como pedra, meu pau protuberante contra a curva de sua bunda.

Ela mói de volta em mim, e eu gemo.

— Diga-me o que você quer, Tink.

Seus lábios se abrem e eu a observo pensando, decidindo o que dizer a seguir.

— Não quero mais aqueles orgasmos de pena que você me deu na academia.

— Orgasmos de pena?

— Sim. Como se você tivesse feito isso porque estava tentando me fazer sentir melhor. Como se você se sentisse mal por mim.

Isso não é o que eu esperava que ela dissesse.

— Eu não estava fazendo isso para–

— Eu quero que você me foda como fez naquela noite no hotel. Como se você não suportasse manter suas mãos longe de mim.

Como... — Ela para, voltando a morder o lábio inferior. — É como se você me respeitasse muito agora. Recebo orgasmos de pena e palavras bonitas. Eu quero ser mais do que isso. Eu quero... — Observo a maneira como ela está resolvendo isso. Ela não está acostumada a pedir o que *quer*. — Eu quero você desequilibrado por mim. Apenas... me desrespeite. Só um pouco.

Naquela noite.

Meus lábios se arrastam sobre a concha de sua orelha, e ela estremece. — Você gostaria de ser minha pequena linda vadia hoje à noite?

Meus dentes afundam no lóbulo de sua orelha enquanto as palavras ecoam ao nosso redor. Quando ela não responde, arqueio uma sobrancelha para ela.

Ela levanta o queixo como se recusasse a sentir qualquer vergonha por seu pedido. — Sim.

Chamas chicoteiam minha espinha, e eu me forço a levar isso devagar. Não dou a mínima para onde estamos agora. Eu vou saborear o inferno fora desta mulher.

— Você tem sido uma verdadeira provocação, desfilando por aí com este vestido o dia todo. Acho que é hora de você pagar por isso, não é? — Eu tiro uma alça frágil de seu ombro.

Sua língua se lança sobre seus lábios macios. Cada movimento que ela faz me deixa louco. Apenas estar tão perto dela, inalando sua loção corporal de baunilha, deixa-me insuportavelmente duro.

Ela acena com a cabeça.

Eu a giro e pressiono seus ombros, guiando-a até o piso de madeira. — Bom. Agora fique de joelhos e chupe meu pau como se fosse terminar com a boca cheia daquele champanhe de que você vive falando.

Quando ela atinge o chão, ergue seus olhos azuis bebê para mim por um instante, e então suas mãos atacam meu cinto e calça com um fervor carente.

Ela está impaciente demais para fazer mais do que puxar minha calça para baixo o suficiente para conseguir o que procura. Eu gemo quando meu pau salta livre, a cabeça roçando seus lábios enquanto ela envolve o punho em torno da base. Seus olhos voam até os meus enquanto ela se ajoelha diante de mim, esfregando a cabeça grossa do meu pau sobre sua boca exuberante.

A provocação me deixa louco, então agarro seu cabelo e empurro.

Seus lábios se abrem e sua língua gira, as bochechas se esvaziando enquanto ela me chupa.

Minhas mãos permanecem em sua cabeça, mas elas estão lá apenas para apoiar. Não preciso empurrar ou puxar. Ela está ansiosa o suficiente sozinha.

Quente. Molhada. Com fome.

Do jeito que eu gosto dela.

— É disso que você precisava, Winter? — Meus dedos acariciam seus cabelos.

Ela cantarola sua resposta ao redor do meu comprimento, uma mão firme em volta do meu pau enquanto a outra aperta suavemente minhas bolas.

— Porra. — Minha cabeça se inclina para trás e fecho meus olhos enquanto meus quadris se movem, fodendo sua boquinha gananciosa. — Winter. É bom demais. Você é boa demais.

Ela dobra seus esforços, indo fundo o suficiente para que eu sinta a parte de trás de sua garganta batendo contra a cabeça do meu pau. Ouço o pequeno barulho de engasgo que ela faz enquanto luta para pegar tudo, e isso me leva ao limite.

— Winter, se você não parar logo, eu vou... — Paro quando olho para ela. Cabelo bagunçado. Colar de pérolas na coluna de sua garganta. Olhos em mim.

— Ah, é isso que você quer? Claro que você quer. — Sorrio e lanço uma piscadela para ela. Então seguro sua cabeça, mantendo-a imóvel e fodendo sua boca.

Seu olhar permanece fixo em mim, suas mãos apoiadas contra meus quadris, segurando-se por sua preciosa vida. Depois de algumas estocadas furiosas, desisto e me derramo em sua garganta.

Ela não desvia o olhar. Ela não recua.

— Tomando até a última gota, não é? — pergunto enquanto ela me segura al, engolindo tudo antes de deslizar para fora do meu comprimento.

Estou ofegante, com as mãos ainda em seu cabelo, quando ela olha para mim. — O champanhe ainda estava melhor — ela diz

com um sorriso recatado enquanto lambe os lábios como a pequena mentirosa que é.

Eu me esforço para recuperar o fôlego por um momento depois do boquete mais gostoso da minha vida antes de arrumar minha calça e balançar a cabeça para ela. — Vou pegar mais para você assim que eu tiver minha vez — respondo, pegando sua mão e ajudando-a a se levantar.

Então eu a beijo. Porque eu posso. Porque ela quer que eu faça.

Pressiono um beijo forte e frenético em sua boca e, em seguida, rapidamente a afasto, virando-a para que voltemos a encarar o espelho.

Parecemos tão bem juntos. Seus olhos brilhantes. Seus lábios inchados e recém-fodidos. Mas não fico parado olhando por muito tempo.

— Não gosto muito da ideia de você não ter uma vez. — Eu me abaixo, levantando seu vestido. Meu pau já se move novamente enquanto exponho cada centímetro de pele lisa.

— Você parecia bem com isso outro dia.

— Isso é diferente.

Sua sobrancelha arqueia enquanto a seda desliza até a cintura, dando-me uma visão da calcinha rosa por baixo. Eu gemo com a visão.

— Como assim?

Dou um passo para trás para ter uma boa visão de sua bunda antes de bater em seu cotovelo como um sinal para levantar os braços. Em segundos, o vestido sumiu. Não sou totalmente

selvagem e sei que precisamos sair daqui um dia, então penduro-o com cuidado no gancho preso à porta.

— Porque comer sua boceta é uma das minhas coisas favoritas de fazer.

Aperto os fechos de seu sutiã e observo o desperdício de tecido cair.

Minhas mãos cobrem seus seios, segurando a pele nua em minhas palmas.

Sua cabeça se inclina. — Quem disse que chupar seu pau não é uma das *minhas* coisas favoritas de fazer?

Minha boca segue a curva de seu pescoço, plantando beijos, até que decido dar uma mordida em seu ombro. Ela se engasga.

— Diga isso de novo — murmuro, pressionando a mão no meio de suas costas para incliná-la para a frente, apoiando as mãos na bancada.

— Dizer o quê? — Ela está ofegante agora, ainda me observando no espelho.

Eu dou uma mordida na bochecha esquerda de sua bunda enquanto caio de joelhos, puxando a calcinha comigo. Sou recebido por pernas macias e tonificadas apoiadas da maneira mais atraente acima dos saltos de sete centímetros que ela está usando.

— Que chupar meu pau é a sua coisa favorita de fazer.

— Jesus — ela murmura, bem quando corro meus dedos sobre seu núcleo, descobrindo como ela está pronta para mim.

Eu deslizo dois dedos dentro dela, apreciando completamente a visão de seu corpo curvado assim para mim, apreciando sua ânsia. Quão honesta ela tem sido.

— Chupar seu pau é minha coisa favorita de fazer — ela finalmente fala com uma voz ofegante.

Meus dedos deslizam para dentro e para fora, cobertos por sua umidade. — Eu posso dizer. Você está encharcada.

Eu os empurro de volta e deixo cair minha boca para ela. Lambendo, chupando, trabalhando nela com meus dedos até que ela goze para mim.

— Theo — ela geme enquanto suas pernas tremem, mas não desisto. Eu mantenho um ritmo constante, passando minha língua em seu clitóris do jeito que ela gosta.

— Theo. — Meus dedos se movem com mais força, balançando seu corpo em saltos instáveis. — Theo! Se você não me foder logo, vou gritar! — Seu tom é exigente e ofegante ao mesmo tempo.

Sorrio enquanto retiro meus dedos e fico acima dela. Ela parece desequilibrada. Assim como naquela noite que compartilhamos.

E eu amo isso.

Enfio um sapato social entre seus calcanhares e afasto seus pés. — Espalhe, Winter. Bunda empinada para que possa desrespeitá-la do jeito que você quer que eu faça.

Ela geme em resposta. E apenas trabalho na minha calça novamente. Puxada para baixo é bom o suficiente por enquanto. Posso tomar meu tempo com ela mais tarde.

— Você vai gritar, hein? — Eu corro a cabeça do meu pau através de seu centro liso.

Ela acena com a cabeça, cotovelos apoiados no balcão, unhas cor de rosa arranhando a bancada enquanto arqueia as costas, boceta levantada em oferta.

— Sim. Alto.

— Implorando por isso como a boa vadia que você é. — Minha mão pousa plana e firme contra sua nádega. A respiração sibilada entre seus lábios ressoa no banheiro silencioso. — Assim como eu disse que você faria.

E então empurro para dentro. Ao máximo, sem conter nada.

— Porra. — Eu olho para onde estou enterrado dentro dela e paro um momento para apreciar a visão dela esticada ao redor da minha cintura. — Você é tão boa — murmuro, deslizando para dentro e para fora lentamente. — Tão boa, *porra*.

Quando olho para cima, ela está me olhando no espelho. — Apreciando a vista?

— Você já disse isso para mim antes — ela sussurra.

Ergo das mãos e corro pela sua coluna, arrastando meus dedos ao longo do entalhe ali. — Naquela noite, quando você me mostrou como se toca, e eu fiz alguns... ajustes. — Dou um puxão em seu cabelo, segurando seu olhar no espelho. — Você vai me olhar nos olhos e me dizer que não pode gozar de novo?

— Não, Theo. — Sua língua sai entre os lábios para umedecê-los. — Nós dois sabemos que eu só gozo para você.

Eu pairo sobre ela, puxando seu cabelo para inclinar seu rosto. Minha boca bate contra a dela, línguas se chocando, dentes mordiscando. E, por alguns momentos, eu me concentro em tomar sua boca, mas ela mexe a bunda em um apelo desesperado por mais do meu pau.

Então eu dou a ela.

Meus quadris batem contra ela, e ela empurra de volta para atender a cada movimento.

— É isso que você queria?

— Sim — ela respira, com a voz falhando enquanto ela segura sobre a pia.

Alcanço e brinco com seu clitóris.

— Porra, sim. — Seus olhos se fecham e os nós dos dedos ficam brancos na torneira.

Eu pego o ritmo, e suas pernas vacilam, seu corpo apoiado contra a pia agora enquanto seus saltos escorregam e perdem o equilíbrio.

Mas não paro. Não quando ela está cantando meu nome e se contorcendo como se pudesse desmoronar a qualquer momento.

— Você fica perfeita assim, Winter. Curvada. Boceta cheia. Só usando esses lindos saltos rosa.

— Theo...

Meu dedo trabalha mais rapidamente, esfregando círculos ásperos entre suas pernas. Minha mão oposta agarra seu ombro,

seu cabelo. Algumas mechas se soltaram e grudaram no suor de sua nuca.

Eu a fodo com força.

— Pegue, Winter. Goze no meu pau.

— Theo! — Sua voz é alta agora.

Espero que alguém nos ouça.

— Eu vou–

Ela não termina a frase antes de se despedaçar. Sinto isso em todos os lugares. Seu corpo pulsando. Sua cabeça caindo. Um pé calçado com salto surge do chão quando ela cai da borda e se deita no balcão como se finalmente tivesse se rendido. E aquele rubor de antes varre suas costas bem diante dos meus olhos.

Eu relaxo, pressionando meus dedos em vez de esfregar, dando golpes longos e uniformes em vez de rápidos. Até que seu corpo esteja completamente mole, e eu tenha arrancado cada gemido de seus pulmões.

Ela é linda. Torcida. E bastam algumas estocadas brutas em seu corpo para eu chegar lá também.

Puxo para fora, seguro meu pau e gozo em suas costas. Tiro após tiro atinge sua pele lisa, marcando-a.

É mais satisfatório do que deveria ser.

Vários momentos se passam enquanto recuperamos o fôlego, e então uma risada exausta a deixa, empurrando seu corpo. É como se fôssemos pessoas totalmente diferentes agora. Animalescos e

apaixonados e tão famintos. Quando nós dois gozamos, o clima melhora.

— Uau.

— Uau o quê? — respondo, apoiando a mão contra a parede para me orientar.

— Acho que não consigo mais andar. Tenho certeza de que toda a minha educação pós-secundária evaporou da minha cabeça.

Passo um dedo pela bagunça em suas costas e a observo estremecer. — Apenas fique assim. Eu posso ir de novo.

Sua cabeça vira por cima do ombro para mim, os olhos arregalados. — O quê?

— O quê? Você fica bem com um cinto de pérolas. — Meu queixo se projeta para ela. — Combina com o seu colar de pérolas.

Sua cabeça cai e ela ri. Soa tão bem nela, arejada e despreocupada.

— Não acredito que acabei de transar com um cavaleiro de touros no casamento da minha irmã.

Com um sorriso, levanto minha calça e me viro para pegar um punhado de toalhas de papel para limpá-la. — Rude. Você fodeu o pai da sua bebê no casamento da sua irmã e sabe que faria isso de novo.

Suas costas tremem com outra risada enquanto eu a enxugo com as mãos firmes. Jogo fora o punhado bagunçado e pego outro, estendendo a mão sobre seu corpo caído para molhá-lo com água morna.

Com um aperto suave da minha mão, gotas de água caem em suas costas, pequenos pontos que pousam e rolam ao longo da curva esbelta de seu corpo.

— E agora ele está me dando um banho de esponja.

— Sim. Mas esta é a versão vadia. Nada de esponjas ou sabonetes sofisticados na banheira. Apenas toalhas de papel e água morna em um banheiro público.

Seu rosto cai em suas mãos, e ela ri ainda mais. — Theo, pare.

Eu sorrio em suas costas enquanto movo a toalha de papel sobre ela com cuidado, não querendo perder um ponto. Embriagado com o som da risada fluindo de uma mulher que passou muito tempo se sentindo triste.

Eu tomo meu tempo, deleitando-me em poder tocá-la tão livremente.

— Você terminou?

Um suspiro me deixa. — Acho que sim. Eu quero fazer isso de novo. A versão princesa de um banho de esponja.

Ela me espia pelo espelho. — Sim. — Ela acena com a cabeça. — Ok.

— Ok — eu concordo, com uma piscadela que *ainda* a faz corar.

Eu jogo a toalha de papel fora e ela se endireita. Nós nos viramos para encarar um ao outro, e sou sugado novamente. Meus olhos percorrem seu corpo.

— Eu poderia sentar você nesse balcão e foder você de novo. Desta vez, com suas pernas em volta da minha cintura.

— Ou podemos sair daqui e fazer isso em outro lugar.

— Sim. — Lambo meus lábios, a mente correndo com todas as maneiras que eu poderia tê-la. — Mas eu meio que gosto de fazer isso onde podemos ser pegos.

— Bem, podemos fazer isso de novo também. — Ela dá de ombros, parecendo momentaneamente inocente. — Em algum momento. Em algum lugar.

Eu sorrio e balanço minha cabeça. — Qualquer hora, qualquer lugar?

Sua cabeça balança agora, e ela pisca para longe, os lábios pressionados juntos para esconder um sorriso. — Você é uma máquina.

Minhas mãos a alcançam e a seguro contra meu peito. Nua e de salto alto. Achei que não ter uma visão de corpo inteiro ajudaria minha ereção, mas a sensação dela pressionada contra mim é quase pior. Ela cheira a açúcar com canela, e não consigo manter minha boca longe dela. Eu beijo seu cabelo. Sua bochecha. Seu pescoço. Minhas mãos deslizam antes de agarrar sua bunda.

— Não houve realmente mais ninguém desde aquela noite?

Sua pergunta me faz parar no meio do caminho.

— Parece muito improvável. Isso é tudo. Como não normal. Eu não ligo. Prefiro ter tudo às claras. São os segredos que me matam.

— Você está me chamando de estranho, Tink? — Eu a aperto com mais força e dou um beijo em sua testa enquanto sua cabeça se inclina para me olhar nos olhos.

— Não sei. Estou?

Pego seu sutiã, coloco-o nela e me esforço como um idiota para prender os estúpidos ganchos. — Sim. Você está.

— Nem mesmo um boquete?

Estendo a mão em torno dela e agarro seu vestido do gancho. Eu cuidadosamente o arrumo sobre sua cabeça para deixá-lo cair sobre seu corpo.

— Não, a qualidade do seu me arruinou. Ninguém mais engole meu esperma como se fosse Dom Perignon.

Seus olhos reviram enquanto passo seus braços pelas alças. — Nem mesmo um beijo?

— Ninguém tem a boca esperta que você tem. Fico muito menos interessado em beijá-las.

O vestido cai em cascata sobre seu corpo.

— E a minha calcinha?

— Oh, sim. Você não precisará mais dela. Eu a tiro do chão e jogo no lixo com todas as toalhas de papel.

Nós olhamos um para o outro por um segundo. Ela sempre tem um olhar de admiração no rosto quando faço ou digo algo divertido. Isso me irrita e me emociona ao mesmo tempo. É como se ninguém tivesse tentado fazer essa mulher rir.

— Você não vai me perguntar se eu estive com mais alguém?

— Não.

Suas sobrancelhas se juntam. — Por que não?

Pego sua mão e a puxo comigo em direção à porta. — Porque não me importo.

— Ok, bem, eu não estive.

Viro a fechadura e sorrio para ela por cima do ombro. — Eu sei.

Ela bate o pé em falsa indignação. — Como você sabe? Talvez eu tenha feito *muito sexo.*

— Nah — falo, enquanto nos dirigimos para o corredor escuro, "Cadillac Ranch" chegando aos meus ouvidos da pista de dança. — Não faria sentido, já que sou o único que pode fazer você gozar.

28

Winter

Winter: Eu nunca vi uma noiva mais linda e vibrante em minha vida. Amo você, Summer. Parabéns.

Summer: Essa é a sua maneira de explicar por que vi você se esgueirando, segurando a mão de um certo cavaleiro?

Winter: Eu só precisava de uma pausa. Eu voltarei!

Summer: Você está louca? Não volte. Pegue Theo e vá ser feliz. Faça mais alguns bebês fofos. Rhett diz que vai chutar o traseiro dele se não for bom para você.

A mão de Theo é quente e forte. Ela engole a minha. Ele não me aperta com força, mas sinto os calos de suas palmas. Sinto seu polegar esfregando contra mim.

O fato de que só recentemente fiz as pazes com minha irmã e agora quero fugir do casamento dela para conseguir mais pau parece ruim..., mas é?

No final do corredor, vejo um flash dela girando na pista de dança e tenho a nítida impressão de que ela não sentiria minha falta se eu fosse embora.

Sair com Theo e passar uma noite tranquila com as mãos dele em mim parece um sonho. Acordar com ele também parece um sonho.

Mas meus sonhos têm um jeito de desabar ao meu redor, que é o que acontece quando chegamos ao final da passarela.

Encontramos o meu pai.

Ele atravessa a boca do corredor, braços cruzados, olhos estreitados.

E meu estômago cai. Eu sou uma maldita adulta. A opinião dele não deveria significar nada para mim depois do papel ausente que ele desempenhou na minha vida.

Mas *significa.*

Porque vejo como ele é com Summer. E isso machuca. Porque eu sou dele também. Eu estive aqui o tempo todo, e ele finge que não.

— Importa-se em se explicar, Silva? — Sua voz é fria e acusatória.

Mas aquela com a qual Theo responde é puro gelo, uma que eu *nunca* o ouvi usar com ninguém. — Não para você, eu não.

— Você está brincando comigo, garoto? Você teve minha filha lá por muito tempo para me dar esse tipo de atitude. E o bebê? Claramente, você tem algumas coisas para me dizer.

Theo se endireita, dando um passo incremental na minha frente, protegendo-me com seu corpo. Ele ri, mas não é sua risada calorosa de sempre que faz minha barriga revirar.

Isso é mais como um rosnado.

— Na verdade, Kip, tenho sim algumas coisas para lhe dizer. Primeiro, refira-se à minha filha novamente como *o bebê,* como se ela não tivesse um nome, e eu vou botar você para fora. Segundo, estarei em seu escritório na segunda-feira de manhã. Leve Geoff. Não quero demiti-lo no casamento de sua filha. Seria de mau gosto. Por fim, se você acha que merece fazer algum tipo de reivindicação sobre esta mulher como sua filha, você tem que fazer uma séria análise de consciência. A garota na pista de dança? — Ele aponta por cima do ombro de Kip para Summer, que está nos observando agora. — Aquela é a sua filha. Essa mulher aqui? Ela é a Dra. Hamilton até que você enfie essa porra de rabo escamoso entre as pernas e venha fazer as pazes com ela.

Pela primeira vez na minha vida, meu pai parece estar sem palavras.

Pela primeira vez na minha vida, alguém veio em minha defesa.

— Agora saia do meu caminho, Kip. Quero ir para casa e ficar com as minhas meninas.

Casa. Minhas meninas.

Meu coração mergulha no meu estômago. Ele flutua e gira, rolando em cada sensação quente e mole que nunca senti.

Eu gostaria de saber o que dizer ao meu pai, mas não sei. E, pela primeira vez, decido que confiar em outra pessoa para cuidar de mim pode ser bom.

Eu dou ao meu pai o meu melhor olhar gelado quando passo por ele.

E tenho outra primeira vez, porque meu exterior gelado não está refletindo o que estou sentindo por dentro.

Com Theo, sinto o mesmo que sinto com Vivi – paixão. Mas é muito cedo. Muito rápido. Ainda estou muito cru. Então, coloco o pensamento aterrorizante de lado e deixo para mais tarde, quando estiver pensando com mais clareza. Quando minhas pernas ainda não estiverem tremendo do jeito que simplesmente desmoronei por ele.

— Dra. Hamilton, hein? — murmuro enquanto passamos pelas portas e entramos no estacionamento de cascalho.

Theo me puxa para perto dele e passa o braço por cima do meu ombro enquanto nos leva até sua caminhonete. Toda arrogância e confiança. Todo protetor e leal. Sua boca cai para o meu ouvido e ele sussurra: — Dra. Hamilton nas ruas, vadia imunda nos lençóis.

E eu rio.

Ninguém pode me fazer rir do jeito que Theo Dale Silva faz.

— Você está quieta. Fui longe demais? É preciso muito para me deixar bravo. Mas quando chego lá? Eu quebro uma junta.

A viagem de volta para nossas casas é curta, mas ele está certo. Eu não tenho falado. O único som na cabine da caminhonete é o som abafado da música country que vem do rádio. Porque eu estive pensando.

Pensando demais.

— Você não foi longe demais. Você... — Balanço a cabeça enquanto olho pela janela para as ruas secundárias escuras de Chestnut Springs. — Você foi o que eu sempre precisei e nunca tive.

Quando eu olho para ele, ele parece pensativo. Suas sobrancelhas baixaram em concentração, como se ele estivesse realmente revirando minha declaração.

E enquanto ele o faz, deixo escapar a outra coisa em que estive pensando. — Eu não quero mais que você fique na casa ao lado.

— O quê? — Ele parece arrasado.

— Não. — Levanto uma mão. — Eu tenho formulado isso de um milhão de maneiras diferentes na minha cabeça nos últimos dez minutos. Tentando não soar muito ousada, mas também não querendo parecer indiferente, enquanto me preocupo em parecer carente. O que eu quis dizer é que quero que você fique conosco.

— Você quer?

Eu me endireito, jogando meus ombros para trás enquanto respiro fundo. É importante que eu seja tão honesta com Theo quanto ele é comigo. — Sim. Passei a odiar você estando ao lado

quando eu gostaria que você estivesse perto de mim. Devíamos tentar isso.

— Winter. — O sorriso atrevido que aprendi a amar enfeita seu lindo rosto. Aquele que vem logo antes de uma pequena observação contundente. Aquele que me faz sorrir antes mesmo de ele dizer alguma coisa. — Você gosta de mim?

Eu solto uma risada na caminhonete silenciosa e, em seguida, olho para minhas mãos, torcendo meus dedos juntos. — Eu acho que mais do que gosto de você.

— Porque eu sou pai da sua bebê?

— Não. — Encontro seus olhos no último sinal vermelho antes de chegarmos em casa. — Porque você me faz gostar *de mim mesma*... e você é o único que já fez isso. — Desvio o olhar, porque encará-lo parece demais. Muito pesado.

Borboletas vibram no meu estômago enquanto enfatizo sobre como ele pode responder à minha vulnerabilidade. Mas da maneira típica de Theo, ele faz exatamente a coisa certa na hora certa.

Ele pega minha mão e faz círculos com o polegar até pararmos na frente da minha casa. Quando ele salta, fico sentada. Ele nunca respondeu a ficar comigo.

Talvez com a mãe dele aqui, ele prefira ser mais sutil.

Ele disse que queria ficar bagunçado comigo, mas é possível que tenha se esquecido da bagunça que eu realmente sou.

Mas quando ele abre minha porta e diz: — Vamos, Tink. — Eu sei que a única razão pela qual ele não respondeu é porque ele não precisava. Eu deveria *saber*. Ele me disse várias vezes.

Tenho a sensação de que ele vai me dar tudo se eu quiser. Eu só preciso da voz nervosa dentro da minha cabeça calando a boca. Ela me sabota.

E não quero sabotar esta relação.

Enquanto Theo me levanta da caminhonete como se eu fosse uma princesa e me leva até os degraus da frente para nossa filha, percebo que realmente quero isso.

Ele não me trata como uma criança ou me acalma. Ele não joga jogos mentais passivo-agressivos estúpidos ou me intimida para concordar com ele do jeito que Rob sempre fez.

Ele me deixou lutar no fundo do poço para descobrir o que eu quero e estava *lá.* Lá para dar uma mão. Lá para intervir quando eu estava cansada demais para me manter à tona.

Theo não passou dos limites ou tentou me controlar. Ele se encaixou na minha dinâmica caótica sem reclamar. Não tenho certeza se ele fez isso de propósito, ou se aconteceu naturalmente, como sempre aconteceu conosco.

Seu polegar não para de roçar o meu, mesmo quando entramos na casa. Mesmo quando ficamos cara a cara com sua mãe assistindo às reprises de *Grey's* no sofá.

— Vocês dois querem se sentar e assistir a um episódio?

Ele não faz um show do que diz a seguir. Sai tão facilmente. — Obrigado, mãe. Mas acho que vamos para a cama. Quer que eu acompanhe você até em casa?

Loretta sorri para nós, quase maníaca enquanto seus olhos pousam em nossos dedos entrelaçados. — Não. — Ela dá um tapa

nas coxas enquanto se esforça para se levantar. — Acho que posso encontrar meu caminho, visto que fica bem ao lado.

Depois de alguns abraços rápidos, durante os quais Theo segura minha mão, ela sai.

Então ele está me arrastando pelo corredor. Vamos direto para o meu quarto, onde ele me empurra contra a porta, fechando-a com força enquanto deixa sua boca cair na minha. Sua habilidade de ir de brincando a roubar meu fôlego é inigualável.

Eu envolvo meus braços ao redor de seu pescoço e o beijo de volta, sorrindo contra seus lábios enquanto suas mãos deslizam sobre minha bunda.

Mas apenas por um momento. Porque nós dois ouvimos e congelamos.

Minha cabeça tomba para trás com um gemido. — Por que ela é tão calma o dia todo e tão sensível à noite?

Theo beija minha boca rapidamente e sorri. — Para aterrorizar você de propósito, provavelmente.

— Vou dar o troco quando ela for mais velha.

Ele solta uma risada baixa. — Não importa. Eu gosto disso. Vou pegá-la e tirar um pouco de leite do freezer. Você se prepara para dormir.

— Dormir sexy ou dormir normal? — pergunto quando ele abre a porta e atravessa o corredor.

— Você poderia usar uma roupa de freira e isso não me impediria — é o que ele responde antes de desaparecer no quarto escuro de Vivi.

Fico imóvel, como se meus pés tivessem raízes no chão. Os murmúrios profundos de Theo chegam até mim, junto com os gritos de Vivi que se acalmam e param quando ele fala com ela.

É assim que deveria ser?

Beijos e piadas?

Um par extra de mãos?

Estou impressionada com o momento, porque é tão prosaico. Tão *normal*. Não é nem digno de filme.

— Sim, aqui está ela. Sua mamãe. — Seus lábios pressionam contra o cabelo escuro de nossa filha enquanto ele volta para o nosso quarto, segurando-a.

— Mama — ela enrola a palavra, mas ainda assim a entendemos. Meus braços se estendem automaticamente enquanto os dela se estendem em minha direção.

— Oi, Vivi querida. — Ponho meu nariz no dela algumas vezes enquanto a coloco contra meu peito, deleitando-me com esse cheiro de bebê que sei que não vai durar.

— Aqui, Mama, aconchegue-se. Vou pegar uma mamadeira.

Minha mão dispara para capturar o pulso de Theo, parando-o. — Tudo bem. Eu posso apenas alimentá-la. Estamos todos cansados.

Não me passou despercebido quando nos sentamos um ao lado do outro na beirada da cama que não amamentei na frente de Theo. Eu não bombeei na frente de Theo. Isso parece intensamente pessoal. Como algo que eu deveria esconder dele, embora Loretta tenha entrado outro dia e não tenha me dado uma segunda olhada

quando ela perguntou: — Boneca, você tem alguma ferramenta de jardinagem? Estou cuidando dos jardins da frente em ambas as casas hoje, mas não consigo encontrar uma daquelas pequenas pás de mão.

Eu disse a ela para tentar o galpão, e ela me deu um sinal de positivo antes de sair.

Corpos não me deixam desconfortável, e geralmente não me sinto tímida com relação ao meu. É apenas... a amamentação da Vivi é só nossa desde o dia que ela nasceu. Algo que fizemos no meio da noite enquanto estava quieto, ou paramos em um estacionamento aleatório quando ela não parava de chorar. Às vezes, no suporte de bebê enquanto tentava fazer algo para comer, meu leite materno era nutritivo e não apenas café glorificado.

Eu abaixo a alça do meu vestido e olho para Theo, mas ele não está olhando para o meu corpo. Em vez disso, seus olhos permanecem no meu rosto.

— Como foi quando ela nasceu? Ela mamou imediatamente?

Meu coração torce e aproveito para traçar meu polegar sobre o ponto de pulsação em seu pulso. — Sim, desde o primeiro dia. No começo também doeu *pra* caralho. Eu chorei quando ela mordeu pela primeira vez.

— Mas você não chora. — Ele pisca para mim e eu reviro os olhos. Esses dois movimentos são como nosso aperto de mão secreto neste momento.

— O que mais?

— Hum. Foi um borrão. Eu estava tão cansada, mas não conseguia dormir. Eu acordava mesmo quando ela ainda estava dormindo para verificar se ela ainda estava respirando. Meu seio esquerdo produziu tanto leite que esguichou no olho dela uma vez.

Ele solta uma risada. — Sério?

Nós olhamos para ela, agora montada em mim, agarrada, segurando meu peito como se fosse uma mamadeira. — Acho que poderia ter alimentado uma vila inteira de bebês apenas com o meu lado esquerdo. É o verdadeiro jogador.

— É por isso que o freezer está cheio de leite materno?

Eu bufo. — Sim, e doei mais da metade para o hospital.

— Verdade?

Concordo com a cabeça, observando os cílios grossos de Vivi ficarem pesados, suas piscadas ficando lentas e lânguidas.

— Eu gostaria de ter estado aqui.

Deus. Meu peito afunda em si mesmo em um buraco em forma de Theo.

— Sinto que perdi tantos momentos que nunca mais vou ter de volta.

Minha mão aperta em um pulso em seu pulso. — Você não vai, mas você vai conseguir novos.

— Estou me esforçando para não exagerar com ela ou ser sufocante. Vocês duas parecem tão estabelecidas, como esta pequena dupla unida. Companheiras de equipe.

— Você pode até dizer... parceiras de negócios?

Theo dá uma risadinha, batendo o ombro no meu.

— Você e seus malditos parceiros de negócios. — Ele dá uma massagem suave no joelho dela antes de ficar pensativo novamente. — Não, só não quero ficar entre vocês duas. Sinto-me um intruso neste mundo particular que você criou. Mas eu apenas... poderia olhar para ela para sempre. Você sabe? Continuo voltando para minha casa no final de cada dia, mas sinto que estou na casa errada.

Quando olho para Vivi de novo, ela está mamando para dormir. Suas mãozinhas ficaram moles, os dedos se abrindo.

— Eu me sinto da mesma maneira — sussurro. — Aqui. — Eu a levanto com cuidado enquanto me viro para Theo e gentilmente coloco sua filha em seus braços. — Tenho uma ideia.

Sua cabeça se move, mas ele não discute. Em vez disso, ele se senta na beira da minha cama, segurando nossa filha, vestindo um terno, parecendo tão bom que dói. Literalmente, a parte de trás da minha garganta, meu peito, meu estômago – todos eles doem.

Vou para o banheiro da suíte, onde lavo o rosto, escovo os dentes, pego uma escova de dentes sobressalente para Theo e visto um short Calvin Klein de jérsei cinza com uma gola alta combinando.

Quando volto para o quarto, meu corpo vibra ao ver Theo. Eu subo na cama e me ajoelho atrás dele, com as mãos em seus ombros largos enquanto olho para o rostinho perfeito de boneca de Vivi.

Por um lado, sinto que mal conheço Theo. Por outro lado, há esse conforto com ele. Essa sensação de saber. Eu não posso explicar. Tudo o que sei é que nunca senti isso. Talvez seja porque fizemos um novo ser humano juntos, mas acho que é mais.

Acho que mesmo sem a Vivi, poderíamos ter voltado um para o outro.

Acho que ele teria se assegurado disso.

E esse pensamento me aquece desde a ponta dos pés até a pequena sensação efervescente atrás das orelhas. Theo Silva mal me conhecia, mas nunca me esqueceu. Ele nunca desistiu de mim. Ele estava vindo atrás de mim com uma determinação que não consigo entender.

E talvez eu não precise.

Talvez agora seja a minha vez de deixá-lo entrar.

— Ela é perfeita, certo? — Descanso meu queixo em seu ombro.

— Perfeita. — Seu dedo traça seu nariz, sobre sua bochecha rechonchuda e ao redor da concha de sua orelha.

— Eu coloquei uma escova de dentes para você no banheiro.

— Tudo bem — é sua resposta tranquila, mas ele não faz nenhum movimento para deixar seu lugar na cama. Nós a encaramos por não sei quanto tempo. Então eu o vejo levantá-la e obtenho uma visão de perto dele dando um beijo suave em sua testa.

Minha boca fica seca, porque uma hora atrás ele me curvou e me fez corar mais do que nunca. E agora ele é todo músculos protuberantes e beijos doces enquanto adora nossa filha.

E é *a* combinação mais inebriante.

Ele se vira, entregando-a para mim, sem deixar de beijar minha testa. E então ele se afasta silenciosamente, parecendo introspectivo.

Triste e feliz.

Continuo pensando que tudo isso *deve* parecer opressor para ele, mas ele não deu nenhum sinal de que seja esse o caso. Ele continua aparecendo com um sorriso e uma piscadela. Todos os malditos dias.

Cuidadosamente, eu me viro na cama, deitando Vivi no centro antes de colocar minha cabeça no travesseiro com um suspiro profundo.

Hoje foi... muito.

Meus olhos ficam pesados assim que fico na horizontal, mas o clique de Theo apagando a luz do banheiro me faz acordar de volta.

Ele apenas fica lá – camisa para fora da calça, mandíbula esculpida, testa franzida – olhando para a cama como se estivesse confuso sobre o que fazer a seguir.

— Theo. Venha para a cama.

— Sério? Com vocês duas? — A insegurança aparece em seu rosto.

— Sim. — Dou um tapinha no travesseiro. — Ela provavelmente vai chutar você a noite toda. Não é tão adorável quanto você pensa.

Com um aceno de cabeça, ele remove o que sobrou de seu terno, e tento não fodê-lo com os olhos de cueca durante o que deveria ser um momento familiar saudável.

Eu falho.

— Você está olhando para mim do mesmo jeito que olhou naquela noite no posto de gasolina.

— Não, agora é pior. Naquela noite, estava imaginando como você ficaria sob suas roupas. Esta noite, eu sei.

Seus lábios torcem quando ele se aproxima da cama, a luz da luminária de cabeceira brincando com cada linha de seu corpo esculpido. Ele está mais definido do que eu me lembro. Seu abdômen, a linha de seu músculo quadrângulo na frente de sua coxa enquanto ele coloca um joelho na cama. As longas horas passadas na Hamilton Athletics de alguma forma o deixaram com mais água na boca. Seus punhos empurram o colchão enquanto ele paira sobre Vivi, os músculos ondulando em seus antebraços.

Com uma expressão suave no rosto, seus olhos escuros, profundos como o chocolate mais escuro, voam para os meus. — Obrigado, Winter.

Parte de mim quer perguntar se ele quer dizer por deixá-lo dormir aqui, mas eu estaria me fazendo de boba. Eu sei que ele está me agradecendo por muito mais. Sinto isso na forma como meu coração bate sob o peso de seu olhar.

Dizer de nada também não parece certo, então digo o que venho pensando desde o momento em que ele apareceu e assumiu como missão tornar minha vida melhor. — Obrigada, Theo.

Minha língua traça meus lábios enquanto eu olho para ele. — Venha e olhe para sua garota a noite toda, se quiser.

Eu me viro e apago a luz antes que ele responda. Apenas uma luz azul prateada entra pela janela, e lentamente meus olhos se ajustam ao quarto escuro. Theo está de lado, as mãos cruzadas sob a bochecha.

Mas tenho a sensação de que ele não está apenas olhando para Vivi. Ele está olhando para mim também. Suas garotas.

— Ei, Theo? — sussurro, estendendo a mão para passar meus dedos sobre sua testa e em seu cabelo.

— Sim?

— Você não é um intruso. Você é o pai dela.

Quando acordo, a luz do sol entra pelas janelas. Theo está desmaiado de costas, aquele queixo quadrado salpicado com a quantidade certa de barba por fazer. Ele dorme pacificamente com os lábios entreabertos suavemente, seus cílios escuros espalhados sobre a pele dourada.

Meu olhar traça o ápice de seu pomo de Adão, descendo sobre seu peito tonificado, até onde nossa garotinha mergulhou em cheio sobre o peito de seu pai. As palmas das mãos largas cobrem a pequena caixa torácica dela, e a cabeça dela descansa exatamente

onde eu sei que ela deve ser capaz de ouvir as batidas do coração dele.

Deitei minha cabeça lá uma vez, quase dois anos atrás. Lembro-me de tentar recuperar o fôlego, tentando entender como alguém que eu mal conhecia poderia me fazer sentir tão bem. Tão relaxada.

Mas isso é diferente.

Isso é melhor.

Eu apenas me deito aqui em uma feliz bolha ensolarada, deixando minha cabeça e meu coração trabalharem em torno dela.

Isso é bom.

Isso se perece como casa.

29

Theo

Winter: Por favor, não faça nada que o leve à prisão.

Theo: Não posso fazer nenhuma promessa.

Winter: Por favor? Eu ainda pagaria sua fiança, mas ficaria brava com você.

Theo: Você ficar com raiva de mim me deixa duro. Sexo com raiva é divertido. Isso não é um impedimento.

Winter: Talvez eu não fosse pagar a fiança de jeito nenhum.

Theo: Nah. Você sentiria muita falta do meu pau.

Winter: Não. Eu sentiria falta *de você*.



— Telefone? — Coloco minha mão na mesa da sala de conferências onde Kip e Geoff estão sentados à minha frente. Kip está impassível e seu funcionário está nervoso – como deveria estar – quando ele coloca o telefone na palma da minha mão.

— O que eu disse para você fazer com meu telefone, Geoff? — pergunto, a voz afiada enquanto mexo no telefone e puxo as mensagens de texto sem nem mesmo olhar em sua direção.

Procuro "T" e lá estão elas. *Tink.* Eu olho através delas, mas elas são difíceis de olhar. Elas me estripam. Conhecendo Winter como conheço agora, não posso deixar de pensar em como isso deve tê-la machucado.

Ontem passamos o dia na cama e realmente exploramos aqueles primeiros dias. Conversamos sobre seus pais e sua infância. Eu cozinhei. Nós rimos. Ela e Vivi cochilaram, e eu me deitei ao lado delas, observando-as dormir.

Por um dia, vivemos na bolha mais perfeita.

E agora estou em busca de sangue.

— Para, uh, responder às suas mensagens? Postar algumas fotos em suas redes sociais?

— E as mensagens importantes ou pessoais que chegassem?

— Encaminhá-las para você. — Ele me dá acenos ansiosos, como se estivesse orgulhoso de seu trabalho.

Deslizo o telefone sobre a mesa para os dois homens e me inclino para trás na cadeira, cruzando as mãos atrás da cabeça e cruzando a bota sobre o joelho enquanto espero que eles leiam.

É fascinante assistir. Enquanto rolam, é como se toda a cor que sai do rosto de Geoff fosse transferida para o de Kip por osmose.

Um fica branco enquanto o outro fica vermelho.

— Isso parece um conjunto muito importante de mensagens para passar adiante, você não acha, Geoff?

— Eu pensei...

— Você pensou que responderia como eu? Para uma mulher me dizendo estar grávida do *meu* bebê? E foi *assim* que você respondeu?

— Eu pensei...

— Não. — Sento-me abruptamente, meus cotovelos batendo na mesa alto o suficiente para assustá-lo. — Você não pensou em nada.

— Eu fiz um favor a você! Você queria limpar sua imagem. Você recebe todos os tipos de mensagens nessa coisa. Mulheres pedindo coisas, mandando coisas que eu prefiro não ver. Isso não foi diferente.

— Isso era *minha filha* — eu assobio, tirando o telefone de suas mãos incapazes. — E perdi o nascimento dela junto com os primeiros nove meses de sua vida porque você é um pedaço de merda crítico que ultrapassou seus limites.

Geoff engole e deixa cair meu olhar.

— Você não *sabia?* — A voz de Kip soa vazia, sua mandíbula estalando enquanto ele olha entre mim e Geoff.

— Claro que eu não sabia. Que tipo de idiota você acha que eu sou?

— Winter nunca me contou.

— Ela nunca contou *a ninguém*, porque todo mundo sempre a trata como uma merda! — Meu punho bate forte o suficiente para sacudir a mesa quando eu os deixo perceberem. — A mãe dela. Você. A merda do ex dela, que *ainda* a está assediando. Ela está convencida de que precisa fazer tudo sozinha, porque foi isso que *você* mostrou a ela a vida toda. Que ninguém vai aparecer para ela. Que todos sempre a abandonam.

A sala de reuniões está silenciosa enquanto inspiro o ar pelas narinas, tentando me acalmar. — Exceto eu. Eu vou aparecer para ela. Toda maldita vez. Então Kip, você está demitido. Eu gostava de você, mas não respeito mais você. E Geoff, se pudesse demitir você duas vezes, eu o faria. Você é péssimo.

Foi um golpe final imaturo. Mas cara, Geoff é um merda.

Quando me levanto, Kip também.

Ele me encontra na porta e aperta minha mão. Firme. — Theo, você pode não me respeitar, mas eu respeito muito você e desejo o melhor para você. E eu... eu vou consertar isso.

Não acho que ele está tentando me fazer sentir mal, mas ele está. Mal por ele. Não acho que Kip seja uma pessoa de merda no fundo, mas ele é imperfeito. Todos nós somos. Seu melhor não foi bom o suficiente. Talvez ele tenha tentado ser um bom pai para as duas. Eu não posso dizer com certeza. Mas o que eu sei é que ele falhou. Monumentalmente.

E acho que ele acabou de perceber isso. Eu posso ver a devastação em seu rosto.

— Obrigado, senhor — é tudo que eu devolvo antes de me virar para sair.

Enquanto vou, ouço-o dizer: — Geoff, arrume suas coisas e dê o fora do meu escritório. Nunca mais quero ver seu rosto.

Eu sorrio para mim mesmo enquanto vou para o elevador, porque Geoff foi demitido duas vezes hoje, afinal. E isso me faz feliz.

Quando estaciono na entrada da casa de Winter, há um carro chique estacionado na rua, alinhado com o portão da frente. Na minha caminhonete, observo o veículo pelo espelho retrovisor. Vejo movimento, mas os vidros escuros do carro obscurecem qualquer outro detalhe.

Não que eu precise de muito mais para adivinhar. Winter tem ficado de boca fechada sobre seu ex, além de mencionar que ele nunca caiu em cima dela. O que é o suficiente para me deixar saber que ele é inútil, não importa o que diga o pedaço de papel pendurado em uma berrante moldura dourada atrás de sua mesa.

Já estou empolgado com meu encontro com Kip, então decido rolar com essa energia. Pego meu copo de papel vazio e desço da picape para me aproximar do carro.

Três batidas fortes na janela são como me anuncio. Quando o vidro finalmente desce, deparo-me com o rosto de um homem que

parece estar fazendo sua melhor impressão do ex-namorado idiota de fundo fiduciário em *Legalmente Loira.*

Aposto que esse cara tem 'terceiro' no final de seu nome.

— Ei, cara. Você está perdido? Algo que eu possa ajudá-lo a encontrar?

Seu sorriso é gorduroso e conciso. Nada real. — Sim, *amigo.* — Ele também é condescendente, mas não estou surpreso. — Só estou aqui para ver minha esposa.

Esposa. Essa palavra me faz querer quebrar alguma coisa.

Apoio a mão no teto do carro dele, tirando os óculos escuros para olhá-lo nos olhos. — Nenhuma mulher casada mora aqui. Mas se você está aqui para assediar sua *ex*-esposa entregando contas em mãos, ela nunca vai pagar. Vou levar aquele envelope ali no banco do carona e evitar que você vá até a caixa de correio. Porque prometo a você... — Eu me inclino e abaixo minha voz. — Se você continuar aparecendo aqui como um maldito perseguidor, tudo o que você vai fazer é facilitar a obtenção de uma ordem de restrição.

Ele me encara com os dentes cerrados. Muito covarde para responder. Então eu o perfuro onde sei que vai doer. — Não seria difícil consultar minha amiga advogada sobre isso. Você conhece Summer Hamilton, não é?

— Quem diabos você pensa que é? — ele morde, as mãos torcendo no volante.

Eu sorrio. — Apenas um cara que sabe que o conselho médico teria dúvidas sobre por que alguém teve que pedir uma ordem de restrição contra você.

Ele zomba, dando uma olhada exagerada com um nível quase impressionante de falsa bravata. — Agora eu entendi. Aproveite minhas sobras. — Ele joga o envelope pela janela e ele passa voando por mim.

Não faço nenhum movimento para pegá-lo. Estou muito ocupado sorrindo para o Dr. Rob Valentine. — Ela não é sobra de ninguém, e eu a venho aproveitando desde antes de você ver os papéis do divórcio, *amigo.*

Eu não deveria ter dito isso, mas minha paciência para idiotas acabou hoje.

Sua única resposta é acelerar o motor ainda parado, como se fôssemos correr ou algo assim. Mas a piada é dele, porque eu já ganhei.

Winter não é suas sobras. Ela é uma joia preciosa demais para ele manter.

— Dirija com segurança agora — eu grito sobre o som de seu motor enquanto bato em seu teto.

Enquanto ele se afasta, jogo meu copo de café vazio pela janela da frente. Só para ser mesquinho.

Então fico aqui, braços cruzados sobre o peito, observando-o disparar até o final da rua. Ele passa pelo sinal de parada como se as regras não se aplicassem a ele. Sua placa diz *DRHEART* e faço uma careta ao vê-la.

Tão idiota.

— Você jogou lixo no carro dele? — Winter grita uma gargalhada da varanda da frente.

— Apenas jogando no lixo, Tink! — Eu me viro, tirando o envelope do gramado e sorrindo para ela. Ela tem Vivi pendurada em seu quadril. Cabelo loiro puxado para trás em uma trança solta, pequenas mechas escapando para emoldurar seu rosto como uma auréola.

O rosto que passo uma quantidade excessiva de tempo olhando, porque nunca me canso.

— Então, agora você conheceu Rob... — ela profere.

— Sim. Que prazer.

Sinceramente, eu o odeio mais do que ele merece. O que quero sentir é indiferença. Mas ainda não cheguei lá.

Eu o odeio porque ele quase teve tudo isso em vez de mim, e as circunstâncias que me trouxeram até aqui ainda parecem tão informais e frágeis. Não sou uma pessoa insegura, mas de vez em quando surge um pensamento. Um pensamento como...

Sem Vivi, Winter estaria interessada em mim?

Eu me saio bem, mas não dirijo um McLaren ou possuo uma enorme McMansion e não fui para a universidade.

Mas eu afasto esses pensamentos. Isso é novo. Esses sentimentos são normais. Além disso, sou eu quem está andando pela calçada da frente até a mulher que está presa na minha cabeça há quase dois anos.

— Não acredito que você se casou com um cara com uma placa personalizada. Essa pode ser a pior parte de tudo.

— Ele achava que era tão espirituoso.

— Posso pensar em muitas palavras para ele, mas depois dessa troca, espirituoso não é uma delas.

— Desculpe. — Winter mordisca o lábio inferior enquanto subo alguns degraus de cada vez para ficar diante dela.

— Winter, peça desculpas por ele novamente, e vou colocar você de joelhos.

Seus olhos se arregalam e eu alcanço Vivi. Preciso de um abraço depois das últimas horas e algo sobre um bebê suave parece diferente. A maneira como ela passa os dedos pela minha barba por fazer. O jeito que ela cheira. A maneira como ela balbucia para mim como se eu entendesse sua pequena e feliz linguagem sem sentido.

— Achei que ele já teria desistido. Ele fez isso com Summer também.

Segurando a parte de trás da cabeça de Winter, pressiono um beijo áspero em sua testa, roçando minha barba contra sua têmpora enquanto a puxo para mim.

Nós três.

Só porque eu posso.

— Bem, o que aconteceu quando ele foi denunciado por tudo isso? Quero dizer, Summer era paciente dele. Uma menor.

Ela se acalma. — Eu nunca o denunciei.

Eu me afasto. — O quê?

Winter suspira, e é um suspiro pesado e exausto. — Eu ia, mas ele me prendeu em um lugar onde não posso, e ele sabe disso.

— Por que você não pode?

Vivi se agita, enjoada de ser carregada. Ela quer engatinhar, cruzar, escalar e canalizar sua ousadia interior. Então, eu pulo no local, esperando que isso a divirta.

— Porque se eu fizer, vai arrastar Summer para isso. Isso é o que sempre me segurou. Ela finalmente está feliz. Finalmente livre de toda essa merda. E não quero fazer isso com ela. Ele sabe que não vou. Essa é a única razão pela qual ele se sente seguro o suficiente para continuar aparecendo aqui.

Eu cerro os dentes. Odeio isso, especialmente para Winter. Mas também odeio isso por mim, porque odeio os sentimentos que isso desperta. Ciúme, insegurança e ansiedade.

Não gosto de Rob Valentine e, mais do que isso, não confio nele.

— Bem, eu disse a ele que está fazendo um ótimo caso para uma ordem de restrição hoje. — Winter acena com a cabeça, torcendo os lábios. — O quê?

— Não sei. Ele é apenas tão... orgulhoso. Eu esperava que ele eventualmente ficasse entediado e se fodesse. Pensei nas coisas que poderia fazer, nas ações que poderia realizar. Mas a verdade é que só quero ser tão inconsequente que ele fique entediado comigo e siga em frente.

Estendo a mão para a porta de tela e a abro para ela passar. — Eu não acho que ele está seguindo em frente.

— Não, eu não acho que ele está — diz ela, enquanto volta para dentro. — Mas vou lidar com isso. Não quero que você se preocupe.

Eu bufo e tranco a porta atrás de nós.

Como posso não me preocupar quando duas das pessoas mais importantes da minha vida estão morando sob este teto e estou a semanas de pegar a estrada novamente?

— Como foi com meu pai?

— Muito satisfatório. Estou oficialmente sem agente e Geoff está desempregado — respondo, tirando minhas botas de amarrar. — E aqui?

Winter está parada no meio da casa, vestindo short jeans rasgado e uma camiseta larga da Hamilton Athletics. Parecendo toda bronzeada e luminosa e minúscula no espaço aberto.

Ela dá de ombros e desvia o olhar, incapaz de encontrar meus olhos. — Honestamente, nós meio que sentimos sua falta.

— Nós? — Eu arqueio uma sobrancelha quando me aproximo dela. — Vivi contou isso a você?

Ela revira os olhos para mim. — Não.

— Então como você sabe? — Eu me elevo sobre ela agora, esperando que ela vire o rosto para o meu. Estou tentando não ter muitas esperanças de que ela possa me dar uma coisinha hoje.

Em um dia em que preciso.

Seu queixo levanta, olhos azuis tão claros, um leve brilho de gloss em seus lábios.

— Ok. Bem. *Eu* senti sua falta — confessa.

E então ela me abraça.

30

Winter

Summer: Que. Porra. Isso é um presente de casamento?

Winter: Risos. É por isso que fiquei chateada por você não ter feito uma abertura formal de presentes. Eu queria ver seu rosto.

Summer: Onde você conseguiu isso?

Winter: Encontrei em uma caixa há muito tempo e peguei.

Summer: ESTA É A PÁGINA ORIGINAL?

Winter: Não. É o anúncio exato que você tinha de Rhett colado na parede, mas ampliado, impresso e esticado na tela. O original está em um envelope colado no verso junto com um voucher de viagem.

Summer: Não conseguimos parar de rir! É tão grande! Eu nem sei onde vou colocar isso. Este é o melhor presente de todos!

Winter: Hahaha. Estou tão feliz que vocês dois adoraram. Eu gostaria de sugerir acima de sua cama. Pelos bons tempos.

Summer: Estou morta. Você me matou. O melhor de todos.

Summer: *foto de Rhett parado ao lado da impressão sorrindo e levantando o polegar*

— Ok, Vivi. Diga *Dada.*

Sentada em sua cadeirinha, Vivi pega pedacinhos de banana e os enfia na boca. Observando-me. Mas não balbuciando. Ultimamente, quando Theo está fora, comecei a tentar fazer com que ela entendesse a palavra. Theo perdeu marcos durante o tempo em que não sabia sobre nós, e sei que isso o deixa triste. Melancólico. Ele não vai se permitir sentir isso. Ele está perpetuamente feliz, e essa merda vai alcançá-lo um dia.

Não é normal.

— *Da-Da* — eu tento novamente.

Ela sorri e aponta para mim. — Mama.

Meu sorriso de resposta é automático. *Mama.* Às vezes, sinto que preciso me beliscar. Eu queria tanto isso por tanto tempo que dificilmente parece real.

— Onde está Dada? — Eu me viro lentamente, observando toda a sala, que tem Vivi respondendo na mesma moeda. Seus dedinhos seguram as laterais da bandeja enquanto seu corpinho gira no lugar.

Ela diz um monte de palavras, mas elas não significam nada. Juntei frases mais coerentes depois de muita tequila.

Mas eu sigo com isso de qualquer maneira.

— Ah, você acha?

Balbucio feliz é a resposta dela.

— Ele está no trabalho agora, do outro lado da pista de trás da academia da tia Summer.

Um pequeno som de pio.

— Você sente falta dele? Honestamente, idem. É estranho. E confuso.

Um zumbido.

— Bem, porque ele é tão bonito, meu cérebro para de funcionar quando ele está por perto. E ele é tão doce que meu coração esquece que já foi tão partido no passado.

Ela joga um pedaço de banana no chão e o barulho molhado faz Peter sair de onde ele estava dormindo para aspirar.

Surdo minha bunda.

— Da!

Minha cabeça se volta para Vivi, mas ela está apontando para Peter.

Decido que *nunca* direi a Theo que tenho quase certeza de que ela disse *cachorro* antes de papai.

— Dada? Devemos ir visitá-lo? Vivi, que ideia maravilhosa.

Então, é isso que eu faço. Pego minha bolsa de ginástica e nosso bebê, levando junto meu cérebro quebrado e coração consertado, e saio pela porta dos fundos para ver Theo.

— Por que agora?

— Porque eu preciso malhar. — Aperto as alças do suporte de bebê nos ombros de Summer.

— Mas... agora mesmo?

— Sim, agora.

Eu não estava mentindo quando disse que sentia falta de Theo esta manhã. E então as coisas ficaram estranhas com Rob e meu pai, então mal conversamos. E, francamente, estou me sentindo um pouco sensível no que diz respeito a Theo Dale Silva.

— Estou treinando agora. — Ela aponta para Rhett e Jasper, que estão conversando na frente de um monte de caixas empilháveis nas quais sei que ela os faz pular.

— Pfft. — Eu fecho o clipe sobre seus ombros. — Eles não contam. Além disso, Vivi me disse que quer ficar com você por um tempo.

Summer olha para a sobrinha e sorri, sua voz mudando para esse doce tom de bebê que ela só usa com Vivienne. — Oh, bem, por que ela simplesmente não disse isso primeiro? Não há ninguém com quem eu prefira ficar.

Vivi sorri, seus dois dentes inferiores se projetando da boca, e ela solta uma risada borbulhante.

— Até mesmo Theo está ocupado. Estamos sempre ocupados de agora até a hora do jantar. Você apenas...

Eu a afasto e avalio o lugar por Theo. Eu sei que ele vem aqui à tarde para trabalhar. Nunca pensei duas vezes sobre isso, mas ele parecia nervoso quando saiu da minha casa hoje.

Ele não me beijou. Ele apenas disse: Eu tenho clientes. Estarei de volta para fazer o jantar para vocês. Ele piscou, mas depois saiu. E minha mente fez aquilo que faz quando imaginou todos os lugares que ele poderia ir, e com quem ele poderia estar, e se ele encontrasse alguém menos complicado e inseguro do que eu?

E quem poderia culpá-lo por querer isso?

Então, decidi que a melhor maneira de aliviar minha mente era vir ver com meus próprios olhos que ele estava na academia. Trabalhando. E não transando com uma gostosa de vinte anos com seios simétricos.

— Você está procurando por Theo?

— Sim.

— Ele está ali. — Summer inclina a cabeça em direção ao canto oposto da área, onde Theo está olhando para o relógio enquanto uma garota gostosa de vinte anos com seios muito grandes e uniformes empurra um trenó de metal com placas pesadas pelo chão.

— Você treina coelhinhas da Playboy aqui também?

Summer bufa. — Não, mas com todos os atletas que treinam aqui agora, eu estaria mentindo se dissesse que a clientela feminina não ganhou uma vibe diferente. Costumava ser as velhinhas em suas aulas de Zumba olhando boquiabertas. Agora, tenho meninas que saem da cidade para treinar aqui várias vezes por semana.

— Bem, huh. — Eu olho para minhas unhas, tentando decidir que cor vou usar a seguir. Talvez verde, para combinar com o que

estou sentindo agora. — Tenho certeza de que isso é ótimo para os negócios.

— Winter... — Há um calor na voz da minha irmãzinha. — Você está com...

— Ciúme? — eu sussurro-grito. — Insanamente. Todas as clientes dele são tão gostosas?

Summer ri. Ela *ri* de mim e da minha espiral. — Win, eu nunca vi você tão esquentada por... qualquer coisa. Isso é adorável.

— Cale a boca. — Meus lábios se contraem.

— Estou apenas tão feliz!

— Summer, vá ser sentimental em outro lugar. Isso me deixa desconfortável.

Sua cabeça inclina para trás e ela solta uma risada ainda mais alta, nem um pouco ofendida por mim, antes de voltar a torturar seu novo marido e seu amigo da família com sua sobrinha nos braços.

E eu? Eu faço a rotina que Theo montou para mim. Hoje pode não ser prova disso, mas me sinto melhor cada vez que venho aqui. Um pouco mais calma. Um pouco mais confiante. Um pouco mais no controle da minha vida.

Do leg press, espio para ele, perguntando-me se eu deveria ter dito oi. Decido que parece mais insano do que isso já é.

Quando termino outra série, dou outra olhada ao redor da borda do prato em que pressiono meus pés. Ele não me notou, o que é bom. Ele parece concentrado. Perfeitamente profissional.

Faço uma pausa na espionagem quando suas mãos tocam os ombros da mulher para ajustar sua posição.

É assim que funciona todo o meu treino – rap berrando em meus fones de ouvido, olhos vagando para Theo Silva e depois desejando que não o tivessem feito.

Sinto-me cansada de minha operação secreta e desisto de ser discreta. Estou deitada no *banco* fazendo minha última série de abdominais quando Theo se aproxima.

Ele se agacha ao lado do meu corpo, uma mão quente sobre meu joelho, respiração quente contra a concha da minha orelha enquanto mantenho meu olhar fixo no teto. — Com licença, senhora? Gostaria de lembrá-la de higienizar este banco. Da última vez que você o usou — sua voz fica mais baixa — você gozou com tanta força que molhou meu rosto.

Minhas bochechas ficam vermelhas. — Essa piada fica cada vez menos engraçada.

— Não. Não fica. — Sua barba por fazer roça minha orelha.

— O que você está fazendo? Você não está trabalhando?

— Sim, mas então vi você. Não sabia que você estava aqui. E eu não ia continuar sem vir dar um oi para minha garota.

Eu me viro e finalmente faço contato visual. — Eu sou?

— Você é o quê?

— Sua garota?

— Isso é o que eu continuo tentando dizer a você. Preciso verificar sua audição. Levar você e Peter ao veterinário de uma vez por todas.

— Eu só não sabia se nós éramos como... uma *coisa*. Como em público e tudo mais. — Minha mão acena nervosamente enquanto eu pulo completamente sua piada.

— Oh. Hum... — Ele se recosta, olhando ao redor da academia. E desvio o olhar, aquela vozinha maldosa na minha cabeça dizendo: *Viu? Eu disse a você.*

Seus dedos firmes agarram meu queixo e viram meu rosto de volta para ele. — Winter, nós somos uma coisa. Nós somos *a* coisa. Nós somos *isso.*

E então ele me beija. No meio da academia. Quando ele deveria estar prestando atenção na garota com os seios simétricos.

Ele *me* encontra.

Ele *me* beija.

Ele pertence a *mim.*

Eu pensei que tinha isso uma vez quando não tinha.

Mas o homem que está me beijando agora? Ao ar livre por mais tempo do que o apropriado?

Ele não é o mesmo homem.

Ele é melhor.

Sua língua dá um golpe final em minha boca antes de se afastar, olhos brilhantes de ônix hiperfocados em meu rosto. — Eu paro às sete. Então vamos sair.

— Sair?

— Sim. Jantar. Um bar. Algo. Um encontro.

— Um encontro?

Ele sorri, erguendo-se para ficar em cima de mim. — Sim. Ainda não fizemos um desses, não é? Use um vestido vulgar para mim.

— Vamos tomar tequila de novo?

Ele se vira com uma risada estrondosa. — Claro, Tink. Vou lambê-la de você quando chegarmos em casa — é o que ele diz de volta.

Alto o suficiente para que as pessoas olhem. E eu nem me importo.



— Uma dança.

Como eu o deixei me convencer a vir aqui depois do nosso belo jantar de carne? O Railspur é um grande bar rural na cidade. Tem vibrações ocidentais elevadas com acessórios industriais e acabamentos em madeira quente. Também está cheio.

— Theo.

Ele disse que queria me exibir. É assim que foi. E eu caí nessa. Anzol, linha e chumbada.

— Winter.

— É um bar country. Eu não sei como — aponto para a movimentada pista de dança — o que quer que seja. Você sabe?

— Dois passos[2]?

— Sim. Você nem parece tão country para mim.

Seu rosto se contrai. — Cresci em um rancho. Eu monto touros para viver. O que mais você quer de mim?

— Não sei. Você sempre usa botas de combate e uma camiseta justa. E flanela ou qualquer outra coisa. Onde estão as Wranglers? Onde está o chapéu de cowboy?

— Esse é o meu uniforme no trabalho. Parte do esporte. Eu não tenho que me vestir assim o tempo todo. Devo pegar um sotaque vibrante do Texas e começar a manter um pedaço de feno entre os dentes? Devo aprender a tocar banjo?

Eu estremeço. — Não. Por favor, não. Aquele garoto do *Deliverance* realmente arruinou o instrumento para mim.

Ele empurra a mão para mim. — Vamos.

Ele já está me arrastando para a multidão de pessoas. Sei que nossos amigos também estão aqui, porque *por acaso* eles estavam no bar quando chegamos depois do jantar. Summer, Willa, Sloane. Todos os garotos. Aparentemente, as segundas-feiras são as novas sextas-feiras.

— Certo, tudo bem. *Uma dança.* Mas só porque você se recusou a me deixar pagar o jantar.

[2] Estilo de dança country americano.

Ele zomba, virando-me para encará-lo. Uma mão pousa na minha cintura e a outra segura suavemente meus dedos. Ele é tão fácil. Tão reconfortante.

— Guarde isso. Paguei o jantar para que você fizesse sexo comigo mais tarde.

Tão ridículo que me faz rir.

Tão charmoso que ficamos para mais de uma dança. Ficamos até eu ficar sem fôlego e tonta, e sentir meu cabelo úmido na nuca.

Ele me prendeu, ele me mergulhou, ele me beijou. Ele me exibiu.

Nunca me senti tão querida quanto no meio de uma pista de dança movimentada, cercada por pessoas que não conheço e com as mãos de Theo em cima de mim.

Também nunca senti tanto tesão, porque Theo sabe *dançar.* Suas habilidades na pista de dança são tão impressionantes que me fazem parecer que também posso dançar.

— Onde você aprendeu a dançar assim?

Ele sorri, um olhar distante em seus olhos. — Meus pais. Eles estavam sempre dançando. Meu pai era um ótimo dançarino.

— Sim? Você não fala muito sobre ele.

Ele me puxa para mais perto. — Ele morreu montando touros. Ainda pretendo ganhar um campeonato como ele – esse é o meu objetivo. Mas acho que se eu me deixar falar muito sobre ele, vou começar a me perguntar o que diabos estou fazendo para atacar um touro que quer me matar dezenas de vezes todos os anos.

Eu suspeito que há mais camadas do que isso. Suspeito que Theo tem seu próprio conjunto de problemas com o pai, tem marcas a acertar para se sentir digno do legado de seu pai. Porque com base em todas as pesquisas na internet que fiz depois que descobri a gravidez, o pai dele foi um dos melhores. Uma lenda. Um dos primeiros cavaleiros brasileiros a realmente marcar presença no circuito norte-americano.

— É por isso que você se tornou um cavaleiro?

— Sim. Eu era como sua sombra. Sempre quis fazer tudo o que ele fazia.

— Quão perto você está de chegar às finais este ano? Após esse tempo de folga, você está muito atrás em pontos?

Ele inclina a cabeça para baixo enquanto tenta dar uma boa olhada no meu rosto. — Tink, por que parece que você sabe uma ou duas coisas sobre o WBRF?

Meus lábios se curvam contra seu peito. — Pode ter havido alguma pesquisa do Google realizada em um ponto ou outro.

Eu sinto o estrondo profundo em seu peito. — Então... perseguição na internet.

— Pesquisa.

— Certo. Claro. Isso soa muito mais acadêmico, muito menos perturbador.

— Eu não sou perturbadora.

— É por isso que você estava me stalkeando por trás do leg press hoje?

Oh, meu Deus.

— Cale a boca, Theo.

— Vi um pequeno flash de cabelo loiro e olhos azuis entre todas aquelas máquinas de metal. Foi adorável. Vamos chamar isso de pesquisa também? — Eu gemo contra seu peito. — Esperta, bonita, mas não furtiva.

Eu me endireito. — Nova regra, você só treina pessoas que são menos bonitas do que eu.

Seus olhos fazem uma reviravolta dramática. — Isso são todos, Tink. Você me arruinou. Você não entendeu? Eu só vejo você. Você tem toda a minha atenção. Cada pedacinho dela.

— Eu?

— Sim. Você e suas frases sarcásticas. E o jeito que você fica rabugenta de manhã até eu levar um café para você. E aquela voz boba que você usa quando fala com Vivi. Como você é doce sob toda essa indiferença profissional. Eu até gosto quando você me persegue. Faz eu me sentir especial. — Ele pisca.

Reviro os olhos e tento conter um sorriso. — Eu não sou doce.

— Você é. Eu provei você. E agora quero de novo. Vamos dar o fora daqui.

31

Winter

Summer: MAIS BEBÊS!

Willa: Isso é uma referência a Theo apenas arrastando Winter para fora daqui como um homem das cavernas com tesão?

Summer: Merda. Eu não queria colocar isso no chat em grupo.

Willa: Uau. Vocês têm um chat de irmãs?

Summer: *emoji de saudação*

Sloane: O que é esse emoji? Sempre parece um pau na testa para mim.

Willa: Desculpe, como assim?

Sloane: Ou um perfil lateral de Pinóquio.

Summer: Sloane... é uma mão. Saudando. Como SIM, SENHOR!

Sloane: Sério? Estou olhando mais de perto agora. *emoji de saudação*

Willa: Uma porra de pau na cara? Pinóquio? Existem pequenas protuberâncias que mostram os dedos. Alguém precisa tirar sua cerveja.

Sloane: Enfim, espero que Winter esteja levando um pau na cara agora.

Willa: Boa maneira de mudar de assunto.

Sloane: *emoji de saudação*



Theo abre a porta do lado do passageiro de sua caminhonete, mas, em vez de me deixar entrar, ele avança e entra na caminhonete.

— O que você está...

Antes que possa terminar minha pergunta, ele me levanta como se eu não pesasse nada e me posiciona escarranchada em seu colo, batendo a porta da caminhonete.

— O que você.... — tento de novo, os dedos já deslizando por sua nuca, fazendo cócegas na base de seu cabelo curto. Mas ele me beija, roubando todas as palavras ou pensamentos coerentes da minha boca.

— Não há como eu chegar em casa sem entrar em você primeiro. Este vestido tem me deixado duro a noite toda.

— Você me disse para usar algo vulgar. — Eu rio contra seus lábios, voltando para mais. — Mas este é um estacionamento movimentado.

— E? — Sua boca se arrasta para baixo do lado do meu pescoço, em direção à linha da minha mandíbula, enquanto suas mãos viajam sob o vestido solto de boneca que escolhi para esta

noite. É fluido com detalhes em renda. Cada alça do corpete se amarra em um laço na crista dos meus ombros.

Fica muito fofo com minhas botas de caubói.

— Alguém pode nos ver.

Sua mão puxa minha calcinha para o lado, acariciando-me. E eu já estou molhada.

— Bom. Você não descobriu que eu tenho uma queda por isso? Vá em frente. Seja barulhenta. — Sua boca trabalha em minhas clavículas. — Espero que alguém veja você cavalgando meu pau. Gritando meu nome. Espero que digam a todos. Imprimam em qualquer jornalzinho de merda que eles tenham nesta cidade. Ponham um outdoor na estrada.

— Rude. — Eu solto uma risada quando ele puxa para baixo uma alça e pega meu mamilo em sua boca, lambendo e circulando. Meus quadris balançam quando ele morde o pico sensível antes de puxar a alça oposta para baixo para dar atenção igual a ambos os lados.

Ele se inclina para trás para me admirar, os seios nus e arfantes. — Tão linda *pra* caralho.

E com seus olhos em mim, eu me sinto linda. Não gostaria que estivesse mais escuro. Não gostaria que ele se apressasse e desviasse os olhos para outro lugar. Eu poderia me deitar nua na frente dele e me deliciar com a maneira como ele aprecia meu corpo.

De repente, a necessidade de senti-lo dentro de mim é avassaladora. Minhas mãos estão em seu jeans. Seu cinto. Ele está

levantando os quadris. Estou puxando-o para baixo. Ele está segurando seu comprimento e correndo a cabeça grossa dele através do meu núcleo molhado.

Estou impaciente. Com uma mão em cada um de seus ombros, eu afundo um centímetro. Ele está encaixado dentro de mim, e minha cabeça cai para trás em alívio.

— Sim — eu respiro.

— Tão apertada. — Ele não se mexe, mas geme.

Desço mais um centímetro e suas mãos agarram minha bunda. Um leve tremor se move através delas enquanto ele me acaricia. — Você está tentando me matar, Tink?

Eu não respondo, optando por deixar cair meus lábios em seu pescoço, para beijá-lo do jeito que ele me beijou.

A depressão na base de sua garganta.

A protuberância e cicatriz em sua clavícula.

De volta ao seu ouvido, onde eu o mordo e sussurro: — Ninguém nunca me fez sentir tão bem. Como se eu não precisasse mudar ou me consertar. Como se eu não precisasse ser salva. Tudo é tão apressado com a gente às vezes. Eu só quero saborear você por um minuto.

Eu beijo sua barba por fazer. Ao lado de sua boca. Ele não responde, mas não lhe dou chance, porque pressiono minha boca na dele em um beijo ardente enquanto me abaixo lentamente. Minhas mãos se movem sobre seus peitorais e ombros enquanto as dele percorrem minhas costas, sempre voltando para apertar minha bunda.

Ele geme em minha boca quando finalmente caio em seu comprimento total. Eu o sinto inchar dentro de mim, preenchendo cada espaço. Como se ele fosse feito para mim.

— Theo. — Eu me aninho em seu pescoço, arqueando minhas costas para empurrar minha bunda em seu aperto enquanto giro meus quadris.

— Você descobriu como se fazer gozar desde aquela noite?

— Sim.

Uma e outra vez enquanto eu pensava em você e na maneira como você me fez ver as estrelas.

— Mostre-me. — Ele junta a saia do meu vestido e a prende em meus quadris. — Incline-se para trás. Brinque com sua boceta e goze no meu pau. Quero ver você de novo.

Meu corpo inteiro fica vermelho de calor e não hesito.

O porta-luvas não está muito atrás de mim, e eu me endireito até senti-lo fresco e macio contra minhas costas. Theo encosta ligeiramente no assento para se acomodar.

Ele parece ainda mais grosso dentro de mim, levando-me ao meu limite. Uma onda de umidade escoa de mim, e abaixo minha mão, espalhando-a sobre nós.

Eu traço um dedo sobre onde minha pele encontra a dele. Macio e duro. Seus quadris se movem e eu o sinto. Eu me sinto.

A maneira como nos encaixamos.

— Porra, Winter. Você não tem ideia do que faz comigo. — Seus olhos brilham em mim, deixando um rastro de faíscas em seu caminho.

Eu movo meus dedos sobre a base de seu eixo enquanto ele me fode lenta e superficialmente. É gostoso. É sem pressa. Sinto que posso explorá-lo. Explorar-nos.

Sinto que tenho todo o tempo do mundo, porque estou suspeitando que estamos fazendo mais do que apenas tentar isso.

Estamos parecendo muito permanentes. O sexo é novo, mas aprender a precisar dele esteve em formação durante todo o verão.

Deslizo meus dedos até meu clitóris e pressiono com força, queixo inclinado para baixo, enquanto observo os quadris de Theo flexionarem enquanto ele desliza para dentro e para fora de mim. Eu não posso desviar o olhar. É... sexy observá-lo empurrar em meu corpo.

Sem vergonha, esfrego meu clitóris em círculos firmes, usando um dedo e depois dois. Então para frente e para trás, mais rapidamente.

— Você gosta de como fica tomando um pau, Winter?

Eu nem sequer olho para ele, ainda observando seu comprimento venoso empurrando em um ritmo lento e uniforme. Esfrego meu clitóris, mais frenético agora. — Gosto de como fico tomando *seu* pau.

Seus quadris saltam e ele me bate fundo, empurrando-me contra o painel. Uma mão na parte interna da minha coxa me abre mais, enquanto a outra segura meu quadril com força.

— Bom. Porque é o único pau que você vai ter.

Então nós dois perdemos o controle. Somos um emaranhado de membros. Palavrões. Gemidos. Nomes sussurrados e movimentos bruscos. Tudo parece a sinfonia perfeita. O crescendo perfeito.

Doce encontra imundo.

O lento encontra o duro.

Sua boca se inclina sobre a minha e ele sussurra: — Espero que você esteja tomando anticoncepcional desta vez, porque você vai pingar meu esperma durante todo o caminho para casa.

E isso é tudo o que é preciso. Suas palavras. Seu pau. Meus dedos. Explodimos juntos. Um flash de luz. Uma onda de calor. Tremores, suor e respiração pesada.

Eu sinto meu corpo apertar forte sobre ele. Eu o sinto pulsar dentro de mim. Meu corpo formiga em partes que nunca notei.

Eu sinto *tudo.*

E quando ele me aperta contra seu peito, eu me sinto amada.

Ele me segura, nossa respiração errática, enquanto cuidadosamente coloca minha saia sobre onde estamos unidos bem quando ouço...

Vozes.

— Theo...

— Winter, ignore. Apenas cale a boca e me beije. Você está segura comigo.

Ele se senta ereto, passa os dedos pelo lado do meu cabelo mais próximo da janela e reivindica minha boca com uma paixão de partir o coração. Ouço as pessoas ao nosso lado, mas não olho. Estou toda de olhos em Theo, corpo em perfeita sintonia com o dele.

Eu ouço risadas seguidas por: — Aquelas pessoas estão transando!

E sorrio no beijo.

Eles não sabem que estamos fazendo muito mais que transar.

Ou que o que aconteceu entre nós aqui esta noite pareceu muito mais do que sexo.

32

Theo

Theo: Como está seu banho?

Winter: Bom.

Theo: Apenas bom?

Winter: Estava tranquilo até você me mandar uma mensagem.

Theo: O que você está fazendo?

Winter: Estou me divertindo. Vá embora.

Theo: Mande uma foto e deixo você em paz.

Winter: O que você vai fazer com isso?

Theo: Emoldurar.

Eu entrego a Winter seu café matinal onde ela está encostada na ilha da cozinha e pressiono um beijo suave contra sua boca de veludo. Eu sinto seu sorriso, embora nós dois saibamos que vou voltar para a estrada hoje. — Como foi seu banho?

Peter se senta aos pés dela, olhando para ela como se ele fosse o apaixonado. Não sei como ela passou de considerá-lo como se ele estivesse doente, para levá-lo a todos os lugares com ela e alimentá-lo com todas as coisas que um cachorro não deve comer. Nas últimas semanas morando juntos em tempo integral, ele e Winter se tornaram inseparáveis.

Ela já parece rosada por ficar sentada na água quente, então é difícil dizer se ela está corando. Mas a julgar pela maneira como seus olhos caem para a caneca de café em suas mãos e pela maneira como ela toma um gole profundo para evitar me responder, seu banho foi *bom.*

Tenho a foto para provar.

— Se você tivesse me avisado, eu poderia ter deixado Vivi com minha mãe e vindo assistir ao show.

— Theo... — Seus olhos se voltam para Vivi, que tem uma mão apoiada em meu joelho enquanto ela dá pequenos passos para longe de mim, testando os limites de seu engatinhar. — Orelhas jovens. E você teve um show ontem à noite.

— *Winter* — imito sua voz, rindo quando ela revira os olhos para mim. — Eu não disse nada. Nós dois sabemos que o culpado por falar como um caminhoneiro na frente dela é você. E hoje é um novo dia, aquele show foi *ontem.* Eu tenho necessidades.

— Você é tão safa... — Ela para, seus olhos fixos no chão.

Quando sigo seu olhar, também congelo.

Vivi está *andando.* Como uma pequena pessoa bêbada com os braços estendidos para as pernas da mãe. Há semanas ela anda

se apoiando no sofá, na mesa, ao longo da parede. Eu a convenci a dar aquele pequeno passo sem segurar meu dedo, mas ela simplesmente não estava *lá.*

No que parece um movimento que está quase caindo em Winter, ela caminha, erguendo o rosto para nos encarar. Seus olhos escuros se arregalam em choque ao mesmo tempo em que sua boca se abre no formato de "O" mais histérico, como se ela não pudesse acreditar.

— Você conseguiu! — Winter grita, virando-se para colocar o café na mesa.

Vivi ri e bate palmas, parecendo tão orgulhosa de si mesma.

Eu me agacho para ela e levanto minha mão. — Toca aqui, menina! Em seguida, montando em touros.

Ela dá um tapa na minha mão e ri ainda mais. O desejo de pegá-la é forte, mas parece a maneira errada de comemorar esse marco. Como cortar as asas no minuto em que aprendeu a usá-las. Então, fico de joelhos e a aperto em um abraço. Ela se contorce quando sopro um beijo em seu pescoço.

— Oh, meu Deus. — Winter está olhando para baixo, orgulho e horror guerreando em seu rosto.

— O quê?

— Estava tão animada para ela andar. É como se não tivesse percebido o quão fodida eu estaria quando ela pudesse. Como... como você controla um humano sem senso de autopreservação que pode *andar?* Correr? Sem contar montar um touro.

Eu não posso evitar. Eu rio.

— Não é engraçado, Theo! Ela já tem essa veia maluca de Silva nela. Você não a viu outro dia? Eu me virei por uns dez segundos e ela usou uma cadeira para subir no balcão.

— Eu sei. Eu estava observando-a descobrir como chegar lá para pegar um biscoito. Ela estava bem. Realmente meio impressionante se você pensar sobre isso. Pegou o cérebro da mãe dela.

— O que vai ser impressionante é eu mantê-la viva com você longe. Fiquei mole tendo você por perto. Tenho que impedi-la de praticar parkour infantil *e* vou ter que pegar meu próprio café. É uma besteira total se você pensar sobre isso.

Ela está brincando, mas há um fio de verdade aí. Vivemos em um mundo feliz desde que deixei claro para Winter que estávamos juntos.

Não houve muita conversa sobre isso. Nós meio que afundamos no calor desse novo normal. Minha mãe ainda mora ao lado por algumas semanas antes de precisar voltar para Emerald Lake, o que é uma bênção *e* uma maldição. E lenta, mas seguramente, mudei minhas coisas para esta casa.

Winter é engraçada. De vez em quando, ela esvazia uma gaveta e a deixa aberta. Um convite silencioso para mover mais das minhas coisas. É como se ela ainda não conseguisse acreditar que tudo isso conosco é real, que isso é algo maior. Embora eu possa dizer que sim pela maneira como ela se agarra a mim a noite toda. A maneira como ela casualmente passa pela academia enquanto estou trabalhando apenas para dizer oi – e encarar minhas clientes.

Mas estamos à beira da mudança hoje.

— Talvez eu tire mais uma semana de folga — anuncio enquanto olho nos olhos da minha filha. Ela ainda está aqui e nos ouvindo, a cabeça girando para frente e para trás como se ela fizesse parte da conversa.

— Você não vai.

Eu pulo com a mordida na voz de Winter. — Perdão?

Ela levanta o dedo para apontar para mim. — Sem chance. Ouça-me, Theo Dale Silva. E ouça com atenção. Você vai para qualquer cidadezinha de merda que precisa ir...

— É Billings, Montana, Tink.

— A única coisa que conheço sobre Montana é *Yellowstone.*

— O Parque Nacional?

Ela zomba. — Não, o seriado. Então você vai para Dutton Ranch ou onde quer que seja, e você vai chutar todos os seus traseiros caipiras.

Eu cruzo meus braços e mudo para apoiar um quadril contra o balcão e encará-la. — É assim?

— Sim, é assim. Porque você pode limpar o chão com eles. E você quer isso o suficiente para fazer acontecer. E não quero contar a Vivi algum dia que seu pai desistiu de seus sonhos porque sua mãe se tornou terrivelmente carente e codependente.

Eu solto uma risada. — Você tem a maneira mais estranha de me dizer que *mais do que gosta de mim*, Dra. Hamilton. Você não está preocupada que eu me machuque?

Ela acena para mim e toma um gole de seu café. — Não. Você é muito teimoso. Manifeste essa merda, Theo. Eu quero que você ganhe. Eu mesma vou consertar você se você se machucar, e então eu mesma vou amarrá-lo em um touro se for preciso.

Meus lábios se contraem. — Isso soa meio sexy, se estou sendo honesto. Como uma médica sexy com um fetiche por bondage...

Ela aponta para Vivi, que está olhando para mim com olhos castanhos impossivelmente grandes, expressão facial impressionada como se eu tivesse pendurado a lua.

Isso me atinge no peito como um aríete.

A razão pela qual não quero partir não é apenas porque não quero deixar Winter.

É porque estou perdidamente apaixonado por essa garotinha. Essa garotinha que eu mal conhecia alguns meses atrás. Essa garotinha que se tornou meu mundo inteiro sem nem mesmo tentar.

A razão pela qual não quero ir embora é que não quero perder nada.

Um primeiro passo.

Uma primeira palavra.

Um primeiro machucado.

Não quero perder nada, porque já perdi muito.

— Theo... — A voz de Winter é suave agora, e seus dedos macios e finos deslizam entre os meus, apertando suavemente. — Nós vamos ficar bem. Ficaremos muito felizes quando você voltar. Mas

vamos sobreviver sem você. Você precisa fazer isso. Você vai se arrepender de não ter feito isso.

Eu pisco. — E se não ganhar este ano? Então vou embora ano que vem também.

— Então estaremos aqui esperando você voltar para casa no próximo ano também. Também estou com medo de voltar ao trabalho. Mas o mundo não para. Os sonhos não evaporam. Nós vamos descobrir isso.

Ela engole, sua garganta trabalhando. Eu posso dizer que ela não terminou, mas está tendo uma conversa interior consigo mesma para colocar as palavras para fora. — Como uma família.

Aquele aríete ataca novamente. Winter está tão amarrada que às vezes esses comentários parecem como se um nó em sua mente se soltasse. Que ela está endireitando as coisas em sua cabeça enquanto ela vai também.

Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça.

— Mas Theo? — Ela me puxa para mais perto, a mão deslizando pelo meu peito.

— Sim?

— Eu realmente acho que o plano deveria ser você vencer este ano *e* no próximo ano.

Winter não me disse que me ama, mas este comentário me diz que sim. Que ela quer que eu faça coisas que são importantes para mim. Que ela estará aqui quando eu as fizer. Que ela não está aqui para me segurar. Que ela não precisa apenas de mim para ajudar com Vivi – ela entende que preciso me sentir realizado.

Vivi puxa minha calça jeans com alguma frase truncada.

Eu me agacho de volta para ela instantaneamente. — É mesmo? Vou sentir sua falta também. Muito.

Não importa que sejam apenas algumas semanas. Vai parecer uma vida inteira. Aposto que ela estará maior quando eu voltar. Andando sem problemas, não apenas por alguns passos entre mim e a mãe.

Uma de suas pequenas mãos dá um tapinha na minha bochecha em resposta.

Eu sou uma bagunça emocional. Esses últimos dois meses me colocaram na porra da campainha, e não tenho certeza se processei tudo completamente. Mergulhei no fundo do poço e comecei a nadar.

Então, seguro as bochechas de querubim da minha filha e conto a ela o que meu pai costumava me dizer antes de ir embora. As últimas palavras que ele me disse.

— *Te vivo,* garotinha.

Ela pisca os cílios e me estuda, seus pequenos lábios em forma de arco curvados em um sorriso que me parece sábio além de seus anos. Meses?

Então ela sopra com a língua na parte interna do meu braço e o momento evapora. Divertida, ela se vira para o outro lado e faz o mesmo na perna nua de Winter. Ela continua praticando como se estivesse aprendendo um novo instrumento.

Quando olho para Winter, sua cabeça se inclina. — O que isso significa?

— O quê? — Eu bagunço o cabelo de Vivi e me levanto.

— O que você acabou de dizer a ela.

— *Te vivo?* — Winter acena. — É português. Meu pai costumava dizer isso para minha irmã e para mim. Infelizmente, é uma das únicas coisas em português que conheço. Significa 'eu vivo você' ou algo nesse sentido.

— Você quer dizer eu amo você?

— Não. — Esfrego minha barba por fazer e olho para nossa filha, que agora está se divertindo jogando seu jogo favorito com Peter e sua galinha de borracha em miniatura. — Isso significa... eu *vivo* você. Como vejo você em todos os lugares, você está em tudo. Nossa conexão é mais do que física.

— Hum. — Winter suspira, olhando para nossa filha. — Eu amo isso. Mas também... por que o inglês é a língua menos romântica do mundo? Diga-me mais coisas em português.

— Gostaria de saber mais. Meu pai estava tão focado em mergulhar na cultura norte-americana que realmente não recebemos muito de sua herança.

Uma pequena carranca toca o rosto de Winter. — Isso é uma vergonha. Talvez possamos ir um dia.

— Para onde?

— Para o Brasil. Ensinar Vivi sobre seu avô.

Não, Winter pode não dizer as palavras, mas ela expressa seu amor de maneiras diferentes. Ela incorpora isso tão facilmente.

Quando finalmente faço as malas para ir para o aeroporto naquela tarde, eu a pego em meus braços e a beijo com força, sussurrando em seu ouvido: — *Te vivo,* Winter Hamilton.

Eu afasto todos os instintos que querem me arrastar de volta para casa para ficar com minhas garotas e desço os degraus da frente. Eu disse a mim mesmo que não olharia de volta para elas. Eu já sei que Winter tem Vivi apoiada em seu quadril. Eu já sei que ela está acenando com uma pequena mão enquanto Winter se inclina contra o batente da porta, parecendo muito linda com suas pernas nuas e tonificadas em exibição em um vestido estilo camiseta macio.

Disse a mim mesmo que não olharia para trás.

Mas quando ouço a voz de Winter, toda grossa e rouca, dizer: — *Te vivo,* Theo Dale Silva. Chute alguns traseiros neste fim de semana — eu falho miseravelmente.

Não consegui tirar os olhos daquela mulher desde o primeiro dia, não tenho certeza de quem eu estava enganando, pensando que seria forte o suficiente para começar agora.

33

Winter

Winter: Boa sorte esta noite. Quebre a perna.

Theo: Nem sempre é a melhor coisa a se dizer para um cavaleiro, Tink.

Winter: Eu não disse quebre a clavícula.

Theo: Hilário.

Winter: Se você ganhar, vou dar a você um boquete no carro na próxima vez que sairmos.

Theo: Esse tipo de motivação REALMENTE funciona para mim.

Winter: Lol. Incrível. E Theo?

Theo: Sim?

Winter: Sinto sua falta.

— Bom — eu digo quando um homem que não conheço é empurrado para a terra como um dardo de jardim.

— Winter, você me assusta. — Sloane ri.

Theo está fora há dois dias e eu estou agindo calma. Mas estou muito nervosa com sua primeira competição de volta. Minha capacidade de transformar qualquer coisa em uma competição realmente surgiu namorando um atleta.

— Vamos. Diga-me que você não amaldiçoa todo cara que consegue passar o disco por Jasper.

— Justo.

— Você não está nervosa? — Summer pergunta do outro lado do sofá.

— Sim. Quero tanto que ele vença que mal consigo ficar parada.

— Não, como sobre ele se machucar — minha irmã esclarece. — Eu mal conseguia ver Rhett subir em um touro sem sentir que ia vomitar. Ele treinando agora é perfeito. Talvez Theo possa treinar.

— Sem chance. — Ele não pode ganhar tudo se voltar a ser treinador.

— Por que não?

— Porque ele ainda não está velho e acabado. Deixe o homem viver, Summer. Ele não precisa de outra mãe — Willa fala.

Ela está sentada no tapete com Vivi e Emma, que estão ocupadas brincando com um conjunto completo de My Little Ponies. Aparentemente, Cade não consegue parar de comprá-los para Emma, o que significa que há um número alarmante espalhado pelo chão.

Um rebanho inteiro de arco-íris e brilhos.

Loretta ri, sentada na poltrona que passou a ser dela. Peter está encolhido em seu colo. A ideia de ela partir logo faz meu peito doer. Eu sei que ela tem sua própria vida em Emerald Lake, mas ela preencheu uma lacuna em meu coração nas últimas semanas.

Ela parece como a mãe que eu deveria ter tido.

Decidi que vou aproveitar o máximo que puder com ela enquanto Theo estiver fora. Ela está me ajudando a planejar o primeiro aniversário de Vivi, mas vai embora no dia seguinte. Ela diz que será uma maneira divertida e comemorativa de marcar sua partida.

Mas não tenho tanta certeza de que funcionará para mim.

— Theo é muito capaz. Ele conhece seu corpo. — Os olhos de Loretta encontram os meus. — Ele cresceu muito nos últimos anos. Acho que ele fará escolhas inteligentes lá em cima; ele tem muitos motivos para voltar para casa em segurança.

Minha garganta está apertada. Presumo que o marido dela também tinha muitos motivos para voltar para casa em segurança.

Mas ele não voltou.

— Ali está ele! — Sloane se inclina para frente em sua cadeira, e eu sigo o exemplo, meus olhos vasculhando a tela grande em nossa sala de estar.

Vejo Theo escalando os painéis de metal. A camisa creme que ele está vestindo não faz nada além de coisas boas para sua pele bronzeada e sedutoras feições escuras. Ele está usando um chapéu de cowboy preto, mas tem um capacete preto na mão.

Ele os troca com Rhett, que está apoiado no portão ao lado dele. Eu posso vê-los trocando palavras, mas estou muito surpresa com a visão de Theo para tentar fazer leitura labial.

Ele parece gostoso *pra* caralho, como uma pessoa totalmente diferente. Como... uma experiência totalmente diferente da que tenho em casa.

A calça de Theo é de um azul cremoso com estrelas pretas e seu colete protetor é preto para combinar com suas botas. Seu rosto é puro foco – com um toque de maldade.

Como se eu fosse deitar nua na terra para esta versão dele.

— Ok, é minha vez de dizer *bem* agora que Emmett não ficou. — Summer desvia minha atenção de Theo e Rhett no fundo para o cavaleiro loiro saindo do ringue.

— Por quê?

— Porque Emmett Bush é um babaca.

— Emmett, quem você quase deixou tomar shots de seus seios? — Willa pergunta enquanto coloca uma batata frita na boca da tigela sobre a mesa.

Summer fica rosa brilhante. — Eu estava chateada naquela noite.

Todas nós rimos, porque ouvimos a história. Irritada é o código para: ela estava tentando deixar Rhett com ciúme. Com base na maneira como ela cora toda vez que o assunto surge, vou presumir que funcionou.

Volto minha atenção para a TV e acabo me ajoelhando no chão atrás de Vivi. — Olhe. — Eu aponto para a TV. — Ali está o papai.

Sua cabeça vira, e juro que ela olha um pouco mais de perto.

Esfrego seus ombros apenas para dar às minhas mãos algo para fazer enquanto os vejo carregar um touro branco bastante feio com pele rosada ao redor dos olhos e um padrão de respingos pretos em toda a pelagem. Parece mau.

Quanto mais eles resistem, mais chance ele tem de conseguir uma boa pontuação, então decido que é uma coisa positiva.

Minhas palmas suam. Eu mordo minha bochecha interna com força suficiente para fazê-la sangrar enquanto Theo abaixa o capacete sobre seu belo rosto. O capacete obscurece a maior parte de suas feições, mas vejo aqueles olhos de ônix olhando ao redor até parecer que estão bem diante da câmera.

Não posso deixar de me perguntar se ele está procurando por mim. Eu quero que ele esteja. Eu queria estar lá, mas duas semanas na estrada morando em quartos de hotel com uma filha pequena, comendo fora em todas as refeições simplesmente não estava nos planos. Não era o cenário focado que ele precisava, e isso não me ofendeu.

Se isso significa que ele terá sucesso, eu o farei. Então, ajoelho-me no chão da sala, torcendo as mãos e assistindo à transmissão ao vivo.

As pessoas ao meu redor conversam e riem como se nada importante estivesse acontecendo agora, mas meu estômago está na minha garganta.

Willa conta para Loretta como ela conheceu Cade quando ela deixou cair a calcinha em público. — Shh!

— Ok, *mãe.*

Eu ignoro a provocação. Ela pode abrir a boca depois que isso acabar. Neste momento, Theo está se abaixando nas costas largas do touro, passando a mão enluvada sobre uma corda metodicamente, no ritmo de qualquer batida pesada que esteja tocando na arena.

Ou talvez seja apenas meu coração batendo em meus ouvidos.

Ele envolve sua mão. Vira algumas vezes. Seus ombros sobem e descem em uma expiração pesada.

Então ele acena com a cabeça.

Os portões se abrem e o touro entra em movimento a partir de uma paralisação. O cronômetro na parte superior da tela mostra os segundos. Ele só precisa ficar por oito.

Mas os segundos nunca passaram tão devagar.

Eu ergo o corpo para ficar acima de Vivi. Até ela parece sentir minha tensão, porque está olhando a tela extasiada depois de ignorá-la na última hora.

Mãos agarradas em meus joelhos, não sei o que fazer comigo mesma enquanto vejo o touro girar e pular e tentar matar o homem com quem quero passar o resto da minha vida.

É melhor ele não morrer e me deixar, porra.

O pensamento me sacode por um minuto. Ele veio tão facilmente. Tão naturalmente. Como se estar com Theo fosse a coisa mais óbvia do mundo. Como, *claro,* estaremos juntos. Com quem diabos mais eu estaria?

Quem aguentaria minha bunda mal-humorada?

Quem amaria Vivi do jeito que ele ama?

Quem *me* amaria do jeito que ele ama?

A resposta é ninguém. Nenhuma outra pessoa jamais me amaria do jeito que Theo me ama. Ninguém nunca vai se prontificar para mim do jeito que ele fez – me proteger do jeito que ele fez. Eu sei disso porque levei trinta e um anos para encontrar alguém que o fizesse.

Que mais provas eu preciso?

Ele é um artista nas costas do touro, e não consigo tirar os olhos deles. Minhas mãos cobrem minha boca enquanto os segundos passam.

Esquerda.

Roda.

Direita.

Mergulho.

Campainha.

— Sim! — Pulo e grito, com as mãos no ar. Eu nem me importo se pareço uma idiota apaixonada.

Eu sou.

Loretta solta uma risada aliviada e bate palmas.

Willa e Sloane parecem interessadas, mas não tão animadas. Então, fodam-se elas. De forma amigável, claro. Estou muito animada. Ninguém pode estragar esta noite para mim.

— Que rodeio! — Summer me diverte juntando-se à minha torcida enquanto Theo pula facilmente do touro e dá um soco no ar. Ele não tira o capacete e não tira os olhos do touro. Ele segue direto para a cerca e imediatamente sobe. Uma vez que ele está seguro, ele recebe alguns tapinhas nas costas de Rhett.

Quando a pontuação dele pisca na tela, sei que é boa pela perseguição que fiz na internet. Noventa e cinco ponto setenta e cinco não é apenas bom. É *ótimo*. É o que ele precisava.

E caramba, estou tão orgulhosa. Eu nem sei como reagir. Então ando, mordendo minha unha do polegar enquanto o observo.

Sem capacete, olhos na câmera novamente.

Ele *pisca*.

Reviro os olhos enquanto coro. Enquanto meu estômago revira e borboletas explodem em meu peito. Talvez ele estivesse piscando para os fãs, mas parece que ele estava piscando para mim.

Eu olho para Loretta. Ela também viu.

— Ele fez bem — diz ela.

Aceno e sorrio para ela, sentindo-me impaciente. No momento, eu poderia caminhar pela vizinhança ou fazer exercícios. — Ele realmente fez.

Quando a campainha toca, minha cabeça se levanta. Não faço ideia de quem estaria aqui numa sexta-feira à noite.

Summer se inclina sobre o braço do sofá para espiar pela janela. — Parece uma entrega de flores!

Ela salta para me seguir até a porta, claramente vivendo para o nível de felicidade piegas em minha vida agora.

— Oi — digo sem fôlego enquanto abro a porta e vejo o homem em roupas normais, segurando um buquê de rosas e um envelope.

— Winter Hamilton?

— Sim! — Eu sorrio.

— Ótimo. — Ele estende as flores para mim e no minuto em que meus dedos envolvem o vaso, ele diz: — Você foi intimada a comparecer em tribunal.

Meu sorriso congela e meu sangue corre frio. — O quê? Isso é algo que acontece fora dos filmes?

— Acho que sim. — A boca do homem torce. — Tenha uma boa noite. — Ele desce as escadas e vai para o carro.

— Mas. Que. Porra. — Eu olho para as rosas vermelho-sangue, confusa. Chocada.

— Dê-me isso. — Summer arranca o envelope de onde está colado na lateral do vaso e o abre. Ela desdobra os papéis e observo suas íris castanho-chocolate se moverem para frente e para trás sobre as linhas da fonte.

Seus olhos ardem de fúria quando ela olha para mim novamente. — Rob quer um teste de paternidade.

34

Theo

Winter: Parabéns! Você parece gostoso em suas perneiras. Avise-me quando estiver no hotel para que eu possa ligar.

Theo: Pode me ligar quando quiser. E também mandar nudes a qualquer hora.



Rhett entra no vestiário vazio e me joga uma cerveja. — Você está se escondendo aqui?

A lata sibila quando a abro. — Apenas levando um segundo para absorver tudo. É estranho estar de volta.

— Você sabe o que não é estranho? Assistir a você chutar a bunda de Emmett. Você está vindo para ele, e ele sabe disso. Passou os últimos meses se sentindo um pouco mais confortável do que deveria. Porra desprezível que ele é.

— Você ainda está bravo com ele por dar em cima de Summer?

Rhett acena com a cabeça e toma um gole de sua cerveja. — Para o resto da minha vida.

Somos parecidos nesse aspecto, mas somos diferentes em muitos outros aspectos. Ele usa seu chapéu de cowboy e jeans como se fosse uma segunda pele. Eu, eu amo o esporte. Eu amo a correria. Eu amo a competição. Mas parece um uniforme para mim.

Rhett adora estar na estrada. Acho que ele não sente falta de rodeios, mas adora treinar. Ele ainda tem as mãos no pote.

Eu... não consigo me ver ficando aqui depois de atingir o topo. Não sei o que farei, mas não será me estabelecer como vitalício no WBRF.

Eu vou querer estar em casa. Perto de Winter e Vivi.

— Você vai sair hoje à noite?

— Nah.

Rhett aponta para mim como se essa pergunta fosse um teste para ver o quanto estou focado agora. — Boa resposta.

— Vou voltar para o meu quarto e ver se Winter ainda está acordada.

Rhett balança as sobrancelhas para mim.

— Foda-se.

— Você percorreu um longo caminho, você sabe.

— Bem, disseram que tenho um excelente mentor.

— Não, quero dizer como pessoa. Como um homem. Eu sei que fui duro com você, e talvez tenha sido tão duro com Winter. Eu apenas... vi você semear algumas aveias selvagens ao longo dos

anos. Eu não tinha certeza se você era capaz de ser o que ela precisava.

Concordo com a cabeça, não ofendido com o que ele está dizendo, porque é verdade. — Eu sei que você quer dizer, mas você ainda é um idiota total.

Ele zomba de mim e então meu telefone toca no banco ao meu lado, iluminando com uma foto que tirei de Winter e Vivi aconchegando-se em uma cama ensolarada cercada por lençóis brancos.

Isso me faz sorrir.

— Aí está ela. — Deslizo um dedo para atender à chamada. — Tink — eu digo e tomo meu primeiro gole de cerveja.

— Oi. Parabéns! Muito bom esta noite, hein? Nós vimos você. — Sua voz é suave, mas também há tensão. Um aperto como se ela estivesse segurando algo.

— Sim, foi bom sacudir as teias de aranha.

— E vencer Emmett! — Rhett fala alto o suficiente para que ela possa ouvir.

— Summer também compartilhou esse sentimento. — Winter ri, mas parece forçado.

— Tudo certo? — pergunto, não querendo ignorar aquele tom problemático em sua voz por mais tempo.

O que recebo de volta é um suspiro alto e cansado.

— O que está errado? — O pânico invade minha voz.

— Nada, nada. Estou bem. Vivi está bem. Onde você está agora? Eu não tinha certeza de onde você estaria. Talvez me ligue quando voltar para o hotel?

— Que tal você me contar agora para eu não surtar? Somos só Rhett e eu no vestiário, tomando uma cerveja. Não há nada acontecendo.

— Ok... — ela sussurra, e meu coração bate descontroladamente contra minha caixa torácica. Quando olho para Rhett, suas sobrancelhas estão franzidas, o corpo erguido.

— Ok, então vou apenas dizer isso. Porque você precisa saber. Mas você *não* precisa surtar. Eu cuido disso. Ok?

— Não vou prometer não surtar com algo que você ainda não me contou.

Ela não responde a isso, ela apenas segue em frente. — Hoje à noite, meu ex me entregou documentos exigindo que eu levasse Vivi para o teste de DNA.

Sinto como se todos os ruídos no estádio parassem de uma vez, substituídos por uma lufada de ruído branco chocado e confuso.

— O quê?

— Rob está contestando a paternidade dela.

— Por quê?

— Não sei. Ele era muito covarde para entregar a carta ele mesmo. Mas se eu tivesse que adivinhar? Só para agitar a merda. Apenas para se inserir onde não pertence.

Eu posso ouvir murmúrios silenciosos.

— Ele fez a mesma coisa com Summer. Ele simplesmente aparecia do nada. Ligava para ela, aparecia para vê-la. Foi só quando Rhett jogou aquela bomba nele que ele parou.

— Summer está aí com você?

— Sim. Ela está olhando os papéis. Estamos tendo uma conversa há muito esperada.

— O que está acontecendo? — Rhett se aproxima ao som do nome de sua esposa.

Eu aceno para ele. — Denunciem-no. Soltem sua própria bomba.

A linha fica quieta por algumas batidas. — Você sabe que isso é complicado. Eu apenas... não quero arrastar todo mundo para isso. Eles marcaram a data do tribunal para a próxima semana. Summer vai me encontrar um bom advogado de família.

— Nós, Winter. Encontrar-*nos* um bom advogado de família.

— Não.

— Estou voltando...

— Theo, não. Você vai ficar na estrada. Você está recebendo esses malditos pontos. E você não está consertando outra bagunça na minha vida. Uma das minhas coisas favoritas sobre você é que você não me trata como se eu precisasse ser salva. E eu não preciso. Fui eu que casei com ele. Sou eu quem joga a seu favor a cada passo. *Eu* vou consertar isso. Você não pediu nada disso.

— Não. Eu escolhi isso.

Ela fica quieta por um instante. E depois outro. Então, um pensamento que odeio com cada fibra do meu ser surge em minha mente. Um que talvez eu devesse ter tido há muito tempo. Um que foi deixado de lado enquanto eu arregaçava as mangas e começava a trabalhar corrigindo os erros que havia cometido.

Um que eu nunca perguntei diretamente.

— Eu...

Sou tão pego de surpresa, com tanta raiva de Rob, que estouro. Eu digo isso. — Ela é minha filha, Winter. Certo?

Um alfinete poderia cair e todos em um raio de dezesseis quilômetros o ouviriam. É assim que está silencioso agora. Até Rhett está imóvel, seu rosto contraído em alarme enquanto ele olha para mim.

Está tudo quieto por tanto tempo que afasto meu telefone do rosto para ver se a ligação ainda está conectada. Os segundos passam, como se meu telefone estivesse contando os momentos que se seguem à bomba que acabei de lançar. A devastação piora a cada segundo que passa.

— Bem, acho que estamos prestes a descobrir — é o que ela diz de volta com uma voz dura. Não soa como a mulher que conheço de forma alguma.

Então os segundos param de correr e a tela desaparece em colunas de cubos. Quadrados coloridos que não significam nada para mim enquanto olho para eles.

Estou sufocado. Estou ferido. Estou com raiva. Semanas de emoções desabam ao meu redor. Semanas de emoções que afastei

em nome de ser responsável e adulto. Semanas cuidando das pessoas ao meu redor, mas deixando de cuidar de mim.

E eu ataquei a porra da pessoa errada.

Eu quero rastejar para o telefone e arrancar essas palavras, uma por uma. Nunca dizê-las. Eu apenas pensei o pior de uma mulher que passou a vida sentindo que todo mundo sempre pensa o pior dela.

E eu cuspi essas palavras bem na cara dela.

— Essa não foi a coisa certa a se dizer, Theo. — A voz áspera de Rhett chega aos meus ouvidos enquanto eu me inclino para trás contra os armários de metal frio atrás de mim e fecho os olhos, meu estômago revirando com náusea instantânea.

— Eu sei.



Mãe: Theo, atenda ao telefone, por favor. Já tentei ligar várias vezes.

Rhett: Mande uma mensagem quando estiver de volta em segurança.

Summer: Eu vou consertar isso.

— O quê?

Eu me jogo em uma das duas camas queen-size em meu triste e chato quarto de hotel, o telefone encostado no ouvido e uma toalha enrolada na cintura.

— De volta em segurança? — Está quieto onde quer que Rhett esteja. Claramente, ele também não saiu.

— Sim. — Não sei por que ele está me ligando quando acabamos de nos ver e estamos hospedados no mesmo hotel. — E aí?

— Só checando você.

— Eu vi a mensagem. Você vai vir massagear minhas costas para dormir também?

Eu o ouço soltar uma risada. — Eu posso se você quiser.

— Não. Estou bem.

— Tem certeza?

— Não. Mas eu ficarei.

— Você deveria ligar para ela.

Eu gemo. — Eu sei.

— Você vai?

— Pela manhã. Preciso de um segundo para colocar minha cabeça no lugar. Desde o dia em que descobri sobre Vivi, literalmente larguei tudo o que estava fazendo e pulei direto sem

nem pensar duas vezes. Apenas tenho estado no modo de sobrevivência e hoje... hoje me fodeu.

— Cara. Essa criança é sua. Ela é praticamente sua doppelgänger[3]. Não sei como nenhum de nós juntou as peças.

— Eu sei. Eu *sei.* Mas há uma voz irritante que fica me perguntando: *E se ela não for?* E se houver algum erro? Na noite em que ficamos, ela ainda não tinha dado a ele os papéis do divórcio, então não é impossível. Eu não a julgaria. E não faria diferença.

Rhett fica em silêncio por alguns momentos. — Se Vivi não fosse sua, você ainda gostaria de estar com Winter?

— *Claro* que eu ainda gostaria de estar com Winter. Eu queria Winter desde a primeira noite em que coloquei os olhos nela. Eu ainda iria querer Vivi também. Mas eu ficaria arrasado. Winter pode ter tentado engravidar por muito tempo, e posso ser eu quem tropeçou na paternidade por acidente, mas adoro isso, Rhett. Eu *as amo.*

— Então você deveria ligar para ela e dizer isso a ela.

Eu sinto que sim, mas ela é tão tímida que não me leva a lugar nenhum. Eu não quero apressá-la, pressioná-la, perguntar-me se ela está me aturando para apaziguar alguma insegurança percebida minha.

[3] Cópia.

Mas não compartilho isso com Rhett. Isso parece pessoal. É algo que está se desenrolando entremim e Winter, e ninguém mais precisa saber dessa parte de nós.

— Sim, eu vou — é o que digo em vez disso, já tendo decidido lamber minhas feridas e ter uma festa de pena hoje à noite. Porque esta noite, quando ela me disse que não me queria lá por algo que diz respeito à *minha* filha? Parecia um tapa na cara. Minha mãe me disse uma vez que atos de serviço são minha linguagem de amor – como mostro que me importo.

E Winter não quer isso de mim.

Às vezes, preocupo-me que Winter nunca me ame do *jeito* que eu a amo. Ou talvez seja eu sendo ganancioso. Eu quero ouvi-la dizer isso tanto que dói.

— Descanse um pouco, ok? Quero ver você no pódio amanhã enquanto Emmett fica de mau humor no vestiário.

— Entendido, treinador.

Eu desligo meu telefone e fico aqui, olhando para o teto.

Odiando-me. Odiando o que eu disse. Odiando estar aqui em vez de lá, com elas.

Ligo para Winter, mas ela não atende. Eu ligo para ela novamente. E de novo. Tudo em vão. Antes de desistir e afundar no entorpecimento da noite, os olhos fixos no ventilador acima de mim até me sentir tonto.

Meu telefone vibra na minha mão e eu pulo, esperando que seja ela.

Mas é minha mãe ligando. De novo.

Aperto o botão ao lado para ignorar a ligação. Eu amo minha mãe, amo que ela se importa o suficiente para ligar, mas preciso resolver minhas coisas sozinho. Eu não estive sozinho no que parece ser um tempo muito longo.

Em poucos minutos ele vibra novamente. Desta vez, Summer está me ligando. Eu ignoro novamente.

Com o passar dos anos, acostumei-me a cuidar de mim mesmo. Eu não prestei contas a ninguém.

Agora é como se eu estivesse no limite. Eu sou muitas coisas para muitas pessoas. Meus objetivos e minhas necessidades parecem colidir com essa nova perspectiva de vida, com essas novas pessoas em minha vida.

Passei anos querendo nada mais do que ser meu pai. Ganhar um campeonato WBRF, poder dizer que segui seus passos. Agora, o que eu quero ainda mais é ser o pai que ele nunca pôde ser porque não desistiu do seu sonho. Nunca foi o suficiente.

Eu ainda quero vencer, mas há outras coisas que quero também.

Eu me sinto como Winter quando ela precisava daquele tempo sozinha no banho. Tempo sozinha fazendo as unhas.

É a minha vez. Estou cansado esta noite. Meu coração está pesado de arrependimento. Mas preciso de um momento sozinho para deixar pensamentos de merda me consumirem, para que eu possa acordar preparado para voltar para Chestnut Springs e cavar para Rob Valentine um bom buraco fundo para viver.

Um que ele não pode rastejar para fora e derrubar minha família novamente.

Mas à meia-noite de uma sexta-feira, não há muito que eu possa fazer. Então, desligo meu telefone, conecto-o do outro lado do quarto e caio em um sono agitado, onde sonho com Winter e Vivi e com o quanto sinto falta delas.

Então eu sonho com *aquela* noite.

35

Winter

Três chamadas perdidas de Theo

— Mãe.

Acordei com Vivi enfiando o dedo na minha narina em um quarto escuro. — Viv, o que você está fazendo?

Eu rolo em direção a ela, esperando que ela cochile, mas ela luta contra meus abraços como se eu fosse um agressor que ela precisa escapar, então eu a deixo ir.

A primeira coisa que ela faz é ir para os meus seios, como se quisesse saber se o leite está ali e é uma opção. Então ela rasteja para debaixo das cobertas, e sei o que ela está procurando.

Peter.

Ele está enrolado entre meus pés na minha cama, onde eu claramente caí enquanto colocava Vivi para dormir. Não tentei colocá-la no berço desde que Theo foi embora. Eu me apeguei a ter

o calor firme dele perto de mim, e estou basicamente usando Vivi como o menor travesseiro de corpo do mundo.

Aquele que cutuca meu nariz e agarra meus seios no meio da noite.

— Por que você gosta tanto de ficar acordada? — Eu gemo, esfregando meu rosto e checando meu telefone para ver as horas.

Meia-noite.

As memórias vão surgindo conforme minha consciência retorna. O rodeio. O teste de paternidade. Theo e sua atitude de merda.

Ele vai levar uma bronca por causa dessa pequena piada estúpida.

— Ei? — A porta se abre e vejo a pequena silhueta de Summer na porta. — Você está acordada agora?

— Aparentemente — murmuro por trás das minhas mãos.

— Ok, bom. — Minha irmã parece bem acordada.

Quando a cama afunda ao meu lado, minhas mãos caem do meu rosto.

Summer rasteja bem debaixo das cobertas, sem perguntar, e não posso fazer nada além de olhar para ela. É algo que eu gostaria que tivéssemos feito quando crianças.

Ela se deita e me encara, as mãos cruzadas sob a bochecha. Vivi ri debaixo das cobertas.

— Pelo menos ela está de bom humor. Isso é algo.

— Ela está sempre de bom humor. Ela é como o pai dela.

Summer revira os lábios e me encara. — Você acha que é por isso–

— Ele disse o que disse esta noite? — Dedurar para a mãe dele parecia terrivelmente imaturo, então esperei até que todos, exceto Summer, fossem embora. Então gritei e delirei com ela sobre o que ele disse ao telefone.

— Sim. Você está com raiva dele?

— Talvez. Mas não como você pode pensar. Também estou aliviada, porque estava esperando que esse sapato caísse. Seu compromisso paciente e inabalável é sobre-humano. Não é normal. Pela primeira vez, tive um vislumbre dele sendo um ser humano inseguro normal e acho isso compreensível. Eu sei como reagir. Essa pessoa feliz, ensolarada e constantemente otimista é adorável, mas sinto que é... uma fachada.

— Ele já perguntou isso antes?

— Não desde a primeira noite, quando ele ficou perguntando se eu tinha certeza. Mas nunca uma pergunta direta sobre a paternidade ou o momento. E essa é a primeira coisa que eu teria perguntado.

— Então você estava esperando que isso acontecesse?

Eu concordo. — Sim, acho que sim. Parece uma progressão natural de como fomos empurrados para isso. Acho que as notícias de Rob foram uma ameaça a esse novo normal que criamos. Ele apenas... porra, Sum. Ele simplesmente apareceu do nada agindo como um grande chefe gostoso que apareceu para consertar todas as minhas merdas. Ele nem piscou.

— Por favor, diga que você não o chama de papai.

Uma risada sai dos meus lábios. — Só quando falo com a Vivi. Eu tenho tentado fazê-la dizer isso como uma surpresa para ele. Até agora, o mais próximo que cheguei foi ela apontando para Peter e dizendo: *Da!* Então, tenho certeza que ela disse cachorro primeiro. Por favor, leve isso para o túmulo. Devastou Theo que ele perdeu aqueles primeiros dias com ela e tenho certeza que ele atribuiria a isso.

— Bem, não é como se Peter estivesse por perto também.

Reviro os olhos e sinto as mãozinhas de Vivi enquanto ela rasteja de volta pelo meu corpo.

— Ei, Win? Vou contar uma coisa e quero que você ouça.

Concordo com a cabeça, minha bochecha farfalhando contra o travesseiro enquanto mudo para espelhar a posição de Summer. — Ok.

— Eu estive sentada e fazendo algumas leituras. Repassando a intimação. Fazendo um exame de consciência. E acho que é hora de relatarmos Rob ao conselho médico pelo que aconteceu comigo. Mesmo que nada aconteça, isso nos dará a liberdade de realmente seguir em frente.

Vivi está no meu estômago agora, e eu a puxo para cima. Desta vez, ela não resiste ao meu abraço. Ela acaricia meu pescoço como se soubesse que preciso disso.

— Eu só nunca quis arrastar você de volta para a órbita dele. Ele é tão... inescapável, e você finalmente conseguiu. Eu também quero fazer isso.

Ela levanta o ombro em um leve encolher. — Sim, mas agora ele está pegando no pé da minha irmã, então ele se colocou em *minha* órbita. Deixe-me ajudá-la a se livrar dele.

Meus olhos ardem. — Desculpe.

— Não, não se desculpe. Vamos fazer isso juntas. Irmãs. Sim?

— Sim. Irmãs. — O quarto está suavemente iluminado pela luz do corredor, e vejo dentes brancos enquanto seus lábios se abrem em um sorriso satisfeito.

Percebo que não sou muito colaborativa. Que eu nunca teria pedido a ela para fazer isso se ela não tivesse oferecido. É bom não estar sozinha nisso.

E, de repente, tudo que eu quero é Theo.

A voz de Theo. Os braços de Theo. A piscadela arrogante de Theo. Eu o quero de volta aqui, segurando-nos. Indo naquela data do tribunal.

Não quero fazer nada disso sozinha. Não *preciso* fazer isso sozinha, porque, pela primeira vez na vida, tenho pessoas que querem estar comigo.

Tudo e todos ao meu redor mudaram.

Mas mais do que isso, *eu* mudei.

— Vou ligar para Theo. Alimentar o diabinho e então nós–

— Posso dormir aqui? — Summer diz. — Eu não quero dirigir de volta para o rancho. A casa fica solitária sem Rhett, e a academia fica do outro lado do beco.

Eu não posso evitar. Uma pequena risada borbulha fora de mim. Eu oficialmente me sinto como uma criança. — Sim, Sum. Eu adoraria ter uma festa do pijama. Eu voltarei.

Pego Vivi e vou para a sala onde a TV ainda está pausada em uma tomada de Theo, sentado nos painéis da cerca. Eu encaro o sorriso brincalhão em seu rosto bonito, a mão passando por seu cabelo.

Vivi aponta. — Dada!

Eu procuro seu rosto. — Sério? Agora você diz isso? — Ela pisca. Eu aponto para a TV. — Quem é, Vivi?

— Dadadadada.

Com um sorriso, eu me jogo no sofá, levanto minha camisa para ela e ligo de volta para Theo. — Nós deveríamos contar ao papai sobre isso, não deveríamos? Dar a ele uma boa notícia desta vez.

Exceto que vai direto para o correio de voz. Eu olho para o telefone com uma pequena carranca.

Meia-noite e dez.

Ele pode estar dormindo. Eu deveria fazer o mesmo. Uma vez que Vivi está devidamente sonolenta, volto para a cama, onde Summer caiu, roncando baixinho.

Eu subo, mas tudo que faço é me preocupar. Vivi adormece entre nós, mas eu não.

Eu me levanto e ligo para Theo novamente.

Nenhuma resposta.

Eu tento não deixar minha cabeça voltar para como começamos. Aqueles dias ligando e mandando mensagens de texto para dizer algo a ele – tudo em vão.

Eu me culpo por não ter sido mais compreensiva em seu único momento de frustração.

Eu me preocupo por tê-lo levado a fazer algo que arruinará tudo o que criamos.

Minha mente é uma besta que fugiu com todos os meus pensamentos racionais. Cada insegurança. Cada preocupação mesquinha. Todos eles filtram para o primeiro plano até que sejam tudo o que posso ver.

E toda vez que me levanto para ligar para o Theo...

Vai direto para o correio de voz.

Eu deito. Eu viro. Eu finalmente me movo para o sofá onde finalmente encontro o sono.

Mas eu não descanso, não mesmo. Em vez disso, sonho com *aquela* noite e como foi bom estar com ele.

36

Winter

Aquela noite...

As portas do elevador mal se fecharam quando Theo abre a boca e me faz corar.

— Mal posso esperar para ver como você fica linda quando goza com meu nome em seus lábios.

As palavras me fazem sugar uma respiração repentina. Mas isso não me ajuda a recuperar o fôlego, porque Theo está *em cima* de mim. Seus dedos estão no meu cabelo, as palmas das mãos segurando minha cabeça. Seus lábios trabalham sobre os meus, a mistura perfeita de macio e duro. O ritmo perfeito para eu encontrar meu caminho e alcançá-lo.

Quando sinto sua língua deslizar pela minha, eu choramingo. Não é molhado, ele não enfia como se estivesse conquistando minha boca sem pensar. Ele me convence a fazer isso e me faz querer mais, atormentando-me por nunca dar o suficiente.

— Mais. — É tudo o que consigo verbalizar, tudo o que me sinto confortável em dizer.

Tudo o que sei é que quero mais. Mais disso. Mais dele. Mais desse sentimento.

Um rosnado sai de seu peito em resposta, e ele empurra sua coxa entre minhas pernas e me empurra contra a parede. Meu corpo balança, mas ele não para.

Ele me beija rudemente agora, e eu o beijo de volta. Sua barba rala contra a minha pele, arranhando minhas bochechas. Meus dedos agarram sua camisa, agarrando o tecido e puxando-o para mais perto. Eu o quero muito mais perto.

Ele cheira a tequila, laranja e especiarias. Eu quero mergulhar de cabeça em uma piscina desse perfume. Dele.

Eu me esfrego contra sua coxa, não me importando se isso me faz parecer desesperada. Sem vergonha.

Esta noite, sou todas essas coisas e estou me desfazendo de todas as partes de mim que me dizem que devo me importar.

O tecido macio do suéter branco sobe pelas minhas coxas enquanto me pressiono contra ele.

— Porra, Winter. — Ele se afasta e olha para onde estou montando sua perna. A pele nua se estende entre o topo das meias altas que saem das minhas botas e a bainha desgrenhada do meu vestido. — Faça isso de novo.

— O quê? — eu bufo, sentindo a onda quente de meus nervos queimando manchar minhas bochechas.

Ele não olha para o meu rosto. Ele tem uma mão agarrando meu cabelo enquanto a outra brinca com a ponta da minha meia. — Essa coisa com seus quadris. Monte na minha perna.

— Por quê?

Um sorriso conhecedor enfeita seus lábios bem torneados. — Porque você fica bem fazendo isso, e aposto que é bom. Não é? — Sua mão desliza pela extensão nua da minha coxa, indo direto para a borda do meu vestido. Uma mão quente e calejada aperta minha bunda.

Eu não me mexo. Na verdade, meus lábios se abaixam. Meu corpo grita para eu fazer isso, porque o jeito que estou segurando meus quadris para trás é quase doloroso. Mas minha cabeça está me julgando, dizendo que essa não é uma maneira adequada de me comportar.

E Theo me lê como a porra de um livro.

— Você vai largar essa persona de vadia rica e certinha hoje à noite e se divertir? Ou você quer que eu foda você educadamente, como está acostumada? Apagar as luzes. Dar um tapinha na sua cabeça e agradecer quando eu terminar, mas você não gozou?

— Foda-se — eu mordo, bem quando meus quadris giram, meu clitóris se arrastando contra o tecido que nos separa.

Ele ri, todo profundo e quente. — Isso, garota. Pegue. Pegue o que quiser e quem se importa com o que os outros pensam. — Seus dedos cavam em minha bunda enquanto ele move seus antebraços, forçando-me para frente e para trás em sua perna.

Estou ofegante quando o elevador apita. Minha cabeça vira para as portas que se abrem, como se eu pudesse ser pega com a saia levantada, esfregando-me na perna de um homem que parece um deus e fala como uma estrela pornô.

Mas então suas duas mãos estão na minha bunda, e ele me levanta. Eu guincho quando meus braços encontram seu pescoço e ele sai do elevador e me carrega. Passando a mesa com flores falsas. Além da cadeira em que tenho certeza de que ninguém nunca se senta.

— Alguém pode nos ver — eu sussurro, embora duvide seriamente que este hotel de cidade pequena esteja muito animado a esta hora da noite.

— Sim? — Ele se vira, pressionando-me rudemente contra uma porta, empurrando as dobradiças enquanto ele saqueia minha boca novamente.

Minhas pernas envolvem sua cintura, e eu me movo contra ele novamente. — É seu quarto?

Ele sorri contra a minha boca, moendo de volta para mim e sacudindo a porta. — Não.

— Theo! — eu assobio, empurrando-o.

Ele golpeia meus pulsos com uma mão, pressionando-os acima da minha cabeça.

Outro som de batida quando ele faz isso.

— Quem está aí? — A voz do outro lado da porta me congela, mas Theo apenas ri. Seus lábios e língua ainda se movem contra mim. É como se ele estivesse me alimentando com sua risada, porque eu rio. E isso é *uma loucura.*

De repente, ele nos levanta e nos vira. Atravessamos o corredor e estou pressionada contra uma porta totalmente nova. Quanto

mais nos aproximamos de seu quarto, cada corda que me manteve amarrada estala.

— Desculpe, Tink. — Seus dentes se arrastam pelo meu pescoço. Ele morde e chupa. — Essas meias estão me deixando louco. Não consigo chegar ao meu quarto sem um rápido pit stop.

A porta do outro lado do corredor se abre e, por cima do ombro de Theo, vejo um homem de meia-idade de cueca boxer, segurando um controle remoto da TV. Ele leva um minuto para registrar o que estamos fazendo.

Enterro minha cabeça no pescoço de Theo para evitar seus olhos. — Merda — eu sussurro.

— Arranjem um quarto! — ele grita.

— Estávamos tentando! — Theo diz de volta, virando a cabeça para sorrir para o cara.

Fico escondida na curva de seu pescoço, deliciando-me com a sensação de seu corpo envolvendo o meu de forma protetora.

A única resposta que recebemos do cara é o bater de uma porta. Então, em uma onda de movimentos e beijos e mãos desesperadas, caímos no quarto de Theo. Apenas uma luminária no canto ilumina o espaço, dando-lhe um brilho morno e fraco.

Theo me coloca ao pé da cama king-size e diz: — Tire a roupa.

Com uma respiração profunda, dou a mim mesma uma conversa interior estimulante.

Eu estou fazendo isso. E vou aproveitar. Vou me sentir bem.

Antes que eu perceba, estou puxando o vestido de mangas compridas sobre minha cabeça. Jogo-o sobre a mesa e fico diante dele com meu sutiã branco e calcinha, finalizando com um par de meias altas. Mesmo que seus olhos estejam me devorando, mantenho minha atenção na mesa, tímida demais para encontrar o olhar de Theo.

— Porra. Olhe para você. — Ele puxa as alças do meu sutiã dos meus ombros antes de chegar atrás de mim e liberar o fecho quase melhor do que eu.

Tento não pensar em quantos sutiãs ele tirou.

Quantas vezes ele fez isso com outras mulheres aleatórias.

— Olhe para mim, Winter. — Seus dedos pressionam meu queixo para virar minha cabeça. — O que você está pensando?

— Que você provavelmente removeu muitos sutiãs.

— Eu imediatamente me esqueci de qualquer um deles. Tudo o que posso pensar é o quão perfeita você parece assim. — Ele cai de joelhos e pressiona um beijo no meu estômago. — De todas as maneiras que vou arruinar você esta noite. Tudo o que vejo é você, Winter.

Os dedos se enroscam na cintura da minha calcinha, puxando-a para baixo até o meio da coxa, esticada entre as minhas pernas. Theo Silva está com os olhos na altura da minha boceta.

— Como eu disse. — Ele lambe os lábios. — Perfeita.

— Aposto que você sempre diz isso.

Sua bochecha se contrai, o olhar ainda fixo entre as minhas pernas. — Confie em mim, não digo. — Seus olhos se voltam para os meus. — O que eu deveria fazer agora?

— Não sei. — Minha respiração vem forte e rápida, acelerando a frequência cardíaca. — Por que precisamos falar sobre isso? Você não pode simplesmente fazer isso?

— Oh, porque eu gosto de ouvir você dizer isso. O tom da sua voz. O jeito que você está toda rosa agora, ofegando com a ideia de ter que pedir o que você quer.

Meu cérebro falha. Minha boca não se move. Tudo o que posso fazer é olhar para este homem insanamente sexy ajoelhado na minha frente, pedindo para dizer coisas que nunca disse.

Sua boca está curvada em um sorriso malicioso. Estou tão fora do meu alcance que nem é engraçado.

— Devo foder com o dedo? — Seu polegar desliza pela minha boceta, girando um círculo no meu clitóris. — Ou lamber? — Sua cabeça cai, a ponta de sua língua espelhando o movimento.

Minha cabeça cai para trás, as mãos em seu cabelo escuro. Eu gemo.

— Use suas palavras, Winter. Qual?

— Eu não sei — repito sem fôlego, transformando-me em uma poça para este homem. Eu posso me sentir vazando, embora ele mal tenha me tocado.

— Ok, então, você pode me mostrar como você faz isso consigo mesma, e nós vamos descobrir juntos o que você realmente gosta.

Minha cabeça cai. — O quê?

Mas ele já está de pé, empurrando-me contra a cama. A parte de trás dos meus joelhos atinge a borda e eu caio de costas. Ele tira a calcinha do meu corpo e desliza as palmas das mãos até o interior das minhas coxas para me espalhar.

Suas mãos agarram o topo das minhas meias enquanto ele olha para o meu núcleo, os olhos brilhando.

— E as meias? — pergunto estupidamente.

— Deixe as meias. Eu gosto das meias. Agora toque-se. Mostre-me como você faz isso. — Ele me empurra mais para cima na cama até que ele está olhando para baixo sobre o meu corpo esparramado.

— Foda-se — murmuro, pegando uma mão trêmula e passando sobre mim. Já estou molhada, quando normalmente não estou.

Ele não diz nada, apenas abre minhas coxas e observa meu dedo indicador passar por meus lábios internos. Eu aperto meus olhos fechados, tentando não pensar em como devo parecer para ele.

— Você é linda *pra* caralho, sabia disso? — Sua voz é rouca agora, áspera.

Acrescento meu dedo médio, esfregando distraidamente, mas são as mãos dele que eu quero. Não as minhas.

As minhas estão nervosas e sem inspiração. As dele são ásperas e hábeis.

— É assim mesmo que você se toca?

Abro os olhos para encontrar os dele. — Eu... quero dizer, sim? Eu não faço muito isso. Sou ocupada e nunca parece ser um bom uso do meu tempo. E apenas nunca... me excita tanto.

Ele geme e cai de joelhos. — Você se sentir bem é o melhor uso do meu tempo. Enfie um dedo. Vamos ver.

Eu gemo e faço o que ele diz, enrolando meu dedo em mim. Apenas saber que ele está assistindo torna tudo diferente – melhor de alguma forma.

Estou escorregadia e tudo o que faço é puxar mais umidade a cada estocada lenta.

— Como é isso?

Meus mamilos doem e mal consigo respirar, mas é... — Não é o suficiente — murmuro, honestamente.

Uma mão sai da minha coxa e ele se inclina ligeiramente, ainda se elevando acima de mim.

Respiro fundo quando sinto seu dedo se juntar ao meu. — Ok, vamos tentar juntos.

Eu nem me incomodo em tentar falar. Não há sentido. Todas as minhas palavras desaparecem quando seu dedo grosso desliza sob o meu. Nossas mãos batem enquanto ele trabalha em mim.

Depois de algumas estocadas suaves, ele acrescenta um segundo dedo. Minhas costas arqueiam para fora da cama em um apelo silencioso por mais.

Eu quero mais, mais, *mais.*

— Melhor? Isso está mais perto de ser suficiente?

— Sim.

Ele geme quando eu aperto em torno de nós.

— Use essa mão livre. Vamos ver você brincar com seus peitos enquanto eu brinco com sua boceta.

— Oh, meu Deus. — Eu disse a esse homem que não gozo, mas ele pode me fazer de mentirosa. Porque enquanto acaricio meu seio e rolo meu mamilo entre o indicador e o polegar, eu me contorço na cama.

— Você sabe o que eu acho, Winter?

Meus olhos ficam vidrados enquanto olho para o homem escuro e perigoso acima de mim. Eu balanço minha cabeça.

— Estou de olho em você. Observando suas costas arquearem enquanto seus mamilos ficam duros, sentindo você bagunçar minha mão antes mesmo de eu realmente começar. — Ele sorri, deixando cair o olhar para onde nós dois ainda estamos presos entre as minhas pernas. — Eu acho que a única razão pela qual você não goza é porque você está transando com um homem que não sabe do que você precisa. Um homem que é preguiçoso na cama. Quem não sabe cuidar de você. Mas tudo bem, porque eu vou mostrar a você esta noite como é.

Concordo com a cabeça, ainda trabalhando em meu peito, observando enquanto Theo cai de joelhos no final da cama. — Agora tire seus dedos do meu caminho. Estou com fome.

— Está tudo bem, você não precisa — falo, agarrando seu cabelo, tentando puxá-lo de volta.

— Sim, mas eu quero — é tudo o que ele diz.

Então sua boca está em mim e estou tendo uma experiência fora do corpo. Rob nunca, *nunca* fez isso por mim. E nunca tive vontade de pedir isso a ele. Mesmo se eu tivesse, tenho certeza de que não seria *assim.*

Como se eu estivesse sendo consumida. Como se ele não conseguisse o suficiente.

Os dentes de Theo arranham meu clitóris e eu me jogo na cama, com a visão embaçada. — Porra!

Ele empurra um dedo para trabalhar com a língua e eu sou uma massa de membros me contorcendo e choramingando.

— Theo. Eu... oh, meu Deus. Foda-se. Isso é... — Não consigo formar uma frase coerente. A única coisa que continuo pedindo é: — Mais.

E quando ele adiciona um segundo dedo, a boca sugando meu clitóris enquanto ele me empala rudemente, mais é o que eu recebo.

Mais do que eu já tive.

Em questão de minutos, tenho um orgasmo nas mãos do homem mais irritante e persistente que já conheci.

E nem uma única parte de mim se arrepende.

Na verdade, eu quero mais.

37

Theo

Aquela noite...

Ela não diz nada quando goza, mas suas pernas tremem em meus ombros. Sua boceta pulsa em meus dedos e ela cobre o rosto com as mãos como se não pudesse acreditar no que acabou de acontecer.

— Difícil ver você gritar meu nome quando cobre o rosto assim, Tink. — Sua cabeça balança e ouço uma risada suave enquanto me afasto de seu corpo, observando seu peito arfar e seus mamilos escuros apontarem para cima. Desfaço meu cinto antes mesmo que ela saia do esconderijo. — Acho que isso significa que vou ter que fazer você gozar de novo.

Isso tem suas mãos caindo. — De novo?

Minhas sobrancelhas caem como se eu não estivesse impressionado com sua surpresa. — E de novo. E de novo. Até que você não consiga se mexer.

— Já sinto que não consigo me mexer. — Suas mãos caem ao lado dela, e ela olha para o teto.

— Você vai ter que fazer isso, porque ainda não terminei. — Com isso, agarro seus tornozelos e a puxo para a beirada da cama, para que suas pernas fiquem abertas enquanto fico entre elas. Eu tiro minhas roupas. Camisa, jeans, meias, boxer. Tudo se foi.

A única coisa que resta é o olhar chocado e excitado no rosto geralmente afetado de Winter.

— Apreciando a vista?

Ela engole, a coluna de sua garganta balançando. — Sim. Você é...

Eu balanço minha cabeça, curioso sobre onde ela está indo com isso.

Sua mão se estende para cima e dedos trêmulos percorrem suavemente meu estômago, traçando meu abdômen, rastreando a linha em V que desce até minha virilha.

— Estupidamente gostoso. Como o que diabos?

Eu pressiono meus lábios juntos, não querendo rir agora. Não porque é engraçado, mas porque ela finalmente disse algo sem filtro.

Meu pau já está duro de tanto foder com ela. Mas eu bombeio algumas vezes. Gostando da maneira como seus olhos se prendem ao movimento. — Abre a boca, Winter.

Seus olhos arregalados se voltam para mim e seus lábios se abrem. Eu os traço com a cabeça, observando a gota de pré-sêmen sobre seu lábio superior. Observando sua língua sair, como se ela estivesse morrendo de vontade de me provar, antes de abrir a boca novamente.

Eu não acho que ela queria que fosse tão sensual, mas isso me desfaz. Meu controle estala. Eu pego dois punhados de seu cabelo e empurro meu pau entre seus lábios.

Ela cantarola de satisfação, e o som vibra através de mim. Meu corpo aperta quando eu me retiro e mergulho novamente. É o paraíso ter sua boca quente ao meu redor, sua língua girando, mãos vagando pelo meu tronco enquanto eu controlo sua cabeça.

Seu olhar voa até o meu, cheio de fogo. Necessidade. Desejo. Nem um traço de gelo até onde a vista alcança.

Sua cabeça desce cada vez mais, as mãos segurando minha bunda. Ela está me engolindo como se não pudesse ter o suficiente. Quando ela vai longe demais, ela recua um pouco, os olhos vidrados enquanto trabalha em torno desse reflexo.

Então ela desce para mais.

— É isso — eu gemo. — Engasgue, Winter. — Ela o faz, levando-me o mais longe que pode.

Ela está me deixando louco, empurrando-me até o fim. Eu não quero estar lá ainda, então eu saio. — Ainda não estou pronto para gozar, Tink. Não antes de foder você. — Passo o polegar sobre seus lábios inchados para limpar a saliva, depois me inclino e sussurro em seu ouvido: — Como devo tomá-la primeiro?

Ela lambe os lábios, uma vibração nervosa tomando conta de seus cílios. Não espero que ela diga nada, mas ela diz em voz baixa: — Por trás.

— É disso que você gosta? — Meu polegar roça sua bochecha enquanto ela acena para mim. — Bom.

Dou um beliscão em sua orelha e a viro na cama, levantando seus quadris para que sua bunda fique no ar.

— Preservativo? — ela pergunta por cima do ombro.

Já estou tirando minha carteira do meu jeans descartado. A única resposta que dou a ela é o som de papel alumínio rasgando e um murmurado: — Porra — enquanto rolo a borracha sobre mim.

Eu passo por sua umidade, observando a forma como suas costas se arqueiam, seus joelhos deslizando mais largos na colcha. Ela está encharcada para mim.

Eu deslizo novamente. Um arrepio percorre sua espinha. Sua boceta lateja. Seus quadris giram e ela se empurra para mim.

— Theo, por favor. — Ela olha por cima do ombro para mim, lábios rosados úmidos, olhos vidrados. — Eu preciso de...

— Isso? — Eu deslizo uma polegada, e seus lábios se abrem em um pequeno formato de “O”.

— Sim.

Seu corpo vibra com a necessidade. Eu posso sentir isso. Meu corpo também faz isso.

— E isto? — Empurro um pouco mais. Sua cabeça cai, os dedos agarrando os lençóis como se ela estivesse segurando sua preciosa vida.

— Que tal tudo isso? — Eu a levo todo o caminho, então estou totalmente dentro de seu corpo apertado.

— Porra, sim — ela sussurra, caindo sobre os cotovelos enquanto eu seguro seus quadris. — Mova-se, por favor, mova-se.

— Mover? Ou foder? Eu quero ouvir você dizer isso.

Sua resposta vem como uma batida de tambor. — Foda-me, Theo. Foda-me com tanta força que esqueço meu nome.

Sim, é disso que ela precisa. Esquecer o nome dela e conseguir um novo.

— Felizmente — eu rosno enquanto saio e me enfio de volta.

Seu corpo se curva e seus gemidos se transformam em gritos enquanto atinjo um ritmo constante. Meus gemidos se misturam com o som molhado de nossos corpos batendo um contra o outro.

Eu puxo o cabelo dela. Ela abre mais as pernas.

Eu empurro sua cabeça na cama. Ela canta meu nome.

Posso senti-la começar a desmoronar e diminuir meu ataque quando ela fica muito frenética, muito perto.

— Mais — ela murmura quando recuo para admirá-la esparramada para mim, tão confortável em torno do meu pau.

— Mais? — Ela é uma glutona por punição. — Eu posso fazer mais.

Eu a levanto, deslizando para fora enquanto caminho até as janelas do chão ao teto que dão para a cidade tranquila. A neve gira como um globo de neve lá fora.

— Mãos na janela e não as mova. — Eu as coloco no vidro acima de sua cabeça.

— E se alguém lá embaixo vir?

Eu agarro suas nádegas e a abro antes de ficar atrás dela e deslizar de volta lentamente. — Então acho que eles vão ver como essa boceta apertada fica bonita cheia do meu pau.

— Deus — é sua resposta silenciosa, bem quando ela moe sua bunda de volta para mim.

Sua respiração sopra na janela fria enquanto eu a destruo, a névoa aumentando e diminuindo com cada respiração ofegante saindo de seus lábios.

Eu aperto sua garganta. Eu beijo seu pescoço. Eu a mordo de volta. Ela leva tudo, cantando meu nome.

Seus quadris, suas costas, suas pernas, cada movimento que ela faz é projetado para se aproximar de mim. Para aprofundar. Mais duro. Nunca é *o suficiente.*

— Mais. Eu preciso de mais.

Meu peito desliza contra suas costas, nossa transpiração se mistura enquanto eu me inclino para ela, deslizando minha mão ao redor de seu corpo para brincar com seu clitóris. — Assim? Você vai gozar no meu pau se eu fizer isso?

Sua cabeça balança. Ela está delirando. Desequilibrada. Perdida para tudo. Viva de uma forma que deve ser nova para ela.

Eu continuo usando sua boceta enquanto trabalho meus dedos sobre seu clitóris.

— Mais.

— Menina imunda, implorando por mais — eu murmuro contra sua orelha enquanto minha mão sobe por sua garganta. Eu pressiono meu polegar entre seus lábios. — Chupe.

Ela o faz instantaneamente, nossos corpos desacelerando um pouco enquanto ela escava suas bochechas e chupa. — Deixe bem molhado, Winter. — Sua língua se move agora, a saliva girando.

Eu saio de sua boca com um estalo. Ela engasga quando coloco minha mão em sua bunda e circulo a entrada. — Você vai se curvar e me implorar por mais de novo? — Eu pressiono levemente.

Ela dobra os quadris, olha para mim por cima do ombro e diz: — Sim. Mais.

Eu me movo novamente, deslizando meu pau dentro e fora de sua boceta enquanto lentamente trabalho meu polegar em sua bunda. — Assim, Winter? Eu quero ouvir você dizer isso.

— Sim. Assim.

— Mais?

— Mais. — Ela geme quando eu deslizo totalmente para dentro.

— Você não tem ideia de como você está sexy. Como você é boa *pra* caralho. Melhor foda da minha vida. — Eu moo enquanto empurro novamente. Ela balança debaixo de mim enquanto jogo seu corpo como um especialista.

— Theo. Foda-se. Isso parece...

Suas mãos deslizam no vidro e suas pernas tremem.

— Eu acho que eu...

Posso ver como seus olhos se arregalam quando ela percebe que está prestes a gozar de novo, então eu não desisto.

— Theo! — ela chama meu nome enquanto cai, e eu não me seguro mais.

Tudo aperta e caio do mesmo penhasco. Meu pau pulsa dentro dela enquanto ela me agarra com força antes de suas pernas cederem e nós dois desmoronarmos no chão. Uma confusão de suor, membros fracos e toques ofegantes.

Eu inclino a cabeça dela e a beijo. — Tão bonita quanto eu sabia que você seria.

38

Winter

Presente...

Estou deitada no sofá, desejando poder me teletransportar de volta para a simplicidade imunda daquela noite. A presença de Summer me tira do sonho para o qual não posso escapar, não importa quantas vezes eu acorde e volte a dormir. O sonho onde quero mais – e eu pego.

— Acordei com um cachorro enrolado entre meus pés e sua filha tentando tirar minha camisa. São apenas cinco da manhã

— Desculpe — eu digo categoricamente, muito atordoada para reagir.

Summer se aproxima com Vivi pendurada no quadril. — O que está acontecendo com você esta manhã? Você parece terrível. Não se preocupe com o Dr. Idiota, como Rhett o chama. Sua birra vai acabar em breve. Difícil argumentar com um teste de DNA.

— Não é ele. É o Theo. Eu não consigo falar com ele. Estou tentando a noite toda.

— Ele não está respondendo? — Ela atravessa a sala e se junta a mim no sofá.

— Vai direto para o correio de voz.

— Esquisito.

Esfrego os olhos. — Sim, é. No começo, pensei que ele estava transando com alguma buckle bunny, mas eu sei que ele não iria, então esse medo se transformou em algo muito, muito errado. Como um acidente de carro ou algo assim. Eu até pesquisei no Google para ver se há algum serial killer ativo em Billings.

Summer cobre a boca, fingindo esconder um bocejo, mas sei que foi uma risada. — Não há uma chance no mundo de que aquele homem tenha olhado para uma buckle bunny. Você está realmente alheia ao quanto ele quer você?

— Eu vejo, mas não confio. Também parece muito... perfeito. Sempre que algo parece perfeito, explode na minha cara. Uma irmã. Um marido. Um bebê. — Jogo a cabeça para trás e fecho os olhos. — Eu não quero que Theo exploda. Eu nunca vou me recuperar.

— Ma. — Vivi estende a mão para mim e eu a pego. A sensação mole dela em meus braços nunca deixa de me confortar.

— Vou ligar para Rhett e ver...

— Sim, você poderia ligar para Rhett e perguntar qual hotel e quarto?

— O quê?

— Logo depois que procurei assassinos em série, reservei um voo às oito da manhã para Billings para poder matar Theo pessoalmente. Porque o telefone simplesmente não vai resolver depois dessa merda.

Os olhos de Summer se arregalam, mas ela se recupera rapidamente. — Tudo bem, vou reagendar meus clientes pela manhã e levá-las ao aeroporto.

Theo nunca recuou quando eu rosnei para ele.

E agora vou retribuir o favor.

Porque ele e eu? Somos mais.

39

Theo

Rhett: Você está vivo?

Theo: Sim. Por quê?

Rhett: Foi bom conhecer você.

Theo: O que isso quer dizer?

Estou andando de um lado para o outro no quarto, com o telefone na mão, praticando o que vou dizer quando ligar para Winter. *Desculpe* não vai resolver, então preciso descobrir como posso me desculpar pela maneira como duvidei dela.

Porque não fiz apenas uma pergunta sobre a paternidade. Eu questionei sua integridade. E isso é uma coisa de que nunca duvidei sobre Winter, não importa o quão espinhosa ou inacessível ela fosse.

Uma batida na minha porta me assusta, e deve ser Rhett. Ele provavelmente já recebeu uma bronca de sua esposa agora. Aposto que ele está vindo para colocar algum juízo em mim.

— O quê? — eu rosno quando abro a porta do quarto de hotel. O mundo inteiro para ao meu redor e paro no meio do caminho.

Winter está de pé no corredor, com uma mochila pendurada no ombro, os olhos estreitados como se ela pudesse me estrangular apenas com o olhar.

Em contraste, Vivi está sorrindo para mim de seu carrinho, a galinha de borracha de Peter em sua mão.

E quando olho para baixo, Peter está preso na ponta de uma coleira, tremendo, como sempre.

— Da! — Minha cabeça se volta para Vivi, que está apontando para mim. — Dadadadada.

— Ela acabou de dizer papai?

O quadril de Winter se projeta para fora, suas unhas brancas peroladas batendo em seu bíceps. — Ela disse, Theo. Ela disse ontem à noite pela primeira vez quando viu você na TV. E quando tentei ligar para você e contar sobre isso, sabe o que aconteceu?

Eu engulo, mas não ajuda o nó de pavor se formando na minha garganta. Parece preso lá, como se estivesse crescendo quanto mais tempo fico aqui juntando as coisas.

— Foi direto para a porra do correio de voz, Theo. A. Noite. Inteira. — Seus lábios afinam enquanto ela suga uma respiração profunda pelas narinas. Ela me lembra um dragão.

— É por isso que você está aqui?

— Não, estou aqui porque queria chutar o seu traseiro pessoalmente. Eu não dormi, porque fiquei acordada a noite toda me preocupando com você, seu rosto estúpido e bonito e seu pau

grande e talentoso. — Uma mão acena sobre o comprimento do meu corpo. — E apenas o seu estúpido bem-estar geral, porque você me *consome*, porra.

Meu estômago afunda, mas estou congelado no lugar, a mão segurando a porta. — Winter, entre.

— Não.

— Você veio até aqui e não vai entrar?

— Eu vim aqui para ver se você estava inteiro e sozinho. E eu já vi.

Sozinho. Porra. Meus dedos coçam para agarrá-la e puxá-la aqui comigo.

— Por que você trouxe Peter?

— Porque ele faz parte da nossa família, não importa o quanto ele me lembre do estranho esquilo da *Era do Gelo.* E eu gosto quando ele dorme entre meus pés, então ele está preso comigo agora. Assim como você.

— O esquilo da *Era do Gelo?*

— Diga-me por que seu telefone foi direto para o correio de voz.

Eu passo a mão pelo meu cabelo e solto um suspiro. — Eu tive um momento, ok? Um fraco, mesquinho, inseguro. Eu precisava de uma festa de piedade. Você disse que não precisava de mim. Todo mundo estava me explodindo. Não parecia que eu poderia consertar nada, e tudo o que fiz foi piorar as coisas. E eu sabia que você estava com raiva de mim, então pensei em desligá-lo esta noite.

— Você não pode desligá-lo por uma noite, Theo! — ela grita. — Você teve que largar seu telefone uma vez antes e isso realmente foi péssimo para mim. Eu deveria ter aparecido e exigido que você prestasse atenção em mim. Mas não o fiz. Então estou aqui agora, exigindo que você preste atenção em mim.

— Winter, eu sinto muito, porra.

— Existem pessoas que precisam de você agora. Somos mais fortes do que isso. E sim, eu estava com raiva de você. Aquilo foi uma coisa idiota de se dizer. Mas adivinhe? Vou ficar com raiva de você de vez em quando. Pessoas que estão juntas ficam bravas umas com as outras. Elas dizem coisas de merda das quais se arrependem. É *normal.* Ser Theo despreocupado, que não irrita ninguém e nunca tem um dia ruim, não é normal. Você tem permissão para surtar. — Ela faz uma pausa, respirando pesadamente. — Mas você tem que surtar *comigo.*

Meu nariz arde. Até a Vivi parece séria agora.

— Desculpe. — Minha voz falha quando eu abaixo minha cabeça.

— Você tem que surtar comigo, porque eu *preciso* de você. E eu amo você. Amo tanto que me paralisa pensar em continuar sem você. Você não tem permissão para me excluir. Porque você me fez precisar de você, e agora você tem que lidar com as consequências.

Eu não ignoro a dor em minhas mãos desta vez. Estendo a mão para a mulher de pé na minha frente e a esmago contra o meu peito. Um grito de surpresa sai de sua boca com a rapidez com que me movo, mas ela não resiste. Meus braços envolvem seu corpo minúsculo, e eu respiro profundamente seu cheiro quente de

açúcar e canela enquanto embalo sua cabeça contra meu coração e fecho meus olhos, afundando nela.

— Estou realmente brava com você, Theo.

— Compreensível. — Olho para o carrinho ao nosso lado. Os grandes olhos escuros de Vivi olham para mim. — Também estou com raiva de mim.

— Realmente, realmente brava — ela corrige.

Eu espano meus lábios para frente e para trás sobre seu cabelo. — Mas você me ama?

Ela não hesita. — Tanto que dói.

Eu a aperto com mais força, absorvendo o quão bem ela se encaixa contra mim. Quente e macia. — Bem-vinda ao clube, Tink.

Ela inclina a cabeça para trás e segura meu olhar. Embora ela pareça cansada, seus olhos estão brilhando como na primeira vez que ela arrancou uma tira de mim. — Eu amo você — ela diz as palavras novamente como se fossem desconhecidas em sua boca, como se estivesse se acostumando com a sensação delas em seus lábios. Como se fosse uma linguagem totalmente nova para ela.

Minhas mãos penteiam as mechas douradas quentes de seu cabelo. — Eu também amo você. Agora, você poderia vir aqui para que possamos ficar todos juntos enquanto está muito, muito brava comigo e eu surto porque amo você e quero matar seu ex?

Ela se afasta e tira a poeira de suas roupas perfeitamente limpas. — Sim. Isso parece perfeito.

Eu olho para Peter, que agora está sentado e tremendo. — Eu não acho que este é um hotel que aceita cachorros.

Winter zomba. — Ele mal é um cachorro, mais como um rato ou um esquilo. — Ela passa por mim. Bolsa. Carrinho. Bebê. Cachorro.

Minha vida inteira em um quarto. E ela está certa. Eu ainda estou surtando.

Mas de alguma forma, eu me sinto melhor com eles aqui.

— Sem vadias aqui, certo? — ela brinca, olhando ao redor do quarto, procurando evidências de algo que eu nunca, jamais faria com ela.

— Apenas uma — eu respondo enquanto a abraço por trás e esfrego minha barba por fazer em sua bochecha.

E Winter Hamilton revirando os olhos para mim nunca foi tão bom.



— Ok, Theo. — Rhett estala os dedos na frente do meu rosto enquanto nos sentamos em cima da cerca.

Eu deveria estar ouvindo. Eu deveria estar assistindo. Eu deveria ter minha cabeça no jogo.

Só que minhas garotas estão nas arquibancadas.

Aquela que fica repetindo as mesmas sílabas o dia todo. E aquela que cochilou na minha cama e fez cara feia para mim no minuto em que voltei para o meu quarto com Peter e Vivi nas mãos.

— Ainda está brava comigo? — perguntei.

— Não, estou com raiva de mim mesma.

— Por quê?

— Porque eu deveria estar com raiva de você, mas ver você andar com uma criança e um chihuahua me faz querer... — Ela balançou a cabeça e girou a mão como forma de explicação.

— Cair de joelhos e fazer bom uso dessa boca sarcástica?

Ela me encarou, mas seus lábios se contraíram. A menor contração. — Deixa para lá. Ainda estou com raiva de você.

Mas agora ela está na arquibancada, segurando nossa filha. E usando um par de botas de cowboy com bico de aço ornamentado, jeans justo e uma regata que não faz nada além de mostrar seus seios. Juro que há óleo neles, a julgar pela forma como as luzes refletem nos topos redondos.

— Cara, acorda, porra. Coloque sua cabeça no jogo. — Rhett me cutuca nas costelas e eu recuo.

— Ai. Isso dói.

— Agradeça-me mais tarde, quando Winter quiser lhe dar um boquete de parabéns pela vitória.

Esfrego o local onde ele enfiou os dedos. — Rude.

— Fast Fire não se importa com quem está nas arquibancadas. Ele só quer você morto. Você desenhou um bom touro. A menos que você caia, então você desenhou um maldito filho da puta. Não o deixe vencer.

Esse comentário me tira do meu estupor de tesão.

— Você é o último cavaleiro a partir. Aquele verme do Emmett voltou com uma boa pontuação hoje. Melhor do que você marcou ontem à noite. Ele não vai desistir do campeonato facilmente, então aperte os cintos, Buttercup. Você vai precisar bater forte nas esporas esta noite.

Eu concordo. Ele tem razão. Vou ter que deixar esse touro mais louco do que já está. E ele já é conhecido por ser colérico. É por isso que ele tem uma vaga no circuito.

— Ombros para trás. Queixo para baixo. E prepare-se para a mudança de direção para não cair direto no poço. Eu só vou ser seu herói uma vez nesta vida. Entendeu?

— Entendi. — Eu sinto isso então. O foco. A calma. A sensação de que estou sentado exatamente onde meu pai estava. Fazendo o que ele fez.

Cada vez que subo aqui, cada vez que me sento em um touro, eu me sinto mais próximo do meu pai do que em qualquer outro lugar.

Nós assistimos ao Jude. Ele dura oito segundos, mas foi um rodeio simples. Nada que os juízes vão adorar.

— Atenção! Fast Fire! — alguém chama.

O touro preto trota pela calha direto para o cercado, olhos selvagens, um fio de saliva já pingando de sua boca.

Algumas pessoas podem pensar que agora é quando os nervos entram em ação, mas para mim é o oposto.

Agora é quando tudo, exceto um nível estúpido de confiança em mim mesmo, desaparece. Minha frequência cardíaca se equilibra. Todo pensamento racional em minha cabeça ganha asas e voa.

Eu sou o melhor nisso. E estou prestes a provar isso.

Eu caio nas costas de Fast Fire e ele me empurra, tendo um ataque. Eu o ignoro, puxo a corda de touro e acaricio para aquecer a resina.

É uma segunda natureza, passos que eu poderia fazer de olhos fechados. Eu prospero com a confiabilidade do processo.

Enquanto minha mão trabalha sobre a corda, espio onde Winter e Vivi estão sentadas.

Correção: onde elas estão em pé.

Winter está de pé, o corpo balançando para frente e para trás. Ela tem Vivi apoiada em seu braço como se fosse um assento, de frente para o ringue.

Acho que alguém atrás dela diz para ela se sentar, porque seus lábios claramente dizem *foda-se.*

Um sorriso torce meus lábios, e eu volto meu foco para minha mão. Envolvendo a corda. Testando o aperto. Mudando meu assento nas costas do touro. Dando-lhe uma espora para irritá-lo ainda mais.

Rhett diz algo para mim, mas eu o bloqueio.

E aceno.

Fast Fire dispara no ringue, rebatendo com força suficiente para que os pedaços de terra voando de seus cascos atinjam meu

capacete. Ele gira para a esquerda violentamente. Com meu núcleo envolvido, o braço em um L perfeito, não deixo que ele me mude.

Eu mantenho meu queixo para baixo, mas não olho para o chão. Não é onde eu quero terminar.

Meus pés deslizam para trás. Minhas esporas batem novamente.

Ele deixa cair um ombro. Ele vira.

Eu espero isso e sorrio quando me mantenho centrado durante a mudança de direção.

— Peguei você, filho da puta — eu resmungo, tendo o melhor momento da minha vida.

São os oito segundos mais rápidos e mais lentos da minha vida. A campainha soa e eu saio dali. Um cowboy cavalga ao meu lado e eu o alcanço, pegando o elevador para baixo e para longe do touro. Meus dias de tentar o destino fazendo uma desmontagem vistosa terminaram.

O palhaço de rodeio distrai Fast Fire, e sigo direto para o lado mais próximo de Winter. Eu escalo a cerca, arranco meu capacete e procuro por ela imediatamente.

Vivi está sendo empurrada em seus braços, porque ela está pulando e gritando. Piando como uma louca.

— Pegue-os, baby! — ela grita enquanto acena para mim.

E quando eles anunciam uma pontuação de 96,25, ela começa tudo de novo. Eu me importo muito menos com a pontuação do que com o riso. Meu peito se abre para a loira que está *realmente*

brava comigo, mas está aqui torcendo como se eu fosse sua pessoa favorita no mundo enquanto segura nossa filha.

É louco. É inacreditável. É improvável.

A mulher que todos me disseram ser fria, mesquinha e indisponível é tão completamente *minha.*

E isso é especial. Isso é tudo.

— Winter! — eu chamo de dez fileiras. — Traga sua bela bunda para cá!

Suas bochechas ficam rosadas, olhos azuis brilhando como safiras. Com um sorriso largo, ela empurra as pessoas em sua fila para chegar às escadas.

Quando ela chega até mim, ela sobe alguns degraus e deixa escapar sem fôlego: — Não estou mais brava com você. Estou com muito, muito tesão depois desse rodeio.

Ela diz alto o suficiente para que o coro de risadas se infiltre ao nosso redor.

Beijo a cabeça de Vivi e dou a Winter meu sorriso mais astuto antes de sussurrar em seu ouvido: — Estou fodendo você como uma princesa ou uma vadia mais tarde?

E pouco antes de me beijar, ela ri e responde com: — Eu não me importo, desde que você me foda como se eu fosse sua.

Eu a beijo de volta e então salto dos painéis com uma piscadela arrogante em sua direção antes de me virar e caminhar em direção ao pódio que eles colocaram no lugar. Emmett está esperando no lado inferior.

— Não se acostume, Silva. Você não é tão talentoso quanto seu pai.

— Encantador, Bush. — Eu dou um tapa no ombro dele. Mesmo esse idiota não pode arruinar meu bom humor esta noite.

Subo por cima dele, usando seu ombro como um corrimão para me posicionar. — Posso não ser talentoso como ele, mas sou legal como ele. Então, parabéns pela sua temporada até agora.

Ele me dá uma expressão atordoada.

Eu sorrio antes de acrescentar: — É uma pena que estou prestes a estragá-la.

Os narradores saem e falam sobre a noite – o esporte, a emoção – e meu olhar continua voltando para Winter. Rhett foi se juntar a ela na cerca e os dois estão observando.

Eu parei de ficar boquiaberto com ela quando o locutor me pediu para falar sobre meu primeiro fim de semana de volta depois de uma lesão.

— Compartilhe sua vitória conosco esta noite.

Pego o microfone da mão dele, mas olho para trás, para Winter, toda brilhante e radiante. Toda sorrisos e emoção.

Toda minha.

— Bem, minha folga foi diferente do esperado — eu começo. — A reabilitação foi bastante simples. Acho que não terei nenhum efeito duradouro com que me preocupar, o que é ótimo. Mas o verdadeiro destaque foi passar algum tempo de qualidade com minha família. — Eu inclino meu queixo em direção à cerca. —

Tenho minha filhinha e minha futura esposa aqui comigo esta noite. Elas tornam esta vitória ainda mais especial.

O locutor ri e um coro coletivo de *aww* soa da platéia, mas meu olhar permanece fixo em Winter.

Ela não revira os olhos para o meu exibicionismo.

Ela pisca para mim.

— Qualquer coisa que você queira dizer para esta sua futura esposa esta noite, Silva?

Não preciso pensar duas vezes.

Levo o microfone aos lábios e murmuro — *Te vivo*.

É melhor do que *eu amo você*.

É mais preciso.

Somos nós.

40

Winter

Kip: Eu sei que não estive lá para você, mas quero mudar isso. Eu quero ajudar. Summer me contou sobre Rob. Por favor, deixe-me colocá-la em contato com a advogada de família. Ela é a melhor.

Winter: Claro que Summer contou. Por que você tem uma advogada de família?

Kip: Você não falou com sua mãe?

Winter: Ha. Sério? Parei de falar com Marina no dia em que ela sugeriu que eu dissesse que Vivi era de Rob. Ela não contou?

Kip: Bem, nós também não nos falamos. Pedir o divórcio acabou mal.

Winter: Vocês estão se divorciando?

Kip: Sim.

Winter: Finalmente.

Winter: E sim, vou aceitar esse contato.

— Você quer que eu jogue essas flores fora?

Theo olha para o vaso de rosas vermelhas no meio do balcão como se quisesse pulverizá-las, não apenas jogá-las fora.

— Não. Eu vou ficar com elas.

Ele franze a testa para mim. Ele está um pouco nervoso desde que chegou em casa. Sei que ele planejava ficar na estrada entre os dois eventos, para mergulhar nas competições consecutivas do fim de semana.

Mas eu disse a ele que precisava dele, e ele voltou sem pestanejar.

— Por que razão?

— São bonitas. — Dou de ombros. — Parece uma pena desperdiçá-las, sabe? — Eu aponto para ele. — É isso que você está vestindo para o tribunal?

Ele olha para si mesmo. Jeans escuro abraça suas coxas musculosas, e uma camisa branca com um V profundo mostra a corrente que paira sobre uma leve camada de pelos no peito. Ele puxou a aba do boné para baixo, mas vejo suas sobrancelhas franzidas e sua expressão de genuína confusão.

— O que você quer dizer?

Eu aceno uma mão sobre meu terninho azul safira, sentindo-me mais como a Winter pré-bebê do que há muito tempo. — É isso que você está vestindo no tribunal? Quero dizer, se você usar as botas desamarradas com isso, eu vou atacar você depois que sairmos. Mas eu só estava me perguntando.

— Eu não estava planejando entrar.

Minha mão congela sobre o copo de água que eu estava prestes a pegar. — O quê?

— Quero dizer, a convocação era para você, certo? E Vivi?

— Sim — falo a palavra lentamente.

— Então, por que eu iria também? O tribunal de família não é meio pequeno? Não seria desaprovado se eu fosse até lá e desse uma surra no Doutor Idiota? Estou tentando não ser arrogante, mas a verdade é, Winter, estou me sentindo muito autoritário sobre isso. Não tenho certeza se vou conseguir manter a calma lá.

Meu peito fica frio mesmo quando meu coração acelera. Estou nervosa por ficar cara a cara com Rob. Eu sei que ele vai estar com um sorriso presunçoso e condescendente, todo satisfeito consigo mesmo por criar essa merda.

Eu admito a verdade, porque não há nenhuma maneira no inferno que possa fazer isso sem Theo ao meu lado. — Eu estou assustada. Não quero ir sozinha.

É sua vez de ficar quieto, olhar para mim e revirar minhas palavras. Porque uma coisa é eu dizer a ele que preciso dele e outra coisa é eu mostrar a *ele*. E hoje, eu realmente preciso dele. Sua presença ao meu lado, sua mão em volta da minha. Nós dois sabemos quais serão os resultados, mas ainda é assustador.

Eu balbucio, sentindo como se eu pudesse literalmente ficar de joelhos e implorar a ele se apresentar outro motivo para não se juntar a mim. — Ela é sua filha. Eu preciso de você lá comigo. Todos nós juntos. — Há um tremor em minha voz quando termino a frase. — Por favor.

— Winter, venha aqui. — Ele mantém os braços abertos e eu vou até ele, respirando aquele aroma cítrico e de especiarias que associo a todos os sentimentos de lar. Com minha cabeça na curva de seu pescoço, ele dobra seus bíceps em volta de mim e acaricia o lado da minha bochecha. — Eu irei aonde você quiser. Eu vou vestir o que você quiser. Nunca mais vou desligar meu telefone. Eu sempre, sempre estarei lá para você. Para Vivi. Você não precisa implorar e não precisa dizer por favor. Enquanto eu viver, enquanto você precisar de mim, você me terá. Ok? Nunca duvide disso.

Concordo com a cabeça, mas não digo nada. Eu apenas o aperto com mais força, saboreando a sensação de seus braços fortes em volta de mim.

— Porque eu sou sua futura esposa? — pergunto, tentando aliviar o clima.

— Obviamente — ele responde de volta.

— Você realmente ligou para sua mãe e disse isso a ela?

Ele bufa. — Sim, Tink. Quando você sabe, você sabe.

Ele confia em si mesmo tão completamente. Não questiona a si mesmo. Ninguém nunca provou a ele que não deveria.

Eu amo isso nele.

— Eu amo você, Theo Dale Silva.

— Eu também amo você, Winter...

Um estremecimento move meus ombros. Eu estive esperando por isso para explodir de volta em mim. — Não ria.

— Eu nunca.

— Ok, é Peggy.

— Peggy?

— Cale-se. — Eu me aninho, mordendo os lados da minha língua para não rir.

— A pequena Winter Peggy está tirando sarro de Theo Dale há meses. É apenas interessante, só isso.

Incapaz de segurar minha risada, eu inclino minha cabeça e olho para ele. — Theo Dale parece que os elfos vivem em algum lugar da Terra-média!

— Winter Peggy soa como uma boneca Barbie fazendeira que vem com um macacão de neve. Summer Peggy vem com um maiô e um par de óculos de sol.

Risos silenciosos atormentam meu corpo. Não é tão engraçado, mas é a liberação de estresse que eu precisava.

Theo sorri para mim. — Tão bonita quando você ri. — Ele beija a maçã do meu rosto, depois a outra, e termina com a minha testa. — Deixe-me ir me trocar para que eu possa combinar com minha pequena Power Suit Peggy.

E apenas algumas horas depois, após um simples toque na face interna da bochecha de Vivi, Theo e eu saímos daquele tribunal. Eu em meu terninho e Theo com uma aparência devastadora em seu próprio terno preto. Ele segura minha mão e mantém Vivi apertada ao seu lado como o papai protetor que ele é.

Eu nem mesmo dou uma olhada para Rob quando passamos. Mantenho o queixo erguido e os ombros para trás. Não quero dar a ele a satisfação de reconhecer sua presença.

No entanto, eu olho para o homem bonito que posso chamar de meu.

E quando passamos pelo meu ex...

Theo pisca para ele.

Agora que decidi que não há problema em precisar de Theo tão intensamente quanto preciso, é difícil ser tão madura quanto a deixá-lo sair por aquela porta para pegar a estrada.

Bastou um tímido: — Você sempre pode vir comigo? — para selar o acordo.

Nas próximas duas semanas, viajo com ele. Vivi também. Peter também. A maioria dos hotéis não aceita cães, mas não peço permissão, o que significa que nunca me dizem para não trazê-lo. Chegamos a Fort Worth, Texas – onde percebo que Theo não é tão cowboy quanto eu pensava – e depois a San Antonio.

Passeamos pelo River Walk e jantamos fora. Ele treina duro. Eu torço como uma lunática toda vez que ele sobe em um touro. Nós fazemos amor no chuveiro assim que Vivi está deitada para dormir. Adormeço com os braços fortes de Theo em volta de mim no final de cada dia.

E quando subimos os degraus da frente de nossa casinha em uma rua arborizada em Chestnut Springs, nós nos deparamos com o envelope pelo qual esperávamos.

Mais um. Um que ele não conhece.

O papel está frio na palma da minha mão enquanto entramos em casa com bolsas, cadeirinha e carrinho de bebê. Viajar com uma criança me deu uma visão totalmente nova de como é bom viajar sozinha.

E, no entanto, a ideia de viajar sozinha me enche de pavor. Prefiro deixar toda a nossa merda por aí e ficar com esta pequena família que reuni nos últimos meses. Vivi faz um ano em uma semana. Volto a trabalhar uma semana depois disso – algo que venho tentando fingir que não existe.

Eu sempre amei meu trabalho. Sempre foi o lugar onde posso escapar da vida real e me dedicar ao trabalho de que gosto.

Mas não quero mais fugir da minha vida. Quero abrir uma loja e ficar bem no meio dela. Assistir a Vivi andar por toda parte e aprender novas palavras, assistir a Theo arrasar todo fim de semana.

Vivi está agitada, cansada e irritada com o voo, então Theo a pega no colo. — Eu vou colocá-la no chão um pouco. Você abre isso. Eu voltarei. — Ele mal olha para mim enquanto lhe dá beijos e caminha pelo corredor.

Sua bunda é fenomenal naquele jeans.

— Ok — murmuro, puxando um banquinho para me sentar na ilha da cozinha.

O envelope endereçado a mim nos desvendou de tantas maneiras, mas talvez nos desemaranhasse para que pudéssemos nos trançar novamente. Mais apertado. Talvez essa provação tenha nos trazido o tipo de paz que nunca teríamos sem ela.

Meus lábios se curvam porque Theo está nervoso com este envelope.

Desde aquele comentário, ele nunca mais me questionou sobre a paternidade de Vivi. Em seu coração, ele *sabe,* mas Rob colocou um pingo de dúvida lá e ele não foi capaz de deixá-lo ir. Ele também me respeita demais para fazer essa pergunta novamente.

Eu? Já sei que história esses papéis vão contar. Eles vão me dizer que não há como Rob ter me engravidado através das paredes de nossos quartos separados. Vão me dizer que a noite mais quente da minha vida passada em um hotel com um homem que eu mal conhecia se alinha perfeitamente com o dia em que Vivi nasceu.

Perfeitamente imperfeito. Assim somos Theo e eu.

Às vezes, eu me pergunto se teríamos chegado onde estamos hoje se as coisas não tivessem acontecido do jeito que aconteceram. Se ele soubesse sobre ela imediatamente, eu teria começado de novo? Eu teria cortado pessoas da minha vida que precisavam ser cortadas? Eu teria encontrado a sensação de liberdade que encontrei naqueles meses que passei morando sozinha? Ou eu teria arrastado Theo para o turbilhão do meu drama familiar? Eu teria sentido que passei de estar sob o controle de um homem para outro? Summer e eu estaríamos onde estamos agora?

Tantos e se. Mas parece que tudo funcionou exatamente como deveria.

— Bem, ela adormeceu em cerca de dez segundos.

— Achei que sim. — A visão dele rouba minha respiração como aconteceu todos aqueles meses atrás. Robusto, bonito e sensual. Ele me deixa com água na boca e meu estômago revira, ele me deixa selvagem de uma forma que nunca senti por um homem. Ele despertou uma parte de mim que nunca soube que existia, um pedacinho de mim que eu vivia sem.

— Então? Você abriu?

Eu inclino minha cabeça para ele. — Você realmente achou que abriria sem você? — Ele se senta ao meu lado. Seu joelho toca o meu e ele move o pé até o degrau inferior do meu banquinho.

Então ele puxa o banquinho para mais perto para que minhas pernas caibam entre as dele.

Como naquela noite no bar do hotel.

— Ok, Tink. Vamos abri-lo.

— Eles. Tenho duas coisas aqui para você.

Seus olhos escuros estão levemente encapuzados enquanto ele olha para o balcão, e decido acabar com sua miséria. Se ele está nervoso, eu estou animada. Este envelope significa que posso finalmente desferir o último golpe mortal no Dr. Robert Valentine.

O outro significa que Vivi pode ser dele de uma forma que deveria ter sido desde o início.

Abro os dois e desdobro. Colocando-os na frente de Theo, lado a lado. Eu não me incomodo em lê-los. Em vez disso, coloco minha mão em suas costas e observo seu rosto. Suas sobrancelhas grossas, o conjunto teimoso de sua mandíbula, a linha reta de seu nariz forte.

E a alegria no olhar ao acertar a tinta que confirma o que já sabíamos.

Ele não estava presente no nascimento de Vivi, mas pode estar presente em todos os momentos depois porque é o pai dela.

Então seu olhar se volta para os papéis que ele não esperava. As que detalham a mudança do nome legal de Vivienne Hamilton para Vivienne Loretta Silva. Minha maneira de mostrar a Theo que ele nunca será um intruso – ele está preso conosco por toda a vida.

Ele não diz nada, mas observo sua garganta trabalhar. — Isso... isso é...

— Se você quiser, podemos fazer outro teste de DNA para combiná-lo oficialmente com...

Ele gira e me beija, suas mãos emaranhadas no meu cabelo enquanto ele me reivindica com sua boca, marca-me com suas mãos.

Nós não conversamos. Não há mais nada a dizer. Conversamos com as mãos enquanto cada peça de roupa é descartada. Conversamos com nossos lábios enquanto ele me deita no sofá e paira sobre mim. Conversamos com nossos corpos enquanto nos unimos dolorosamente devagar e a mais deliciosa tensão se desenrola entre nós.

Ocorre-me que talvez não seja uma mulher fácil de amar, mas Theo faz isso com tanta facilidade que sinto que poderia ser. Como eu mereço ser.

Eu ganho vida sob suas mãos. Eu me desmorono sob elas também. E ele me recompõe todas as malditas vezes.

Deitamo-nos aqui no crepúsculo, corpos pegajosos de suor, corações batendo um contra o outro, braços apertados como se nada no mundo pudesse nos separar.

— Você está pronta para jogar as flores fora agora? — A voz rouca de Theo me tira dos meus pensamentos. Ele olha para o aparador, sobre o qual está o vaso contendo água mofada e rosas negras murchas. — Porque agora elas são mais nojentas do que eram no começo.

Eu esfrego minha bochecha contra seu peito tonificado e rio, sentindo-me mais leve do que em... bem, talvez nunca.

— Não. Eu tenho um plano para isso.

41

Winter

Winter: Você está pronta?

Summer: Muito.

Ouço o barulho de três outros pares de pés atrás de mim enquanto subo o sinuoso caminho de tijolos até a casa que costumava chamar de lar. Agora, comparada onde moro com Theo, parece berrante e exagerada. Grande e vazia. Ela ocupa cada centímetro quadrado de espaço no lote. As árvores são muito pequenas e novas, e posso ouvir o barulho do tráfego na rodovia próxima.

Não é Chestnut Springs.

Não é um lar.

Quando me aproximo dos três degraus de mármore que levam à porta maciça, espio por cima do ombro. Summer está sorrindo quase maniacamente. Rhett está parado atrás dela, com as mãos em seus ombros.

Mas é Theo quem me mantém olhando. Como sempre.

Ele está encostado na lateral da garagem, braços cruzados. Camiseta branca lisa esticada sobre seus bíceps. Jeans abraçando suas longas pernas de um jeito que me dá água na boca.

Botas de combate puxadas descuidadamente por cima.

Cadarços não amarrados.

Lembro-me de pensar certa vez que a última coisa de que precisava na vida era um homem que não amarrava os cadarços.

Isso me faz rir agora, uma risadinha leve que borbulha de algum lugar perto do meu coração.

Como eu estava errada.

Eu sinto como se ele tivesse enrolado e afrouxado meus cadarços quando eu não percebi que estavam amarrados muito apertados.

— Você está boquiaberta, Tink! — ele grita e eu coro. Claro, estou boquiaberta. Theo Silva era o homem mais gostoso que eu já tinha visto naquela época, e ainda é agora.

Ele pisca para mim.

Reviro os olhos.

E então me viro, marcho até a porta e toco a campainha. Sei que Rob está em casa, porque liguei para o hospital e pedi à minha enfermeira favorita para confirmar. Ele demora um pouco para chegar até a porta, porque a casa é terrivelmente grande.

Quando ele atende, ele está vestindo uma camisa polo rosa e um short branco. Seu cabelo está perfeitamente penteado para cobrir sua calvície.

Eu quase recuo ao vê-lo, mas não é apenas físico. Rob mostrou suas verdadeiras cores nos últimos meses, e elas são feias.

Este homem está podre até o âmago.

Assim como o vaso de flores mortas e mofadas que estou segurando.

— Winter. — Ele parece presunçoso até que seus olhos se arrastam atrás de mim e ele observa o público.

Este é um homem que prosperou comigo estando isolada, sem ninguém. E aqui estou, com pessoas que me amam e me apoiam. Que se prontificam para mim mesmo quando não estou no meu melhor.

Seu sorriso desaparece, como uma bela máscara escorregando de seu rosto para revelar toda a feiura por baixo.

— Oi, Rob. — Estendo as flores para ele.

Ele as pega antes de olhar para baixo e perceber que estão se decompondo. Uma folha seca e enrolada cai a seus pés.

— Eu realmente gostei disso. Elas eram lindas. Então saí da cidade com minha família por um tempo. Voltei e as vi assim, todas mofadas e podres. Lembrei-me de você, então pensei em entregá-las em mãos.

— Você veio aqui para me dar flores mortas?

Eu sorrio. É um sorriso falso e experiente, que uso quando um paciente está me irritando. — Não, vim entregar o envelope que está colado na frente. — Aponto para o vaso. — Aí.

Seu rosto se contorce, mas ele não faz nenhum movimento para tocá-lo.

— Summer e eu trabalhamos muito em nossos depoimentos, então espero que você goste deles. Sei que a administração do hospital e o conselho médico o farão.

Uma pessoa normal ficaria branca. Eles ficariam apavorados. Mas Rob vai do vermelho para um roxo profundo. Não tenho certeza se já o vi tão zangado.

— Você não *ousaria.*

Sua voz é puro veneno, mas ele não me assusta mais. Eu me aproximo dele, levantando o queixo e estreitando os olhos enquanto arranco uma pétala morta de uma rosa e a solto, observando-a cair como toda a minha lealdade a este homem.

Pensei que o amava uma vez, mas eu não sabia o que era amor.

Eu sei agora embora.

— Ah, mas eu faria. — Meu tom é frio e controlado. Ele morde. — Porque você não veio apenas para mim desta vez, seu verme nojento. Você veio pela *minha* filha. Você veio pelo homem que eu *amo.* Você veio pela minha *família.* Você foi longe demais desta vez.

— Eu vou...

Eu não o deixo falar nada. — Eu não fodi você desde o dia em que descobri que você era um predador. E agora *todo mundo* vai saber disso.

Eu me viro e me afasto dele, ignorando suas maldições e ameaças. O som do vaso de vidro quebrando não faz nada além de me fazer sorrir. Sinto como se tivesse jogado uma granada naquela casa deprimente e ido embora.

Sinto-me livre.



A festa de aniversário da Vivi está perfeita.

Todos se empenharam para tornar uma ocasião especial para ela. Ela parece preciosa em seu vestido de verão, coberto por uma estampa de laranjas e folhas. As decorações são histéricas. Impressão personalizada – cortesia de Willa – com fotos da coisa favorita de Vivi no mundo... Peter. E o cenário do Wishing Well Ranch é perfeito, assim como o clima. Nosso calor de fim de verão é quente, mas não insuportável, e o cheiro de feno recém-cortado impregna o ar.

Rhett montou a grande tenda branca no campo dos fundos, perto da casa principal do rancho, e todos que estão aqui são da família, de uma forma ou de outra.

Loretta. Os Eatons. Theo, que continua tentando carregar Vivi com ele, mas ela passou de andar para correr muito rápido e se emociona ao fazer seu pai persegui-la. A mãe dele também se diverte com isso. Diz a ele que é uma vingança pelo jeito que ele era quando criança.

Ela nos mantém na ponta dos pés.

Willa fez o bolo. Summer e Sloane decoraram. Cade está cuidando do churrasco. Jasper está jogando uma partida de hóquei em campo com Luke, que acabou de gritar: — Oh, foda-se! — quando pensou que ia marcar em Jasper, mas não o fez. Harvey fez uma tigela de ponche com gosto de suco de frutas, mas suspeito que contenha muito mais álcool do que o necessário para a comemoração de aniversário de um ano de idade.

Beau ainda não apareceu.

— Harvey, quanto álcool há no que estou bebendo agora?

Ele sorri para mim de onde estamos encostados na cerca. — O suficiente para aliviar a tensão para você.

— Que tensão? Estou relaxada. Se você tirar tensão demais de mim, posso contar seu segredo só para me vingar.

Suas sobrancelhas se erguem enquanto ele toma um gole de seu copo vermelho. — Que segredo?

Eu sorrio e bebo novamente. — O segredo sobre você e Cordelia.

Ele se engasga com a bebida e dou um tapa em suas costas enquanto ele bate com o punho no peito.

— Oof. Ok, bem, ninguém me perdoaria por matar você, então talvez eu guarde isso para mim. Embora realmente não tenha certeza de como ninguém notou.

Harvey pigarreia e olha ao redor para o grupo de familiares e amigos. A música toca. Hambúrgueres são virados. Todos continuam no tipo de ritmo mais confortável. — Da mesma forma

que eles nunca perceberam que Vivi é uma versão minúscula de seu pai. Eles não estavam olhando.

Concordo com a cabeça, olhando para Theo segurando sua versão mini enquanto eles torcem por Luke para passar uma bola por Jasper.

— Ainda não estou pronto para contar a eles — diz Harvey após alguns instantes de silêncio.

— Eu estava brincando.

— Parece fora dos limites. Ela sendo quem ela é. Mas às vezes–

— Às vezes, as coisas simplesmente acontecem, e você não percebe o quanto elas estão certas até que você esteja no meio delas.

Ele me dá um grunhido e um aceno de onde estamos, encostados na cerca.

Eu quebro a tensão com: — Existe uma versão geriátrica da ronda de procriação?

Desta vez, ele não se engasga. Ele inclina a cabeça para trás e *uiva.* — Garota, você realmente acabou de dizer isso para mim?

— Ei, se você vai servir, você tem que aceitar. — Enquanto rimos, ouço pneus rangendo no caminho de cascalho atrás de nós.

O SUV Suburban preto é um que eu reconheço apenas porque Kip Hamilton dirigiu o mesmo veículo por toda a minha vida. A cada dois anos ele ganha um novo, da mesma marca e modelo.

— Por isso eu imaginei que você poderia precisar para aliviar o estresse.

— Hum. — Eu arqueio uma sobrancelha. — Você sabia que ele estava vindo?

Harvey dá de ombros. — Summer pode ter mencionado isso para mim enquanto se arrumava. É por isso que usei duas garrafas de bourbon no Harvey's Special Drank, em vez do normal.

Meu nariz enruga. — Você acabou de dizer *Drank?*

Harvey gargalha, claramente vivendo para confundir todos ao seu redor. — Sim, é assim que eu chamo.

Estou balançando a cabeça enquanto vejo meu pai sair de seu veículo. E então Theo está lá, subindo a pequena colina para apertar a mão de Kip.

Summer se aproxima de mim, segurando Vivi. — Você está bem, Win?

Concordo com a cabeça, sentindo uma onda de nervosismo no meu estômago. Então, bebo mais um pouco. Esperançosamente, isso irá afugentar. Observo Theo e meu pai abrirem a porta traseira do SUV e tirarem...

Eu suspiro.

Porque o que meu pai e Theo estão trazendo para a festa é algo que eu nunca pensei que veria novamente. Algo que jurei há muito que se foi, vendido ou estragado em um aterro sanitário.

Mas em instantes, eles a colocam bem na minha frente, deixando-me sem palavras.

Não apenas parece a casa de bonecas de quando eu era uma garotinha.

É a casa de bonecas de quando eu era uma garotinha.

Lágrimas brotam do nada e minha mão cobre minha boca. De muitas maneiras, é apenas uma casa de bonecas. Mas de outras, é muito mais.

A mão de Harvey pousa em meu ombro e a de Summer esfrega minhas costas.

— Espero que esteja tudo bem eu ter contado a ele — ela sussurra.

Theo sorri para mim como o gato que pegou o canário enquanto meu pai está tendo dificuldade em encontrar meus olhos cheios de lágrimas.

— Eu pensei que Vivienne poderia gostar disso.

Eu fungo, olhando para meu pai, que é orgulhoso, teimoso e imperfeito. Hoje, ele parece humilhado.

— Anos atrás, eu a encontrei no beco quando estava levando o lixo para fora. E coloquei no depósito. Eu queria devolvê-la a você, mas não sabia como. — Ele olha para mim, e fico aqui sem palavras. Meu pai cometeu muitos erros, mas apareceu hoje mesmo assim. Ele me ajudou a encontrar um advogado. Ele deixou minha mãe. Ele nunca lutou por mim antes, mas agora está.

E aprendi muito sobre o perdão nos últimos anos.

Especialmente como é difícil perdoar a si mesmo.

— Eu só queria que você a tivesse. Considere isso uma oferta de paz. Eu não tenho sido bom o suficiente para você – Theo aqui me deu um verdadeiro alerta sobre isso – e eu quero ser. Se você acha que gostaria disso também, você tem meu número.

Com um sorriso dolorido, ele se vira para sair. Eu me sinto familiar com ele de alguma forma. A versão antiga de mim também esteve aqui uma vez. Olho para minha irmã, aquela que me perdoou tão completamente que pude começar de novo.

E Theo, o homem que não considerava as coisas de merda que eu tinha feito como uma espécie de prova de que tipo de pessoa eu era. Ele me levou pelo valor de vista e me permitiu começar de novo também.

— Pai. — Ele para, mas não se vira. — Por que você não fica? Experimente um pouco do drank de Harvey. É, uh, bom para aliviar o estresse.

Uma confusão silenciosa preenche o espaço por um instante.

Meu pai me encara agora, um pequeno puxão no canto dos lábios. — Por que você acabou de dizer *drank?*

Eu começo a rir. O estresse, a pressão, a confusão...

Tudo parece mais suportável quando estou com minha família.

Mais tarde naquela noite, quando o sol está baixo no céu, Theo segura a minha mão e me leva até o outro lado da casa da fazenda. Nossos pés rangem no caminho de cascalho e o zumbido da conversa amigável diminui à medida que nos afastamos de todos.

Deixamos uma Vivi coberta de bolo nos braços de Kip. Seu avô está tão apaixonado por ela que não parecia se importar com a bagunça.

— Aonde estamos indo?

— Ficar sozinhos por um minuto.

— Estamos fugindo para foder? — eu sussurro, como se alguém pudesse nos ouvir.

Theo ri, o estrondo em seu peito quente e reconfortante. A pressão de sua camisa preta desliza como seda contra meu braço nu.

Sua cabeça se vira, seus olhos me traçando de cima a baixo enquanto sua língua se lança sobre seus lábios. — Eu não tinha planejado isso, mas você parece muito boa para foder com esse vestido vermelho, Dra. Hamilton.

— Quanto mais falta? Meus pés estão cansados de ficar com essas botas o dia todo. — Pareço chorona, mas não me importo. Eu não tenho que estar no meu melhor com Theo.

Ele vai me amar no meu pior e no meu choro. Hoje estou cansada, sobrecarregada e me sentindo um pouco esgotada.

Ele se vira de repente, pegando-me em seus braços enquanto grito e alcanço seu pescoço. — Indo para o mesmo lugar onde você me arrasou quase dois anos atrás.

Eu rio e deixo que ele me carregue até que estejamos na frente da casa da fazenda.

Exatamente onde enfiei minhas chaves entre os dedos e perdi minha cabeça com ele.

Bem onde tudo começou.

Theo me põe de pé enquanto observo a propriedade. Estava frio, escuro e com neve naquela noite. E eu estava estressada.

Mas esta noite está quente e dourada. O céu é um rosa pálido. Meus pés estão me matando, mas estou contente.

E quando olho para trás, para onde Theo estava, ele agora está ajoelhado.

Segurando uma caixinha de veludo azul com um deslumbrante anel solitário em forma de lágrima brilhando no céu rosado.

E eu congelo.

Theo ri. — Eu sei que isso pode parecer rápido, mas me ouça.

Eu aceno rigidamente. Não parece rápido. Parece um sonho.

— Eu estava neste exato lugar quando você me deu a melhor e mais sexy chicotada verbal da minha vida. Você era toda olhos selvagens e palavras afiadas. Eu pensei que nunca tinha visto uma mulher mais ardente de parar o coração em minha vida. Você era... bem... você era má. Mas apreciei sua coragem. Essa foi a noite em que soube que queria você.

As malditas lágrimas enchem meus olhos novamente.

— Essa foi a noite em que eu disse ao meu amigo que achava que estava apaixonado por você. E não tinha ideia de como eu estava certo. — Ele timidamente abaixa o olhar por um momento. — Eu estava sendo um perturbador de merda desagradável. Eu estava incitando você porque gostava do jeito que você respondia de volta. Eu gostei de *você.*

Uma risadinha chorosa sai de mim. Só Theo Silva poderia ter gostado de mim naquela noite.

— Naquela noite, todas as melhores coisas deste mundo surgiram. Você. Vivi. Nós.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto, e eu estendo a mão, balançando a cabeça enquanto a enxugo. Ele tem razão. Aquela noite mudou o mundo.

Nosso mundo.

— Naquela noite percebi que nunca iria esquecer você. Tempo, distância, nada disso importava. Naquela noite, eu sabia que não haveria ninguém como você para mim. Eu estava tão certo disso. Eu podia sentir isso em meus ossos. Eu ainda sinto.

Não consigo mais conter as lágrimas, então simplesmente as deixo cair. Aceito que isso não é uma doença que eu tenho.

É felicidade.

Eu caio de joelhos, querendo olhar para o rosto deste homem. Este que nunca me tratou como se eu precisasse de salvação, mas me salvou do mesmo jeito. Eu seguro sua bochecha e ele pressiona um beijo na palma da minha mão antes de seguir em frente.

— Naquela noite fomos imprudentes. — Sua voz falha. — Mas Deus, eu seria imprudente com você uma e outra vez se isso significasse acabar aqui.

Este sentimento. Este homem. É como se faltasse algo dentro de mim. Como se eu não estivesse completa, até que ele apareceu.

— Sim. — Eu pego o anel.

— Ainda nem perguntei. — Sua risada correspondente é grossa. Chorosa também.

— Você não precisa. A resposta é sim.

Ele deixa cair a caixa e desliza o anel no meu dedo com as mãos trêmulas.

Nós olhamos para a minha mão por um momento. Apenas nós dois.

— Winter Hamilton, quer se casar comigo?

Eu sorrio através das lágrimas. — Odiaria fazer de você um mentiroso depois de quanto tempo você vem dizendo às pessoas que vai se casar comigo.

Ele pisca para mim. — Quando você sabe, você sabe.

E desta vez não reviro os olhos. Eu o beijo.

Eu o beijo até que não haja mais nada além de seus lábios nos meus, suas mãos em meu cabelo e seu anel em meu dedo.

EPÍLOGO

Theo

— Onde está Vivi?

Winter e eu saímos do vestiário lado a lado. É a última noite dos campeonatos WBRF.

A joia da coroa que persegui durante toda a minha carreira. O que eu sempre fiquei aquém. Aquela em que me recuperei de uma lesão para competir este ano.

— Na arquibancada com sua mãe e todos os outros. — Ela olha para a prancheta, toda negócios esta noite.

— Dra. Hamilton? — Um dos caras a chama de um banco enquanto passamos. Quando nos viramos, ele levanta a mão. Seu polegar está apontando na direção errada. — Você acha que eu deveria ir para o hospital? Ou podemos consertar isso aqui?

— Bem, Jude, acho que seu polegar está quebrado e você provavelmente vai precisar de cirurgia.

— Mas não quero perder as últimas provas. Tenho que ver nosso garoto aqui levar tudo. — Ele sorri para mim como o maníaco que é.

Winter suspira, verificando o relógio. — Vocês malditos cavaleiros são loucos — ela murmura antes de olhar para mim. — Vou sair em seguida.

Eu sorrio e dou uma piscadela para ela. — Claro, doutora.

Percebo o final de seu revirar de olhos quando ela se volta para Jude, falando de maneira natural sobre danos nos ligamentos, talas e analgésicos.

Ir para a estrada tem sido muito mais agradável desde que Winter assumiu o cargo de doutora do tour. Claro, isso significa que ela está constantemente remendando um bando de cavaleiros idiotas, mas todos os caras a adoram e sua abordagem sensata.

E amo ter ela e a Vivi comigo em todos os eventos. Toda a equipe está aqui em Las Vegas para as finais, o que significa que Vivi está nas arquibancadas. Os caras quase a aceitaram como uma das nossas. Ela fica nos bastidores com um bando de cowboys, então todos garantimos que ela vai ter uma boca de caminhoneiro quando crescer. Sem mencionar um monte de tios protetores.

Já me sinto mal por qualquer garoto que venha cheirar perto dela.

Eu rio para mim mesmo enquanto ando pelo longo corredor, calmo e sereno, considerando no que estou entrando.

As luzes acendem e o rugido da multidão fica mais alto quanto mais me aproximo do ringue. Rhett está lá esperando. Acho que ele está mais nervoso do que eu.

Mas tenho um bom pressentimento. Tenho a mesma sensação que tive na noite em que conheci Winter.

Um saber. Um instinto.

Esta noite é a minha noite.

— Pronto? — Ele me dá um tapinha nas costas quando me aproximo do painel.

— Sim.

— Você percebe que apenas um cavaleiro montou este touro por oito segundos inteiros?

Eu rio, porque você tem que ser pelo menos um pouco maluco para fazer isso da vida. — Prestes a serem dois.

Rhett acena com a cabeça, seu queixo estalando. — Então você vai–

— Rhett. — Aperto o ombro do meu amigo. O ombro do meu mentor. — Eu não poderia ter pedido um treinador melhor. Obrigado por tudo o que você fez. Mas... — Olho para as arquibancadas e tento entender o sentimento de familiaridade que me consome. — Eu só quero absorver isso esta noite.

Ele balança a cabeça, bate no meu ombro e se afasta, dando o espaço de que preciso.

Meu rodeio passa em um torpor. Eu supero todos os meus passos. Não procuro por Winter, porque sei que ela está aqui. Juro que é como se eu pudesse sentir sua aproximação. Mesmo sem vê-la, sei onde ela está, exatamente em qual painel de cerca ela gosta de se sentar e me observar.

Vivi está aqui. Minha mãe. Meus amigos. Juro que meu pai também está aqui.

E, de repente, este estádio parece muito com uma casa. Como se cada pessoa com quem me importo estivesse aqui para me

animar. Como depois de anos fazendo minhas próprias coisas, eu não estou mais sozinho.

O passeio é uma montagem de imagens que piscam em minha visão. A corda. Minha mão. O portão. Um pulo. Uma volta. Minha mente está em branco. Tudo o que vejo é aquela fivela que estou prestes a ganhar.

Tudo o que sei é que aquilo que jurei que ia ganhar desde menino está prestes a ser meu.

Tudo o que sei é que, quando pulo das costas daquele touro e jogo meu capacete no ar, Winter está em meus braços antes mesmo de atingir o chão.

Tudo o que sei é que esta vitória é importante apenas por alguns momentos. Porque quando Winter sussurra em meu ouvido: — Espero que você esteja pronto para fazer essa coisa de pai de novo, porque há outro Theo doppelgänger a caminho — nada é mais importante do que *nós.*

CENA DELETADA DE RECKLESS

Theo

A manhã seguinte...

— Porra! — é o som de Winter sussurrando maldições que me acorda. Eu não abro meus olhos imediatamente.

Em vez disso, eu a ouço se repreender silenciosamente enquanto ela se move pelo quarto e pega as peças de suas roupas descartadas.

Ela pode não achar que sou um cara tão legal se pudesse me ver sorrindo agora. Sua atitude me diverte embora. Estou tão caído por essa garota e mal a conheço.

— O que você estava pensando? — ela sussurra, chamando minha atenção.

Eu espio por um olho e a vejo cair de joelhos, estendendo a mão sob a mesinha para puxar o sutiã descartado em sua direção.

Um cara mais legal fecharia os olhos e a deixaria derreter em paz. Mas não sou *tão* legal, porque abro o segundo olho. Admirando o leve recuo de sua coluna enquanto ela arqueia as costas. Como os dedos dos pés se enrolam no tapete macio embaixo dela enquanto ela se estica para a frente. E a maneira

como sua calcinha nude simples desliza mais alto em suas nádegas redondas.

A mesma bunda em que deixei marcas de mão ontem à noite. Lembro-me da maneira como ela se contorceu e se aproximou, praticamente implorando por mais.

Mais. Isso é o que eu quero. Agora mesmo.

Eu gemo e me sinto engrossar. De novo.

Sua cabeça vira na minha direção e ela se levanta como um tiro. Apontando para mim como se estivesse pronta para repreender uma criança. — Volte a dormir.

— Não posso. Acabei de acordar com a visão de você de joelhos com a bunda no ar.

— Eu só estou pegando meu sutiã. Pare de transformar isso em algo que não é. — Ela balança o sutiã para mim, os seios empinados saltando e atraindo meus olhos na penumbra da manhã. — E pare de me cobiçar, Silva.

— Como? Você tem se visto? Fique de joelhos e eu vou virar essa carranca de cabeça para baixo para você.

Olhos azuis cristalinos fazem um tour pelas órbitas oculares. A tequila a suavizou ontem à noite, mas tenho que confessar que gosto ainda mais dessa versão dela.

Ela está sendo honesta agora. Ela está sendo ela mesma. Não me dando um verniz brilhante falso para me impressionar. Em vez disso, eu me pego querendo conhecê-la melhor. A *verdadeira* ela.

— É só um corpo, Theo. Olhe para um número suficiente deles todos os dias e eles param de ser tão impressionantes.

Ela olha para todos os lados, menos para mim quando diz a última parte, fechando o sutiã descaradamente. Isso só me deixa mais duro. Ela não está fazendo aquela coisa de se esconder atrás de um lençol. Ou gritar e correr para o banheiro como se eu não tivesse explorado cada maldito centímetro dela na noite passada.

Nah, estou bem familiarizado com o corpo de Winter Hamilton agora. E eu quero de novo.

É a confiança dela.

É ela não dando a mínima para eu observá-la.

Mas esse *é só um corpo* que não cai bem. Então eu viro minhas cobertas para trás e torço minhas pernas para fora da cama. Imensamente satisfeito com a forma como seus lábios se abrem, aquelas brilhantes íris azuis piscando direto para o meu pau.

Sou muitas coisas. Mas alheio à minha aparência não é uma delas. Na verdade, há dias em que parece ser a única coisa em que sou realmente bom.

Não sou tão bom em montar touros quanto meu pai, nem tão bom quanto Rhett. E sem montar em touros, não tenho certeza do que faria.

Preencho meus dias malhando para passar o tempo e me manter em forma para o esporte, e sei que isso transparece. Então ando em direção a uma Winter *Hamilton* de queixo caído com um sorriso arrogante no rosto.

Seu peito sobe e desce pesadamente, mas ela não se afasta de mim. Em vez disso, ela inclina a cabeça para cima e encontra meus olhos.

O olhar de desejo em seu rosto se reflete no meu. Eu sei que faz.

Mas assinei um contrato de porta-copo que dizia uma noite. E a luz da manhã começando a entrar pelas persianas abertas é a prova de que a noite já passou.

Eu lambo meus lábios e tento memorizar seu rosto. Porque não tenho dúvidas de que a Dra. Winter Hamilton fará de tudo para me evitar depois disso.

Mas a noite passada foi boa demais para esquecer.

Eu arrasto a ponta do meu dedo sobre o cume de seu osso do quadril, sentindo sua pele endurecer sob meu toque. — Confie em mim, Winter. Vou pensar neste corpo nos próximos anos.

Ela inala profundamente e então se afasta, rapidamente encolhendo os ombros no vestido suéter de caxemira branco que ela usava na noite passada. É com as botas na mão, pés descalços no carpete do quarto de hotel, que ela lança um olhar para trás por cima do ombro.

O olhar com que ela me atinge é cheio de saudade, confusão e insegurança. Quero arrastá-la de volta para a cama e lavar tudo isso. Observa-la derreter sob minhas mãos, contorcer-se sob meu corpo.

Ouvi-la gemer meu nome enquanto seus olhos ficam vidrados. Acho que nunca me cansaria de me enroscar nos lençóis com Winter.

Mas ela diz: — Aposto que é isso que você diz a todas as garotas — com um sorriso triste e depois sai silenciosamente do meu

quarto com o queixo abaixado. Imagens de nós dois juntos queimando em minha mente enquanto ela se afasta.

É o adeus menos satisfatório. Isso me deixa sentindo brevemente vazio e um pouco desesperado. Eu quero segui-la, agarrá-la, jogá-la de volta na minha cama, beijar toda insegurança.

Suas palavras machucam mais do que deveriam. Elas também acendem um fogo nas minhas entranhas.

Porque não haverá outras garotas. Tenho Winter Hamilton em vista.

E eu estou mirando nela.



— Meu menino.

Sorrio quando ouço a voz da minha mãe do outro lado da linha. Estou esparramado na cama onde fodi Winter Hamilton em todas as posições que tenho repertório inimigo. O travesseiro ainda cheira a seu xampu.

Eu a quero de volta aqui. Eu quero anotar isso. Colocar em algum tipo de livro de registro que tenho um novo objetivo em minha vida.

Ganhar um campeonato WBRF. Transformar a Dra. Winter Hamilton na Dra. Winter Silva.

— Oi, mãe.

— E aí? — Eu posso ouvir pratos ao fundo como se ela estivesse descarregando a máquina de lavar. Loretta mora sozinha desde a morte de meu pai e se dá muito bem, embora eu odeie a ideia de ela ficar sozinha.

— Eu a conheci.

— Quem? — Ela não parece muito interessada, para ser honesta. Ela provavelmente está cansada de seu filho adulto ligar apenas para conversar o tempo todo.

Então eu a dispenso com: — A mulher com quem vou me casar um dia.

Funciona. O barulho dos talheres para abruptamente e a linha fica silenciosa.

— É mesmo?

— Yep. — Eu abro o *p*. Isso me faz parecer mais certo sobre isso.

— Bem, Theo. Estou feliz por você. Estou um pouco triste por você ter comprado o anel sem mim, mas vou superar isso.

— Não há anel. Ainda.

— Hum. — Ela parece pensativa, Loretta escolhe suas palavras com cuidado. Mas ela também adora me zoar quando a oportunidade se apresenta. — Esta é uma situação de Meredith e Derek? Um post-it?

— Não.

— Meu menino. Eu amo o jeito que você ama. Mas tenho que perguntar, essa garota já sabe que vai se casar com você?

Eu mordo o interior da minha bochecha, recusando-me a dar a ela a satisfação de rir de sua piada sarcástica. — Ainda não.

— Será que ela sabe que você existe? Perseguir é ilegal, você sabe.

— Mãe. Jesus. Sim, ela sabe que eu existo. Embora ache que ela possa estar tentando esquecer.

O barulho de pratos passa pelo telefone. — Parece que você causou uma boa impressão.

— Não vou assistir a *Grey's Anatomy* com você na quinta-feira.

Ela apenas bufa. — Sim, você vai. Você nunca perde isso.

Eu sorrio. É verdade. Sentamo-nos ao telefone e conversamos durante todo o episódio. Eu nunca deixaria minha mãe na mão.

— Talvez ela não esteja interessada, porque descobriu que você é um filhinho da mamãe.

— Nah. Ela foi ferida embora. Ela está tão triste consigo mesma. Porra. — Eu suspiro. — Isso é... é muito difícil de assistir. Ela não tem uma você em sua vida. Ela precisa de tempo. Mas ela é tão forte, mãe. Ela vai ficar bem. Só sei que ela ficará.

Isso tira o vento das velas de Loretta. Ela fica quieta por alguns instantes, posso ouvi-la engolir pesadamente pelo telefone. — Então o que você vai fazer?

Ela faz a pergunta, mas minha mãe me conhece bem o suficiente para entender que, uma vez que me dedico a algo, não desisto facilmente.

E mais, meu plano é realmente muito simples.

— Esperar por ela.

Porque sei que o tempo gasto esperando Winter Hamilton me alcançar será um tempo bem gasto.

RECEITA BRASILEIRA DE STROGONOFF

Compartilhada por Larissa Cambusano, cuja família costuma fazer essa receita

Ingredientes:

- 2 peitos de frango desossados e sem pele (cortados em pedaços bem pequenos)
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 1 colher de sopa de azeite
- 3 dentes de alho (picados)
- ½ cebola (picada)
- 3 colheres de sopa de ketchup
- 2 colheres de sopa de molho de soja
- 1 colher de sopa de mostarda
- 1 xícara de creme de leite
- Sal a gosto (aprox. ¼ colher de chá)
- lata de cogumelos fatiados (opcional)
- ¼ xícara de molho de tomate (opcional)

Instruções:

1. Polvilhe sal sobre o frango em cubos e reserve.

2. Em uma frigideira grande, derreta 1 colher de sopa de manteiga

fogo médio-alto e adicione o azeite.

Espere até ficar bem quente e acrescente o frango de uma só vez.

Não mexa até que comece a dourar.

Empurre tudo para um lado quando começar a dourar.

3. Adicione 1 colher de sopa de manteiga, a cebola e o alho para o lado vazio. Refogue até ficar translúcido.

4. Adicione creme de leite, ketchup, mostarda, molho de soja e cogumelos (se estiver usando). Misture tudo.

5. Verifique se o frango está pronto. Se não estiver, abaixe o fogo, tampe a panela e deixe cozinhar um pouco mais (até que não esteja rosado ou termômetro registrar 165^{0}F)

6. Assim que o frango estiver cozido, mas ainda macio e úmido (não cozinhe demais ou ficará duro e seco), desligue o fogo e experimente.
Colocar sal se necessário, e se gostar mais ácido, adicione ¼ xícara de molho de tomate.

7. Aprecie com arroz e batata palito.